



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

FELIPE BORGES DE SANTANA

OS IMPACTOS DAS VIRADAS CONTÁBEIS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO
PROFISSIONAL CONTÁBIL NA UFS

São Cristóvão – SE

2021

FELIPE BORGES DE SANTANA

**OS IMPACTOS DAS VIRADAS CONTÁBEIS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO
PROFISSIONAL CONTÁBIL NA UFS**

Dissertação apresentada à banca de avaliação
como requisito parcial para a qualificação no
Programa de Pós Graduação em
Administração da Universidade Federal de
Sergipe.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Manuela Ramos Silva

São Cristóvão – SE

2021

RESUMO

A contabilidade é uma ciência social aplicada, sendo conceituadamente afetada pelas mudanças ocorridas no ambiente. Dentro dessa conjuntura de transformação, o desenvolvimento da contabilidade sofre com as transformações da sociedade, e deve ter seu ensino focado no aspecto mutável que a ciência traz consigo. Nesta pesquisa, objetiva-se avaliar como as mudanças causadas na sociedade impactaram nas demandas ao profissional contábil e, conseqüentemente, ao seu processo de formação, buscando auxiliar na robustez formativa de uma ciência tão ampla como a contabilidade. Para tanto, optou-se por avaliar o processo de formação do profissional contábil, a partir das três mudanças que impactaram as ciências contábeis, metaforicamente denominadas de “viradas” (MORGAN, 2006). As três viradas avaliadas nesta pesquisa foram: virada linguística, virada histórica e virada organizacional. Quanto aos procedimentos metodológicos, o estudo teve natureza qualitativa, paradigma interpretativista, aportando-se no interacionismo simbólico como método e nos pressupostos epistemológicos e ontológicos. Os sujeitos que auxiliaram no caminho desta pesquisa foram os discentes do curso de contabilidade da UFS, os docentes do curso de contabilidade da UFS e a coordenação pedagógica do referido curso, os quais foram entrevistados por meio da técnica de pesquisa de entrevista qualitativa baseada em roteiro. Como técnica de análise dos dados, foi selecionada a análise temática, por ser um método usado para identificar, analisar e relatar padrões (temas) dentro dos dados, e também por descrever minimamente seu conjunto de dados em detalhes (BRAUN; CLARKE, 2006). Apoiado na análise temática, os temas e subtemas emergiram do campo e foram elencados conforme as viradas. A virada linguística teve como temas as competências profissionais e a relação teoria e prática; a virada histórica teve como temas as inovações da internacionalidade e a convergência do ensino / aprendizagem; e a virada organizacional teve como temas os impactos tecnológicos na formação, a contabilidade 4.0 e a inteligência artificial. Com a análise destes temas, emergiu do campo que em cada virada havia um impacto na formação contábil (a ênfase das competências na formação contábil, a ascensão da formação contábil interpretativa e a queda do contador mecânico), demonstrando que as três viradas convergem em dois eixos: 1) propensão do contador mais técnico e mecânico para o contador mais interpretativo e gerencial; e 2) considerar a proporcionalidade dada entre teoria e prática na formação contábil. Contribuindo, por fim, na perspectiva de que a formação contábil apresentou impactos advindos das viradas no curso de ciências contábeis, e que há uma

mudança no perfil profissional contábil, de um perfil contábil mais mecânico para um contador gerencial, e que este processo de convergência exige de novas perspectivas no processo de formação do bacharel em ciências contábeis.

Palavras-chave: Formação do Profissional Contábil, Virada Linguística, Virada Histórica, Virada Organizacional, Interacionismo Simbólico.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Estudos anteriores que abordam a virada linguística.....	26
Quadro 2 – Cronograma da evolução legislativa ao profissional contábil.....	30
Quadro 3 – Estudos anteriores que abordam a virada histórica.....	36
Quadro 4 – Elementos formadores da Indústria 4.0.....	41
Quadro 5 – Impactos causados pelas revoluções industriais na contabilidade.....	43
Quadro 6 – Estudos anteriores que abordam a virada organizacional.....	48
Quadro 7 – Revisão bibliográfica sobre a presença das viradas nas pesquisas.....	49
Quadro 8 – A caracterização da socialização profissional.....	64
Quadro 9 – Estudos anteriores que abordam o interacionismo profissional para a formação contábil.....	78
Quadro 10 – Pressupostos no Paradigma Interpretativista.....	82
Quadro 11 – Princípios Metodológicos do Interacionismo.....	83
Quadro 12 – Premissas Metodológicas do Interacionismo Simbólico.....	84
Quadro 13 – Estratégia da Pesquisa.....	90
Quadro 14 – Fases da Análise Temática.....	94
Quadro 15 – Constructo da Pesquisa.....	95
Quadro 16 – Classificação das fontes de dados da pesquisa.....	100
Quadro 17 – Estruturação dos símbolos no roteiro da pesquisa.....	100
Quadro 18 – Lista com Dados dos Entrevistados	101
Quadro 19 – Refinamento das Fases na Análise temática.....	102
Quadro 20 – Contribuições Curriculares Advindas Das Viradas.	185
Quadro 21 – Revisão de literatura sobre as mudanças na contabilidade.....	213
Quadro 22 – Revisão temática dos eventos estaduais do Conselho da classe contábil.....	217
Quadro 23 – Roteiro Das Entrevistas Da Pesquisa.....	222

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – As quatro revoluções industriais.....	39
Figura 2 – Mapa das áreas de trabalho contábil.....	77
Figura 3 – Mapa relacionando os objetivos ao referencial teórico.....	87
Figura 4 – Desenho dos sujeitos da pesquisa.....	88
Figura 5 – Temas e Subtemas da Virada Linguística.....	104
Figura 6 – Subtemas das competências profissionais.....	105
Figura 7 – Subtemas Da Relação Teoria E Prática.....	109
Figura 8 – Mapa do Impacto da virada linguística na formação contábil.....	117
Figura 9 – Temas E Subtemas Da Virada Histórica.....	123
Figura 10 – Subtemas Das Inovações Da Internacionalidade.....	125
Figura 11 – Subtemas Da Convergência Do Ensino/Aprendizagem.....	132
Figura 12 – Mapa do Impacto da virada histórica na formação contábil.....	140
Figura 13 – Temas E Subtemas Da Virada Organizacional.....	146
Figura 14 – Subtemas Da Contabilidade 4.0.....	148
Figura 15 – Subtemas Dos Impactos Tecnológicos Na Formação.....	152
Figura 16 – Subtemas Da Inteligência Artificial.....	159
Figura 17 – Mapa do Impacto da virada Organizacional na formação contábil.....	163
Figura 18 – Mapa Dos Impactos Das Viradas.....	171
Figura 19 – Habilidades Do Contador 4.0, Interpretativo E Gerencial.....	174
Figura 20 – Mapa Dos Impactos Para A Transformação Da Formação Contábil.....	178

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
1.1	OBJETIVOS	14
1.1.1	Objetivo Geral	14
1.1.2	Objetivos Específicos:.....	14
1.2	JUSTIFICATIVA	14
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	19
2.1	A CONTABILIDADE E A CIÊNCIA SOCIAL APLICADA	19
2.1.1	Virada Linguística.....	21
2.1.1.1	Relação teórico-prática.....	24
2.1.1.2	Descompassos entre a linguagem e a realidade na contabilidade	25
2.1.2	Virada Histórica.....	28
2.1.2.1	Internacionalidade	34
2.1.3	Virada Organizacional	38
2.1.3.1	A contabilidade na Indústria 4.0	40
2.1.3.2	Evolução Tecnológica	44
2.1.3.3	Inteligência artificial	48
2.1.4	Quadro resumo das Viradas.....	50
2.1.5	Estudos Anteriores	52
2.2	A SOCIALIZAÇÃO PROFISSIONAL PARA A FORMAÇÃO CONTÁBIL	54
2.2.1	Sociologia das Profissões	55
2.2.2	Interacionismo Simbólico.....	60
2.2.3	Socialização Profissional.....	64
2.2.4	Formação de Sujeitos	69
2.2.5	Formação Profissional.....	71
2.2.6	Formação Profissional do Contador.....	74
2.2.6.1	Espectro de todos os níveis profissionais do contador	78
3	ESCOLHAS EPISTEMOLÓGICAS, ONTOLÓGICAS E METODOLÓGICAS.....	82
3.1	MÉTODOS, TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS	87
3.2	ANÁLISE TEMÁTICA.....	90
3.3	DOS DADOS AOS TEMAS E SUBTEMAS – DESENHANDO O CAMINHO DA ANÁLISE.....	94

4	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	99
4.1	DOS TEMAS AS VIRADAS	99
4.1.1	Virada Linguística.....	99
4.1.1.1	‘Virando’ Impactos Na Formação - Virada Linguística.....	112
4.1.2	Virada Histórica.....	118
4.1.2.1	‘Virando’ Impactos Na Formação - Virada Histórica.....	133
4.1.3	Virada Organizacional	139
4.1.3.1	‘Virando’ Impactos Na Formação - Virada Organizacional	154
4.2.	‘IMPACTO DAS VIRADAS: DA MECÂNICA PARA A INTERPRETAÇÃO	160
4.4	SUGESTÃO DE CURRÍCULO OU DE CONTRIBUIÇÕES ACADÊMICAS	173
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	180
	REFERÊNCIAS.....	185
	APÊNDICES	204
	APÊNDICE A – Revisão de literatura sobre as mudanças na contabilidade.....	204
	APÊNDICE B – Para além da bibliografia.....	208
	APÊNDICE C – Roteiro das Entrevistas da Pesquisa.....	213

1 INTRODUÇÃO

Vista como uma ciência social aplicada, é afetada pelas mudanças ocorridas no ambiente, sendo conhecida como a linguagem dos negócios, e deve ter seu ensino focado no aspecto mutável que a ciência traz consigo (VASCONCELOS, 2009). Moreira (2013) ressalta que se a ciência evolui, o profissional contábil também precisa evoluir, com o propósito de acompanhar os novos conceitos utilizados, sendo algo rotineiro aos contabilistas, que não podem, em momento algum, deixar de se atualizar e estudar assuntos correlatos à Contabilidade.

Dentro dessa conjuntura de transformação, o desenvolvimento da contabilidade também sofre com essas novidades, estando diretamente correlacionado com a evolução da humanidade, o que justifica as transformações cada vez mais intensas no campo dos métodos e processos de registro contábil (COSENZA, 2001). Segundo Silva *et al.* (2015), a contabilidade é fundamentada em princípios, leis e outras normas decorrentes das relações sociais entre pessoas, empresas e instituições em geral, portanto, vinculada à área das ciências sociais aplicadas, com implicações em toda a comunidade. Assim, conceitualmente, a contabilidade é uma ciência que estuda e controla o patrimônio da entidade, objetivando apresentar dados, com suas normas de interpretação e análise, que venham a servir como instrumento básico para a tomada de decisões de todos os setores, direta ou indiretamente, envolvidos com a entidade (SILVA *et al.*, 2015).

Tal profissional, que tem papel importante na sociedade, exerce múltiplas funções e possui algumas responsabilidades, que vão desde o controle financeiro na apuração de impostos até a elaboração das demonstrações contábeis e sua análise na realização de consultorias e auditorias (SILVA; SANTANA, 2016). E, para alguns autores, é visto como um profissional com conhecimentos relacionados à contabilidade societária e fiscal, cujo perfil é mais técnico do que gerencial, ou seja, mais próximo das atividades realizadas por um “guarda-livros” do que por um “parceiro de negócio” (SILVA, 2003; CARDOSO; SOUZA; ALMEIDA, 2006; ALMEIDA; FAVARIN, 2007; PIRES; OTT; DAMACENA, 2009). Enfatizando o perfil do contador, Cardoso, Souza e Almeida (2006, p. 278) ressaltam que “[...] torna-se imperativo que se discutam as questões relacionadas à figura do contador no que se refere à caracterização e adequação do perfil desse profissional, de forma que ele, efetivamente, esteja preparado para bem cumprir sua missão [...]”.

A ciência contábil passa por inúmeras mudanças na sociedade e, com isso, foi apropriado utilizar o termo das viradas existentes na sociedade que são a virada linguística, histórica e organizacional, e com estas para dialogar com os fatos relevantes para a contabilidade.

A palavra virada é explicada a partir de estudos como o de Morgan (2006) que se torna uma metáfora a partir das constantes transformações nas organizações cujos sujeitos modelam imagens para se referir a uma dimensão da realidade organizacional. Esse termo ‘virada’ descende de uma antiga metáfora absoluta da revolução copernicana, que sempre se objetivou em bases comum, tentando referir-se a uma inversão figura-fundo, exceção-regra, particular-geral, ou conceito capaz de reunir todos os elementos técnicos e situações específicas a serem descritas (BLUMENBERG, 2018).

Para Morgan (2006), é importante reconhecer que as teorias organizacionais são apenas metáforas e, com isso, os problemas organizacionais são abordados a partir de novas perspectivas, tornando-se algo construído. Com isso, a metáfora da virada, utilizada em todo o referencial teórico do texto, é utilizado intencionalmente para teorizar esse processo de transição que cria novos desafios para uma nova realidade (MORGAN, 2006).

Para cada uma dessas viradas, foi indexado um elemento que existe e impacta na formação contábil, que foi construído observando a relação presente, por exemplo, entre teoria e prática com a virada linguística, ou do impacto da internacionalidade como um fato da evolução histórica, ou até das mudanças feitas pela tecnologia no mundo das organizações (LAFFIN, 2015; JACAMOSSI, 2015; SANTOS, 2019).

Para a virada linguística, primeiramente é importante observar a relação entre linguagem e realidade, colocando a linguagem como sistema de representação do mundo, concepção que compreende a linguagem como um espelho fiel da realidade (BARROSO, 2015; COUTO; HONORATO; SILVA, 2019). Na contabilidade surge um debate sobre a virada linguística, apoiado em vários estudos, como os de Laffin e Castro (2015); e de Marin, Lima e Nova (2014); Moreira (2013); dentre outros que, com seus resultados, corroboraram a ideia de que o ensino (linguagem) da contabilidade não reflete totalmente as demandas da profissão na sociedade (realidade).

O tema História representa um dos principais tópicos nos atuais estudos no campo das Ciências Sociais, e a virada histórica representa a observação do caminho todo percorrido no passado para compreender o presente. Para Schmidt e Gass (2018), a História da Contabilidade divide-se em nítidos períodos, cada um servindo de base para demarcar as evoluções, pois os fenômenos que formam seu objeto estão em constante mudança. Os

métodos mais antigos tornam-se menos efetivos em condições alteradas, ideias anteriores tornam-se irrelevantes diante de novos problemas. Assim, a História da Contabilidade percorre milênios, participando das diversas modificações sobre o uso da riqueza e dos recursos sobre os meios de registro.

Por ser uma ferramenta utilizada para o campo dos registros e das demonstrações, intersecciona a relação da virada histórica com todo caminhar legislativo que perpassa a ciência contábil. Um ponto legislativo importantíssimo é a inicialização da internacionalidade e globalização dos fazeres da ciência contábil. Conforme Oliveira (2014), a convergência da Contabilidade brasileira aos padrões internacionais teve início nos últimos dias do ano de 2007, com a promulgação da Lei 11.638/07, marcando a introdução do Brasil no cenário internacional de Contabilidade com a adoção das normas internacionais conhecidas como IFRS – *International Financial Reporting Standards*, que são emitidas pelo IASB – *International Accounting Standard Board*.

A internacionalização objetiva unificar e harmonizar os fazeres dos profissionais contábeis em um nível global e, como consequência disso, Oliveira (2014) compreende que a harmonização da contabilidade aos padrões internacionais impactou fortemente o papel do contador brasileiro nas organizações. De fato, a contabilidade passa a ser encarada de uma nova forma e, dentro desse contexto, Moreira (2013) infere ao dizer que é visível a necessidade de adequação dos profissionais contábeis a essa realidade e o processo de formação devem ser harmônicas às normas mercadológicas constantemente atualizadas.

A virada organizacional nada mais é do que as mudanças constantes nas organizações e a mudança organizacional tornou-se, segundo Santos (2019), uma das principais atividades para empresas e instituições em todo o mundo, pois ela é decorrente da crescente competitividade, da introdução de novas tecnologias, entre outros. De modo que este último fator tenha tomado imensa proporção na mudança das organizações, pois, para Susskind e Susskind (2015), a tecnologia está no centro da maioria das atuais mudanças nas organizações devido à indústria 4.0.

A quarta revolução industrial emerge da sobreposição de vários desenvolvimentos tecnológicos envolvendo produtos e processos, com cenários que vão além da utilização de tecnologia para produzir ou se comunicar; havendo uma mudança de paradigma quanto à velocidade, amplitude e intensidade das relações empresariais e a sociedade (SILVA; OLAVE, 2018; SANTOS *et al.*, 2018).

Com isso, a mudança organizacional, causada pela evolução da tecnologia, fundamenta-se como critério avaliativo desta pesquisa, pois essas transformações tecnológicas

têm demandado a qualificação de profissionais nas diversas áreas do conhecimento para atender aos anseios da economia digital, criando, assim, novos desafios no âmbito da formação profissional (SILVA; OLAVE, 2020). Para Santos (2019), no contexto da profissão contábil, os avanços em automação – combinação de inteligência artificial, robótica e outras tantas tecnologias – são mais expressivos a cada dia e é necessário foco na educação profissional, a fim de preparar e ajudar as pessoas a se adaptarem aos desafios resultantes desse processo.

O que tenciona questionamentos é que, por se tratar de uma ciência social aplicada que acompanha as constantes mudanças a partir do reflexo social, a formação desse profissional deve estar condizente com o cenário atual dos saberes empíricos da contabilidade, tornando-se necessário o desenvolvimento de um sistema de ensino capaz de corresponder rapidamente à demanda do mercado por profissionais aptos a perceberem correções e mudanças de rumos e tendências (MOREIRA, 2013; SILVA, 2019).

A formação do profissional contábil sempre terá como base essa relação dos conteúdos teóricos e da aplicabilidade deste às perspectivas práticas, pois, conforme Moreira (2013), o contador deve ser capaz de aplicar os conhecimentos teóricos na prática, em situações reais, obtendo, analisando, interpretando, sintetizando, avaliando e comunicando informações. Na área contábil, o mercado de trabalho, por sua vez, exige profissionais cada vez mais preparados, que detenham conhecimentos necessários para demonstrar o desempenho organizacional, apresentar soluções aos problemas identificados, compreensão sobre práticas de gerenciamento tributário, que visem à redução, à maximização dos lucros e à continuidade da organização (MOREIRA, 2013).

É importante pesquisar sobre a formação do profissional Contábil que, com sua vastidão de demandas sociais, deve estar capacitado para demonstrar pleno domínio das responsabilidades funcionais (apurações, auditorias, perícias, arbitragens, noções de atividades atuariais e de quantificações de informações financeiras, patrimoniais e governamentais) com a plena utilização de inovações tecnológicas, como também ser detentor da capacidade crítico-analítica de avaliação, quanto às implicações organizacionais com o advento da tecnologia da informação (MOREIRA, 2013; FERREIRA, 2019). O resultado de um possível descompasso as essas funções do contador pode ser uma formação deficiente do profissional, um impacto negativo na sua imagem no mundo dos negócios e, consequentemente, no desenvolvimento socioeconômico (JUNIOR, 2015).

Para sustentar esta pesquisa, foi utilizada como base teórica a corrente do interacionismo simbólico presente na sociologia das profissões. De acordo com Oliveira

(2014), a sociologia das profissões é o campo da sociologia que se preocupa com a implantação, desenvolvimento, formação e institucionalização das profissões. E a corrente do interacionismo simbólico tem suas raízes na psicologia e sociologia, refere-se ao indivíduo que se torna um ator social, quando interpreta seu ambiente e dirige suas ações de maneira que são significativas para ele. Nesse processo, os indivíduos usam linguagem, rótulos, rotinas para gerenciar impressões e outros modelos específicos de ações que contribuem para promover uma realidade (BARROS *et al.*, 2019). Para Carvalho (2011), o interacionismo simbólico trouxe às ciências sociais um lugar teórico para o sujeito social como intérprete do mundo, pondo em prática, com isso, métodos de pesquisa que privilegiam o ponto de vista desses sujeitos.

Nesse sentido, os interacionistas analisam a evolução das profissões dentro de um contexto. Para eles, o que caracteriza uma profissão é a sua heterogeneidade, pois os indivíduos compartilham identidades, valores e interesses. As relações que integram o exercício de uma profissão no conjunto complexo de sua situação, frente a estruturas de poder, avanços no conhecimento, na economia e na cultura são elementos a partir dos quais o interacionista procura elaborar o seu estudo.

As profissões vêm sofrendo transformações culturais, políticas e sociais na realidade atual, levando ao questionamento quanto aos seus métodos e suas relações de trabalho, modificando o conhecimento e o fazer humano (KROEFF *et al.*, 2017). Em sua pesquisa, Oliveira (2014) relata que o profissional da Contabilidade tende a se limitar ao cumprimento das normas impostas pela lei, principalmente nos preceitos e formas da legislação fiscal, tornando seu escopo de trabalho muito mecanizado. A consequência dessa mecanização é uma profissão totalmente limitada a mudanças que virá a sofrer os impactos das viradas na sociedade. A autora indaga, ainda, a respeito de quais seriam os novos arranjos na construção do papel das profissões da contabilidade. Tais mudanças fazem com que sejam necessárias, na atualidade, novas formas de atuação na sociedade, pois tudo indica que os grupos profissionais terão problemas para sobreviverem a essas mudanças e, principalmente, os sujeitos que estão em fase de formação terão problemas para a inclusão nesse mundo do trabalho (KROEFF *et al.*, 2017). E, para a contabilidade não é diferente, com apoio das pesquisas de Oliveira (2014), Cassan (2019), Souza (2014), Ferreira (2019) e Moreira (2013), compreende-se que a profissão contábil precisa atentar-se ao cenário empírico da sua ciência e, com isso, ajustar-se frente aos possíveis impactos dos giros linguístico, histórico e organizacional.

“Muitos continuam a ensinar uma luz que já morreu!”. Esse pensamento trazido por Fischer, Waiaandt e Silva (2008, p. 188) complementa a linha de debates das viradas contábeis ao nos permitir dialogar sobre que cenário atual é visto para a profissão contábil e se o processo formativo condiz com a realidade vista no mercado profissional. Com efeito, da virada linguística, histórica e organizacional na contabilidade, levanta-se a seguinte questão de pesquisa: **Quais os impactos dessas mudanças no processo de formação do profissional contábil?**

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

Compreender os impactos das três viradas (linguística, histórica e organizacional) para a profissão contábil no processo de formação dos sujeitos presentes no curso de ciências contábeis da UFS.

1.1.2 Objetivos Específicos:

1. Identificar a partir da virada linguística, a relação entre a teoria ensinada (linguagem) da contabilidade e a prática da profissão no mercado (realidade);
2. Analisar, a partir da virada histórica, o processo de convergência do ensino/aprendizagem no processo de formação acadêmico-profissional frente às inovações trazidas pela internacionalidade;
3. Descrever a partir da virada organizacional, os impactos das transformações tecnológicas nas atividades rotineiras dos profissionais contábeis e, conseqüentemente, no processo de formação acadêmico-profissional.

1.2 JUSTIFICATIVA

O tema deste trabalho surge da minha inquietação, enquanto pesquisador e sujeito formado em contabilidade, frente a todos os impactos evolutivos dessa ciência. Desde a graduação, iniciaram as minhas dúvidas acerca da ciência contábil, pois ouvia de alguns colegas que havia uma disparidade entre o que se ensinava e o que se praticava de contabilidade.

Essa disparidade me fez questionar o porquê da sua existência e o que as universidades faziam para solucionar esses problemas. Como pessoa graduada em contabilidade, coloco nessa pesquisa inquietações minhas e de colegas do período da graduação, que foram selecionadas a partir de pesquisas anteriores que apoiam os fundamentos aqui trazidos. A ciência contábil é compreendida por muitos como um campo de trabalho que se desenvolve de forma “[...] subserviente às determinações legais e, nesse aspecto, sempre se mostrou eficiente [...]” (LAFFIN, 2002, p. 81). A contabilidade surge para atender à necessidade de controle do patrimônio, no entanto, Santos (2019) relata que, por um longo período, as atividades contábeis se categorizaram de forma tipicamente rotineiras e não cognitivas, e com as novas e variadas demandas no fazer contábil, foi exigida uma postura mais arrojada e proativa dos profissionais. Tal contexto evolutivo contribuiu para que a sociedade necessitasse de novos modelos de profissionais contábeis, cujo processo formativo estivesse paralelamente atrelado. Então, há de se olhar para a sociedade e suas constantes mudanças em variadas esferas que vão desde as bases científicas e teóricas até ao cenário prático e ao modo de aplicação atual da ciência contábil (SANTOS, 2019).

A presente pesquisa é importante, pois faz com que seja visualizada a contabilidade atual e que se compreendam todos os impactos causados pelas viradas no fazer contabilidade. Conforme Correia (2018), devido às mudanças do saber contábil, fruto da **internacionalização** das normas e da inovação **tecnológica**, têm suscitado outras **competências** para o profissional da contabilidade e, por sua vez, demandado um novo perfil profissional com a finalidade de atender às novas reconfigurações.

Sua relevância se faz no uso da metáfora para três viradas com elementos que mudaram a ciência contábil. Por causa dessas modificações, a profissão contábil passa por instabilidades nas suas demandas profissionais, que levaram Santos (2019), Jacamossi (2015) e Laffin (2015) a dialogarem precisamente sobre os fatores que mais impactam na profissão, e ainda lançam a necessidade de rever o processo formativo dos estudantes de ciências contábeis, devido ao impacto de tópicos, como tecnologia, internacionalidade e as práticas da profissão. A realização deste estudo nasce da necessidade da ciência contábil em observar que a sociedade vem passando por transformações significativas e, como ciência social aplicada, ela acompanha todo o desenvolvimento da sociedade (OLIVEIRA, 2014). É socialmente relevante compreender os impactos das viradas para a contabilidade, pois a partir dessa pesquisa a universidade poderá ater-se a tópicos que já estão em defasagem e/ou os que estão em ascensão para a ciência contábil.

Souza (2014), por sua vez, afirma que essa sociedade demanda um novo profissional contábil, na vanguarda da tecnologia, com novas funções e habilidades, pois o contador que se exige na atualidade deve ser um eterno aprendiz, estando atualizado com a essa esfera social, conotando a capacidade deste em contribuir com a sociedade na qual está alocado. Ferreira (2019) elucida que, para satisfazer às demandas ágeis dos usuários, o contador deve acompanhar essa evolução e buscar capacitações que lhe permita desempenhar suas atividades de maneira adequada, atendendo às expectativas de um profissional contábil proativo. Com isso, necessita-se repensar a construção de sujeitos contábeis, visando que os processos mais críticos e formativos ampliem e, também, priorizem ações e conhecimento na articulação entre teoria e prática da contabilidade (LAFFIN; CASTRO, 2015).

É necessário que se acompanhe a evolução para que se produza, enquanto ciência, contribuições para a área de atuação, aprimoramento em suas relações sociais, demonstrando de que maneira poderá contribuir nas relações que surgem entre empresas e sociedade, bem como o aperfeiçoamento dos profissionais para que estejam preparados para qualificar os subsídios oferecidos pela contabilidade (MORAIS; CAMPOS, 2016).

Esta pesquisa pretende trazer uma nova ótica para compreender a profissão contábil, com base no que foi debatido pela sociologia das profissões, uma vez que há poucas pesquisas que se utilizam dessa sociologia para entender a profissão contábil. As pesquisas que usam da teoria da sociologia das profissões se apoiam em outras correntes, como a funcionalista e a sistêmica, trazendo mais um diferencial a esta pesquisa que tende a observar a formação do profissional contábil pela corrente interacionista.

Abordar a formação profissional contábil a partir dos impactos da metáfora das viradas consegue demonstrar não somente a um elemento e critério de análise sobre um fato social que impactou na contabilidade, e por utilizar-se de três viradas (linguística, histórica e organizacional); com seus três elementos (teoria-prática, internacionalidade e tecnologização) e seus três critérios de análise para cada elemento (relação, convergência, transformação). Estudos anteriores fazem menção a cada uma das viradas, objetivando mensurar como cada elemento impactou na profissão contábil e/ou no seu processo formativo.

No que se refere à virada linguística e à relação teoria-prática, estudos como o de Moreira (2013) mostram que os cursos avaliados pela pesquisadora possuem formato eminentemente teórico; a sua capacidade de inserção no mercado é razoável, na percepção dos discentes, fazendo que estes não estejam plenamente preparados para realizar atividades inerentes à profissão contábil. Corroborando, Marin, Lima e Nova (2014) inferem que os cursos de ciências contábeis analisados por elas apresentam deficiências em conhecimentos

práticos, dando mais uma vez ênfase no que se fala desse escopo teórico-prático para a contabilidade, comprovando a necessidade de se repensar o modelo de formação contábil, e trazer o enfoque na articulação entre teoria e prática da contabilidade (LAFFIN; CASTRO, 2015).

Na virada histórica e no processo de convergência da internacionalidade, estudos como os de Oliveira, Cruz e Bufoni (2019) concluíram que não há um devido preparo do discente para lidar com questões que foram adaptadas pela convergência ao IFRS. Já Cassan (2019) evidenciou que o futuro contador, no seu processo formativo, não está sendo preparado com base nas normas e padrões internacionais. O que é problemático para a formação desse profissional que, no mercado, precisará aprender algo que não foi visto na universidade para realização das funções, sendo-lhe exigido um amplo e variado leque de conhecimento, impactado pelas novas regras da internacionalidade.

Em relação à virada organizacional e à transformação que a tecnologia trouxe à contabilidade, estudos como o de Santos (2019) sugerem a necessidade de inclusão de aspectos voltados à obtenção de conhecimento em tecnologia no curso de graduação em ciências contábeis, para tornar melhor a capacitação desse sujeito contábil. Xavier, Carraro e Rodrigues (2020) evidenciaram que a evolução tecnológica e a indústria 4.0 trouxeram consequências à contabilidade e que, devido a essa evolução, necessita se adequar a essa nova realidade com suas mudanças estruturais nas demandas dos profissionais.

Grandes modificações estão ocorrendo e não se sabe ao certo o que será requerido de um contador. Pattussi (2015) coaduna com essa afirmativa ao apontar que alguns conceitos e ferramentas tradicionais não serão mais adequados para o futuro, contudo, não se sabe com exatidão o que será considerado adequado. E, segundo o *International Federation of Accountants (IFAC)*, os profissionais da Contabilidade têm a incumbência de responder a essa evolução contínua das expectativas das organizações empresariais, do mercado financeiro e da própria sociedade, se atualizando, se ambientando, se adaptando, provocando, assim, a evolução natural da própria profissão, concomitante com a evolução da própria formação (IFAC, 2014). O contador se torna um agente transformador e, além dos conhecimentos e habilidades com a técnica contábil, ele deve ater-se na observação da sociedade e de suas transformações, a fim de ter a capacidade de antecipar-se ou adaptar-se imediatamente à necessidade (GOMES; ALVES, 2012).

Por causa dessas modificações, a profissão contábil passa por instabilidades nas suas demandas profissionais, que levaram Santos (2019), Jacamossi (2015) e Laffin (2015) a dialogarem precisamente sobre os fatores que mais impactam na profissão, e ainda lançam a

necessidade de rever o processo formativo dos estudantes de ciências contábeis, devido ao impacto de tópicos como tecnologia, internacionalidade e as práticas da profissão. A realização deste estudo nasce da necessidade da ciência contábil em observar que a sociedade vem passando por transformações significativas e, como ciência social aplicada, ela acompanha todo o desenvolvimento da sociedade (OLIVEIRA, 2014).

Assim, torna-se justificável os debates percorridos acerca da profissão contábil e sua relação com o interacionismo simbólico, pois a partir dos tópicos estabelecidos em cada virada que tem relação com a contabilidade, cabe a essa observação interacionista da realidade praticada na profissão contábil e à universidade estarem atualizados frente a esses critérios já debatidos. Este estudo tem como intenção de público de alcance os acadêmicos de ciências contábeis da UFS, com o intuito de contribuir na construção de uma identidade amarrada entre o sujeito da universidade e os saberes empíricos atuais da profissão contábil.

Com a finalidade de melhor apresentar os conteúdos acerca desse estudo, o mesmo foi dividido sequencialmente em: introdução, referencial teórico, metodologia, apresentação e análise dos resultados e considerações finais. O referencial teórico é dividido em duas seções: a contabilidade e a ciência social aplicada; e a socialização profissional para a formação contábil. Na seção da contabilidade e a ciência social aplicada foram apresentadas as viradas: Virada Linguística, Virada Histórica e Virada Organizacional. A virada linguística apresenta a relação teórico-prática e os descompassos entre a linguagem e a realidade na contabilidade como fenômeno. A virada histórica apresenta a Internacionalidade como fenômeno. A virada organizacional apresenta contabilidade na Indústria e a Inteligência artificial como fenômeno. A seção da socialização profissional para a formação contábil trouxe a sociologia das profissões e o interacionismo simbólico como aporte teórico e norteadores dessa pesquisa, fazendo um link com a construção de sujeitos nesse ambiente acadêmico e mais precisamente sobre a Formação Profissional do Contador. Na sequência a metodologia dessa pesquisa foi de natureza qualitativa, o interacionismo simbólico foi a escolha metodológica desse estudo, a técnica aplicada foi a da entrevista baseada em roteiro e como técnica de análise utilizou-se da análise temática. A apresentação e análise dos resultados dividiu-se em inicialmente uma apresentação dos temas encontrados para cada virada, na sequência já foi posta a análise temática de cada virada em conformidade aos objetivos específicos e o objetivo geral da pesquisa. O relatório geral analítico feito das viradas é o ponto seguinte dessa dissertação, e que se desfecho com uma análise sugestiva feita curricularmente sobre os pontos acadêmicos relevantes encontrados nessa pesquisa. Para concluir, é apresentada a seção das considerações finais desse estudo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A CONTABILIDADE E A CIÊNCIA SOCIAL APLICADA

Em todo percurso discursivo se fala da contabilidade como uma ciência social aplicada, mesmo com tantas técnicas e atos normatizados. A Resolução nº 750/93 do CFC aprova os princípios norteadores da contabilidade, e dá a caracterização necessária para a ciência contábil como ciência social, pois, segundo o item 1.1 dessa resolução, a Contabilidade possui objeto próprio – o Patrimônio das Entidades – e é uma Ciência Social com plena fundamentação epistemológica. Por consequência, todas as classificações, método, conjunto de procedimentos, técnica, sistema, arte, referem-se a simples facetas ou aspectos da Contabilidade, usualmente concernentes à sua aplicação prática, na solução de questões concretas.

Assim, a contabilidade é uma ciência social que está imersa em técnicas e é elucidada por Xavier Filho (2008) como uma ciência que estuda e pratica as funções de controle e de registro relativas aos atos e fatos da Administração e da Economia, ou seja, uma ciência que estuda os fenômenos patrimoniais, preocupando-se com realidades, evidências e comportamentos dos mesmos, em relação à eficácia funcional das células sociais. Coliath (2014) complementa que esta ciência facilita o processo de compreensão a ser estabelecido entre os grupos de interesse que dependem de informações confiáveis e mensuradas de acordo com métodos e práticas que possam ser interpretados, absorvidos e consumidos com a devida segurança proposta por suas demandas de trabalho e investigação científica.

Portanto, é válida a afirmativa da contabilidade como ciência social cujos profissionais devem ater-se a compreender as mutações sociais e, a partir destas, visualizar a relação com o mercado, pois embora a ação produzida pela contabilidade envolva um conjunto de técnicas e procedimentos comumente retratados de modo quantitativo, tem em sua verdadeira essência um apelo qualitativo (COLIATH, 2014). Em sua pesquisa sobre a contabilidade como ciência social, Xavier Filho (2008) cria um resumo sobre essa relação social da contabilidade de modo que:

Os usuários da Contabilidade sofrem passivamente pressão da massa social e dos fenômenos econômicos. [...] Portanto, definiu-se que a Contabilidade é uma ciência factual social. A natureza social da contabilidade traduz-se na preocupação da compreensão da maneira como os indivíduos ligados à área

contábil criam, modificam e interpretam os fenômenos contábeis, sobre os quais informam seus usuários; representa a realidade que deve ser observada por este ramo do conhecimento humano. A preocupação do contabilista não está apenas em apreender, quantificar, registrar e informar os fatos contábeis da entidade, mas em analisar e revisar estes fatos, demonstrando suas causas determinantes ou constitutivas (XAVIER FILHO, 2008, p. 8).

O papel social da universidade para a construção de uma sociedade igualitária e democrática demanda a indissociabilidade na construção de uma universidade com nível acadêmico de excelência, autônoma e democrática. Por isso, é importante falar da formação profissional desse sujeito como um contribuinte social, pois estes irão atuar nas mais variadas áreas do conhecimento e para a sociedade que tem a oportunidade de trocar experiências e perceber o seu entorno com novos olhares e perspectivas (PEREIRA *et al.*, 2019).

Com isso, Bachmann (2016) acredita que a universidade pode abarcar processos de desenvolvimento comunitário, além da esfera empresarial, com suporte específico voltado para o desenvolvimento social, por meio de inovação social. E, com isso, o pensamento direcionado exclusivamente para o atendimento de demandas de mercado com foco na competitividade tem perdido a importância frente à inovação que visa e gera mudança social, por meio da resolução de problemas sociais que geram novas práticas em grupos sociais.

Assim, é relevante levar em consideração a necessidade de eventuais adaptações da referida matriz curricular ao desenvolvimento sócio regional. Ver o currículo como parte de um local responde à perspectiva de formação qualificada do discente, com base na qual ele possa entender as práticas organizacionais vinculadas às teorias, por meio da aplicabilidade na região em que ele se insere, promovendo, dessa forma, um aprendizado significativo e, em última instância, também, permitindo o próprio desenvolvimento regional (LIMA; SILVA, 2017). A Universidade está vendo a necessidade de promover práticas adequadas e orientadas para dar conta dos desafios de seu tempo, quais sejam: sociais, culturais, ambientais e econômicos. Assim, o pensamento da gestão deve focar nos impactos produzidos pela responsabilidade social universitária: no funcionamento da instituição e na formação acadêmica (FERREIRA, 2019).

Portanto, para essa ciência, é elucidado um valor diferenciador para aquele que observa e entende a sociedade como base de análise para os atos profissionais. Todavia, Coliath (2014) afirma que a contabilidade tem o papel fundamental de servir como um instrumento de medição e mediação, capaz de interagir não somente sob o aspecto quantitativo, mas interagir abordando o aspecto qualitativo das relações humanas e sociais que são afetadas diretamente pela prestação de contas nos mais diversos setores da sociedade.

Assim, a contabilidade é, também, uma arte, uma vez que manifesta seus produtos, os relatórios e apurações econômico-fiscais, de maneira sistemática, com perícia, porém não fica apenas restrita a apresentar seus produtos aos usuários que deles farão uso, estendem-se ao estudo das mutações, suas variações, sua inter-relação com os fatos administrativos e a gestão apropriada do patrimônio das pessoas físicas e jurídicas (XAVIER FILHO, 2008).

Para uma formação profissional adequada e contributiva ao desenvolvimento econômico, social e até político de qualquer nação, é imprescindível o auxílio de um profissional contábil, pois a este é válida sua relação devido às contribuições que podem ser prestadas para a comunidade (SILVA, 2019). Pelo menos, fica evidenciado o esforço em reconhecer a contabilidade como ciência social e suas contribuições para a comunidade. Contudo, para uma formação qualificada, o foco é no desenvolvimento profissional e cidadão dos discentes para se tornarem agentes de transformação, cuja cidadania passa a ser considerada uma competência, conforme estudo de Degenhart, Vogt e Biavati (2014).

Devido a todas essas mutações, foi elaborada uma divisão dos três marcos importantes para a contabilidade, apoiado nos tipos de viradas existentes nas ciências sociais: virada linguística (OURIQUE, 2010); virada histórica (SCHMIDT; GASS, 2018); e virada organizacional (COUTO; HONORATO; SILVA, 2019).

Morais e Campos (2016) concluem que é preciso que a contabilidade acompanhe essa evolução para que produza, enquanto ciência, contribuições para a área de atuação, aprimoramento em suas relações sociais, demonstrando de que maneira poderá contribuir nas relações que surgem entre empresas e sociedade, e o aperfeiçoamento dos profissionais para que estejam preparados para qualificar os subsídios oferecidos pela contabilidade.

2.1.1 Virada Linguística

O homem possui a capacidade de construir linguagens com as quais se pode expandir todo sentido, sem fazer ideia de como e do que cada palavra significa – como também falamos sem saber como se produzem os sons particulares. (WITTGENSTEIN, 1994, p.37).

Com essa mensagem, Wittgenstein (1994) inicia a abordagem acerca da virada linguística, marcada por contribuições pertinentes do mesmo, começando um debate sobre como nasceu e quais as interferências sociais retratadas na virada linguística. Conceitualmente, a virada linguística pode ser definida como uma mudança na concepção da relação entre linguagem e realidade (BARROSO, 2015). Nascente no século XX por

autores como Wittgenstein e Skinner, a virada linguística não é a imposição totalitária da realidade como base para a linguagem, mas a exposição da importância dessa subjetividade na socialização. Segundo Barroso (2015), a linguagem não está subordinada à realidade, uma vez não é o reflexo dela, excluindo a suposição de que a linguagem nunca é um conjunto de ‘formas’ vazias esperando para serem preenchidas com um “conteúdo” factual e conceitual, mas está ela própria no mundo como uma ‘coisa’ entre outras.

A linguagem não está limitada à realidade, mas, sim, anda em conjuntura com ela, e o sujeito é parte desse espectro. Conforme complementado por Ourique (2010), o sujeito na virada linguística não é um ser pré-social, cuja soberania lhe é dada por uma racionalidade cartesiana, nem a realidade é condicionante da formação do sujeito, existe uma ação recíproca entre a existência do sujeito e a significação da realidade. O sujeito é instituído num viés ontológico como parte de uma relação aos discursos propostos na linguagem, e a sua capacidade de atentar-se para a realidade social. Com efeito, não é estruturada uma relação sujeito-mundo, proposta nas obras habermasianas, mas uma relação linguagem-mundo, em que as condições de possibilidade de conhecimento humano, sua estrutura universal e a conexão estrutural entre experiência e ação dependem do desenvolvimento filogenético e ontogenético da humanidade (OURIQUE, 2010).

A construção do conhecimento humano, dada ao sujeito epistêmico na virada linguística, permite que o mesmo tenha sua inserção em determinados campos sociais. O conhecimento contido no agir instrumental justifica-se pelo resultado que apresenta, contudo, este fazer, embora possa ser repetido inúmeras vezes, será o único (OURIQUE, 2010).

De todo modo, a construção do conhecimento abordada na corrente linguística segue um caminho de correspondência entre a linguagem e a realidade, entre o passado e o presente, como objetos de investigação. Todavia, esse caminhar trazido pelas narrativas historiográficas trazem as relações entre a história e a construção linguística (BARROSO, 2015). A história não pode ser encerrada ou anulada na construção de qualquer conhecimento, as narrativas linguísticas partem de discursos históricos que caminham de formar linear à realidade e cenários distintos em cada tempo. O conhecimento histórico, segundo Barroso (2015), não deveria ser visto como conhecimento cognitivo, mas como um estágio de debate contínuo no qual a linguagem narrativa ocupa um papel central na valorização da História como uma organização de conhecimento ao invés de um conhecimento em si.

Paralelo à história, Ourique (2010) entende que o conhecimento da cultura é necessário para que o sujeito consiga compreender o meio e a própria cultura que, por sua vez, fornece elementos para a formação da identidade humana. Advém daí o entendimento de

que o homem só se faz homem pela sua inserção social. Porém, esse processo não acontece somente da sociedade para o indivíduo, pois o sujeito pode receber influências da cultura em que está inserido, interferir nela ao lhe atribuir sentido e recriar as narrativas, conforme essas interações.

Ao afirmar que “[...] palavras também são atos [...]”, Wittgenstein (1994) faz um debate acerca do giro entre as narrativas linguísticas e a realidade social, mas o que esse trecho pode trazer para os estudos linguísticos é o fato de que todo esse processo de conversão dar-se-á pelos discursos (WITTGENSTEIN, 1994 *apud* BARROSO, 2015, p.173). Nessa linha de debates, dois autores corroboram suas compreensões, Pocock (2003) e Foucault (1998). Em finas atribuições, ambos diferenciam o autor (aquele que executa as narrativas linguísticas) do leitor (aquele que lê as narrativas apresentadas).

Pocock (2003) defende que a corrente linguística traz o discurso como ponto de partida dessa revolução na historiografia, transformando as limitações da práxis e redefinindo-a em termos estritamente históricos, na medida em que passou a enxergar os autores como atores históricos se expressando e respondendo uns aos outros em um contexto linguístico comum, embora diverso. Além disso, os discursos linguísticos podem caminhar por distintas linhas de compreensão, conforme expressado na fala assertiva de Pocock (2003, p. 45): “[...] todo e qualquer ato de fala que o texto tenha efetuado pode ser re-efetuado pelo leitor de maneiras não idênticas às que o autor pretendeu [...]”.

Foucault (1988), por sua vez, lê os discursos na construção de subjetividades como um conjunto de práticas descontínuas. Em *A arqueologia do saber*, Foucault entende que o discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua; é nesse estreitamento discursivo que se desfazem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas. Os discursos são feitos de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas devem ser tratados como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam, cabendo o devido cuidado, quando o discurso é estreito a designar coisas, os tornando irreduzíveis à língua e ao ato da fala (FOUCAULT, 1986).

A lógica linguística trazida da interação das narrativas linguísticas com a realidade social permeia distintos grupos e, parafraseando Ourique (2010), “[...] O sujeito é um ‘efeito de composição’, daí seu aspecto compositivo e complexo [...]”. Assim, como algo composto, ou digamos formado, constrói-se uma estruturação da escola como uma instituição universalizadora, que vincula saberes da cultura dominante nas várias subunidades que a

compõe, articulando o desenvolvimento de uma segunda natureza, cujas capacidades estão de acordo com as normas de civilidade etc. (OURIQUE, 2010).

Ao pensarmos que a educação é um processo sociocultural de socialização das novas gerações que são familiarizadas com um conjunto de tradições, normas e valores veiculados pela cultura, estamos também considerando que a escola tem como uma de suas funções iniciar os jovens em uma produção de conhecimentos que lhes é nova (OURIQUE, 2010). A partir dessa leitura sociocultural, a linguística pode ser revista sobre outro ângulo, e os autores/executores terão que procurar os signos proeminentes às novas formas dos usos das palavras, enquanto resultado de novas experiências. Esses sinais de mudança também davam origem a novos problemas e possibilidades no próprio discurso da linguagem estudada (BARROSO, 2015).

Tal atitude educacional não está restrita a ler somente a realidade social como fomento balizador da formação, pois diferentemente da tarefa de treinar, a função educativa ocupa-se com a formação de autonomias. O sujeito está envolvido numa construção de conhecimento, não apenas para a resolução de problemas da sala de aula, mas também aqueles que surgem no cotidiano dos alunos, ou seja, educar-se envolve a vivência dos conceitos apresentados na escola (OURIQUE, 2010). Essa construção de conhecimento é dada como resposta presente na virada linguística, por meio da qual os leitores conseguem formar uma nova concepção a partir dos viveres sociais, semelhantemente para Barroso (2015) ao de um campo de forças onde agentes atuam sobre outros agentes respondendo às performances e aos atos de fala dos outros autores.

Assim, para servir de resposta à conclusão cíclica das linguagens, encontramos a formação que, de acordo com Ourique (2010), é capaz de ligar os diversos campos da cultura num jogo de imagens em que a formação se dá por mimeses ou imitação transfigurada. Destacar o caráter dinâmico da cultura é, de certo modo, enfatizar a dimensão histórica da educação que deve se vincular discursivamente aos princípios orientadores da ação humana na tentativa de estabelecer consensos válidos.

2.1.1.1 Relação teórico-prática

No processo da virada linguística, vale o destaque acerca da relação teoria e prática dos componentes curriculares da graduação. Segundo Calazans *et al.* (2019), a formação precisa estar pautada na ação consciente, substantiva e intencional, e, ainda, contextualizada. Com sua pesquisa, Calazans *et al.* (2019) diagnosticaram que um dos temas mais destacados

por alunos de Administração é a dissociação entre teoria e prática, excesso de aulas expositivas e pouco desenvolvimento de habilidades, demandadas à formação frente aos desafios da profissão de Administrador.

Para tanto, esse processo é característica de aplicação e imersão na realidade local sobre a sua ciência. Junior (2019) complementa que essa dissociação da teoria e da prática faz com que os alunos não enxerguem uma ação efetiva interdisciplinar, devido à falta de ligação entre as disciplinas e as dificuldades geradas pela reaproximação entre elas, resultando em conhecimentos segregados ao longo do tempo.

Nesse sentido, Bachmann (2016) compreende que a universidade tem papel de transferência de conhecimento e mobilização comunitária, de modo que o conhecimento teórico adquirido na universidade, somado à possibilidade da vivência prática, seja capaz de gerar transformações sociais e melhorias nas formações acadêmicas. Araújo *et al.* (2014) complementam que a promoção do vínculo entre teoria e prática no processo de ensino-aprendizagem é atribuição de responsabilidade institucional da universidade. Para isso, a educação, na construção e no desenvolvimento de identidades, deverá transcender o contexto teórico da sala de aula, recomendando a aplicação de estratégias educacionais como aprendizado ativo, aprendizado experiencial, simulações e aprendizado social, diminuindo a distância entre a experiência acadêmica e requisitos da vida real (SILVA, 2019; OLIVEIRA, 2019).

Percebe-se que a relação teórico-prática é útil a diversos campos do conhecimento, permitindo concluir que a extensão, nos currículos, se configura como oportunidade à formação, viabilizando práticas e conciliando saberes e teorias apropriadas a contextos locais (CALAZANS *et al.*, 2019). Nesse sentido, Pinto (2018) sugere uma formação pautada numa epistemologia da prática, por ser um importante espaço de construção do conhecimento e de reflexão das situações reais. Diante dessa perspectiva, a autora propõe que o processo de graduação deve comportar situações nas quais o/a discente possa praticar situações (oficina, real ou simulada) que lhe ajudem a compreender a realidade.

2.1.1.2 Descompassos entre a linguagem e a realidade na contabilidade

Perfazendo os sujeitos endereçados da pesquisa, Albrecht e Sack (2000) constataram que vários líderes na área contábil consideram a atual estrutura da educação contábil desatualizada e com necessidade de mudanças significativas. Para dar apoio a essa formação contábil, espera-se da universidade como órgão orientador a esse assujeitamento, pois,

conforme salientam Santos, Araújo, Cavalcante e Barbosa (2014), as IES desempenham um importante papel no que se refere à formação e atualização dos acadêmicos de Ciências Contábeis, possibilitando condições para que as competências necessárias ao exercício profissional do contador possam ser alcançadas.

Nesse sentido, há de se pensar em mecanismos formativos para dar subsídio ao sujeito contábil, devendo alinhar seus conteúdos a uma estrutura curricular que possibilite qualificar o futuro profissional com os conhecimentos e habilidades em consonância com as atuais exigências do mercado. Santos, Araújo, Cavalcante e Barbosa (2014) justificam essa afirmativa ao declararem que não se pode preparar o aluno para atuar nessa década com base em conteúdos de tempos remotos. É preciso que exista coerência entre os conteúdos aprendidos na universidade e as competências e habilidades que assegurem a inserção do profissional no mercado de trabalho.

No seu processo de formação, os profissionais contábeis devem ser dotados de competências necessárias para suprir as demandas dos usuários das informações contábeis (PIRES; OTT; DAMACENA, 2010). À luz das competências existentes na formação do contador, Marin, Lima e Nova (2014) destacam que as competências são frutos de conhecimentos (foco na profissão), iniciativas pessoais (atitudes) e capacidade de manusear os instrumentos e técnicas profissionais (habilidades), ou seja, características de uma pessoa relacionadas ao seu desempenho em qualquer atividade profissional.

No Brasil, as competências necessárias para o desenvolvimento da profissão contábil estão disponíveis na Resolução CNE/CES nº10/2004, que instituem as diretrizes curriculares do curso de Ciências Contábeis para as Instituições de Ensino Superior (REIS *et al.*, 2015). Tais diretrizes foram instituídas através do cenário mutável no mundo dos negócios e com reflexos sobre a demanda dos profissionais da Contabilidade (OTT; CUNHA; CORNACCHIONE JÚNIOR; DE LUCA, 2011).

Laffin (2015) reflete que as atribuições previstas ao profissional da contabilidade se submetem à ordem do mercado das diferentes organizações, cuja adequação da formação terá por base a pedagogia das competências. Essa submissão está expressa quando determina que os conteúdos devam atender às conformidades da formação exigida pela Organização Mundial do Comércio, implementando, assim, a formação pela ênfase nas competências requeridas nesses organismos.

As referidas competências na ciência contábil seguem preceitos analisados pelos discentes, como foi executado nos estudos realizados por Cardoso, Souza e Almeida (2006), Leal, Soares e Sousa (2008) e Pires, Ott e Damacena (2010), os quais revelaram que as

competências mais importantes são as demandadas pelo mercado de trabalho contábil e os conhecimentos: contábil, fiscal, tributária, auditoria, entre outros.

Para relacionar e dar arcabouço à virada linguística, é importante trazer alguns estudos que dialoguem sobre a relação teoria-prática e as competências exigidas para um profissional contábil. Muitas pesquisas voltam-se a analisar como é feita a relação das perspectivas teóricas com os dizeres da realidade profissional.

Com a finalidade de trazer resultados de pesquisas que dialoguem com essa relação teoria-prática na contabilidade, torna-se importante observar que a esfera educacional, com seus discursos linguísticos, pode ter disparidade com a realidade vista junto à ciência contábil.

Os alunos, em sua maioria, acreditam que o mercado exige um profissional que constantemente se atualize, entendendo a sua importância para a educação continuada. Assim, é mencionada, por muitos estudantes, a necessidade de adequação da matriz curricular do curso da IES à formação do contador atual (SILVA; SANTANA, 2016). Laffin e Castro (2015) buscaram em sua pesquisa analisar as percepções discentes sobre a prática contábil cujos resultados demonstram que os alunos ainda sentem fraquezas na sua capacidade prática da ciência contábil, devido a uma possível falta de articulação entre teoria e prática no campo profissional e acadêmico de formação.

Ott *et al.* (2011) recomendam que os gestores dos programas dos cursos de Ciências Contábeis se mantenham vigilantes quanto à atualização e adequação dos conhecimentos, habilidades e métodos instrucionais necessários aos estudantes e, consequentemente, futuros profissionais, com o objetivo de promover o reconhecimento dos profissionais brasileiros da contabilidade. Assim, o currículo do curso em sua formulação requer uma compreensão do que constitui o processo formativo dos estudantes da graduação em Ciências Contábeis para que possam estar inseridos de forma crítica na atividade profissional, na participação social e no desenvolvimento do conhecimento contábil (LAFFIN, 2015).

Quevedo e Patino (2018) avaliaram a formação contábil no México e Colômbia e diagnosticaram que, em ambos, o estágio não é componente obrigatório no currículo, algo negativo, segundo eles, uma vez que este processo dá aos alunos outros pontos de vista e experiências diferentes, além do treinamento em sala de aula. Para além do estágio, fala-se em métodos de interseção da teoria e prática, como o PBL (Aprendizagem Baseada em Problemas), sendo, de forma geral, uma inovação trazida ao ensino, que faz a relação da academia com o mercado; e é centrado no aluno como sujeito ativo do processo, que busca o aprendizado de forma autônoma com base em problemas que refletem a vida profissional (SILVA; AZEVEDO; ARAUJO, 2017).

Marin, Lima e Nova (2014) apontam que, em geral, os alunos se destacam pelo conhecimento teórico e postura proativa. No entanto, apresentam deficiências em conhecimentos práticos, lideranças e estrangeirismos, complementando, mais uma vez, o que se fala desse escopo teórico-prático para a contabilidade. Para concluir, Moreira (2013) afirma que a prática e a teoria não existem dissociadas e ambas carecem uma da outra para o processo formativo. Essa mensagem feita por ela abre brechas para questionar se a contabilidade como ciência social aplicada deve apoiar-se no interesse público e na dignidade do ser humano, no sentido de apoiar a convivência social.

Para encerrar cada seção teórica, foi feita uma revisão das obras que foram utilizadas, conforme Quadro 1 a seguir, com intenção de demonstrar a convergência existente entre os elementos e critérios específicos da contabilidade para a metáfora da virada que foi debatida. No caso da virada linguística, observa-se que os estudos que dialogam sobre a relação teoria-prática e os descompassos entre linguagem e realidade contábil sempre fazem uso de termos como: comparação, mudança, relação, convergência, entre outros; corroborando a ideia dada pela metáfora da virada linguística.

Quadro 1 – Estudos anteriores que abordam a virada linguística

ASSUNTO	TÓPICOS	AUTORES
LINGUAGEM E REALIDADE	VIRADA LINGUISTICA	Barroso (2015); Ourique (2010); Pocock (2003); Calazans <i>et al.</i> (2019); Araújo <i>et al.</i> (2014); Silva (2019); Oliveira (2019); Laffin (2015); Marin, Lima e Nova (2014); Laffin e Castro (2015); Moreira (2013).
RELAÇÃO TÉORICO-PRÁTICA		
DESCOMPASSOS ENTRE A LINGUAGEM E A REALIDADE NA CONTABILIDADE		

Fonte: Elaboração própria (2020).

2.1.2 Virada Histórica

O presente não é mera repetição do passado, mas um campo de restrições e possibilidades em aberto para projetos alternativos de futuro. Observar a construção das ciências a partir do estado temporal faz com que se entenda que escrever história significa fazer história do presente, e são os interesses do presente que guiam o olhar sobre o passado. O presente, entendido como o dia de hoje, é como o vértice de uma tríade temporal que

forma, com passado e futuro, o curso da história (BARROS, 2014; BARROS; CARRIERI, 2015).

Para Santos *et al.* (2016), o passado compreende uma das formas mais adequadas para se explicar o presente, pois o desconhecimento do fenômeno do passado compromete uma análise e compreensão mais aprimorada do seu momento atual. Entende-se o passado como a construção histórica do ato que dá a devida ênfase à história e seu lugar na ciência. A história é algo construído através de diversas práticas sociais cotidianas e suas mudanças na sociedade como partes importantes constitutivas da história (SOUZA; COSTA, 2013). As práticas cotidianas mencionadas são portadoras de uma historicidade que deve ser percebida com a preocupação investigativa de dar vozes a diversos sujeitos históricos, elaborando a construção e desconstrução da história, partindo de novas fontes e de novos objetos (BARROS; CARRIERI, 2015).

Desse modo, compreende-se que a construção histórica responde a toda metamorfose do mundo que está em constante transformação, e a identidade vai se transformando (e transformando o ambiente) através das nossas práticas e relações sociais estabelecidas com os outros no nosso cotidiano (SANTOS *et al.*, 2016). Assim, Barros e Carrieri (2015) corroboram que a análise dos fenômenos organizacionais deve dar atenção às peculiaridades locais e aos contextos socioculturais específicos, e que isso pode ser alcançado por meio da abordagem histórica.

A partir desse debate sobre a história, tem-se a historiografia que, segundo Schmidt e Gass (2018), trata-se de um ramo da ciência que estuda a evolução no desenvolvimento histórico global. A mesma tem como principais características: o discurso histórico construído em função de uma epistemologia empirista, as análises de curtos períodos temporais e o foco no âmbito político.

Estando correlacionada aos estudos organizacionais, a contabilidade emerge sua relação com a ciência social aplicada, buscando estabelecer um conhecimento denominado moderno, em acordo com a racionalidade instrumental, para os aspectos fiscais e afins (BARROS; CARRIERI, 2015).

Um estudo que dá apoio à virada histórica da contabilidade é a pesquisa de Schmidt e Gass (2018) que dialoga sobre a transição da História da Contabilidade Tradicional (HCT) para a Nova História da Contabilidade (NHC). Para elas, a contabilidade é relativa e progressiva, pois os fenômenos que formam seu objeto estão em constante mudança, os métodos mais antigos tornam-se menos efetivos em condições alteradas, ideias anteriores tornam-se irrelevantes diante de novos problemas (SCHMIDT; GASS, 2018).

A história trilhada pela contabilidade percorre milênios, participando das diversas modificações sobre o uso da riqueza e dos recursos sobre os meios de registros. Dividindo-se em dois períodos nítidos, cada período da contabilidade serve para criar o caminho trilhado nas evoluções da ciência (SCHMIDT; GASS, 2018). Conforme foi dito anteriormente, a contabilidade tem dois registros históricos, o tradicional e o novo.

A história tradicional é caracterizada por acontecimentos políticos e militares e legitimada por uma visão centralizada e institucionalizada do poder. A dimensão de saber técnica da contabilidade é a principal característica da história tradicional, que prioriza um sistema de mensuração e comunicação de transações econômicas para chegar a representações verificáveis próximas à realidade. Nessa visão, a contabilidade tradicional é incontestável porque simplesmente, a partir de saberes técnicos e mecânicos, objetiva medir ou relatar a realidade (SCHMIDT; GASS, 2018).

O surgimento da chamada Nova História da Contabilidade pode ser considerado um dos acontecimentos mais importantes dos últimos anos na Contabilidade. Schmidt e Gass (2018) entendem que essa nova visão buscou criar uma história única com a influência das outras áreas científicas, ou seja, ela considera importante que tudo tem um passado que, em princípio, pode ser reconstruído. Os seus impulsos geradores procedem da união entre o novo paradigma crítico radical da investigação contabilística, com a discussão sobre o percurso histórico e sua contribuição social. Este novo paradigma considera que a contabilidade não deve ser limitada a uma técnica, fundada na racionalização econômica, mas colocar-se como uma peça do contexto social das organizações (SCHMIDT; GASS, 2018).

Além de discorrer sobre esses dois registros importantes da virada histórica da profissão contábil, faz-se necessário mencionar como foi todo o processo constitutivo e histórico da ciência contábil. Segundo Souza (2019), a História da Contabilidade, enquanto campo de conhecimento, está dividida conceitualmente em quatro grandes períodos, demarcada por acontecimentos transformadores da sociedade em cada época. Esses períodos podem ser entendidos como: Contabilidade Antiga, Contabilidade Medieval, Contabilidade Moderna e Contabilidade Contemporânea.

Souza (2019) comenta que a Contabilidade Antiga, marcada no período de 8.000 a.C. a 1202 d.C., parte do surgimento das primeiras civilizações. E seus acontecimentos marcam o nascimento da contabilidade que surge para atender à necessidade de avaliar a riqueza do homem, bem como os acréscimos e decréscimos dessa riqueza em uma época em que ainda não existiam números, escrita ou moeda (SILVA *et al.*, 2015).

Relata Souza (2019) que a Contabilidade Medieval perdura durante o período de 1202 a.C. a 1494 d.C., tendo seu início no Liber Abaci e seguindo até a publicação da Suma de Aritmética do Frei Luca Pacioli, um marco na divulgação do sistema de partidas dobradas, utilizado até hoje na contabilidade. Silva *et al.* (2015) complementa que o sistema de Luca Paccioli se aplicava nas partidas do débito e do crédito, correspondente a números positivos e números negativos, contribuindo para inserir a contabilidade entre os ramos do conhecimento humano.

Segundo Gomes e Alves (2012), na história do Brasil, os contadores surgiram inicialmente no período colonial com a finalidade de proporcionar amparo à Família Real, devido ao crescimento nos gastos públicos. Assim, a Contabilidade Moderna, marcada no período 1494 d.C. a 1840 d.C., inicia-se na Suma Aritmética com o aparecimento do inventário e surgiram também os livros mercantis: diário, razão, livros sobre registros de operações, livros sobre contas em geral; contas de armazenamento; lucros e perdas e sobre arquivamento de contas e documentos; estendendo-se até a publicação da obra de Francesco Villa (SOUZA, 2019; SILVA *et al.*, 2015).

Por fim, a Contabilidade Contemporânea é marcada pelo período de 1840 d.C. até os dias atuais, iniciando-se no período da revolução industrial com o aumento do volume dos negócios, que necessitou de exames contábeis das experiências financeiras das empresas, que, comumente, punha seus serviços profissionais à disposição de outras organizações (SOUZA, 2019; SILVA *et al.*, 2015).

Detalhadamente, o período vivido pela contabilidade contemporânea tem muitas etapas e mudanças acerca da profissão. Mas um momento importante para essa ciência e que caminha entre a contabilidade moderna e a contemporânea foram as aulas (escola) comerciais. Em 23 de novembro de 1808, foi criada uma cadeira de Aula Pública de Ciências Econômicas no Rio de Janeiro e, por meio do Alvará de 15 de julho de 1809, foram criadas as Aulas de Comércio, dando início ao ensino comercial no Brasil; um ano depois foi implantada a escola com a nomeação de José Antônio Lisboa, que se torna o primeiro professor de contabilidade do Brasil (BARRETO; BRAZ, 2016; SILVA *et al.*, 2015).

Barreto e Braz (2016) comentam que o governo imperial, a partir da década de 1830, aprovou, estabeleceu e modificou as condições de oferta dessas aulas, através de decretos, deixando mais claro o que eram as Aulas de Comércio. Moreira (2013) destaca que decorrente da reforma da Aula de Comércio, surge o Instituto Comercial do Rio de Janeiro em 1856. E somente em 1870, ocorre a primeira regulamentação contábil em território brasileiro, através do reconhecimento oficial da Associação dos Guarda-Livros da Corte, pelo Decreto Imperial

nº 4.475, representando um marco, pois caracteriza o guarda-livros como a primeira profissão liberal regulamentada no país (SILVA *et al.*, 2015).

No ano de 1902, surge a primeira escola de contabilidade no Brasil, sob a forma de escola de comércio, denominada de Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado em São Paulo (SILVA *et al.*, 2015). Moreira (2013) menciona que o reconhecimento oficial de seus diplomas se deu em 1905, com o reconhecimento dos cursos de Guarda-Livros e Perito Contador. No mesmo ano, tal escola passou a ser denominada de Escola de Comércio de São Paulo. Contudo, só em 1908 é que teve início o Curso Superior de Ciências Comerciais.

De acordo com Carneiro *et al.* (2017), em 1915, foi fundada a primeira entidade para congregar os contabilistas, nomeada de Instituto Brasileiro de Contadores Fiscais. Sequencialmente, em 1916, foram fundados a Associação dos Contadores de São Paulo e o Instituto Brasileiro de Contabilidade, no Rio de Janeiro. E, por fim, em 1924, foi realizado, no Rio de Janeiro, o 1º Congresso Brasileiro de Contabilidade, quando foi iniciada a campanha para a regulamentação da profissão de Contador.

Legalmente, houve inúmeras mutações acerca da ciência contábil e, com a finalidade de sintetizar o assunto, segue o Quadro 2 com o cronograma evolutivo das principais legislações e seus preâmbulos para a ciência contábil.

Quadro 2 – Cronograma da evolução legislativa ao profissional contábil

CRONOGRAMA DA EVOLUÇÃO LEGISLATIVA AO PROFISSIONAL CONTÁBIL	
LEGISLAÇÃO DE CRIAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DOS CONSELHOS DE CONTABILIDADE	
LEGISLAÇÃO	PREÂMBULO
Decreto nº. 17.329/1926	Aprova o regulamento para os estabelecimentos de ensino técnico comercial, reconhecidos oficialmente pelo Governo Federal.
Decreto nº. 20.158/1931	Organiza o ensino comercial, regulamenta a profissão de contador e dá outras providências. Estabelece o registro obrigatório dos Guarda-Livros e Contadores.
Decreto nº. 21.033/1932	Estabelece novas condições de registro de Contadores e Guarda-livros, por meio do qual se resolveram os problemas dos práticos.
Decreto nº. 1.535/1939	Altera a denominação do curso de Perito-Contador e dá outras providências.
Decreto-lei nº 7.988/45	Cria o curso de Ciências Contábeis com duração de quatro anos, concedendo o título de Bacharel em Ciências Contábeis aos seus concluintes.
Decreto-Lei nº 9.295/46	Cria o Conselho Federal de Contabilidade, define as atribuições do Contador e do Guarda-livros e dá outras providências.
Lei nº 570/48	Alteram dispositivos do Decreto-Lei nº 9.295, de 27 de maio de 1946, que criou o Conselho Federal de Contabilidade e dá outras providências.
Lei nº 3.384/58	Dá nova denominação à profissão de guarda-livros.
Resolução nº 94/58	Declara atividade privativa dos Contabilistas a escrituração dos livros fiscais e revoga a Resolução nº 36/48.
Lei nº 4.695/65	Dispõe sobre a composição do Conselho Federal de Contabilidade e dá outras providências.
Decreto-Lei nº 968/69	Dispõe sobre o exercício da supervisão ministerial relativamente às entidades incumbidas da fiscalização do exercício de profissões liberais.

LEGISLAÇÃO DA PROFISSÃO CONTÁBIL	
LEGISLAÇÃO	PREÂMBULO
Resolução CFC nº 560/1983	Dispõe sobre as prerrogativas de regulamentação da profissão de contador e normatiza as atividades compreendidas da contabilidade em sua plena amplitude e condição de ciência aplicada.
Resolução CFC nº 650/89	Dispõe sobre a participação do estudante do curso Técnico de Contabilidade em trabalhos auxiliares da profissão.
Resolução nº 03/92	Dispõe sobre o conhecimento teórico e prático e sobre a divisão das disciplinas em três categorias: formação geral, formação profissional e formação complementar.
Resolução CFC nº 803/96	Aprova o Código de Ética Profissional do Contabilista – CEPC.
Resolução CFC nº 827/98	Aprova o Manual de Fiscalização e dá outras providências.
Resolução CFC nº 853/99	Institui o Exame de Suficiência como requisito para obtenção de Registro Profissional em CRC.
Resolução CFC nº 878/00	Dispõe sobre apoio a cursos de mestrado e doutorado em Contabilidade.
Resolução CFC nº 891/00	Aprova o Manual de Registro e dá outras providências.
Resolução CFC nº 893/00	Dispõe sobre a Carteira de Identidade de Contabilista, a Carteira de Identificação de Conselheiro, a Carteira de Registro Provisório, o Cartão de Registro Secundário e dá outras providências.
Resolução CFC nº 899/01	Dispõe sobre a Certidão de Regularidade do Contabilista e das Organizações Contábeis.
Resolução CFC nº 948/02	Dispõe sobre a não concessão de Registro Profissional em CRC aos portadores de certificados e diplomas de nível técnico na área de Contabilidade (profissional de gestão), definido na Lei nº 9.394, de 20/12/96, que concluírem o curso após o exercício de 2003.
Resolução CFC nº 1.019/05	Dispõe sobre o Cadastro Nacional de Auditores Independentes (CNAI) do Conselho Federal de Contabilidade (CFC), e dá outras providências.
Resolução CFC nº 1.074/06	Aprova a NBC P 4 - Normas para Educação Profissional Continuada.
Resolução CFC nº 1.109/07	Dispõe sobre a NBC P cinco - Norma sobre o Exame de Qualificação Técnica para Registro no Cadastro Nacional de Auditores Independentes (CNAI) do Conselho Federal de Contabilidade (CFC).
Resolução CFC n.º 1.246/09	Dispõe sobre a participação de estudantes em trabalhos auxiliares da profissão contábil.
Resolução CFC n.º 1.363/2011	Institui a Declaração de Habilitação Profissional – DHP Eletrônica – e dá outras providências.
Resolução CFC n.º 1.390/12	Dispõe sobre o Registro Cadastral das Organizações Contábeis.
Resolução CFC nº 1.472/14	Dispõe sobre a Carteira de Identidade Profissional, e dá outras providências.
Resolução CFC n.º 1.486/2015	Regulamenta o Exame de Suficiência como requisito para obtenção de Registro Profissional em Conselho Regional de Contabilidade (CRC).
Resolução CFC n.º 1.494/2015.	Dispõe sobre o Registro Profissional dos Contadores.

Fonte: Adaptado de Pinto (2018) e do CFC (2008).

Além desses decretos, leis e resoluções diretos ao profissional contábil e função, vale ressaltar que existem legislações paralelas que tiveram importância no desempenhar laboral desses profissionais, por fazerem referência a empresas e organizações, um dos objetos de trabalho dos contadores. Conforme Santos (2019), em 1976 surgiu a Lei 6.404, chamada então de Nova Lei das Sociedades Anônimas, dispondo, entre outros temas, sobre como a contabilidade deveria ser aplicada às Sociedades Anônimas. Em um período mais próximo,

ainda foram moldadas mais vezes as legislações que estão paralelas à contabilidade e sua função. Dentre essas mudanças estão as alterações decorrentes da promulgação da Lei 11.638/07; os pronunciamentos emitidos pelo Comitê de Pronunciamentos Contábeis (CPC); e a Lei nº 11.941/2009, que dá continuidade ao processo de atualizações da lei das sociedades anônimas (SOUZA, 2014; SILVA, 2019). Com a promulgação dessas legislações, começou a se falar na convergência contábil; e um marco importante para essa convergência é a adoção da internacionalização na contabilidade, com o objetivo de estabelecer uma assimetria nas informações contábeis (ALVES *et al.*, 2013). Para trazer maior profundidade ao marco histórico para a contabilidade, a seção seguinte abordará sobre o processo de convergência contábil aos padrões da internacionalização.

2.1.2.1 Internacionalidade

A ciência contábil pode ser dita como uma ciência mutável e, no decorrer dos últimos anos, passou por constantes evoluções. A partir de 2007, iniciou-se o debate acerca da harmonização das normas contábeis a nível global, pois com a promulgação da Lei 11.638/07 veio uma série de alterações em relação às práticas contábeis no Brasil, a fim de uniformizar as demonstrações contábeis brasileiras com as normas internacionais de contabilidade, conhecidas como *International Financial Reporting Standards* (IFRS), amplamente aplicadas em países mais desenvolvidos (VASCONCELOS, 2017). Segundo, Santos, Filho e Klann (2014), os marcos legais que editaram as primeiras normativas relacionadas à adoção das Normas Internacionais de Contabilidade no Brasil foram: as Normas e Procedimentos de Contabilidade (NFC's), editadas pelo IBRACON (2002); a Comunicação nº 14.659/2006 do Banco Central; a Instrução CVM nº 457/2007; a Circular nº 357/07 da Superintendência de Seguros Privados (SUSEP); a Deliberação CVM 609/2009; Lei 11.638 de 28/12/2007, que alterou alguns dispositivos da Lei 6.404/76 (FARIA; QUEIROZ, 2009).

Duarte, Amaral e Azevedo (2020) fazem um apanhado histórico e normativo trilhado no enquadramento das normas brasileiras de contabilidade. De forma sintetizada, foi feito um apanhado de todas as regulamentações com suas datas e contribuições para a internacionalização. A primeira iniciativa sobre a internacionalização ocorreu em 1981, o CFC, por meio da Resolução nº 530, que aprovou os Princípios Fundamentais de Contabilidade (PFC) para promover o tratamento contábil uniforme aos relatórios contábil-financeiros. Em 1986, a CVM (Comissão de Valores Imobiliários regulamentou a Deliberação nº 29, aprovando o IBRACON, cujos fundamentos eram constituídos para atender às

necessidades dos usuários das informações financeiras. Em 1993, o CFC, por meio da Resolução nº 750, revogou a Resolução de 1981; Em 1994, regulamentou a Resolução nº 774, sobre os PFC como uma forma de esclarecer assuntos relevantes da prática da contabilidade. Em 2005, as Deliberações nº(s) 488 e 489 da CVM trouxeram formas para alinhar o desenvolvimento do mercado de capital ao contexto internacional. Em 2006, o Comunicado do BACEN nº 14.25 criou procedimentos que mudaram as normas de contabilidade e de auditoria para o padrão do IASB e do IFAC. Em 2007, o governo sancionou a Lei nº 11.638, autorizando a adoção das normas internacionais de contabilidade. Por fim, destacam-se as Resoluções nº 1.282 de 2010 e nº 1.374 de 2011 como documentos que dão início ao processo de convergência e adoção da atual Estrutura Conceitual para Elaboração e Divulgação de Relatório Contábil-Financeiro.

Conforme Silva (2019), o IFRS é um conjunto de pronunciamentos contábeis internacionais, publicados e revisados pelo órgão *International Accounting Standards Board* (IASB), que veio para alinhar a harmonização contábil com as NBC. Os pronunciamentos da IFRS são emitidos pelo IASB (*International Accounting Standards Board*), que tem como principal objetivo o desenvolvimento de um modelo único de normas internacionais de Contabilidade (CARVALHO; LIMA; MONTEIRO, 2018).

Martins (2017) conceitua o *International Accounting Standards Board* (IASB) como um organismo de normalização independente que serve o interesse público através do estabelecimento de normas na área contábil e de educação profissional de contabilidade; e que prescrevem competências e habilidades profissionais técnicas, valores, ética e atitudes. Paralelo a este, o IFAC aborda que é de interesse público por meio do fortalecimento da profissão contábil no mundo inteiro, através do desenvolvimento e melhoria da educação e implementação de normas de educação internacional, o que aumenta a competência da contabilidade, da profissão contábil de forma global (IFAC, 2015).

A intencionalidade da IASB é de alicerçar a contabilidade numa única linha de regulamentos e, segundo Vasconcelos (2017), os objetivos da IASB se baseiam em: a) Desenvolver um conjunto único global com qualidade, exequibilidade e aceite das IFRS e aplicando-as rigorosamente; b) Considerar as necessidades de informações financeiras pelas economias emergentes e pequenas e médias empresas (PME); e c) Implementar os processos de convergência das normas contábeis com alta qualidade. Os requisitos corroboram a opinião do IASB de tornar os profissionais da área contábil sujeitos com posições ativas nas organizações e parte do quadro tomador de decisão (MARTINS, 2017).

Em face deste alinhamento, os órgãos responsáveis pela contabilidade no Brasil, liderado pelo Conselho Federal de Contabilidade (CFC), contribuíram na criação do Comitê de Pronunciamentos Contábeis (CPC), órgão cujos objetivos são estudar, preparar e emitir Pronunciamentos Técnicos sobre procedimentos de Contabilidade e a divulgação de informações dessa natureza, para permitir a emissão de normas pela entidade reguladora brasileira, visando centralizar e uniformizar o seu processo de produção, colocando-se sempre em pauta a convergência da Contabilidade Brasileira aos padrões internacionais (SANTOS; FILHO; KLANN, 2014). Ou seja, traduz as IFRS para a contabilidade brasileira, surgindo as citadas Normas Brasileiras de Contabilidade (NBCs), conforme a Resolução CFC Nº 1.328/11, dando, dessa forma, continuidade à convergência contábil, que é uma adequação em procedimentos e conciliação de práticas contábeis (TAMER, 2014; SILVA, 2019).

Para tal implementação, são necessárias entidades que as fiscalizem e deem subsídio. Para Santos (2019), a coordenação do processo de convergência brasileira foi realizada pelo Comitê de Pronunciamento Técnico (CPC), composto por seis entidades: ABRASCA, APIMEC NACIONAL, BOVESPA, CFC, FIPECAFI e IBRACON. Nesse sentido, o CPC centraliza a emissão de pronunciamentos técnicos, interpretações e orientações técnicas contábeis de forma democrática (FARIA; SILVA, 2014; CARVALHO; LIMA; MONTEIRO, 2018). Além disso, segundo Duarte, Amaral e Azevedo (2020), o CFC ainda criou, em 2007, o CGC, composto pelas entidades: BACEN, CVM, CFC e IBRACON; a fim de contribuir para o desenvolvimento sustentável do país, por meio da modernização da contabilidade e da auditoria. Assim, forma-se o CPC, entidade preparadora das normas de contabilidade; e o CGC, entidade gestora do processo de convergência no Brasil.

Todo processo de mudanças de conceitos que englobam um número significativo de profissionais é algo complexo e envolvem processos dinâmicos para promover a disseminação de novos conhecimentos, e para os contadores não foi diferente, pois com a adoção das novas normas de contabilidade no Brasil, os contadores deveriam se adequar a essa nova realidade, elaborando demonstrativos alinhados a essas normas (VASCONCELOS, 2017; CARVALHO; LIMA; MONTEIRO, 2018). Vasconcelos (2017) complementa que tais mudanças buscaram melhorar a transparência, a compreensibilidade, a relevância, a uniformidade e a qualidade das informações contábeis para os usuários que utilizam as demonstrações financeiras para análises e tomadas de decisão. E assim, estudos como o de Tamer (2014) demonstram que a adoção das IFRS, por meio dos CPCs, teve forte e repentino impacto na contabilização e, conseqüentemente, nos resultados das empresas brasileiras,

reforçando necessidade da busca da educação continuada pelos profissionais contábeis, com o objetivo de se atualizarem diante das novas práticas.

Para se converter às normas internacionais da contabilidade, os profissionais tiveram que se ajustar a essa realidade, pois o cenário econômico internacional exige que a ciência contábil seja uma pesquisa por um padrão único, dando início, dessa forma, a uma convergência contábil e a uma busca pela aproximação das normas contábeis internacionais. Visando tal harmonização, é necessário alterar o projeto de regras contábeis orientado para fins fiscais, para uma normatização baseada em conceitos e princípios com foco na essência econômica sobre a forma jurídica, pois o ensino das Normas Internacionais de Relato Financeiro (IFRS) deve auxiliar os futuros profissionais no desenvolvimento que permita a tomada de decisões auxiliares e a indicação de métodos a serem usados nos negócios (LEITE; AXIOLE; MELO, 2018).

A mudança do IFRS para a ciência contábil coloca a profissão em posição de destaque no cenário econômico e expõe a necessidade da formação de profissionais com um perfil adequado às novas realidades e aos interesses que as empresas demandam (SOUZA, 2014).

Assim, após pouco mais de dez anos de convergência dos padrões de Contabilidade brasileiros, ora baseado em regras para os padrões contábeis internacionais baseados em princípio, e baseado nas habilidades para fazer julgamentos, os profissionais contábeis ainda sofrem com essa convergência e necessidade de atualização (LIMA, 2019). Souza (2019) complementa com sua pesquisa retratando que, no Brasil, a internacionalização das normas de contabilidade causou ruptura no modelo Contábil centrado em regras tributárias e permitiu que os Contadores utilizassem ferramentais mais robustos para a condução da prática Contábil.

A contabilidade e o mercado de trabalho já estão voltados para capacitação profissional ao viés da harmonização globalizada, pois, segundo Tamer (2014), as empresas passaram a exigir os conhecimentos voltados às normas internacionais dos profissionais contábeis. A contabilidade, atualmente, devido à harmonização, vem se modificando nos últimos anos e, por isso, mobiliza um novo perfil do profissional contábil hábil e competente, que passa a exercer um papel de fundamental importância na perfeita adoção das normas brasileiras com as normas internacionais de contabilidade (LIMA, 2019; MARTINS, 2017; JUNIOR, 2019). De modo conclusivo, Silva (2019) encerra sua pesquisa retratando que a figura do profissional de contabilidade é impactada pelos novos procedimentos, novas ferramentas tecnológicas, novas práticas contábeis e uma necessidade de um melhor

desenvolvimento e formação na educação superior contábil, apta para atender de forma adequada, harmoniosa e alinhada com mundo dos negócios.

A contabilidade é vista como uma prática que influencia a construção da realidade em uma organização. Conforme Boscov e Carvalho (2017), a mudança para o IFRS provoca impactos nos processos empresariais, incluindo informações gerenciais e alterações em sistemas, e também afeta o modo como os acionistas e o mercado avaliam a companhia. Para eles, a aplicação da convergência contábil pode mudar a visão da realidade organizacional, levando a alterações na maneira como uma empresa é operada. Tais normas têm grandes impactos ligados à governança corporativa, gerenciamento de recursos humanos, estratégia, planejamento macroeconômico e ao desenvolvimento econômico.

Para encerrar cada seção teórica, foi feita uma revisão das obras que foram utilizadas, com intenção de demonstrar a convergência existente entre os elementos e critérios específicos da contabilidade para a metáfora da virada que foi debatida. No caso da virada histórica, os estudos que dialogam sobre a evolução legislativa e a internacionalidade apresentam similaridades nas questões de: adaptação, evolução, convergência, entre outros, que complementam a assertiva dada na metáfora da virada histórica para a contabilidade. Essa revisão é posta no Quadro 3 a seguir:

Quadro 3 – Estudos anteriores que abordam a virada histórica

ASSUNTO	TÓPICOS	AUTORES
EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA CONTABILIDADE	VIRADA HISTÓRICA	CFC (1994); Xavier Filho (2008); Coliath (2014); Pereira <i>et al.</i> (2019); Schmidt e Gass (2018); Barros e Carrieri (2015); SILVA <i>et al.</i> (2015); Gomes e Alves (2012); Barreto e Braz (2016); Moreira (2013); Jacamossi (2015); Tamer (2014); Cassan (2019); Pinto (2018); CFC (2008).
LEGISLAÇÕES		
INTERNACIONALIDADE		

Fonte: Elaboração própria (2020).

2.1.3 Virada Organizacional

De modo a se falar da virada organizacional, é importante relatar brevemente as contribuições dos estudos organizacionais para compreender como essa virada se apresenta. Fischer, Waiandt e Silva (2008) compreendem que os estudos organizacionais, nas suas trajetórias, acumularam conhecimentos sobre as organizações como construções sociais, pois

estes podem variar infinitamente no tempo e no espaço. Couto, Honorato e Silva (2019) dialogam que os estudos organizacionais compreendem que a realidade das organizações é múltipla, diversa e pode ser observada, estudada no cotidiano das pessoas, nas estratégias e práticas de sobrevivência na organização que se produz diariamente a partir de seus condicionantes culturais.

Emponderar-se desses discursos organizacionais fazem com que seja observada a mudança como fator relevante às organizações, e Santos *et al.* (2016) evidenciam que observar os fenômenos organizacionais contemporâneos auxiliam na compreensão de problemas referentes às praticas organizacionais.

De fato, podemos enxergar as organizações como um padrão que emerge da própria mudança, criando uma realidade estável-instável, possibilitando, assim, compreendê-la como socialmente definida por um conjunto de regras que objetiva estabilizar uma realidade em constante mudança, e como um resultado emergente da aplicação reflexiva de regras em um contexto local, ao longo do tempo (COUTO; HONORATO; SILVA, 2019).

Santos *et al.* (2016) afirmam que assim como os indivíduos, as organizações também possuem identidades, as quais compreendem as crenças compartilhadas pelos sujeitos sobre o que é central, distintivo e duradouro na organização. Com isso, as organizações trilham um caminho similar ao dos sujeitos na construção de sua identidade, sendo ininterrupta, em que o passado corrobora na construção do futuro. Para esses autores, a identidade organizacional pode ser vislumbrada como um resultado temporário de um contínuo processo interminável de reconstrução das narrativas organizacionais, ou pode ser considerada múltipla, flexível e mutável, o que vai depender dos acontecimentos, dos resultados e dos impactos da organização.

Nesse sentido, Fischer, Waiandt e Silva (2008) relataram que existem dois tipos de organizações ou identidades organizacionais: a organização mecânica e a organização orgânica. Para elas, a organização mecânica seria caracterizada pela formalidade, com um organograma detalhado e rígido, pela pouca comunicação entre os diversos setores, sendo mais frequente em um contexto setorial estável (pouca inovação tecnológica, demanda regular e previsível). Já na organização orgânica, a comunicação é descentralizada e difusa, sendo mais frequente em um meio ambiente com uma alta taxa de inovação e um mercado caracterizado por uma forte concorrência.

Apoiado nos estudos organizacionais, é possível compreender que as organizações estão sempre em processo de mudança; e que as mudanças internas e externas às organizações (re)constroem suas percepções, crenças e hábitos dos indivíduos e as próprias atividades das

organizações. Couto, Honorato, Silva (2019), apoiados no decolonialismo, entendem que, para os estudos organizacionais, as identidades organizacionais passam por um (re)começo diário, um processo contínuo, no qual a experiência do dia anterior é instrutiva, mas não determinante do que será feito a cada dia, ou seja, da organização que surge a cada dia. Não há uma essência sólida, que não se modifica. Há um processo de atribuição de sentido ou a inter-relação entre as categorias cognitivas genéricas e emergentes que conecta as ações passadas, as presentes e também os artefatos, formando uma malha estável-instável, sendo a única estrutura existente.

As intensas mudanças e discussões culturais que vêm acontecendo desde as últimas décadas do século XX atingem amplitudes mundiais, democratizando o acesso às novas tecnologias e introduzindo mudanças na forma de compreender o tempo e o espaço para as organizações (OURIQUE, 2010). Segundo Couto, Honorato e Silva (2019), a mudança e a instabilidade nas organizações são compreendidas como feitos rotineiramente presentes na realidade social, superando a noção de que a transformação e a improvisação são casos especiais da ordem e da estabilidade (um epifenômeno) e fazendo-nos crer que, mesmo as rotinas, são potencialmente instáveis, fruto das mutações passadas.

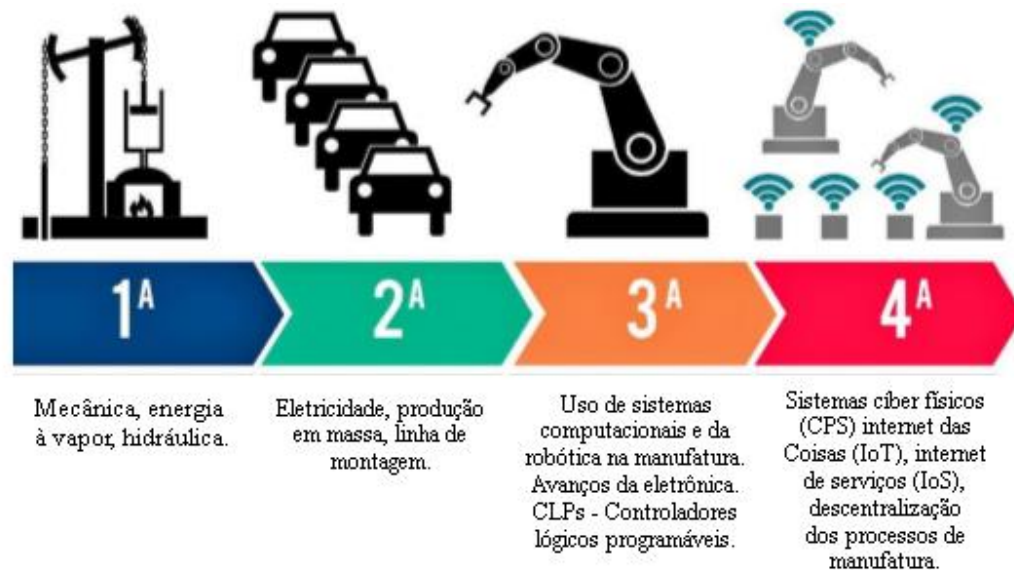
2.1.3.1 A contabilidade na Indústria 4.0

No contexto dos estudos organizacionais emerge um debate sobre as convergências trazidas no período do industrialismo para tratar dos impactos da tecnologização. A Revolução Industrial tornou mais evidente o aspecto de mudanças nas estruturas tracionais e na economia no período, e deu suas contribuições concretas nas transformações ocorridas na organização do trabalho e na tecnologia, destacadas pelos teóricos pós-fordistas (FISHER; WAIANDT; SILVA, 2008).

Dessa forma, o surgimento da indústria foi um marco para a virada organizacional e, com o passar dos anos e frente às constantes inovações tecnológicas, a indústria passou por importantes e profundas mudanças, todas serviram para mudar de forma considerável o desenvolvimento de uma sociedade, que hoje assiste a uma transformação tecnológica sem precedentes e precisa a todo custo adaptar-se a essa realidade (SAKURAI; ZUCHI, 2018). O caminhar evolutivo da indústria categoriza-se por algumas revoluções industriais que, conforme Silva e Olave (2018), foram demarcadas pela inserção de novas tecnologias que acarretaram transformações nos modos de produção e influenciaram as estruturas sociais,

políticas e econômicas. Historicamente, foram acometidas quatro revoluções industriais classificadas, conforme demonstrado na Figura 1.

Figura 1 – As quatro revoluções industriais



Fonte: Adaptado de Sacomano *et al.* (2018).

A primeira Revolução Industrial foi marcada pela transição do trabalho manual para máquinas alimentadas a vapor (SANTOS *et al.* 2018) e ocorreu na Inglaterra, segundo Sakurai e Zuchi (2018), no final do século XVIII e início do século XIX, entre 1760 e 1860, e depois se estendeu para outros países como: França, Bélgica, Holanda, Rússia Alemanha e Estados Unidos. Nesse contexto, essa primeira revolução foi caracterizada pela mecanização da produção por meio do uso de energia hídrica e a vapor com a introdução de equipamentos de fabricação mecânica (SILVA; OLAVE, 2018). Na indústria 1.0 foi provocada a evolução do setor produtivo e de transporte, com a utilização do carvão como fonte de energia e, então, a descoberta da máquina a vapor e a locomotiva. A indústria têxtil foi a primeira a utilizar a nova tecnologia da máquina a vapor. Depois disso, muitos outros setores resolveram utilizar o meio de automação de processos e, assim, inseriram máquinas em seus processos produtivos onde a indústria têxtil passou a ser o símbolo da produção excedente (SAKURAI; ZUCHI, 2018).

Na sequência, inicia-se a segunda revolução industrial, com a introdução da eletricidade nos sistemas, caracterizada pela produção em massa e divisão do trabalho (SANTOS *et al.*, 2018). Em meados de 1870, sob o enfoque de inovações tecnológicas, a

indústria assumiu novas características. Conforme estudo feito por Sakurai e Zuchi (2018), nesse período, foi descoberta a eletricidade, a transformação do ferro em aço, o surgimento e modernização dos meios de transporte, o avanço dos meios de comunicação, o desenvolvimento da indústria química e de outros setores. Na Indústria 2.0, iniciou-se o Fordismo, termo criado por Henry Ford em 1914 que se referia aos sistemas de produção em massa, com objetivo de racionalizar a produção capitalista por meio de inovações técnicas. E nesses debates acerca do mundo das organizações, a segunda revolução destacou-se pela busca de maiores lucros, especialização do trabalho e ampliação da produção.

Segundo Santos *et al.* (2018), a terceira revolução, que vai desde a década de 1970 até os dias atuais, é caracterizada pelo uso da eletrônica e tecnologia da informação (TI) para aprimorar a automação na produção. Sakurai e Zuchi (2018) esclarecem que a Terceira Revolução Industrial surge como consequências dos avanços tecnológicos do século XX e XXI. Os autores explicam que mais do que um desejo tecnológico, a Indústria 3.0 trouxe uma renovação no processo econômico, político e social, com grande dinamismo e alta complexidade. Essa terceira revolução, conhecida também de revolução digital, “empregou a eletrônica e a tecnologia da informação (TI) para alcançar uma maior automação dos processos de fabricação, já que as máquinas assumiram não apenas uma proporção substancial do ‘trabalho manual’, mas também parte do ‘trabalho intelectual’” (SILVA; OLAVE, 2018).

De acordo com Sakurai e Zuchi (2018), o termo indústria 4.0 surgiu em 2011 na Alemanha, na feira de *Hannover*, devido à intenção de um projeto do governo com o intuito de informatizar os sistemas produtivos, por meio da implementação de tecnologias avançadas que permitissem a interconexão entre os ambientes físicos e virtuais de produção, para desenvolver uma abordagem que fortalecesse a competitividade da indústria manufatureira alemã.

A Quarta Revolução Industrial refere-se a um conjunto de transformações nos modelos de produção a partir da convergência e aplicação de tecnologias disruptivas nos sistemas industriais tradicionais, que, em outras palavras, é mais uma etapa na evolução natural dos sistemas industriais anteriores, desde a mecanização do trabalho, ocorrida no século XVIII (Primeira Revolução), até a automação da produção nos dias atuais (SILVA, OLAVE, 2018; SANTOS *et al.*, 2018).

Essa nova reforma apoia-se na revolução digital, mediante a ascensão nos sistemas produtivos tecnologicamente avançados, tendo em vista a ubiquidade e mobilidade da internet, sensores mais robustos, inteligência artificial e aprendizado de máquina (SILVA; OLAVE, 2018). Diante disso, apreende-se que a transformação da indústria 4.0 fundiu-se às

maquinas, sendo providas de elementos fundamentais, estruturantes e complementares à indústria 4.0.

Os elementos fundamentais representam a base tecnológica fundamental sobre a qual a indústria 4.0 se apoia; os elementos estruturantes são as tecnologias e/ou conceitos que permitem a construção de aplicações da Indústria 4.0; e os elementos complementares são os elementos que ampliam as possibilidades da indústria 4.0. Segundo Sacomano *et al.* (2018), os elementos fundamentais são os sistemas ciber físicos (CPS), a internet das coisas (IoT) e a Internet de serviços (IoS); os elementos estruturantes são a automação, a comunicação máquina a máquina (M2M), a inteligência artificial, Big Data Analytics, computação em nuvem, integração de sistema e a segurança cibernética; e os elementos complementares são as etiquetas de RFID, código QR, realidade aumentada, realidade virtual e a manufatura aditiva (SACOMANO *et al.*, 2018), conforme detalhado no Quadro 4.

Quadro 4 – Elementos formadores da Indústria 4.0

ELEMENTOS FORMADORES DA INDÚSTRIA 4.0	
ELEMENTOS FUNDAMENTAIS	A BASE TECNOLÓGICA FUNDAMENTAL SOBRE A QUAL A INDÚSTRIA 4.0 SE APOIA
Sistemas Ciber Físicos (CPS)	Sistemas mecatrônicos compostos por sensores e atuadores, controlados por software que, monitorando uma série de dados, supervisionam e controlam processos industriais.
Internet das Coisas (IoT)	Os agentes emissores de comunicação são as coisas, ou seja, objetos inteligentes que tem a capacidade de processamento juntamente com a capacidade de conexão com a internet.
Internet de Serviços (IoS)	São os novos serviços disponibilizados por meio da internet ou internamente à empresa.
ELEMENTOS ESTRUTURANTES	AS TECNOLOGIAS E/OU CONCEITOS QUE PERMITEM A CONSTRUÇÃO DE APLICAÇÕES DA INDÚSTRIA 4.0
Automação	A realização de tarefas sem a intervenção humana com equipamentos que funcionam sozinhos e possuem uma capacidade de controlar a si próprios.
Comunicação Máquina a Máquina (M2M)	A comunicação entre duas máquinas ou a transferência de dados de um dispositivo a um computador central por meio de um processo sobre os dados na sua geração, transmissão, análise e tomada de decisões.
Inteligência Artificial	O seu objetivo é utilizar dispositivos ou métodos computacionais de forma similar à capacidade de raciocínio do ser humano, resolvendo problemas de maneira mais eficiente possível, podendo até controlar processo de produção e auxiliar na tomada de decisões.
Big Data Analytics	A massa de informações geradas por todo sistema, que precisa ser bem analisada, pois há riquezas de detalhes significantes ao sucesso das empresas.
Computação em Nuvem	Serve para que as informações e dados sejam guardadas em uma nuvem de fácil acesso por qualquer parte do mundo que haja internet.
Integração de Sistemas	É o processo de fundir os sistemas para o funcionamento da indústria 4.0 em sua plenitude.
Segurança Cibernética	São sistemas de seguranças que proíbem o roubo dos dados, ou a entrada de elementos maliciosos na rede.

ELEMENTOS COMPLEMENTARES	ELEMENTOS QUE AMPLIAM AS POSSIBILIDADES DA INDÚSTRIA 4.0
Etiquetas de RFID	Pequenos dispositivos eletrônicos de identificação que transmitem a comunicação pro meio da radiofrequência.
Código QR	É um código de barras que armazena maior quantidade de informações como contatos, e-mails, SMS, dados de produção etc.
Realidade Aumentada	Engloba o mundo real com objetivos virtuais, o que permite observá-lo com objetivos superpostos ou composto a ela.
Realidade Virtual	Um conjunto particular de <i>hardware</i> para dar a sensação de uma realidade que não se encontra no local, uma realidade apenas virtual.
Manufatura Aditiva ou Impressão 3D	Um processo de impressão de objetos a partir da deposição de variados materiais em camadas.

Fonte: Adaptado de Sacomano *et al.* (2018).

Com um potencial bastante ambicioso, a Indústria 4.0 promete maior eficácia operacional, ganhos de produtividade, crescimento e melhoria da competitividade, bem como o desenvolvimento de novos modelos de negócios, serviços e produtos (SANTOS *et al.* 2018). E essas promessas feitas geram impactos no mundo como um todo, de modo que, para Sakurai e Zuchi (2018), o maior de todos os impactos produzidos pela Indústria 4.0 é a mudança que a mesma irá trazer em todo o contexto. Transformações estas que afetam, por exemplo, a realidade das organizações e do trabalho, possibilitando reflexões acerca do impacto delas em diversos domínios da vida social, em que se pode inferir, aqui, o impacto também nos sistemas de educação. Assim, devido ao fator de rapidez da automação, os produtos podem ser customizados, e esse fator tende a ser uma variável a mais no processo de manufatura, mas as fábricas inteligentes serão capazes de levar a personalização de cada cliente em consideração, se adaptando às preferências (SAKURAI; ZUCHI, 2018; SILVA; OLAVE, 2018).

2.1.3.2 Evolução Tecnológica

Diante da indústria 4.0, os sistemas produtivos têm se transformado com o uso das tecnologias em diversos âmbitos da sociedade, e essas transformações têm demandado a qualificação de profissionais nas diversas áreas do conhecimento para atender aos anseios da economia digital, criando, assim, novos desafios para a educação brasileira, especialmente, no âmbito da formação profissional (SILVA; OLAVE, 2020). Nesse sentido, para Sakurai e Zuchi (2018), é preciso também que os profissionais adequem sua capacidade de trabalho a essa nova realidade de grandes avanços tecnológicos.

Conforme estudo elaborado por Xavier, Carraro e Rodrigues (2020), os avanços tecnológicos têm impactado a Contabilidade e a indústria 4.0 trará demandas inovadoras e modelos de negócios que impulsionarão mudanças estruturais nessa área. Como consequência, tanto as organizações quanto os profissionais precisarão se adequar ao uso dessas novas tecnologias. Paralelo à indústria 4.0, Xavier, Carraro e Rodrigues (2020) fizeram um apanhado da contabilidade decalcada em cada revolução industrial, e que foi sintetizado no Quadro 5 a seguir.

Quadro 5 – Impactos causados pelas revoluções industriais na contabilidade

REVOLUÇÃO INDUSTRIAL	IMPACTOS NA CONTABILIDADE
PRIMEIRA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL	Nesse período, quase só existia a Contabilidade financeira que, desenvolvida na Era Mercantilista, estava bem estruturada. Os profissionais contábeis eram vistos como pessoas que se restringiam apenas aos registros das movimentações das organizações, não tendo influência para análises de resultado e tomadas de decisão.
SEGUNDA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL	A energia elétrica e o petróleo impulsionaram a Indústria 2.0, momento em que a Inglaterra proporcionou grandes avanços para a Contabilidade, os britânicos estavam na vanguarda em relação à regulamentação de empreendimentos e às aplicações em empresas de capital aberto.
TERCEIRA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL	Marcam a terceira revolução: a popularização dos computadores pessoais e o surgimento da Tecnologia da Informação (TI) voltada para escritórios, composta por sistemas de automação focados no gerenciamento de documentos, a evolução dos <i>softwares</i> , o desenvolvimento de planilhas eletrônicas e o aprimoramento da internet possibilitaram o processamento de dados em tempo real.
QUARTA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL	Quarta Revolução Industrial consiste em um conjunto de tecnologias que permitem a fusão do mundo físico e digital, e causará, no âmbito econômico, impactos na produtividade, no crescimento e no emprego.

Fonte: Adaptado de Xavier, Carraro e Rodrigues (2020).

Nesse cenário mutável, o contador se evidencia como uma nova peça na gestão estratégica e das informações prestadas pela contabilidade que são indispensáveis para a tomada de decisões em qualquer empresa (SANTOS; ARAUJO; CAVALCANTE; BARBOSA, 2014). Esse sujeito passou a participar mais no processo de gestão como um “parceiro de negócios”, exercendo funções que envolvem não apenas registrar e analisar, mas, sobretudo, interpretar, prever, julgar, liderar e sugerir (GUIMARÃES, 2006; MACHADO; CASA NOVA, 2008; MARIN; LIMA; CASA NOVA, 2014). Assim, a Ciência Contábil precisa superar os limites impostos pelo paradigma dominante e por modelos epistemológicos que não contemplam a complexidade existente e que reproduzem uma visão simplista da essência da Contabilidade (DA SILVA, 2015).

De certo modo, as transformações no cenário da contabilidade influenciam diretamente as demandas e procedimentos que antes apenas adotava regras e normas contábeis para as suas práticas (CORREIA, 2018). Em uma era de competitividade global, é importante estar atualizado para poder acompanhar a evolução do mercado. Em busca de melhores resultados, as organizações estão investindo no seu capital intelectual, sendo este o diferencial que faz uma empresa conquistar o mercado (OLIVEIRA *et al.*, 2011).

Conforme Santos (2019), no ambiente caracterizado por mudanças, a evolução tecnológica assume um papel central e de muita importância, dado que ela altera a forma como os indivíduos interagem, remodela a natureza competitiva de muitas indústrias e modifica as relações de trabalho. A tecnologia é ferramenta constante utilizada na atualidade, a mesma tornou-se motor de inúmeras mudanças sociais e impactou alguns cenários, tornando-se fundamental para garantir a empregabilidade futura.

A partir dessa virada tecnológica na atualidade, diversas áreas de atuação profissional foram afetadas fortemente e, em particular, a área contábil, que vem sofrendo transformações pelo impacto das novas ferramentas computacionais e de comunicação (SEBOLD *et al.*, 2012). Para a sociedade e os meios do governo, inúmeros são os benefícios dessas inovações tecnológicas, tais como segurança, tempestividade e qualidade da informação, mas a área contábil vem impondo a necessidade de refletir, cada vez mais, sobre os impactos gerados da tecnologia no centro das mudanças nas profissões (SANTOS, 2019; FERREIRA, 2019).

A esse cenário mutável na tecnologia, um dos grandes labores da profissão é a escrituração contábil, que foi se modificando conforme os anos. Segundo Sebold *et al.* (2012), a princípio, a escrituração contábil era manuscrita, preenchendo-se os principais livros, como diário, razão, caixa, controle de duplicatas a receber, controle de contas a pagar, entradas e saídas de mercadorias. Logo depois, a escrituração passou a ser feita com o auxílio de máquinas de datilografia e processadoras automáticas. E, a partir da década de 80, houve um enorme crescimento no uso e disseminação dos microcomputadores, e a escrituração passou a ser feita eletronicamente, utilizando-se de grandes equipamentos, também conhecidos como servidores ou *mainframes*, que dão suporte a inúmeros terminais conectados em rede (SEBOLD *et al.*, 2012).

Com esse panorama, outro marco importante para o labor contábil é a implementação do SPED. Segundo Xavier, Carraro e Rodrigues (2020), o Sistema Público de Escrituração Digital (SPED) foi instituído em 2007, por meio do Decreto nº 6.022, que evidencia recursos como a Escrituração Contábil Fiscal (ECF), a Escrituração Contábil Digital (ECD), o Conhecimento de Transporte eletrônico (CT-e) e a Nota Fiscal Eletrônica (NF-e).

Segundo Sebold (2012), o SPED consiste na modernização da sistemática atual de cumprimento das obrigações acessórias por parte dos contribuintes, transmitidas às administrações públicas e aos órgãos fiscalizadores, com isso, os contribuintes não mais remeterão as informações para cada um dos órgãos fiscalizadores em papel, mas, sim, por meio de um sistema digital *online*.

O SPED faz com que os cientistas contábeis comecem a repensar suas atividades profissionais para manter-se atualizados, pois, com esse sistema, tornou-se um desafio aos profissionais contábeis processar os dados empresariais, gerando informações tributárias e contábeis com a velocidade e a qualidade requeridas pelo fisco; sendo assim, o velho modelo de troca de dados entre empresas e organizações contábeis apresenta sinais claros de obsolescência (MARTINS *et al.*, 2018).

O procedimento mecanizado é característico no processo de escrituração contábil por muitas organizações, e com a implantação de sistemas como o SPED, os escritórios contábeis tiveram de se adaptar a tais modelos, e a elaboração dos demonstrativos acontece em formato eletrônico ou através do preenchimento das informações diretamente na página da internet (FERREIRA, 2019; SEBOLD, 2012).

Com esse panorama, Martins *et al.* (2018) compreendem que a contabilidade precisou se adaptar à era digital, exigindo de seus profissionais maior interação com a tecnologia, pois além de contabilizar, o profissional precisa estar familiarizado com as ferramentas tecnológicas, a fim de efetuar a entrega, conferência e análise dos dados que compõem as obrigações acessórias das empresas. Paula *et al.* (2015) exemplificam essas mudanças nas atividades profissionais dos contadores, destacando que algumas tarefas já são desenvolvidas dentro de *softwares* mais específicos, como os lançamentos de débito e créditos, balancetes mensais, escrituração de livros fiscais, Demonstração do Resultado do Exercício e outros.

O que se tenciona nessa evolução das práticas contábeis é que, cada vez mais, as atividades dos contadores, de natureza técnica como a escrituração das obrigações fiscais e legais das empresas e apuração de impostos, tendem a ser reduzidas ou substituídas por sistemas de informação contábil, a exemplo do Sistema Público de Escrituração Digital – SPED (CORREIA, 2018).

A evolução tecnológica ainda está em fase processual, e subsidiado pelos feitos da Indústria 4.0. Xavier, Carraro e Rodrigues (2020) preveem que ainda haverá grandes impactos no âmbito econômico, na produtividade, no crescimento e no emprego. No tocante à produção e ao desenvolvimento, os autores ressaltam que surgirão novas demandas e regras de

competitividade. Na esfera do trabalho contábil, eles mostram que não haverá desemprego em massa, mas transformação e surgimento de carreiras.

Essa constante adaptação impactará também em sua profissão e, segundo Cosenza (2001), os dias estão contados para aqueles profissionais que ainda ficam presos ao passado e só conhecem, exclusivamente, a contabilidade, em termos de ‘partidas dobradas’, debitando e creditando sem agregar nenhum valor à empresa. Logo, o trabalho contábil passa por mudanças e esses sujeitos também na mesma dimensão.

A evolução tecnológica tem tomado grande proporção e suas mudanças refletem nos procedimentos contábeis, fazendo com que os profissionais comecem a buscar formas de desenvolverem suas competências e de adquirirem novas habilidades e conhecimentos (MOHAMED; LASHINE, 2003). Fortes (2009) compreende essas mudanças como “uma revolução silenciosa” que tem implicação na gestão das organizações e, principalmente, no campo contábil e jurídico, atingindo diretamente o profissional da contabilidade que precisa participar efetivamente como ator no processo das mudanças e inovações na contemporaneidade.

Nessa perspectiva, visualizamos que as demandas mais mecanizadas estão em processo de defasagem devido à inovação tecnológica. Com isso, os profissionais são demandados a entrar em uma torrente de transformação, a fim de garantir uma vida profissional mais longa, fazendo com que os profissionais contábeis remodelem suas funções a partir das novas demandas sociais (SANTOS, 2019; SILVA, 2019).

2.1.3.3 Inteligência artificial

A sociedade atual está passando por um período de mudanças significativas decorrentes do avanço exponencial da tecnologia, e muitas dessas transformações se relacionam significativamente com as atividades humanas, tal como a inteligência artificial (SANTOS, 2019), que tem sido colocada como uma das fortes justificativas para se repensar o profissional contábil o qual deverá se atualizar a essa nova demanda tecnológica. Diante da Revolução 4.0, da potencialização das gerações cognitivas e da inteligência artificial, é necessária a retomada da concepção da universidade para promover ciência e pensamento crítico reflexivo no século XXI (RESENDE, 2018).

Para Santos (2019), a inteligência artificial é um sistema processador que faz com que o computador pense de forma inteligente. Com ela é possível simular a capacidade humana e o conhecimento das máquinas se baseia em dados históricos, possibilitando a automatização

de processos, a resolução de problemas complexos e até mesmo a antecipação de falhas. Se formos observar, a inteligência artificial está imersa no cotidiano dos seres humanos, estando presente em diversidade de máquinas e sistemas computacionais, nos quais as pessoas interagem no seu dia a dia, tais como: caixas eletrônicos, guichês de *check-in* em companhias aéreas, sites de internet, entre outros (SOUZA, 2014).

À luz do cenário empresarial, a inteligência artificial é vista como uma peça chave, pois graças às análises de bancos de dados, esses programas ajudam a projetar cenários futuros que suportam as decisões organizacionais (SANTOS, 2019). E quando se relaciona com a contabilidade, Souza (2019), em sua pesquisa, averigua que ela está presente desde a década de 1990, quando diversos artigos foram publicados sobre o desenvolvimento dos sistemas tecnológicos atrelados à ciência contábil. Alguns avanços da tecnologia contábil foram: a Nota Fiscal Eletrônica (NF-e), a popularização e o desenvolvimento de sistemas integrados de gestão (ERP) que permitem que as empresas tenham todas as suas transações conectadas por um único sistema, em uma única base de dados (SOUZA, 2014).

Há frequentemente um discurso sobre o desaparecimento de algumas profissões devido à automação e que muitos trabalhos serão executados pelos computadores. Há quem indexe a contabilidade à essas profissões em desaparecimento, mas, de acordo com Santos (2019), o que irá acontecer é uma transformação profissional a diversos cenários, tendo que considerar a dinâmica do mercado brasileiro.

A tendência é que essas profissões fiquem cada vez mais centradas em tarefas intensivas em criatividade e análise crítica, e gradualmente se afastem de atividades corriqueiras, o que deixa evidente a necessidade de mudança no perfil dos profissionais contábeis, tradicionalmente ligados aos aspectos técnicos de escrituração e contabilização, para um perfil mais dinâmico, ligado aos aspectos gerenciais do negócio (SANTOS, 2019; SOUZA, 2014).

Mediante aos impactos na contabilidade, recentemente o CFC criou uma comissão permanente para o acompanhamento das mudanças tecnológicas e de sua influência na profissão contábil, buscando analisar e tratar os impactos da inteligência artificial e vislumbrar horizontes da profissão (SANTOS, 2019). Em conformidade com o que já foi discutido, a profissão contábil terá que passar por um processo de convergência e se adaptar à vanguarda do uso da tecnologia voltada ao ambiente econômico e empresarial. O trabalho de Xavier, Carraro e Rodrigues (2020) abordou os impactos da evolução da tecnologia no mundo para as demandas dos contadores, e os resultados encontrados os permitiram concluir que a maioria dos profissionais contábeis acredita que aspectos tecnológicos causaram e estão

causando impactos na Contabilidade, a ponto de acarretar mudanças estruturais na profissão, em virtude das transformações ocorridas no mercado de trabalho, causadas pelos avanços tecnológicos.

Para encerrar cada seção teórica, foi feita uma revisão das obras que foram utilizadas, com intenção de demonstrar a convergência existente entre os elementos e critérios específicos da contabilidade para a metáfora da virada que foi debatida. No caso da virada organizacional, os estudos abordam os impactos da tecnologia e da indústria 4.0 para a contabilidade, e usam em suas premissas termos como transformação, evolução, mudanças, adaptação, entre outros, complementando a necessidade de que as organizações seguem as mudanças do ambiente dada na metáfora da virada organizacional para a contabilidade, conforme detalhado no Quadro 6 a seguir:

Quadro 6 - Estudos anteriores que abordam a virada organizacional

ASSUNTO	TÓPICOS	AUTORES
A contabilidade na Indústria 4.0	VIRADA ORGANIZACIONAL	Fischer, Waiandt e Silva (2008); Couto, Honorato e Silva (2019); Silva e Olave (2018); Sakurai e Zuchi (2018); Santos <i>et al.</i> (2018); Saconamo <i>et al.</i> (2018);
EVOLUÇÃO TECNOLÓGICA		Santos (2019); Souza (2014); Souza (2019);
Inteligência artificial		Souza (2014); Souza (2019); Santos (2019); Ferreira (2019); Sebold <i>et al.</i> (2012); Xavier, Carraro e Rodrigues (2020).

Fonte: Elaboração própria (2020).

2.1.4 Quadro resumo das Viradas

O Quadro 7 seguinte faz um resumo sobre todo esse processo evolutivo da ciência contábil. Foi executada uma pesquisa junto ao levantamento bibliográfico para a execução desse quadro e, basicamente todos os artigos fizeram menção de alguma virada na contabilidade. Para tanto, foram utilizados alguns critérios, como termos relacionados aos assuntos que foram debatidos na virada linguística, histórica e organizacional, tais como: internacionalidade, indústria 4.0, tecnologia, inteligência artificial, normatização, ensino, prática profissional, competências, habilidades, dentre outros.

Quadro 7 – Revisão bibliográfica sobre a presença das viradas nas pesquisas

VIRADA	TERMOS RELACIONADOS	CITAÇÃO	AUTOR
Virada linguística	<i>Mudanças; ampliação</i>	Fica evidente que as mudanças no ambiente de negócios, influenciadas principalmente pela globalização econômica, requerem, para uma atuação competente, a ampliação de conhecimentos, habilidades e valores dos contadores.	Da Silva (2015)
	<i>Articula teoria e prática, convergência</i>	Um processo de formação contábil que articule teoria e prática , conteúdo e método na apropriação conceitual dos fundamentos do conhecimento contábil possibilitaria ampliar a compreensão do contexto social e das mudanças culturais que implicam desenvolver o conhecimento contábil e social pela adoção à convergência .	Laffin (2015)
	<i>A falta de articulação</i>	Alguns pontos que necessitam ser melhorados no curso são: a ênfase disciplinar excessiva, a falta de articulação entre as disciplinas da área contábil com o mercado contábil.	Marin, Lima e Nova (2014)
	<i>Não estão alinhados</i>	Os alunos não concordam totalmente que os conteúdos específicos estão alinhados com os requisitos do mercado e que o curso trabalha com conteúdos atualizados ou que estimula a aquisição de conteúdos complementares que transcendem a sala de aula.	Santos <i>et al.</i> (2014)
	<i>A falta de conciliação da teoria com a prática</i>	Na percepção dos acadêmicos concluintes, a falta de conciliação da teoria com a prática ao longo do curso de contabilidade e a falta de um programa próprio para a prática contábil são os itens com maior deficiência do processo de aprendizagem.	Silva e Santana (2014)
	<i>As mudanças esperadas nas competências; alterações no ambiente</i>	os educadores devem antecipar as mudanças esperadas nas competências e habilidades dos contadores e desenvolver cursos e métodos de ensino visando ao mercado de trabalho devido as constantes alterações no ambiente de negócios do país.	Ott <i>et al.</i> , (2011)
Virada histórica	<i>Atualização e adequação; mudanças</i>	No âmbito da atividade contábil, os desafios de atualização e adequação são constantes em função das mudanças e da instabilidade social, em função da cultura, das leis, dos princípios e normas que regem a atividade contábil.	Laffin e Castro (2015)
	<i>Convergência; harmonização</i>	A busca por uma convergência contábil em âmbito mundial passa por uma discussão mais profunda sobre a harmonização dos padrões de ensino em cursos de Ciências Contábeis.	Jacomossi (2015)
	<i>Mudanças, demandando novo</i>	As mudanças do saber contábil, fruto da internacionalização das normas, têm suscitado outras exigências e demandado um novo perfil profissional.	Correia (2018)
	<i>Mudanças; alinhamento</i>	O cenário contábil brasileiro vem sofrendo uma série de mudanças que rege as práticas contábeis brasileiras, dando início ao alinhamento do processo de internacionalização de sua contabilidade.	Meirelles (2019)
	<i>Desafios e mudanças; adaptação</i>	As práticas contábeis adotadas no Brasil devem ser agora harmonizadas com as normas internacionais. O profissional de contabilidade enfrenta os desafios e mudanças em velocidade cada vez maior, e deve se adaptar para atender às demandas em tempo hábil.	Filho, Lima e Bruni (2015)
	<i>Passam a exercer; requer atualização</i>	Os gestores de informações contábeis passam a exercer um papel de fundamental importância na perfeita adoção com as normas internacionais de	Martins (2017)

		contabilidade. Essa realidade requer do profissional contábil uma atualização para atuar nesse novo mercado.	
Virada organizacional	<i>Superar os critérios antigos</i>	O sucesso dos recursos eletrônicos na Contabilidade estimulou a admitir-se o emprego da “Inteligência Artificial” e entendeu-se que até pudesse superar os critérios antigos dos usos de Planos de Contas e da própria Partida Dobrada.	Ferreira (2019)
	<i>Processo de mudança; alterações</i>	O ambiente de trabalho do profissional contábil está em constante processo de mudança , decorrente de avanços propostos por órgãos reguladores e alterações nas tecnologias da informação e da comunicação.	Morais e Campos (2016)
	<i>Preparar e ajudar; adaptar-se aos desafios</i>	Os avanços em inteligência artificial, automação e outras tecnologias são mais expressivos a cada dia e é necessário foco na educação profissional a fim de preparar e ajudar as pessoas a se adaptarem aos desafios resultantes desse processo.	Santos (2019)
	<i>Demanda um novo profissional contábil</i>	A sociedade demandou um novo profissional contábil , na vanguarda da tecnologia, focado no negócio da empresa, participando da gestão e provendo informações úteis para a tomada de decisão.	Souza (2014)
	<i>Avanços; novas maneiras</i>	Em constante desenvolvimento, a humanidade vem passando por muitos avanços tecnológicos e o profissional contábil está aprendendo novas maneiras de executar suas tarefas na sociedade.	Santos, Santos e Silva (2015)
	<i>Adaptou-se; o profissional precisa fazer</i>	A contabilidade adaptou-se à era digital, exigindo de seus profissionais maior interação com a tecnologia da informação (TI), através da qual, além de contabilizar, o profissional precisa fazer a conferência e análise dos dados que compõe as obrigações das empresas.	Martins (2018)
	<i>Manter-se em constante capacitação, adaptando-se às novas mudanças</i>	Com as modificações no âmbito mundial em virtude da globalização, as informações são transmitidas com maior velocidade e a contabilidade necessita acompanhar esses avanços e se manter em constante capacitação, adaptando-se às novas mudanças .	Paula <i>et al.</i> (2015)

Fonte: Elaboração própria (2020).

2.1.5 Estudos Anteriores

Para finalizar, apresentamos duas revisões elaboradas para contribuir com o estado da arte desta pesquisa. A primeira buscou identificar as produções acadêmicas (APÊNDICE A), como artigos, dissertações e teses, que tinham relação com o objetivo de estudo e com as viradas. O segundo trouxe uma contribuição de temas que vão além da bibliografia, como as convenções e encontros promovidos pelo conselho regional de contabilidade de cada estado sobre uma das temáticas abordadas neste estudo.

O processo de revisão bibliográfica limitou-se a estudos publicados no recorte temporal de sete anos (2013/2020) de artigos, dissertações e teses que traziam contribuições

para o tema proposto neste projeto. Para o levantamento de pesquisas, foram utilizadas as bases do Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), da plataforma Capes e da Plataforma *Spell*, encontrando um total de 12 produções: cinco artigos, seis dissertações e uma tese. Dessas doze produções, houve uma separação para cada virada (linguística, histórica e organizacional), sendo 4 produções para cada uma. Com a leitura das obras, foi possível compreender que todas as pesquisas dialogam sobre mudanças nas atividades contábeis e suas consequências. Caminhando entre os ambientes profissionais e acadêmicos, as obras chegavam numa mesma linha de assuntos para os resultados, versando sobre a convergência, mutação ou o descompasso entre a linguagem e a realidade do que se entende por contabilidade.

Com o intuito de dar mais robustez à pesquisa, foi realizado um levantamento (APÊNDICE B) com a análise dos temas que são aplicados nos eventos de contabilidade em escala nacional. Para tal busca, foram utilizados alguns critérios: o tempo da busca será de no máximo dez anos; só foram selecionadas convenções estaduais promovidas pelo conselho da classe. Assim, foram feitas três análises: temas mais debatidos no geral, temas mais debatidos para cada ano e relação dos temas debatidos com a área proposta na dissertação. A partir de então, foram encontrados 87 eventos propostos pelos conselhos estaduais de contabilidade.

Com base nos dados extraídos, pode se observar que, dos 87 eventos, 15 dialogavam sobre tecnologia; 7 sobre a internacionalidade; 5 sobre o ano de 2013 ser o ano da contabilidade; 6 sobre controle; 4 sobre empreendedorismo; 7 sobre ética; 6 sobre gestão; 3 sobre a profissão contábil; 7 sobre a importância para a sociedade; 7 sobre sustentabilidade; 9 sobre a teoria-prática; 8 sobre transformação; 1 sobre a internacionalidade com a tecnologia; 1 sobre ética e tecnologia; e 1 sobre tecnologia e empreendedorismo.

Um ponto interessante ao debate da tecnologia é que, dos treze eventos que ocorreram em 2019, oito tinham como foco a tecnologia, demonstrando que esse tema, além de atual, é necessário pra ser dialogado. À luz da internacionalidade, 4 dos seis eventos que ocorreram em 2011 tinham como foco os debates sobre esse processo de convergência à internacionalização. E, para os estudos da teoria-prática, competências, mercado de trabalho, tinham nove eventos, que ocorreram em períodos diversos. É oportuno falar de dos 87 trabalhos, 63 falam sobre mudanças, convergência, desafios, transformação, entre outros, mostrando que existem eventos debatendo sobre as mudanças na contabilidade e sua necessidade de adaptação. E o termo “desafios” aparece no tema de onze eventos dessa pesquisa.

Abordando os temas que tinham maior proeminência em cada ano, é importante colocar no primeiro ano de 2011 a internacionalidade com quatro dos seis trabalhos. No ano de 2012, os eventos reduziram e o foco dos três trabalhos foram dois para tecnologia e um para sustentabilidade. Dos treze trabalhos de 2013, o foco foi dado ao tema “2013, o ano da contabilidade”, provavelmente, houve algum motivo, seja da transformação, ou da sua representatividade que fizeram com que grandes eventos se voltassem para esse cenário. No ano de 2014, houve seis eventos, e com áreas variadas de debates, mas a internacionalidade aparece em dois dos seis eventos. Em 2015, dos dezesseis trabalhos avaliados, 4 falam sobre a tecnologia, 4 sobre ética, 3 sobre relação teoria-prática, 2 sobre a internacionalidade e entre outros. Em 2016, houve seis eventos, e com áreas variadas de debates, mas a gestão aparece em dois dos seis eventos. Em 2017, os desafios da profissão e a transparência são os temas mais frequentes, aparecendo em três eventos cada tema. Em 2018, dois dos quatro trabalhos abordavam os temas de controle. E no ano de 2019, como já foi dito, a tecnologia tornou-se protagonista em quase todos os trabalhos.

As revisões possibilitaram constatar que, tanto as produções quanto os eventos se voltam ao fenômeno de estudo desta pesquisa, que tem como diferencial dos estudos apresentados a tentativa relacionar as mudanças presentes na sociedade e na contabilidade para a formação contábil. Assim, a partir dos resultados encontrados nas revisões, é assertivo dizer que é importante a observação dessa problemática proposta neste projeto com o intuito de contribuir para uma formação contábil interativa com o que se pratica contabilmente.

2.2 A SOCIALIZAÇÃO PROFISSIONAL PARA A FORMAÇÃO CONTÁBIL

Esta seção foi subdividida em subseções com o intuito de se fazer a contextualização entre tópicos que dialogam sobre a formação profissional contábil e a escolha teórica trazida por esta pesquisa que foi a do interacionismo simbólico. Para se contemplar a contextualização da socialização profissional na formação contábil, é necessário estabelecer uma sequência teórica da revisão de literatura, iniciada pelo aporte teórico e representada pela corrente interacionista que existe na sociologia das profissões; em seguida partimos para o processo de formação dos sujeitos de modo profissional, dialogando sequencialmente entre as subseções da formação de sujeitos para a formação profissional e fechando com a formação do profissional contábil e sua ramificação de áreas de trabalho.

2.2.1 Sociologia das Profissões

As profissões estão na nossa sociedade há anos e seu conceito foi desmembrado por diversos autores, quando se começa a falar da sociologia das profissões. Mintegui (2014) afirma que as profissões encarnam um ideal de serviço. A sociologia das profissões é o campo da sociologia que se preocupa com a implantação, desenvolvimento, formação e institucionalização das profissões (OLIVEIRA, 2014). E, conforme Rodrigues (2002), essa teoria tinha uma história já bem antiga, mas quase toda ela feita dentro dos paradigmas teóricos desenvolvidos pela sociologia norte-americana. Ora, em França ou em Portugal, naqueles anos, os (principais) autores americanos eram estudados, mas, sobretudo, como objeto de exercício crítico acadêmico, sendo raramente seguidas as suas orientações. Seu marco inicial é a crise de 1929, quando os sociólogos americanos estavam preocupados em alinhar-se com as políticas de estado (Governo Hoover) que desejavam representar as classes mais favorecidas, valorizando a categoria “profissional” diante de “operários” e “empresários” (MINTEGUI, 2014).

Todavia, somente na década de 1980, é que há certa inovação acerca do tema com novos autores armados de conceitos e modelos analíticos para a sociologia das profissões (OLIVEIRA, 2014). Os tempos tinham mudado e, dessa vez, encontraram uma significativa resposta por parte de investigadores europeus, desejosos de investir em terrenos, até então, quase inexplorados do lado de cá do Atlântico (RODRIGUES, 2002).

Dessa forma, o que a sociologia das profissões avalia? Para Oliveira (2014), a sociologia das profissões se preocupa em responder questões, tais como: O que é uma profissão? Como uma ocupação se transforma em profissão? Qual é a função social das profissões? Qual é o sentido da evolução das profissões?

Rodrigues (2002) lembra que a mesma apresenta-se como um manual de estudo que pode situar ou estabelecer um plano de observação e análise dos mais variados grupos ocupacionais. Além disso, para Mintegui (2014), a sociologia das profissões desenvolveu-se chegando a compreensões distintas a respeito da caracterização das profissões, bem como seu impacto e importância na explicação do funcionamento da sociedade.

A sociologia das profissões é caracterizada e periodizada em correntes trazidas por alguns sociólogos. Em suma, Mintegui (2014) lembra que existem quatro fases sequenciais:

- Uma primeira fase, em que se teria estabelecido a noção do campo da própria análise em questão, tendo contribuição tanto funcionalista quanto da corrente interacionista simbólica (1930-1960).
- Uma segunda fase teria sido caracterizada como tomada pelas críticas às teses funcionalistas e por revisionismos (até fins dos anos 1970).
- Na terceira fase teria sido sedimentada uma diversidade de quadros teórico-metodológicos, que teriam ampliado as perspectivas do período anterior (foco nas teses de poder, monopólios e a abordagem sistêmica).
- Uma última fase cobriria a fase contemporânea, em que ganhariam destaque abordagens sistêmicas e comparativas. (MINTEGUI, 2014, p.38)

Partindo dessas quatro fases da sociologia das profissões, inicialmente a primeira fase se subdivide em algumas correntes: funcionalista, interacionista e neoweberianas. Cada uma delas é uma forma de estudar o desenvolvimento das profissões na sociedade (LINDEN, 2017).

A primeira corrente a existir na sociologia das profissões foi a funcionalista, que abrange os trabalhos iniciais de Flexner, em 1915 até o final da década de 60, século XX, defendendo o estudo das profissões de maneira isolada (FLECK, 2014). Figuras destacadas a essa corrente são Carr-Saunders, Parsons e Merton. Aos olhos destes, os “profissionais” constituíam um modelo superior e completo com pontos de contato, como modelo do ofício, para as atividades produtivas, e as restantes que não conseguiam atender a esses requisitos eram chamados de ocupação (RODRIGUES, 2002).

A profissão é uma fase acima da ocupação e, para uma ocupação tornar-se uma profissão carecia dos pressupostos listados por Fleck (2014) e Rodrigues (2002), a saber: o estatuto profissional resulta do saber científico e prático e do ideal de trabalho, corporizados por comunidades formadas em torno da mesma classe de saber, dos mesmos valores e ética de serviço; o reconhecimento social da competência é adquirido por meio de uma formação longa. O conhecimento é a variável central. Para se alcançar o estatuto de profissão, são necessários elevados níveis de conhecimento e dedicação; e as instituições profissionais respondem às demandas sociais – ocupam uma posição intermediária entre necessidades individuais e sociais.

Posterior ao funcionalismo, tem-se a abordagem do interacionismo. O principal teórico do interacionismo simbólico é Hughes (1992). Essa teoria estuda as profissões a partir de sua interação e no seu desenvolvimento (LINDEN, 2017). Fleck (2014) entende que, na perspectiva do interacionismo simbólico, a identidade é concebida como resultado de um processo de socialização. Processo este que não pode ser reduzido a uma dimensão única, mas

sim a diversas esferas da realidade social. Somos socializados, ou seja, transformados em seres capazes de viver em sociedade, pela internalização das coerções sociais.

Na perspectiva interacionista, a formação profissional passa a ser um meio, um recurso e não um atributo (FLECK, 2014). Apoiando em Dubar (2005), o interacionismo é um processo e a sua ênfase é empregada no processo de transformação das profissões, nas suas interações e nos seus conflitos, assim como nos meios e recursos mobilizados nesse processo, atentando-se para o papel das reivindicações e dos discursos sobre o saber. Os interacionistas não entendem o mundo do trabalho apenas como uma transação econômica, mas também colocam em destaque a personalidade individual e a identidade social do sujeito.

O mundo do trabalho, na corrente interacionista, é tomado pela ótica social e não reduzido a uma simples transação econômica; mobiliza a personalidade individual e a identidade social do sujeito, cristaliza suas esperanças e sua imagem de si, engaja sua definição e reconhecimento sociais (MINTEGUI, 2014).

A dita identidade social dos sujeitos é construída relativamente a uma época e seu contexto social histórico. Essa ideia pressupõe que as identidades não são postas, mas, sim, construídas. A identidade sofre transformações ao longo do tempo e é situacional, ou seja, varia de acordo com a época, o contexto e as relações estabelecidas pelos sujeitos (FLECK, 2014). Para caracterizar a identidade, Dubar (2005) aponta três etapas processuais: a construção da identidade, que corresponde à formação profissional inicial; consolidação da identidade, ligada à inserção e aquisição da qualificação profissional; e o reconhecimento da identidade, pautado pelo amadurecimento da identidade.

A essa primeira etapa, vale ressaltar, por intermédio de Oliveira (2014), que as correntes funcionalistas e interacionistas não são antagônicas. Com efeito, para este autor, a abordagem interacionista pode ser considerada como um modelo complementar ao processo de estudo das profissões.

O segundo momento das sociologias das profissões é tomado pela ótica do poder paralelo à estratificação neoweberiana. A corrente do poder trata-se de um movimento crítico que leva em conta questões de poder profissional, econômico, social e político dos próprios grupos profissionais, e como essa a autonomia profissional está sendo reduzida em decorrência de processos socioeconômicos e de formas de controle externo sobre a profissão, como as inovações tecnológicas e a especialização (FLECK, 2014).

A corrente do poder é marcada pelas contribuições de Johnson (1972) e Freidson (1998). Johnson redefine o profissionalismo como um tipo de controle ocupacional, em razão dos conhecimentos especializados dominados pelos profissionais e desconhecidos pelos

clientes. Essa assimetria causaria uma distância social e a dependência do cliente perante o profissional. O profissionalismo enquadra-se no tipo “colegial”, tendo o profissional como agente determinante das necessidades do cliente (JOHNSON, 1972 *apud* OLIVEIRA, 2014).

Na visão de Freidson (1998), as profissões estão alicerçadas no conhecimento, e quanto maior este conhecimento for, maior será a ferramenta de poder em posse dos profissionais. Oliveira (2014) entende que, no processo de profissionalismo, há duas fontes de poder, segundo Freidson (1983): o monopólio de conhecimento (*expertise*) e as credenciais (*gatekeeping*). Esses elementos criam a base de grande parte dos poderes profissionais, incluindo a capacidade de definir como o trabalho deve ser realizado (FREIDSON, 1998 *apud* FLECK, 2014).

Sequencialmente, vem a contribuição de Weber (1978) para a sociologia das profissões, segundo o qual as categorias centrais de análise são poder, mercado e monopólio (WEBER, 1978 *apud* MINTEGUI, 2014). Weber (1978) entende que profissões podem ser exercidas em função da tradição (profissões hereditárias) ou escolhidas na base de considerações racionais, com vista a um fim (especialmente a renda), ou aceitas por inspiração carismática ou por motivos afetivos, especialmente em virtude de interesses estamentais (WEBER, 1978 *apud* OLIVEIRA, 2014).

Os estudos neoweberianos falam recorrentemente sobre *status* e estratificação. Oliveira (2014) entende que *status* é uma dimensão da estratificação social, sendo conhecido e possivelmente almejado por um determinado grupo de pessoas. Já a estratificação das sociedades contemporâneas é alcançada por meio do consumo cultural, e não da posição da classe na divisão do trabalho.

A partir das críticas feitas à estratificação, as profissões têm sido o ponto de partida para as escalas objetivas, tendo a renda como critério objetivo. Numa veia neoweberiana, os sujeitos buscam a profissionalização como um processo coletivo de mobilidade social, articulado em torno de um determinado tipo de conhecimento, cujo monopólio permite controlar um mercado definido, buscando não só o monopólio pela *expertise*, mas também pelo *status* (OLIVEIRA, 2014).

Por fim, são feitas as críticas mais atuais à sociologia das profissões e, carregada por Abbott (1988), a última etapa traz estudos contemporâneos sobre a categorização de profissão e o processo de profissionalização. Abbott (1988) viria a criticar todas as correntes anteriores, apontando que as profissões evoluíam em muitas direções e em ritmos diferentes e, além disso, sofreriam influências da cultura e da sociedade na qual está imersa (ABBOTT, 1988 *apud* BARBOSA, 1999).

Cabe ressaltar que a teoria de Andrew Abbott (1988) defende que todas as profissões fazem parte de um sistema e são interdependentes. Segundo Fleck (2014), analisar o desenvolvimento profissional é analisar como essa ligação é criada no trabalho, como se sustenta em estruturas sociais formais e informais, e como o jogo das ligações jurisdicionais entre profissões determina a sua história.

Segundo Abbott (*apud* LINDEN, 2017), existem algumas etapas para a teoria sistêmica das profissões:

- (1) o estudo das profissões deve centrar-se nas áreas de atividade sobre as quais detêm seu direito de controlar a prestação de serviço – jurisdição; (2) as disputas, os conflitos e a competição em áreas jurisdicionais constituem a dinâmica de desenvolvimento profissional [...]; (3) as profissões existem no conjunto do sistema ocupacional e não como entidades isoladas [...]; (4) o principal recurso na disputa jurisdicional, e a característica que mais define a profissão é o conhecimento abstrato controlado pelos grupos ocupacionais [...]; (5) os processos de desenvolvimento profissional são multidirecionais. (ABBOTT, 1988 *apud* LINDEN, 2017, p. 12).

A ideia de jurisdição (laço que se estabelece entre o grupo profissional e a área de conhecimento sob seu controle) foi introduzida por Abbot (1988 *apud* LINDEN, 2017). De acordo com Mintegui (2014), essa ideia abre a possibilidade desse vínculo ser mais social que técnico, abrindo espaço para compreensão do processo conflituoso de luta pela monopolização dos espaços profissionais. Contudo, apresentaria restrições porque os limites entre jurisdições são colocados mais técnica do que socialmente, baseados na lógica de desenvolvimento das disciplinas.

Abbott (1988) elabora, ainda, uma crítica sobre a carreira técnica paralela à voltada para a sociedade. Segundo Rodrigues (2002), entende que a própria carreira técnica, paralela à hierárquica, tal como está organizada, só parcialmente cumpre alguns dos requisitos do modelo profissional, como a autonomia no exercício da atividade, carreira no domínio de especialidade, influência e responsabilidade, não sendo estas, portanto, de forma alguma equivalentes. Ser identificado como profissional na carreira técnica é um modo de redefinir o insucesso, é um modo de gerir a imobilidade de muitos especialistas e profissionais.

A realização tecnológica é um pré-requisito para contribuir para a realização das metas dos negócios e é indispensável para o avanço dentro da organização (RODRIGUES, 2002). No entanto, embasado nesse impacto tecnológico, a teoria sistêmica de Abbott (1988) antevem a possibilidade de dois cenários opostos para o desenvolvimento da profissão, através de dois papéis: o primeiro é o papel tecnocrático, no qual os profissionais estão

imbuídos de uma visão tecnocrática crente na possibilidade de a tecnologia resolver todos os problemas sociais, independentemente de considerações valorativas; e o segundo é o papel profissional, cujos profissionais são agentes do desenvolvimento econômico e tecnológico da sociedade, vendo-se a si próprios desenvolvendo a tecnologia para o bem-estar humano.

Além dos conhecimentos teóricos e atos técnicos, evidências empíricas provam que as profissões evoluem em muitas direções, a ritmos e com sequências diferentes, aos níveis local e nacional (RODRIGUES, 2002). Segundo Abbott (1988), citado por Lopes e Martins (2005, p. 104), “[...] as profissões ganham relevância à medida que aumenta a percepção social de sua importância e complexidade e suas atividades envolvem maior nível de julgamento e subjetividade [...]”.

Para concluir esse arcabouço sobre a sociologia de profissões e, mais precisamente na visão sistêmica de Abbott, a base formativa ótima de conhecimento ou doutrina para uma profissão é a combinação do saber intelectual com o saber prático, quer explícito quer implícito. Os aspectos teóricos do conhecimento profissional e os elementos tácitos do saber intelectual e prático conjugam-se para tornar necessária uma longa formação (RODRIGUES, 2002).

2.2.2 Interacionismo Simbólico

Para dar apoio ao aporte investigativo desta pesquisa, utilizou-se da sociologia das profissões e, em específico, da corrente interacionista dessa teoria. Como foi visto anteriormente, a sociologia das profissões nasce com a intenção de dar subsídio aos debates acerca da profissionalização em diferentes esferas, seja na ótica da ocupação versus profissão (funcionalista), do processo (interacionista) do poder (weberiana) ou da jurisdição (sistêmica).

O interacionismo simbólico é uma forma de compreensão da realidade social, derivada da Escola de Chicago, e com a influência da filosofia do pragmatismo (MINTEGUI, 2014). Tendo o seu início marcado pelos trabalhos de George Mead (1982) e Hebert Blumer (1977), especialmente no que se refere à interpretação dos processos e operações psíquicas, devido a sua eficácia para a resolução desses problemas (CARVALHO; BORGES; REGO, 2010).

Segundo Barros *et al.* (2019), o interacionismo simbólico busca compreender a realidade social das experiências subjetivas e intersubjetivas dos indivíduos. Emergindo de estudos positivistas, o interacionismo simbólico é uma escola macrosociológica que tem suas premissas em sociologia e antropologia, e é uma perspectiva teórica e uma orientação metodológica que enfatiza a construção de experiências, as relações sociais e os significados

como produto da interação social. Além de Mead (1982) e Blumer (1977), inúmeros autores produziram trabalhos acerca dessa corrente, como Evereth Hughes (1992), Claude Dubar (1997), Goffman (1975) e outros.

George Mead (1863-1931) foi um filósofo americano que estudou o interacionismo simbólico a partir do comportamento humano e, na sua concepção, o principal dado para avaliar o comportamento humano é o ato social, que possui tanto uma fase interna quanto externa. Mead (1982) permite uma instintiva investigação compreensiva de aspectos do comportamento e o ato social surge no modo como essas duas fases se relacionam. George (1982) consegue tornar visível que as fases internas e externas podem se relacionar e que o significado delas é um produto social, uma criação que emana das atividades dos indivíduos, à medida que estes interagem (CARVALHO, 2011; CARVALHO; BORGES; REGO, 2010).

Já Herbert Blumer (1900-1987) foi um sociólogo estadunidense que avançou nos estudos sobre o interacionismo simbólico e, conforme Carvalho (2011), Blumer (1977) buscou estabelecer um esquema analítico da sociedade e da conduta humana, abordando os processos de interação social – ação social caracterizada por uma orientação imediatamente recíproca – ao passo que o exame desses processos se baseia num conceito específico de interação que privilegia o caráter simbólico da ação social.

Com olhar na interação social, Blumer (1977) inicia a relação entre o interacionismo simbólico e as metodologias aplicadas aos estudos, criticando os modos de pesquisa da metodologia convencional, por utilizar meios de estabelecer a validade empírica de certos estudos por meio de esquemas que ele julga inadequados para captar o caráter específico do objeto de estudo. Assim, um estudo empírico necessita compreender o mundo para analisá-lo em termos das ações e interações de seus participantes, pois o interacionismo simbólico é como um processo por meio do qual a vida grupal está em contínuo desenvolvimento, em permanente mudança e depende dos diferentes esquemas de interpretação de que utilizam os indivíduos participantes da mesma (CARVALHO, 2011; CARVALHO; BORGES; REGO, 2010).

O sociólogo americano Everett Hughes (1897-1983) é tido como a principal referência da abordagem interacionista para a sociologia das profissões. Em um de seus trabalhos, ele relata que “[...] precisamos nos livrar de todas as noções que nos impedem de ver que os problemas fundamentais com que os homens se deparam em seu trabalho são os mesmos, quer trabalhem em um laboratório famoso, quer nas tinas sujas de uma indústria de conservas [...]” (HUGHES, 1996 *apud* RODRIGUES, 2002, p.18). Hughes (1996), a partir dos seus ensaios, buscava o empirismo através da sociologia do trabalho e das questões interacionais,

pois está chamando a atenção para a definição de profissão enquanto carreira e forma de socialização. Para ele, o grupo profissional, ao definir que serviços prestar, busca um mandato “[...] necessariamente acompanhado por um desenvolvimento de uma ‘filosofia’, de uma visão de mundo, que inclui os pensamentos, valores e significações envolvidos no trabalho [...]” (HUGHES, 1996 *apud* DUBAR, 1997, p.134).

Outro autor relacionado à perspectiva teórica do interacionismo simbólico é Erving Goffman (1922-1982), cujo foco se concentra nos processos de interação social que ocorrem entre indivíduos ou grupos, mediados por relações simbólicas. O ser humano age com relação às coisas, informado pelos sentidos que elas têm para ele, preocupando-se em transmitir certas impressões aos outros e tentando compreender a intenção dos atos dos outros (CARVALHO, 2012). Suas contribuições voltam-se à identidade dos agentes na interação profissional, pois a atribuição das identidades profissionais está sempre em constante interação direta com os indivíduos, assemelhando-se à categoria, denominada por Goffman (1975), de “identidade social virtual” (Goffman, 1975 *apud* FLECK, 2014).

O último autor que traz novas contribuições ao interacionismo simbólico é Claude Dubar (1945-2015), que foi um dos primeiros sociólogos a explorar a temática da sociologia dos grupos profissionais na França como campo de investigação. Os estudos de Dubar se assemelham aos de Goffman e tenta compreender os processos de socialização pelos quais as identidades profissionais se constituem, se reproduzem e se transformam ao longo da vida (FLECK, 2014). Dubar (2005) considera que a socialização é a construção, desconstrução e reconstrução das identidades, ligadas às diversas esferas de atividade que aparecem em sua vida e das quais deve aprender a ser ator. Muitos estudiosos criticam as limitações dos estudos interacionistas, contudo, Dubar (1997) desenvolveu um estudo respondendo que os interacionistas simbólicos não entendem o mundo do trabalho apenas como uma transação econômica, mas também colocam em destaque a personalidade individual e a identidade social do sujeito (ANGELIN, 2010). Diante desse discurso, Fleck (2014) complementa que, na visão de Dubar (1997), as identidades não são dadas ao sujeito a partir de seu nascimento, mas sofrem transformações ao longo do tempo e é situacional, de acordo com o contexto e as relações estabelecidas pelos sujeitos.

O interacionismo simbólico constitui todo esse processo de relação entre a sociedade e os campos profissionais, tendo em vista que o ambiente participa da construção de identidades profissionais. Barros *et al.* (2019) discorre que o interacionismo simbólico compreende a sociedade como uma entidade composta de indivíduos e grupos em interação, baseada no compartilhamento de significados, e o seu processo está ancorado na ação social dinâmica,

que varia constantemente devido aos diferentes contextos vivenciados por indivíduos e grupos.

Dessa forma, na interação social, muitas regras são instituídas, complementadas ou substituídas. Assim, os estudos que se apoiam no interacionismo simbólico têm como característica dialética situar-se entre aspectos da estruturação social e da construção das individualidades, entre o geral e o particular, entre o cultural e o singular, entre sujeito e objeto, apreendendo as contradições da vida contemporânea no contexto de sociedades plurais (CARVALHO; BORGES; REGO, 2010).

Originado da interação da realidade com o indivíduo, o interacionismo simbólico se assemelha e se aplica bastante aos estudos organizacionais, tendo em vista sua complexidade e pluralidade. Carvalho (2011) pressupõe que pode ser relacionada à vida organizacional, as ambiguidades e contradições; e aos vários modos de representações, os múltiplos valores e a construção das significações da vida organizacional, pelos atores envolvidos.

Entre algumas áreas dos estudos organizacionais, a pesquisa de Silva e Zanelli (2004) faz a relação da corrente interacionista com os fatores de cultura organizacional, tornando relevante essa relação, uma vez que enfatiza a recuperação do processo de elaboração do universo simbólico ou da construção da realidade de determinada organização social. O cenário organizacional é mutável e cabe o apoio da corrente interacionista para acompanhar e reajustar o *status* nesse processo de socialização profissional. Carvalho (2011, p.599) complementa informando que a compreensão do processo de socialização organizacional, na perspectiva interacionista simbólica, é de que “[...] não há um espaço ilimitado de deliberação do sujeito, nem o indivíduo é um mero produto do meio e, sim, fruto dessa dinâmica”.

Subsidiado nesse discurso, observa-se que, na construção da corrente interacionista, alguns dos autores já mencionados estabeleceram critérios para classificar o interacionismo simbólico. Para a lente de Blumer (1977), o interacionismo simbólico tem três premissas básicas: a ação dos seres humanos ocorre a partir dos significados percebidos no contexto social em que o indivíduo está inserido; a interação que alguém tem com um os significados parceiros; e as modificações feitas no processo interpretativo dos eventos que as pessoas enfrentam (BLUMER, 1977 *apud* BARROS *et al.*, 2019). Na construção identitária, apoiada nos estudos de Goffman (2002), o interacionismo simbólico é baseado em cinco ideias para considerar o sujeito presente nessa interação: um indivíduo social, um ser pensante, quem define o ambiente, que interage com o ambiente e, portanto, um ser ativo em relação a esse ambiente (MIGUEL; POPADIUK, 2019).

Outra classificação estabelecida na visão de Hughes (1992) é que existem duas noções básicas e essenciais para entender o fenômeno profissional: o “diploma” e o “mandato”. O diploma seria a autorização legal para exercer determinadas atividades que outras pessoas não podem exercer e o mandato seria a obrigação legal de assegurar uma função específica (HUGHES, 1992 *apud* MINTINGUI, 2014). Angelin (2010) corrobora o debate discorrendo que tanto o diploma, quanto o mandato formam as bases da divisão moral do trabalho, ou seja, culminando numa hierarquização das funções e na separação entre funções essenciais e funções secundárias.

De um modo geral, pode-se dizer que o interacionismo vem de uma perspectiva teórica que permite aos indivíduos interpretar objetos e outros indivíduos no processo de interação social, de modo que indivíduo e mundo não sejam entendidos isoladamente (BARROS *et al.*, 2019). Por esse motivo, Carvalho (2011) compreende que o interacionismo simbólico é uma das abordagens mais adequadas para se analisar processos de socialização e ressocialização e também para o estudo de mobilização, comportamentos, exigências sociais, profissionalização e construção identitária.

2.2.3 Socialização Profissional

Um termo recorrente visto na corrente interacionista é o da socialização profissional. Marcados no fim dos anos 60 até os anos 70, os estudos do fenômeno da socialização e da socialização profissional começaram a ter imensa profusão (DE MELO; VALLE, 2013). Para organizar a construção do trabalho, inicialmente, pretende-se abordar o conceito acerca da socialização e profissionalização em separados, permitindo criar a relação do que se entende por socialização profissional.

Segundo De Melo e Valle (2013), a socialização é um deixar-se moldar por determinado grupo de pertença, um deixar-se socializar que traz benefícios para o indivíduo, como na visão durkheimiana, que difunde a liberdade de reger a nós mesmos. Na perspectiva interacionista, as pessoas são sujeitos do processo de socialização, desenvolvendo sua personalidade e apropriando-se dos costumes e valores sociais (KROEFF *et al.*, 2017). Para De Melo e Valle (2013), o processo de socialização está intrinsecamente ligado às ações educativas e, na educação, é impensável um processo de socialização que não leve à extinção a sociedade que o pratica, mas sua perpetuação no tempo.

Os teóricos definiram que existem dois processos de socialização, a primária e a secundária. Os processos são sequenciados, a socialização primária termina, quando o

conceito da secundária é generalizado. A socialização primária ocorre nos primeiros anos da vida do indivíduo, quando ele aprende determinados comportamentos, valores, regras e visões de mundo, compartilhados culturalmente no ambiente que está inserido, ou seja, é a sociedade que fornece um corpo definido de outros significativos, aceito pelo indivíduo que está se socializando; ainda que ele não seja passivo a este processo e participe do jogo, as regras são preestabelecidas pelos adultos (PONTES *et al.*, 2017; DE MELO; VALLE, 2013). De Melo e Valle (2013) complementam que como a socialização primária ocorre com a sociedade, pode ser compreendida em três momentos distintos, mas interdependentes e intemporais em ordem de acontecimento, quais sejam: a exteriorização, a objetivação e a interiorização.

A socialização secundária se dá quando o indivíduo já está introduzido no ambiente de socialização em diversos setores do universo simbólico em totalidade (DE MELO; VALLE, 2013). A socialização secundária, explica Pontes *et al.* (2017), se dá quando essa pessoa passa a ter contato com outras estruturas sociais, como escola, igreja, clubes sociais, convivendo com outros indivíduos que possuem atributos culturais que, em alguma instância, diferem dos seus. De Melo e Valle (2013) compreendem que, para existir a socialização secundária, é pressuposta uma variabilidade sócio-histórica, tratando com uma personalidade já estruturada e com um mundo anteriormente interiorizado, ocorrendo comumente em cenários sociais da divisão de trabalho e do espectro das profissões.

Há de se falar sobre a profissionalização e o processo histórico que se caminhou para ter esse conceito estruturado. Para os estudos da profissionalização, a expansão da universidade é um fato interessante e, segundo Angelin (2010), antes da multiplicação das universidades no século XIII, o trabalho era algo consagrado e todos os trabalhadores eram provenientes de uma mesma organização corporativa. Com essa expansão, as artes liberais (artistas, intelectuais) e as artes mecânicas (artesãos, trabalhadores manuais) começaram a se dissociar, levando à oposição entre as profissões ensinadas nas universidades, em que para as artes liberais, “a produção cabe mais ao espírito que à mão”, estando assemelhada ao conhecimento técnico-científico; e os “ofícios” oriundos das artes mecânicas “em que as mãos trabalham mais que a cabeça”, estado envolta a determinados números de operação mecânica (KROEFF *et al.*, 2017; ANGELIN, 2010).

Após a consolidação das universidades, parafraseando Dubar (1997) e Freidson (1996), a profissão passa a ser a atividade do espírito que se ensinariam ali, exigindo um conhecimento intelectual maior e mais aprofundado do que o ofício que, por sua vez, está calcado em práticas limitantes e mecânicas.

A profissão passou a ser compreendida pelo espírito, e o seu termo, para Kroeff *et al.* (2017), remete ao ato ou efeito de professar, e é proveniente de juramentos proferidos, ou seja, nascido dos rituais de fé dos juramentos proferidos nas admissões às corporações. Isso significa que ser um ‘profissional’ implicaria em assumir um compromisso vitalício em relação a uma comunidade ligada por uma atividade produtiva. Complementando o termo, evidencia-se que vem de profissão, que denota uma “[...] atividade ou ocupação especializada, e que supõe determinado preparo[...].” (DE MELO; VALE, 2013, p. 14).

Em seu trabalho, Kroeff *et al.* (2017) definem uma profissão a partir de três pressupostos: primeiro, o estatuto profissional resulta do saber científico e prático e do ideal de trabalho, corporizados por comunidades formadas; segundo, o reconhecimento social da competência é adquirido por meio de uma formação longa e na busca da variável central, o conhecimento; e terceiro, as instituições profissionais respondem às demandas sociais, intermediando as necessidades individuais e sociais.

Abordando a profissão, designa-se parte deste estudo a esclarecer o que é a profissionalização, que foi instituída nos anos 60, quando se limitava à corrente funcionalista e, nessa época, o termo profissionalização definia-se como o imperativo de “tornar-se profissional” e, a cada passo, invadia o mundo das organizações (DUBAR, 2012).

Bourdoncle (1991) conceitua a profissionalização como uma prática construída socialmente e politicamente determinada que enrede relações de poder, responsabilidade profissional, “visões de mundo”, rituais, simbologias, entre outros. A relação dada pelos autores do ato de tornar-se profissional à corrente interacionista é definida a partir de processo geral com uma dimensão dinâmica ao fenômeno, e não reservado a certas atividades (RODRIGUES, 2002; DUBAR, 2012).

Esse imperativo da profissionalização, para Bourdoncle (1991), agrupa três fenômenos distintos na sua concepção: profissionalidade, professionismo e profissionalismo. Para Bourdoncle (1991), a profissionalidade é o processo de aprimoramento das capacidades e racionalização dos saberes, referindo-se à natureza mais ou menos elevada e racionalizada dos saberes e capacidades utilizadas no exercício profissional (desenvolvimento profissional); e interessa aos formadores e às associações de especialistas. Já o profissionalismo, conforme Angelin (2010), é uma espécie de tipo-ideal, um instrumento capaz de proporcionar aos trabalhadores com conhecimento e qualificação, os recursos que permitiriam a eles o controle do seu próprio trabalho. E o terceiro é o professionismo, que Bourdoncle (1991) qualifica como estratégia e retórica de um grupo profissional para reivindicar elevação na escala de

atividades, utilizado no sentido de definição de estratégias coletivas de transformação da atividade em profissão.

O termo “socialização profissional” surgiu a partir dos estudos da abordagem interacionista da sociologia das profissões, que datam das décadas de 1950 e 1960, e foram realizados com profissionais da saúde, em especial, médicos e enfermeiros (PONTES *et al.*, 2017).

De Melo e Valle (2013) compreendem a socialização profissional como um processo por meio do qual os indivíduos constroem valores, atitudes, conhecimentos e habilidades que lhes permitem e justificam ser e estar em uma determinada profissão. Fleck (2014) complementa entendendo a socialização profissional como um sistema em reconstrução e desconstrução permanente, estruturado tanto no mundo do trabalho quanto nos indivíduos. Dubar (2012) trata a socialização como um processo que conecta situações, tarefas, metas e perspectiva do sujeito ao mundo do trabalho. Já Pontes *et al.* (2017) imergem no ambiente organizacional e entendem a socialização profissional como a preparação para uma carreira, abrangendo um conjunto de competências aplicáveis a diversas instâncias e adquiridos na formação acadêmica, que se prolongam durante todo o exercício profissional.

A socialização profissional faz parte de uma construção identitária ao indivíduo que adquire o conhecimento para assumir determinadas funções sociais no mundo do trabalho. O sujeito, quando adquire o conhecimento, geralmente é legitimado por uma instituição, com seus símbolos e rituais que o definem, e o posiciona em um lugar social específico, atribui-lhe um estado reconhecido e incorporado por meio da eficácia simbólica contida no interior da profissão (PONTES *et al.*, 2017).

Para o interacionismo simbólico, Pontes *et al.* (2017) descrevem que a socialização profissional permite a aquisição de competências que consiste na inserção do indivíduo em uma profissão, abrangendo um conjunto de conhecimentos, habilidades, normas e valores adquiridos na formação acadêmica e aplicáveis a diversas instâncias durante todo o período do exercício profissional.

Em uma lente objetiva, a socialização das profissões consiste na importância dada às práticas profissionais, os conhecimentos inerentes à profissão e, numa visão subjetiva, essa abordagem está efetivada na identificação do indivíduo, adesão à profissão e compreensão do mundo do trabalho (DE MELO; VALLE, 2013).

Dessa forma, na abordagem interacionista, a ênfase é colocada num processo de transformação das profissões, nas interações e nos conflitos, assim como nos meios e recursos mobilizados nesse processo (KROEFF *et al.*, 2017). Sendo assim, a socialização profissional

não pode estar desassociada da formação acadêmica para uma profissão, pois gera no indivíduo um sentimento de pertencimento a um grupo social, manifestando-se na construção de sua identidade profissional (PONTES *et al.*, 2017).

O processo de socialização profissional diz respeito à aprendizagem e à internalização de normas e de valores das relações profissionais, no qual os indivíduos e os grupos estão inseridos, e objetivam integrar, desenvolver o sentimento de pertencimento do indivíduo ao mundo da profissão (DE MELO; VALLE, 2013). Kramer *et al.* (2013) e Pontes *et al.* (2017), em suas pesquisas, compreendem que o processo de socialização profissional consiste em três fases sequenciadas: separação/formação, transição e integração, que se encontram detalhados no Quadro 8 a seguir.

Quadro 8 – Caracterização da socialização profissional

FASE/TEMA	PERÍODO	CARACTERÍSTICAS
Separação (saber)	Formação acadêmica	Aprendizagem teórica formal dos conhecimentos, habilidades, normas e valores da profissão.
Transição (tornar-se)	Estágio e situações reais de trabalho	Prática guiada. Aplicação dos conhecimentos, habilidades, normas e valores aprendidos na separação.
Integração (afirmar)	Atuação profissional	Prática independente. Afirmção da identidade pela incorporação em papéis profissionais principais e secundários e em comunidades profissionais.

Fonte: Adaptado de Kramer *et al.* (2013) e Pontes *et al.* (2017).

A cada fase, cabe uma função e, de acordo com os estudos acima mencionados, na fase da separação, constitui a formação do profissional como elemento-chave e envolve todo processo de aprendizagem teórica e normativa da profissão. Na fase da transição, o foco está no estágio supervisionado pelo professor que tem o intuito de levar ao domínio de habilidades e oportuniza exploração e desenvolvimento de experiências ou continuidade de serviço fora do ambiente de trabalho. Na fase da integração, é feita a incorporação dos papéis profissionais e o engajamento em comunidades profissionais, fazendo com que o indivíduo possa afirmar sua identidade profissional (KRAMER *et al.*, 2013; PONTES *et al.*, 2017).

Assim, De Melo e Valle (2013) encerram a construção teórica desta subseção afirmando que

[...] a sociedade não existe em si mesma, mas na complexidade da interação formada por seus diversos elementos. Para as profissões, são as necessidades eminentemente sociais que tendem a fazer aparecer, a oscilar e a desaparecer

as tarefas especializadas, isto é, a profissionalizar e a desprofissionalizar [...]. (DE MELO; VALLE, 2013, p.98).

E as instituições centrais, no processo de socialização profissional, na visão de Hughes (1992), são as escolas e universidades que permitem o processo de formação de sujeitos e consequentemente o aumento dos níveis de qualificação e a profissionalização do sujeito (HUGHES, 1992 *apud* RODRIGUES, 2002).

2.2.4 Formação de Sujeitos

No processo formativo, há uma produção de sujeitos de conhecimento, de valores e modos de ser, no qual a universidade tem um papel fundamental (SOUZA, 2011). A universidade propiciaria ao aluno o contato com a ciência, a tecnologia, a filosofia e a arte, os movimentos estudantis, a prestação de serviços comunitários, introduzindo o jovem de forma mais aprofundada na cultura produzida ao longo da história, nos problemas do seu tempo e nas ações políticas (MONFREDINI, 2016).

A escola ou universidade, por muitos autores, é compreendida como o local adequado para a construção de conhecimento que deve contribuir para provocar transformações na própria sociedade em que está inserida. E, com isso, desenvolvem um papel importante na formação das pessoas nas mais variadas áreas, sendo que a evolução da universidade depende da constante atualização e aprimoramento das técnicas que perfazem o perfil do cidadão, dotado de sustentação científica (KRUGER; MAZZIONI; RESENDE; GUBIANI; ZANIN, 2013; BRANDALISE; ROJO; KASPER; SOUZA, 2013; ORO NAUE; STÜRMER; BRITO, 2010).

A universidade tornou-se lugar de propagação de discursos e constituição de indivíduos, a partir de uma perspectiva institucionalizada, mas, para tal organização, os recursos de formação e regulação assujeitada são: composição curricular, disciplina, corpo docente, relação teoria e prática, metodologias de ensino, dentre outros. Entendendo a construção do currículo como algo cíclico e social (SILVA, 2013), na medida em que a sociedade passa por diversas mudanças que interferem nas relações entre os indivíduos.

Nesse processo de formação, Itelvino (2007) aponta que “[...] ninguém se forma no vazio. Formar-se supõe troca, experiência, interações sociais, aprendizagens, um sem fim de relações [...]”. Souza (2011) complementa que, a partir de um viés universitário, formar é pensar junto com os futuros profissionais os saberes e as práticas do ofício, é o esforço pela

superação das verdades produzidas em um processo de repensar que não cessa. Os modos pelos quais o sujeito é estabelecido no processo de formação via graduação passam pela instituição de modelos e pela incitação de certas práticas, prescrevendo e exaltando uma forma com uma identidade fixada (SOUZA, 2011).

Monfredini (2016) fala da formação numa perspectiva contributiva socialmente e que é possível pensar (e realizar) a formação, tendo em vista uma sociedade cujas decisões incluem as necessidades de todos os seres humanos, expropriados na sua capacidade de, efetivamente, tomar decisões essenciais, fazendo um entrelaçamento entre o saber científico e o saber popular. Pois, um processo de formação pode ser composto de vivências nas aulas e, também, pode ser forma de ação, ao mesmo tempo, por meio da experimentação (SOUZA, 2011).

Há de se pensar como executar e moldar os processos formativos, uma vez que, conforme Souza (2011), estes produzem modos de vida através dos códigos de comportamento que produzem e disseminam identidades. Assim, é bastante interessante que a esse processo formativo seja implicado um movimento de integrar os sujeitos da universidade e da sociedade em relações democráticas, que propiciem experiências coletivas de autonomia e autodeterminação; resultando na criação de espaços que integrem os diferentes conhecimentos, saberes e afetos dos envolvidos (MONFREDINI, 2016).

O currículo e o sujeito não são fatores enraizados e inalteráveis, muito pelo contrario, estes carecem de constantes atualizações. A construção de histórias sobre a forma como nossas subjetividades são formadas pode fornecer um espaço potencial para intenções e atos normativos que não sejam articulados através de senso comum corrente (SILVA, 1995).

Assim, o que não se evidencia é a construção do sujeito livre de questionamentos, pois todo o sujeito será regido por uma ótica formativa de atualizações. Assim, em vez de se restringir às áreas da utilidade, ou seja, insistirá na defesa do sujeito, deixando de ser uma instituição regida apenas pela lógica limitada e tradicional, de maneira que o resultado não seja somente um indivíduo instruído, mas um sujeito participativo e responsável, capaz de realizar projetos e escolhas (DA SILVA, 2015). Dessa forma, segundo Silva (1995), o sujeito torna-se uma dimensão do questionável e de uma resignificação e questionamento constante, e não uma fundação da pesquisa tomada no inquestionável.

A distribuição e escolha das disciplinas também fazem parte da formação dos sujeitos na universidade. Toda disciplina tem o seu discurso. Uma disciplina veicula um discurso da regra natural, da norma, definindo um código que não é exatamente o da lei, mas o da normalização (FOUCAULT, 1979). Nessa visão foucaultiana, é através da disciplina que são

estabelecidos os limites e escolhidas as temáticas a serem abordadas na composição de cada currículo, e que são permanentemente atualizados, conforme a época em que são aplicados (GOMES, 2012). Todavia, a definição da disciplina permeia várias situações, um exemplo, e talvez o mais claro, é o de Perrenoud (1999), segundo o qual a organização dos conhecimentos deve delimitar as disciplinas, de modo que cada uma assuma um nível ou um componente da realidade. Para Nicolinni (2003), esse processo de formação universitária disciplinar seria composto das seguintes etapas: nos primeiros períodos do curso de graduação, há disciplinas de formação básica; nos períodos seguintes, são ministradas disciplinas de formação profissional; na sequência, vêm disciplinas eletivas e complementares que enfatizam a adequação do currículo às características de cada instituição e também do ambiente. Não é uma questão de adaptar a realidade à escola, mas, sim, de integrar escola e realidade social (SILVA, 2015).

2.2.5 Formação Profissional

A sociedade vem passando por constantes mudanças, e o ser humano tende a estar atento a esses novos problemas sociais, fazendo com que as organizações busquem profissionais com diferenciais para que o desempenho organizacional seja de excelência, flexível e adaptável às mudanças. Com isso, as universidades têm um papel fundamental e enfrentam dilemas inevitáveis com relação aos projetos pedagógicos e às propostas curriculares, já que se deve pensar na capacidade profissional desse sujeito que está sendo formado (FEITOZA, 2018).

Segundo Kruger, Mazzioni, Resende, Gubiani e Zanin (2013), ao egressar da graduação, espera-se que esteja qualificado para assumir as responsabilidades inerentes à profissão, se adapte às mudanças no contexto em que está inserido, com a finalidade de auxiliar as organizações no desempenho de suas atividades. Mas, o que, corriqueiramente, acontece é uma ausência de experiência e oportunidade, sendo uma das maiores dificuldades dos egressos se ingressar no mercado de trabalho (VIANA; MELZ; SANTOS; STIELERA, 2013).

Antes de iniciar um debate sobre a formação profissional, é importante e necessário compreender o conceito de profissão e profissional. Pinto (2018) entende que as profissões são como sistemas de solidariedade em que a identidade tem como fundamento a competência técnica dos membros de uma dada profissão, sendo esta competência adquirida em escolas, universidades e centros de treinamentos. As profissões têm uma localização específica na

estrutura social e no sistema cultural. Já para Schmidt (2014), o profissional é compreendido como o indivíduo que detém qualificações técnicas, conhecimento ou instrução racional e assume a direção técnica na preparação do procedimento e na execução dos meios de produção.

Pensar na vida profissional é pensar na formação que o sujeito teve e na sua identidade social, através de diferentes recursos: sociais, educacionais, intelectuais e políticos (PINTO, 2018). A formação profissional fornece aos jovens as habilidades necessárias para operar no competitivo mundo do trabalho atual (OLANIRAN; MNCUBE, 2018), beneficiando o desenvolvimento destes para que sejam independentes, criativos e proativos, com atitudes mais reflexivas e que contribuam efetivamente ao desenvolvimento econômico, social e sustentável da sociedade no qual está inserido. Para Oliveira (2017), a formação profissional implica em tipos de identidade que guardem certas semelhanças, são elementos relativamente estáveis da realidade social do trabalho, justamente pela pluralidade de socializações e identificações, permeada pela relação com a estrutura da organização do trabalho na sociedade contemporânea, mais complexa e mais instável.

Para Perrenoud (2000), o conceito de competência designa uma capacidade de mobilizar diversos recursos para enfrentar todo e qualquer tipo de situações e, obviamente, esse conceito se estende tanto ao mundo do trabalho como às situações cotidianas do convívio em sociedade, ou seja, conforme Fleury e Fleury (2001, p. 21), “[...] um saber agir responsável e reconhecido, que implica mobilizar, integrar, transferir conhecimentos, recursos, habilidades, agregando valor econômico à organização e valor social ao indivíduo [...]”, sendo assim, a educação profissional por moldes das competências. Portanto, a pedagogia das competências tem possibilidades de promover uma formação humana e profissional ampla, pois proporciona a obtenção de conhecimentos e habilidades nos alunos da educação profissional, possibilitando desenvolver a liberdade, a autonomia, que darão suporte para que estes possam agir de forma competente perante os problemas impostos pela sociedade (DA SILVA, 2015).

Assim, podemos concluir que uma educação profissional, com base no desenvolvimento de competências, pode formar para o trabalho, como também formar para cidadania, ou seja, uma educação que fomente a reforma aos moldes postos pelo capital, no sentido de tencionar a realidade estabelecida, e que aponte para a construção de uma sociedade capitalista menos desigual (DA SILVA, 2015).

Partindo do problema-chave deste estudo, muitos autores fazem essa relação sobre a formação profissional. O local mais delineado para a formação desses profissionais é a

universidade, que deveria, assim, estar voltada para o aluno e para as demandas sociais, entendendo suas expectativas e necessidades, de forma a oferecer uma estrutura de ensino adequada aos objetivos de seus acadêmicos e às necessidades da comunidade (BISSARO; NUNES, 2015). Desse modo, procura-se compreender a importância do sujeito; busca-se identificar quem é este sujeito, e sua relação com o trabalho, com a sua atuação, se o seu trabalho é significativo (SILVA, 2015).

Autores como Resende (2018) delimitam cuidados a se tomar com a formação profissional numa visão extremamente mercadológica, devido à falta de adaptabilidade do sujeito que se forma, tendo em vista que o mundo do trabalho sempre é passível de modificação, então, o processo de formação pode levar tanto à reprodução de formas predominantes quanto à produção de rupturas com tais formas (SOUZA, 2011). Nesse sentido, Silva (2015) relata que a educação profissional não deve apenas procurar atender às necessidades do mercado, mas, sim, formar para o mundo do trabalho. Deve também preparar os alunos para enfrentar as constantes transformações impostas pelos avanços tecnológicos que tornam certos conhecimentos obsoletos em um curto espaço de tempo.

Frente aos desafios das mudanças econômicas e sociais proporcionadas pela globalização, é importante ressaltar que a formação profissional não deve se limitar unicamente a instruir, mas envolve elementos intrínsecos, muitas vezes, “ocultos”, que vão além da dimensão objetiva. Assim, com essa formação mais expansiva, são maiores as possibilidades de construir identidades profissionais realistas e a contribuição para um exercício profissional responsável, consciente e satisfatório, tanto em termos individuais como em termos sociais (BISSARO; NUNES, 2015; OLIVEIRA, 2017).

O processo de formação profissional caminhará rumos de socializar-se no seu processo formativo, que, segundo Dubar (2012), este fato tornou-se “formação ao longo da vida”. Além disso, o processo de formação profissional desses sujeitos terá que, constantemente, atentar-se às mudanças do mundo empírico, pois de acordo com Dubar (2012), a formação profissional deve estar ciente das mudanças causadas pela tecnologia e globalização que se renovam a um ritmo crescente e impactam na formação do sujeito. Esse processo também permite que o sujeito desenvolva conhecimentos sobre internalização das normas, valores, conhecimentos e habilidades inerentes à profissão, o que contribui para o desenvolvimento de identidade profissional do ser acadêmico (PONTES *et al*, 2017).

Numa visão interacionista, a formação profissional passa a ser um meio, um recurso e não um atributo; as instituições empregam um posicionamento assertivo no processo de transformação do mundo com suas interações e conflitos, atentando para o papel das

convergências da linguagem para as competências (RODRIGUES, 2002). Dessa forma, a formação profissional não pode se dissociar da formação acadêmica com a socialização e com o mercado, cuja relação permite abranger um conjunto de competências aplicáveis a diversas instâncias, que se prolongam durante todo o exercício profissional, e este fato gera no indivíduo um sentimento de pertencimento a um grupo social, manifestando-se na construção de sua identidade profissional (PONTES *et al.*, 2017).

Nessa percepção, a educação para uma profissão surge, então, como um espaço decorrente de uma configuração na sociedade. Ela termina permitindo uma reconstrução histórica sobre um grupo e suas relações com a profissão. Sendo o trabalho um elemento da cultura, a oferta da educação para ele é influenciada pela organização social e pelas técnicas requeridas para a atividade (PINTO, 2018). Assim, destaca Da Silva (2015) que a educação profissional deve promover nos sujeitos o desenvolvimento das competências necessárias que contribuam para o desenvolvimento de uma sociedade efetivamente democrática. Espera-se que sejam sujeitos que atendam ao mercado, como também à sociedade, buscando diminuir as desigualdades sociais.

2.2.6 Formação Profissional do Contador

A sociedade segue um caminho repleto de mudanças muito rápidas e recorrentes, que são necessariamente acompanhadas por quebra de paradigmas, sendo essencial que isso ocorra para que a inércia situacional seja vencida e dê lugar a novos padrões (SANTOS, 2019). A sociedade e os seus sujeitos constantemente estão se atualizando e remodelando a novos hábitos ou práticas, não se distanciando, dessa forma, das atualizações profissionais. Pinto (2018) entende que pensar na vida profissional é pensar na formação que o sujeito teve e na sua identidade social que fora remodelada a partir das dinâmicas culturais de determinada época.

A evolução da contabilidade perfaz algumas questões importantes na formação dos sujeitos, devendo estar de acordo com o que se espera de um profissional contábil. Analisando os sujeitos endereçados a sua pesquisa, Albrecht e Sack (2000) constataram que vários líderes na área contábil consideram a atual estrutura da educação contábil desatualizada e com necessidade de mudanças significativas. Para dar apoio a essa formação contábil, espera-se da universidade, como órgão orientador a esse assujeitamento, pois, conforme salientam Santos, Araújo, Cavalcante e Barbosa (2014), as IES desempenham importante papel, no que se refere à formação e atualização dos acadêmicos de Ciências Contábeis, possibilitando condições,

para que as competências necessárias ao exercício profissional do contador possam ser alcançadas.

Nesse sentido, há de se pensar em mecanismos formativos para dar subsídio ao sujeito contábil, devendo alinhar seus conteúdos a uma estrutura curricular que possibilite qualificar o futuro profissional. Justifica-se essa afirmativa com a menção de Santos, Araújo, Cavalcante e Barbosa (2014), segundo os quais não se pode preparar o aluno para atuar nesta década com base em conteúdos de tempos remotos.

Assim, cabe às Instituições de Ensino analisar a construção do seu projeto pedagógico e dos currículos, cuja formação dos profissionais possa responder aos desafios que o mundo lhes coloca. Nesse sentido, a elaboração de um novo currículo é ferramenta imprescindível, uma vez que, de acordo com o CFC (2015, p.11), “[...] o profissional da contabilidade moderno deve ser ágil, competente, antenado e possuir a informação na ponta da língua para ajudar seu cliente a gerir o seu negócio [...]”. Sendo que essa conjuntura deverá estar em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais e com a sua flexibilização curricular instituída, permitindo superar os estreitos contornos de currículos mínimos obrigatórios (SANTOS; ARAUJO; CAVALCANTE; BARBOSA, 2014).

Portanto, para esse novo sujeito contábil, as Instituições do Ensino Superior têm grande participação na formação dos profissionais dotados de competências necessárias para suprir as demandas dos usuários das informações contábeis e que poderão atuar em diferentes áreas, como: auditoria, finanças, controladoria, planejamento tributário, contabilidade societária, perícias, custos, dentre outras (PIRES; OTT; DAMACENA, 2010).

Devido ao corrente e emergente desenvolvimento no mundo dos negócios, é requerido ao contador melhoria substancial no nível de competência, pois o profissional contábil, na atualidade, é visto como profissional com autonomia e múltiplas competências cognitivas complexas, devendo ser dotado de condutas éticas, de conhecimento teórico, organização para executar o trabalho, responsabilidade nas suas ações e comprometimento com a profissão (CORREIA, 2018; REIS, *et al.*, 2015; OTT; CUNHA; CORNACCHIONE JÚNIOR; DE LUCA, 2011).

A formação do profissional contábil sempre terá como base essa relação dos conteúdos teóricos e da aplicabilidade destes às perspectivas práticas, pois, segundo Moreira (2013), o contador deve ser capaz de aplicar os conhecimentos teóricos na prática, em situações reais, obtendo, analisando, interpretando, sintetizando, avaliando e comunicando informações. Na área contábil, o mercado de trabalho, por sua vez, exige profissionais cada vez mais preparados, que detenham conhecimentos necessários para demonstrar o desempenho

organizacional, apresentar soluções aos problemas identificados, compreensão sobre práticas de gerenciamento tributário, que visem à redução, à maximização dos lucros e à continuidade da organização (MOREIRA, 2013).

Oportuno destacar que a carreira de um contador está repleta de desafios, desde a sua construção acadêmica, com o propósito social de contribuir, até o seu desenvolvimento profissional (CAMACHO, 2019). E a sociedade espera que as Instituições de Ensino Superior (IES) ofereçam profissionais que possuam, além de capacidades técnicas, uma visão multidisciplinar, com competências, habilidades e visão sistêmica, ou seja, um profissional apto e atualizado aos distintos empecilhos que possam existir no mundo mercantil (MOREIRA, 2013).

Em um cenário mutável, há de se tratar dessa flexibilidade na ciência e nos trâmites formativos, pois vivemos em um tempo com rápida evolução em todas as áreas da vida. A Contabilidade, como uma ciência social aplicada, deve acompanhar esses processos de mudança, assimilando e se adaptando a novos contextos sociais, e aos múltiplos papéis e responsabilidades sociais que existirão no mercado e na comunidade (FILHO; LIMA; BRUNI, 2015). Apoiando-se nessa necessidade de atualização, Moreira (2015) ressalta que se a ciência evolui, o profissional contábil também precisa evoluir, com o propósito de acompanhar os novos conceitos utilizados, sendo algo rotineiro aos contabilistas, que não podem, em momento algum, deixar de se atualizar e estudar assuntos correlatos à Contabilidade.

A perspectiva de formar um contador para possuir o conhecimento plural não é uma tarefa simples, já que os conteúdos e conhecimentos são sempre inconclusivos, devido à educação continuada, e de atualizações relacionais das teorias com a prática profissional (LAFFIN; CASTRO, 2015). Para Guney (2012), a real função da contabilidade é formar um perfil de profissional que responda às demandas do mundo do trabalho. O contador tem um grande desafio pela frente, pois deve ser capaz de interagir com outras culturas, não mais apenas registrar e analisar, mas também prever e sugerir, trabalhando muito mais como um gestor da informação do que um aglutinador de dados (FERREIRA, 2019).

Parte importante dessa formação profissional contábil está na relação entre teorias e práticas. Para tanto, Moreira (2013) fez um estudo que analisa essa formação do sujeito contábil na impossibilidade de dissociar a teoria da prática. Como resultados da pesquisa, foi possível disseminar que os saberes teóricos e práticos, na formação contábil, não podem desvincular-se um do outro, uma vez que, para que a contabilidade alcance suas finalidades, é imprescindível o domínio das normas e princípios que regem, constroem e difundem a

ciência, entretanto, sem o saber prático, a ciência não atinge o seu fim. Já que, o que se busca desse sujeito é que a práxis resultante possa estabelecer voo para a emancipação do formando. De modo que este não tenha um saber limitado, mas que lhe seja propiciado um espaço de reflexão e diálogo diante das validades das normas, bem como seu preparo profissional e crítico para enfrentar as exigências do mercado de trabalho e os desafios de transformar a sociedade no âmbito contábil. Por essas vias, não se concebe na formação contábil a prática dissociada da teoria e vice-versa.

Com a evolução tecnológica e a harmonização globalizada, o profissional de contabilidade enfrenta os desafios e mudanças em velocidade cada vez maior, e deve se adaptar para atender às demandas em tempo hábil. O contador deve ser capaz de auxiliar a formação e atualização dos conhecimentos dos profissionais contábeis tornem-se fundamentais para a saúde financeira das empresas e, conseqüentemente, para o desenvolvimento econômico, financeiro e social do país (TAMER, 2014).

De acordo com Moreira (2013), faz-se necessário que os cursos de Ciências Contábeis produzam uma formação sólida com a devida articulação dos saberes, promovendo habilidades e competências que possam propiciar o conhecimento do conteúdo teórico em aplicação prática, possibilitando aos discentes o enriquecimento de suas experiências. Torna-se imprescindível reajustar os moldes do ensino da Contabilidade, de modo que nesse processo de formação seja possível resultar na emancipação do discente, para que o mesmo participe de forma ativa nas modificações da sociedade em que vive, buscando responder às demandas da comunidade, de forma consciente/crítica (MOREIRA, 2013).

Oportuno destacar que, nessa formação profissional, o que corriqueiramente acontece é a limitação prática ou mecanizada na formação contábil, e esse conectivo de teoria e prática com o profissional importa na sua conjuntura formativa, estando distantes de uma formação que inclua os conteúdos somente práticos, pois de acordo com Silva (2015), a orientação da formação unicamente pelo mercado é impossível, e a única possibilidade dessa formação é privilegiar a adaptabilidade da mão de obra, mas jamais de construir sujeitos críticos e que exerçam com consciência a cidadania, autonomia, senso crítico e o desenvolvimento intelectual, para que sejam os pontos-chave na inserção social e profissional (DEGENHART; VOGT; BIAVATTI, 2014). Com isso, deve-se observar a sociedade e seus pontos-chave para o desenvolvimento social e, em conseqüência, mercadológico, para não limitar-se a uma perspectiva que falhe na formação que capacitaria esse sujeito contábil.

Essa formação racional técnica não fomenta a adaptação às constantes mudanças presentes na ciência contábil através das demandas imediatas que pressupõem uma ciência

com novos usos da tecnologia, estruturas gerenciais mais planas, maior ênfase ao trabalho em equipe e pela gestão de riscos (DA SILVA, 2015). E, com isso, vale destacar a última menção da afirmativa de Souza (2019, p.11): “[...] é necessário que haja mudanças profundas na forma (pedagogia) e no conteúdo tecnicista (currículo) dos cursos de formação em contabilidade, e com o propósito de fomentar o desenvolvimento das habilidades de raciocínio crítico demandadas na sociedade moderna”.

Assim, há mudanças empíricas na humanidade e a contabilidade evoluiu junto a essas mudanças. O estudo elaborado por Oliveira (2014) debateu a formação contábil a partir do seu *status* social e apoiado na sociologia das profissões. A autora traz em sua conclusão que “[...] fatos históricos, econômicos, ambientais, enfim, todo o ambiente influencia a forma de se fazer contabilidade. Consequentemente, a Contabilidade deve buscar formas de aprimorar constantemente suas técnicas para atender às necessidades da sociedade [...]” (OLIVEIRA, 2014, p.142). No caso da contabilidade no Brasil, os resultados empíricos da pesquisa de Oliveira (2014) encerram informando que o que se requeria do Contador no mercado, nos anos de 1960, estava restrito basicamente a competências técnicas, especialmente, às ligadas à legislação tributária e, devido à evolução da humanidade e à globalização, essas demandas profissionais irão mudar, criando novas exigências ao profissional contábil e ao seu processo de formação.

2.2.6.1 Espectro de todos os níveis profissionais do contador

A ciência contábil é uma área de grande detalhamento do seu processo formativo e de sua contribuição social, pois, pela grandeza da sua atividade, fundamenta-se em princípios, leis e outras normas decorrentes das relações sociais entre pessoas, empresas e instituições em geral. O contabilista registra, quantifica, projeta, analisa, avalia, orienta e produz outros elementos, de cuja essência depende dos organismos econômicos, administrativos e financeiros, sobretudo, para decidir, manter ou reorientar as ações e os rumos dos negócios e a gestão das organizações (SILVA *et al.*, 2015).

Nesse contexto, Santos, Santos e Silva (2015) discorrem que a profissão contábil está em ascensão com um crescimento visível, e com um mercado de trabalho amplo oferecendo muitas oportunidades. É uma das áreas que mais oferece oportunidade de trabalho na atualidade, possuindo uma enorme área de atuação. O contador pode atuar no âmbito público ou privado, pode ser professor na área da contabilidade, possuir um escritório contábil, ser contador em empresa de terceiros, consultor, perito, auditor, entre outros (PATTUSSI, 2015).

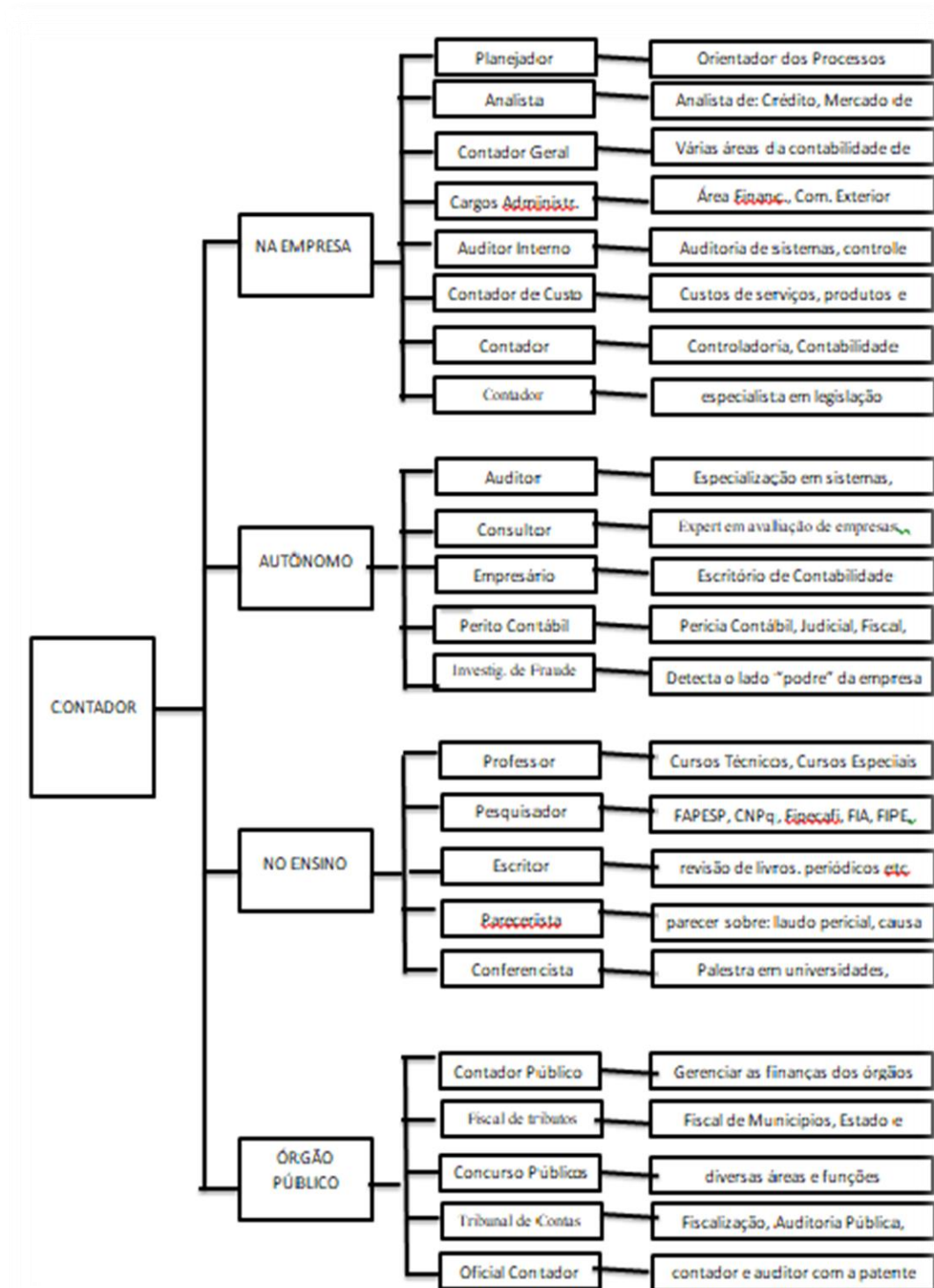
Distante do que muitos imaginam, a profissão contábil é ampla e sua função não é limitada unicamente ao registro dos lançamentos contábeis, de forma que fossem cumpridas apenas as exigências do fisco (MATIAS, 2017). A amplitude profissional do cientista contábil foi validada junto com a Resolução nº 560 de 1983, que dá a regulamentação da profissão contábil. Em seu artigo 2º, são definidas as condições nas quais os contabilistas podem exercer suas atividades:

Art. 2º - O contabilista pode exercer as suas atividades na condição de profissional liberal ou autônomo, de empregado regido pela CLT, de servidor público, de militar, de sócio de qualquer tipo de sociedade, de diretor ou de conselheiro de quaisquer entidades, ou, em qualquer outra situação jurídica definida pela legislação, exercendo qualquer tipo de função. Essas funções poderão ser as de analista, assessor, assistente, auditor, interno e externo, conselheiro, consultor, controlador de arrecadação, controller, educador, escritor ou articulista técnico, escriturador contábil ou fiscal, executor subordinado, fiscal de tributos, legislador, organizador, perito, pesquisador, planejador, professor ou conferencista, redator, revisor. Essas funções poderão ser exercidas em cargos como os de chefe, subchefe, diretor, responsável, encarregado, supervisor, superintendente, gerente, subgerente, de todas as unidades administrativas onde se processem serviços contábeis. Quanto à titulação, poderá ser de contador, contador de custos, contador departamental, contador de filial, contador fazendário, contador fiscal, contador geral, contador industrial, contador patrimonial, contador público, contador revisor, contador seccional ou setorial, contadoria, técnico em contabilidade, departamento, setor, ou outras semelhantes (BRASIL, 1983, p.1).

No processo de atuação, algumas áreas citadas acima possuem maior destaque, como: contador na empresa, auditor, perito e *controller*. Segundo Santos, Santos e Silva (2015), o contador na empresa é o profissional que atua em diversificadas áreas: contabilidade Pública, Rural, Hospitalar, Industrial, Comercial, Imobiliária, de Seguros, de Serviços, de Transportes, de Entidades sem Fins Lucrativos etc. Pattussi (2015) categoriza o auditor como o profissional que verifica a exatidão dos procedimentos contábeis; podendo ser um auditor independente, profissional liberal que não é empregado da empresa em que está realizando o trabalho de auditoria; ou um auditor externo, que é empregado ou dependente econômico da empresa em que faz o exame da contabilidade e cuida dos contratos internos. Já o perito contábil, para Santos, Santos e Silva (2015), é o profissional que atua na avaliação diagnóstica que pode comprovar desvio ou má utilização de recursos financeiros. Por fim, Wiggers, Lunkes e Souza (2015), em sua pesquisa, classificam que o *controller* é aquele que participa mais ativamente nas tomadas de decisões da organização, tendo uma atuação mais gerencial e estratégica de apoio e tomada de decisão nas empresas.

De acordo com Silva *et al.* (2015), a contabilidade é uma das áreas que mais proporciona oportunidades para o profissional, cuja área de atuação se divide em quatro segmentos, quais sejam: na empresa, autônomo, no ensino e órgão público. Para melhor exemplificação, segue Figura 2 com o mapa conceitual desses segmentos.

Figura 1 – Mapa das áreas de trabalho contábil



Fonte: Adaptado de Marion (2015), Pattussi (2015) e Matias (2015).

Assim, verifica-se que a contabilidade é uma ciência bastante ampla e tem várias funções, e é cabível que o sujeito a ser formado tenha imersão teórica ou empírica em alguma das áreas acima mencionadas. O processo de formação em contabilidade exige muita complexidade das instituições para se cumprir todos os espectros existentes junto à ciência contábil.

Para encerrar esta subseção, foi feita uma revisão das obras que foram utilizadas, com intenção de demonstrar a escolha teórica que irá auxiliar na pesquisa e sua relação com a área que será investigada na pesquisa. Assim, os assuntos se dividiram em debates sobre a socialização e a formação, fazendo uma relação final do processo de socialização profissional para a formação contábil, conforme exposto no Quadro 9 a seguir.

Quadro 9 – Estudos anteriores que abordam o interacionismo profissional para a formação contábil

ASSUNTO	TÓPICOS		AUTORES
SOCIOLOGIA DAS PROFISSÕES	A CORRENTE INTERACIONISTA E A SOCIOLOGIA DAS PROFISSÕES	A SOCIALIZAÇÃO PROFISSIONAL PARA A FORMAÇÃO CONTÁBIL	Rodrigues (2002); Mintegui (2014); Oliveira (2014); Fleck (2014); Carvalho (2011); Carvalho, Borges e Rego (2010); Barros <i>et. al.</i> (2019); De Melo e Valle (2013); Kroeff <i>et al.</i> (2017); Pontes <i>et al.</i> (2017); Silva (2015); Feitosa (2015); Oliveira (2017); Da Silva (2015); Bissaro e Nunes (2015); Perrenoud (2000); Moreira (2013); Camacho (2019); Rojas e Garcês (2015); Degenhart, Vogt e Biavatti (2014); Barreto e Braz (2016); Pinto (2018); Dantas <i>et al.</i> (2018); Marion (2015); Pattussi (2015); Matias (2017); Santos, Santos e Silva (2015).
INTERACIONISMO SIMBOLICO			
SOCIALIZAÇÃO PROFISSIONAL			
FORMAÇÃO PROFISSIONAL	FORMAÇÃO PROFISSIONAL CONTÁBIL		
FORMAÇÃO PROFISSIONAL DO CONTADOR			
ESPECTRO DE TODOS OS NÍVEIS PROFISSIONAIS DO CONTADOR			

Fonte: Elaboração própria (2020).

3 ESCOLHAS EPISTEMOLÓGICAS, ONTOLÓGICAS E METODOLÓGICAS

Adotou-se nesta pesquisa uma abordagem de natureza qualitativa, uma vez que esta se constrói nos processos e significados, objetivando interpretar os significados e as interações sociais (GODOI, 2006). Um dos motivos por escolher uma pesquisa qualitativa foi à flexibilidade do *design* da pesquisa, que permite ao pesquisador liberdade para não limitar suas contribuições para o que emerge antes da pesquisa de campo; ele não pode ser dado *a priori*, mas desenvolve-se e desabrocha-se, conforme a coleta de dados empíricos (GODOI, 2006).

A escolha também tem relação com os estudos em contabilidade, que sofrem com forte predominância de pesquisas quantitativas. Entretanto, a pesquisa qualitativa é bastante importante para a contabilidade, uma vez que essa ciência, como social aplicada, necessita de uma abordagem que consiga compreender a realidade social de forma profunda para que os objetivos dos trabalhos na área contábil sejam alcançados (FREZATTI *et al.*, 2015). Pereira *et al.* (2019) entendem que as pesquisas qualitativas buscam auxiliar na compreensão dos fenômenos organizacionais em profundidade, cujas nuances não podem ser interpretadas somente com os métodos quantitativos, ou, ainda, com uma integração das duas abordagens sobre o problema.

O estudo feito por Hoque *et al.* (2017) corrobora a importância da pesquisa qualitativa na contabilidade. Com este estudo, foi apresentada a consolidação de diferentes métodos, paradigmas, estratégias e tópicos relevantes aos pesquisadores em contabilidade, trazendo à tona a consolidação de uma vasta gama de pesquisas qualitativas realizadas e publicadas, demonstrando o amadurecimento dessas abordagens na área contábil.

Os paradigmas podem ser definidos como um conjunto básico de crenças que guiam a ação e que lidam com princípios iniciais, ou fundamentos (GODOI, 2006). Os paradigmas servem como norteadores das atividades das pesquisas para definir a visão de mundo do pesquisador (GODOI, 2006; MENDONÇA, 2002).

Burrell e Morgan (1979) propuseram quatro amplas visões de mundo e cada uma delas contemplou um conjunto de pressupostos teóricos sobre a natureza da ciência (objetiva/subjetiva) e a natureza da sociedade (regulação – mudança radical), a partir dos quais o conhecimento do mundo social pode ser dividido em humanista radical, estruturalista radical, funcionalista e interpretativista (BURRELL; MORGAN, 1979 *apud* GODOI, 2006). E para dar aporte a esta pesquisa, foi escolhido o paradigma subjetivo ou interpretativista para orientar os conhecimentos desta pesquisa, definido por Mendonça (2002) como um paradigma

baseado na visão de que o mundo social tem uma condição ontológica precária e o que se passa na realidade social não existe em qualquer sentido concreto, mas é o produto das experiências subjetivas e intersubjetivas dos indivíduos.

Por sua constante relação metodológica com pesquisas quantitativas, muito se fala que o contexto da pesquisa contábil ainda é rigoroso e voltado ao paradigma funcionalista (PEREIRA *et al.*, 2019), direcionando-se à solução de problemas objetivos das organizações numa visão monoparadigmática, limitando perspectivas e achados no campo a um monismo metodológico e epistemológico (VASCONCELOS *et al.*, 2017).

Vasconcelos *et al.* (2017) confirmam a escolha paradigmática deste projeto ao entenderem que a pesquisa contábil, no olhar interpretativista, deve alcançar não somente medidas objetivas, mas, igualmente, as ações dos atores sociais, as influências externas e internas, os aspectos estruturais, históricos, econômicos, sociais, políticos e legais, bem como o (macro / meso) contexto no qual o fenômeno investigado ocorre.

Com o paradigma interpretativista, as escolhas epistemológicas, ontológicas e metodológicas se remeteram ao interacionismo simbólico que, segundo Morgan (1980) e Smertich (1994), tem como objetivo entender o mundo das experiências vividas através do ponto de vista daqueles que nele vivem. Esses autores criaram uma rede de pressupostos básicos, caracterizando o debate do subjetivismo e objetivismo dentro da ciência social, os quais se encontram detalhados no Quadro 10 a seguir.

Quadro 10 – Pressupostos no Paradigma Interpretativista

Pressupostos no paradigma interpretativista	
Pressupostos Ontológicos Centrais	Realidade como um campo de discurso simbólico
Pressupostos sobre a Natureza Humana	Homem como um ator, o usuário de símbolos
Estâncias Epistemológicas Básicas	Para entender padrões do discurso simbólico
Algumas Metáforas Permitidas	Teatral, cultural.
Métodos de Pesquisa	Interacionismo Simbólico

Fonte: Morgan e Smertich (1980).

A ontologia para o interacionismo simbólico entende o mundo social como um modelo de relações simbólicas e de significados, sustentados através de um processo de ação e interação humana (MENDONÇA, 2002). A importância ontológica do mundo social é que este representa como é possível entender o que pode ser conhecido para a ciência contábil, a partir das viradas no mundo social. A realidade do mundo social, segundo Mendonça (2002),

repousa não em regras ou no seguimento de regras, mas no sistema de ações significantes que apresentam a si mesma e aos observadores externos como norteadoras.

Os pressupostos epistemológicos desta pesquisa colocam ênfase na modelagem dos símbolos através dos quais os sujeitos modulam suas realidades sociais (MENDONÇA, 2002). E, para conhecer o mundo do tema de pesquisa, é necessária a interação entre os acadêmicos e as realidades profissionais da contabilidade. As situações empíricas da contabilidade deverão ser pesquisadas de maneira que revelem sua interação com o que é praticado academicamente. Para Mendonça (2002), a epistemologia envolvida aqui não sustenta que as descobertas são generalizáveis, mas ela as considera como provedoras de conhecimentos instigantes e significantes sobre a natureza do mundo social.

A natureza humana presente nessa pesquisa coloca os sujeitos contábeis como atores sociais, interpretando seus papéis e orientando suas ações de modo que tenham significado para eles, criando uma interpretação da realidade (MENDONÇA, 2002).

Para entender o caminhar dado a essa pesquisa, utiliza-se do interacionismo simbólico como metodologia e que com os símbolos que surjam da pesquisa sejam dados os devidos significados à problemática. Ao se tratar de um problema tão característico sobre a formação contábil, a metodologia interacionista é a melhor maneira para se captar a realidade, possibilitando ao pesquisador “colocar-se no papel do outro”, vendo o mundo pela visão dos participantes (MENDONÇA, 2002).

A ênfase dada metodologicamente no interacionismo simbólico é realizada pela interação dos sujeitos com os símbolos existentes no mundo social. De acordo com Mendonça (2002), a melhor maneira para se captar a realidade é aquela que possibilita ao pesquisador “colocar-se no papel do outro”, vendo o mundo pela visão dos participantes. Denzin (1972) apresenta sete princípios norteadores metodológicos para o interacionismo simbólico, sintetizados por Silverman (1995) e Mendonça (2002), os quais se encontram sucintamente no Quadro 11 a seguir.

Quadro 11 – Princípios Metodológicos do Interacionismo

Princípio	Implicação
Relacionar símbolos e interação	Mostrar como significados surgem no contexto do comportamento.
Tomar o ponto de vista do ator	Aprender as concepções cotidianas da realidade; interpretá-las através de uma perspectiva sociológica.
Estudar o caráter situacional da interação	Levantar os dados em situações de ocorrência natural.
Estudar o processo, bem como a	Examinar como símbolos e comportamentos variam

estabilidade	em relação ao tempo e ambiente.
Generalizar da descrição para a teoria	Tentar estabelecer proposições interativas universais.

Fonte: Adaptado de Silverman (1995) e Mendonça (2002).

Para uma pesquisa qualitativa, a observação do mundo como um objeto interacional é algo bastante relevante, mas há de se relatar como essa pesquisa se perdurará e uma característica forte desse método são as suas premissas. As premissas trazidas por estudiosos como Blumer (1969) mostram o norte dado à pesquisa interpretativista de cunho interacionista, conforme demonstrado no quadro 12 a seguir.

Quadro 12 – Premissas Metodológicas do Interacionismo Simbólico

PREMISSAS	PRIMEIRA	SEGUNDA	TERCEIRA
MENDONÇA (2002)	O ser humano orienta seus atos em direção às coisas em função dos seus significados;	O significado dessas coisas surge como consequência da interação social com seu próximo;	Os significados se manipulam e se modificam mediante um processo interpretativo desenvolvido pela pessoa ao defrontar-se com as novas coisas em seu caminho.
BLUMER (1969)	O modo como um indivíduo interpreta os fatos e age perante outros depende do significado que ele atribui a esses outros;	O significado, porém, é resultado dos processos de interação social;	Os significados podem sofrer mudanças ao longo do tempo.
DUPAS, OLIVEIRA, COSTA (1997)	O ser humano age em relação às coisas com base nos sentidos que tais coisas têm para ele;	O sentido das coisas é derivado da interação social que o indivíduo estabelece com os outros;	Estes sentidos são manipulados e modificados através da interpretação feita pela pessoa ao lidar com as coisas que ela encontra.
BUENO, ALVES, FERREIRA (2017)	Os indivíduos agem de formas diferentes diante das situações por conta do significado que as situações têm para ele;	Este significado é alcançado por meio da interação e se mantém ou é alterado mediante um processo interpretativo;	Eu tenho um conceito de mim mesmo a partir dos outros, exerço um papel, e isso marca minha individualidade.
ABRÃO, ROMANINI (2017); ENNES (2013)	Os seres humanos agem em relação ao mundo fundamentando-se nos significados que esse lhes oferece;	Os significados dos elementos são provenientes ou provocados pela interação social com as demais pessoas;	Os significados são manipulados ou modificados por um processo interpretativo utilizado pela pessoa ao se relacionar com novos elementos que tem contato.
LEITE, GONÇALVES (2009); LOPES, JORGE (2005)	Os seres humanos agem em relação às coisas, tomando por base o significado que as coisas tem para ele;	O significado de tais coisas, às vezes, surge de uma interação social que a pessoa tem com seus iguais;	Esses significados são manipulados e modificados através de um processo interpretativo, usado pela pessoa para lidar com as coisas que ele encontra.

Fonte: Elaboração própria (2020).

As premissas mostram três pontos essenciais da pesquisa: símbolos, significado e *self*. Os símbolos presentes ao interacionismo incidem já na primeira premissa da ação dos indivíduos, conforme as relações do mundo que, segundo Santos (2008), os símbolos são objetos sociais usados pelo ator para representação e comunicação, e à medida que os indivíduos interagem, eles estão interpretando ou definindo as ações uns dos outros, e suas respostas não são dadas diretamente às ações do outro, mas baseadas nos significados que eles atribuem a tais ações.

Essa brecha permite imergir no que a teoria entende por significado e, apoiado em Diel (2015), o significado ou sentido, presente nas três premissas, é um produto da interação social, modelado nela e ao mesmo tempo transforma o curso da interação, podendo-se afirmar que o sentido surge no ato social, pois a relação entre um estímulo dado e as fases posteriores do ato social constitui o Campo no qual se origina o significado.

Entendendo o significado apresentado precisamente na segunda premissa, é encontrada uma pequena brecha na terceira premissa na qual se entende que esses significados são passíveis de alterações e modificações na sua compreensão, devido à individualidade à autonomia dos sujeitos. Essa individualidade é o que muitos entendem como *self*, para o interacionismo simbólico. Para Casagrande (2016), o *self* é um processo social de influenciar sobre outros num ato social e, em seguida, adotar a atitude dos outros, despertada pelo estímulo, e então reagir, por sua vez, a essa resposta.

Assim, o *self* é um objeto e interage com os outros, por isso é definido, redefinido e pode mudar constantemente, conforme sua interação social e, para terminar essa parte do estudo, Santos (2018, p.56) resume em uma mensagem o que é ser *SELF*: “Como eu me vejo, como eu me defino, o julgamento que tenho de mim mesmo são todos altamente dependentes das definições sociais que encontro na vida”.

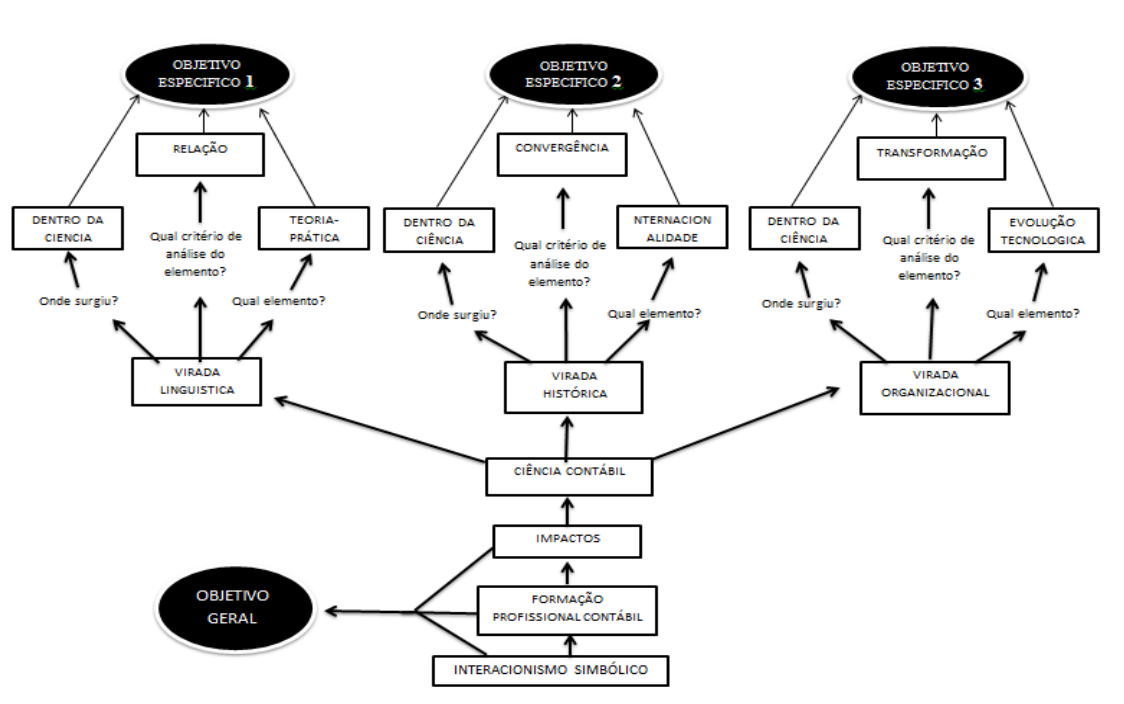
Para Blumer (1969), o interacionismo é a teoria que concebe todas as ações humanas como guiadas por um processo de indicação e interpretação da realidade. Embora as ações individuais possam ser influenciadas pelas interações nas quais estamos envolvidos, elas são, também, resultado de nossa própria definição e interpretação da realidade. É por meio das interações entre os indivíduos que a realidade é construída e interpretada simbolicamente. Portanto, o interacionismo simbólico rejeita a imagem do ser humano como um ser passivo e determinado, e cria uma imagem ativa do mesmo, atribuindo aos indivíduos e suas ações a um processo formador, no qual são usados ou alterados para a constituição de uma própria sociedade.

Assim, o que será utilizado para nortear a pesquisa pelo interacionismo simbólico serão os princípios e as premissas metodológicas, levando em consideração a presença dos símbolos, significados e *self*. As técnicas dessa pesquisa levam uma estrutura voltada às bases simbólicas e sempre objetivando considerar o posicionamento do sujeito ou ator simbólico daquilo que é interagido e percebido. Com isso, esta pesquisa justifica-se em suas escolhas metodológicas iniciais com uma abordagem qualitativa e no paradigma interpretativista, apoiando-se metodologicamente nos estudos interacionistas simbólicos que, em sua premissa, entendem o indivíduo e a sociedade como unidades inseparáveis e interdependentes (MENDONÇA, 2002).

3.1 MÉTODOS, TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS

Para exemplificar as escolhas estabelecidas, foi executado um mapa, conforme a Figura 3 a seguir, estruturado a partir dos tópicos do referencial teórico e da maneira como cada um auxilia no alcance dos objetivos desta pesquisa. Como pontos a serem esclarecidos, vale salientar que, para cada virada, foi escolhido um elemento de análise (teoria/prática, internacionalidade e evolução tecnológica) e um critério para se analisar esse elemento (relação, convergência, transformação). Essas escolhas têm a intenção de auxiliar na análise dos dados, pois cada elemento será observado de acordo com o seu critério de análise.

Figura 3 – Mapa relacionando os objetivos ao referencial teórico



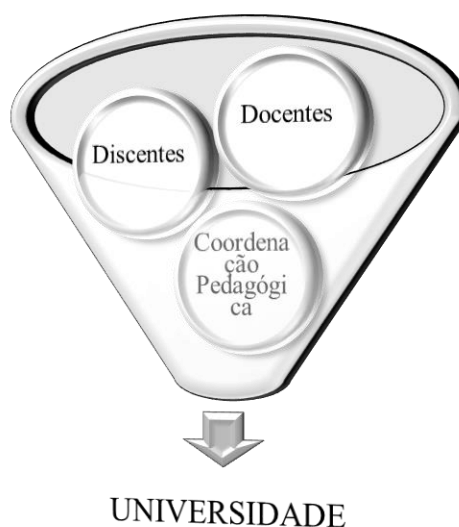
Fonte: Elaboração própria (2020).

A elaboração do presente mapa tem a intenção de mostrar o caminho percorrido, relacionando os objetivos aos métodos escolhidos para a pesquisa. São quatro objetivos (geral e específicos) pretendidos junto ao trabalho, divididos em uma sequência lógica por escolha do pesquisador. A partir da Taxonomia de Bloom (FERRAZ; BELHOT, 2010), os verbos foram escolhidos junto aos objetivos para se ter uma sequência lógica de aplicação, fazendo com que um auxilie/complemente o outro.

Os três objetivos específicos estão nos níveis de análise, pois buscam analisar as mudanças causadas nas três viradas (linguística, histórica e organizacional) para a ciência contábil e os seus profissionais. Esses três objetivos têm grande relação com o tema da pesquisa e, em cada virada, busca-se demonstrar os impactos trazidos para a profissão contábil. Os verbos utilizados nesses três objetivos foram: verificar, analisar e pontuar. Seguindo a ordem trazida nos objetivos específicos anteriores, é aplicado o objetivo geral da pesquisa, que está no nível de avaliação, pois buscam avaliar os impactos trazidos nos três objetivos anteriores para a formação do profissional contábil a partir da corrente interacionista. No objetivo geral, o verbo utilizado foi avaliar.

O anseio em pesquisar os impactos do mundo social (interacionismo) na formação do profissional contábil, segundo o ponto de vista dos sujeitos da universidade, permitiu criar diferentes grupos a serem estudados, cujas características seguem na Figura 4 seguinte.

Figura 4 – Desenho dos sujeitos da pesquisa



Fonte: Elaboração própria (2020).

Para compreender os sujeitos a serem avaliados nesta pesquisa, é importante tencionar a sua profundidade do problema. E, para entender essa virada social que possa corroborar na formação contábil, é preciso utilizar da sociedade que demanda a contabilidade e da universidade que forma essas pessoas para a sociedade. Com isso, para responder esta pesquisa foram escolhidos os discentes, docentes, coordenação pedagógica e documentos.

As estratégias da pesquisa foram estabelecidas em conformidade com as escolhas paradigmáticas, cuja técnica a ser utilizada foi a das entrevistas qualitativas baseadas em roteiro. .

A escolha da entrevista qualitativa é endereçada aos sujeitos representantes dos cenários da educação (discentes, docentes e coordenação pedagógica). Para a epistemologia interpretativa, as entrevistas qualitativas são definidas como encontros interacionais que podem determinar novos conhecimentos gerados (GODOI, 2006). Segundo Godoi (2006), há três modalidades principais de entrevista qualitativa: (a) a entrevista conversacional livre em torno de um tema, (b) a entrevista baseada em roteiro e (c) a entrevista padronizada aberta.

Desse modo, pretende-se utilizar das pretensões da entrevista baseada em roteiro, pois esta é caracterizada pela preparação do entrevistado e por dar ao entrevistador flexibilidade para ordenar e formular as perguntas durante a entrevista. Além disso, estabelece um tópico guia de orientação que é parte vital do processo de pesquisa e necessita atenção detalhada. Por detrás de uma conversação aparentemente natural e quase casual, encontrada na entrevista bem-sucedida, está um entrevistador bem preparado (CAPELLE; BORGES; MIRANDA, 2010).

A partir da separação dos sujeitos da pesquisa e das escolhas técnicas, foi elaborado o Quadro 13 a seguir com a fonte dos dados, as técnicas e como cada fonte de dados (sujeito) vai estar conectada ao seu objetivo.

Quadro 10 – Estratégia da pesquisa

FONTES DE DADOS	TÉCNICAS	DESCRIÇÃO	FUNÇÃO
Discentes da UFS	Entrevista qualitativa baseada em roteiro (SEMIESTRUTURADA)	Trata-se de um o tópico guia para auxiliar na aplicação da pesquisa. Caracterizada pela preparação de temas para questionar ao entrevistado e por dar ao entrevistador flexibilidade para ordenar e formular o roteiro de entrevista. (FREITAS SILVA <i>et al.</i> , 2006)	Objetivos específicos A, B e C.
Docentes da UFS	Entrevista qualitativa	Trata-se de um o tópico guia para	Objetivos específicos

	baseada em roteiro (SEMIESTRUTURADA)	auxiliar na aplicação da pesquisa. Caracterizada pela preparação de temas para questionar ao entrevistado e por dar ao entrevistador flexibilidade para ordenar e formular o roteiro de entrevista. (FREITAS SILVA <i>et al.</i> , 2006)	A, B e C.
Coordenação pedagógica da UFS	Entrevista qualitativa baseada em roteiro (SEMIESTRUTURADA)	Trata-se de um o tópico guia para auxiliar na aplicação da pesquisa. Caracterizada pela preparação de temas para questionar ao entrevistado e por dar ao entrevistador flexibilidade para ordenar e formular o roteiro de entrevista. (FREITAS SILVA <i>et al.</i> , 2006)	Objetivos específicos A, B e C.

Fonte: Elaboração própria (2020).

Apresentadas as técnicas propostas a esta pesquisa, é relevante mostrar que, para avaliar tais dados colhidos, foi escolhida a técnica da análise temática que será apresentada no tópico a seguir.

3.2 ANÁLISE TEMÁTICA

Como técnica de análise dos dados, foi selecionada a **análise temática**, por ser um método usado para identificar, analisar e relatar padrões (temas) dentro dos dados, e também por descrever minimamente seu conjunto de dados em detalhes (BRAUN; CLARKE, 2006).

De acordo com os estudos elaborados por Braun e Clarke (2006) e outros autores, a análise temática é interessante como uma ferramenta de pesquisa flexível e útil, fornece um relato rico, detalhado e complexo dos dados. Claramente, a análise temática envolve a busca e identificação de temas comuns que se estendem por toda uma entrevista ou conjunto de entrevistas (VAISMORADI *et al.* 2016).

O tema captura algo importante sobre os dados em relação à questão da pesquisa e representa algum nível de estampada resposta ou significado dentro do conjunto de dados (BRAUN; CLARKE, 2013). Um tema contém códigos que têm fortes relações e uma grande possibilidade de generalização que unifica ideias sobre o assunto investigado (BRAUN; CLARKE, 2006).

A Análise Temática é essencialmente um método para identificar e analisar padrões em dados qualitativos, sendo empregada por metodologias teórico-fundamentadas e análise fenomenológica interpretativa (CLARKE; BRAUN, 2013). Por isso, Clarke e Braun (2013)

consideram a análise temática bastante útil metodologicamente por que: a) trabalha com uma ampla gama de questões de pesquisa, sobre as experiências ou entendimentos das pessoas para a representação e construção de fenômenos em contextos particulares; b) pode ser usado para analisar diferentes tipos de dados, de fontes secundárias, como mídia, transcrições de grupos focais ou entrevistas; c) trabalha com conjuntos de dados grandes ou pequenos; e d) pode ser aplicado para produzir análises baseadas em dados ou em teoria.

Não existe um cronograma rígido e estrito para a aplicação da análise temática, pois essa técnica parte da flexibilidade permitida ao pesquisador e independência ao determinar temas (e prevalência) de várias maneiras, dando sua importância à consistência no modo coerente que se elabora a análise a partir do problema de pesquisa (BRAUN; CLARKE, 2013; VAISMORADI *et al.* 2016).

O uso da análise temática pode fornecer relatos em distintos níveis e os temas devem ser identificados: semânticos ou latentes (BOYATZIS, 1998). Por outro lado, a abordagem latente vai além do conteúdo semântico dos dados, começando a identificar ou examinar as ideias subjacentes, premissas e conceituações – e ideologias – que são teorizadas como moldando ou informando o conteúdo semântico dos dados (BRAUN; CLARKE, 2006). Para esta pesquisa, decidiu-se adotar a abordagem no nível latente, por abranger da melhor forma as ideias postas na contabilidade para identificar os discursos que deram forma e significado específicos às viradas presentes na contabilidade.

Com o objetivo de demonstrar o caminho a ser percorrido no processo de análise da coleta de dados, no Quadro 14 seguinte estão descritas as seis fases a serem seguidas, segundo Clarke e Braun (2006), para a análise temática, quais sejam: 1) familiarização com os dados; 2) geração de códigos iniciais; 3) busca de temas; 4) revisão de temas; 5) definir e nomear temas; e 6) produção do relatório. É importante afirmar que esse modelo de fases não precisa ser visto exclusivamente como um modelo linear, no qual não se pode avançar para a próxima fase sem concluir a fase anterior (corretamente); ao contrário, a análise é um processo recursivo, ou seja, o pesquisador tem total liberdade para guiar a avaliação das fases e códigos presentes na análise temática (BRAUN; CLARKE, 2013).

Quadro 14 – Fases da Análise Temática

FASES	DESCRIÇÃO	CARACTERÍSTICAS
Fase 1: familiarizando-se com seus dados	Nessa fase, o foco será na familiarização do pesquisador com todos os aspectos dos seus dados e imergir na 'leitura repetida' dos dados e a leitura do dados em um	Se você estiver trabalhando com dados verbais, como entrevistas, programas de televisão ou discursos políticos, os dados precisarão ser transcritos na forma escrita, a fim de realizar uma análise temática. Transcrição 'ortográfica' é um

	ativo - procurando significados, padrões e assim por diante.	relato 'literal' de todos os verbais (e às vezes não verbais [por exemplo, tosses]) e expressões. O importante é que a transcrição retenha as informações necessárias, do relato verbal e de uma maneira 'fiel' à sua natureza original e que a convenção de transcrição seja praticamente adequada ao objetivo de análise.
Fase 2: gerando códigos iniciais	Essa fase então envolve a produção de códigos iniciais a partir dos dados. O processo de codificação faz parte da análise e busca identificar um recurso dos dados (conteúdo semântico ou latente) que podem ser as mais básicas ou informações brutas que podem ser avaliadas de maneira significativa a respeito do fenômeno, e organizadas em grupos significativos.	A codificação dependerá, em certa medida, se os temas são mais 'orientados a dados' ou 'orientados a teoria' – no primeiro, os temas dependerão dos dados, mas, no segundo, você pode abordar os dados com perguntas específicas em mente que você deseja codificar. Também vai depender se seu objetivo é codificar o conteúdo de todo o conjunto de dados ou se você está codificando para identificar determinados (e possivelmente limitados) do conjunto de dados. A codificação pode ser feita manualmente ou através de um programa de software.
Fase 3: pesquisando temas	Esta fase, que reorienta a análise no nível mais amplo de temas, em vez de códigos, envolve a classificação dos diferentes códigos em temas em potencial e a coleta de todos os extratos de dados codificados relevantes nos temas identificados.	Pode ser útil, nesta fase, usar representações visuais para ajudar você classificar os diferentes códigos em temas. Você pode usar tabelas, mapas mentais ou escrever o nome de cada código (e uma breve descrição) em um pedaço de papel separado, podendo brincar com eles, organizando-os em pilhas de temas. Você termina esta fase com uma coleção de temas e subtemas candidatos e todas as extrações de dados que foram codificados em relação a eles.
Fase 4: revisando temas	Esta fase envolve o refinamento do tema, e alguns temas candidatos poderão não ser realmente temas, enquanto outros podem entrar em colapso um com o outro; ou até podem precisar ser divididos em temas separados.	Esta fase envolve dois níveis de revisão e aprimoramento de seus temas. O nível um envolve a revisão no nível das extrações de dados codificados. Isso significa que você precisa ler todos os extratos agrupados para cada tema e considerar se eles parecem formar um padrão coerente. Se os temas parecem formar um padrão coerente, vão para o nível dois, que considera a validade de temas individuais em relação ao conjunto de dados, mas também se o seu mapa temático do candidato 'com precisão' reflete os significados evidentes no conjunto de dados como um todo. No final desta fase, você deve ter uma boa ideia de quais são seus diferentes temas, como eles se encaixam e a história geral que eles contam sobre os dados.
Fase 5: definindo e nomeando temas	Nesse ponto, você define e refina ainda mais os temas que você apresentará para sua análise de dados. Ao "definir e refinar", significa identificar a "essência" do tema de cada e determinar qual aspecto dos dados cada tema captura.	Para cada tema individual, você precisa realizar e escrever uma análise detalhada. Então você precisa considerar os temas e cada tema em relação aos outros. Como parte do refinamento, você identificará se um tema contém ou não subtemas. Os subtemas são essencialmente temas dentro de um tema. É importante que, ao final desta fase, você possa definir claramente quais são seus temas e quais eles não são. Um teste para isso é verificar se é possível descrever o escopo e o conteúdo de cada tema em algumas frases. Se você não puder fazer isso, pode ser necessário um aprimoramento adicional desse tema.
Fase 6: produzindo o	Esta fase consiste na elaboração da	É importante que a análise seja concisa, coerente, lógica, não um relato repetitivo e interessante da

relatório	análise final e redação do relatório. A tarefa de redação de uma análise temática é contar a história dos seus dados de uma maneira que convença o leitor do mérito e validade da sua análise.	história contada pelos dados - dentro e entre temas. Sua gravação deve fornecer evidência suficiente dos temas contidos nos dados - ou seja, extrações de dados suficientes para demonstrar a prevalência do tema. No entanto, sua redação precisa fazer mais do que apenas fornecer dados, e sua narrativa analítica precisa ir além da descrição dos dados e fazer um argumento em relação à sua questão de pesquisa.
-----------	--	---

Fonte: Elaboração própria (2020).

Com base nas seis fases do processo de análise temática apresentadas por Braun e Clarke (2006), este projeto tende a seguir o caminho estabelecido na análise temática a partir da interpretação dos dados e na busca de temas que ajudem a compreender os impactos das viradas no processo de formação contábil.

Com o intuito de organizar os tópicos de análise da pesquisa, foi elaborado um constructo da análise da pesquisa com a orientação dos procedimentos e enfoques trazidos em todos os objetivos específicos da pesquisa, conforme Quadro 15 abaixo.

Quadro 15 - Constructo da pesquisa

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE	TEMAS DE ANÁLISE	CATEGORIAS ANALISADAS	SUPORTE TEÓRICO
Identificar a partir da virada linguística, a relação entre a teoria ensinada (linguagem) da contabilidade e a prática da profissão no mercado (realidade);	Análise Temática	Teoria-prática, virada linguística, formação acadêmica, demandas sociais.	Comparação; universidade e mercado; relação teoria-prática; formação profissional, demandas profissionais, competências.	Interacionismo Simbólico (CARVALHO, 2011; CARVALHO; BORGES; REGO 2010); Socialização Profissional (KRAMER <i>et al.</i> , 2013; PONTES <i>et al.</i> , 2017); Virada Linguística (MARIN; LIMA; NOVA, 2014; OURIQUE, 2010)
Analisar, a partir da virada histórica, o processo de convergência do ensino/aprendizagem no processo de formação acadêmico-profissional frente às inovações trazidas pela internacionalidade;	Análise Temática	Internacionalidade, convergência, virada histórica.	Convergência, Globalização, Internacionalidade, atualização, virada histórica, legislação.	Interacionismo Simbólico (CARVALHO, 2011; CARVALHO; BORGES; REGO, 2010); Socialização Profissional (KRAMER <i>et al.</i> , 2013; PONTES <i>et al.</i> , 2017); Virada Histórica (SCHMIDT; GASS, 2018; JACOMOSSI, 2015)
Descrever a partir da	Análise	Evolução	Evolução	Interacionismo

virada organizacional, os impactos das transformações tecnológicas nas atividades rotineiras dos profissionais contábeis e, conseqüentemente, no processo de formação acadêmico-profissional.	Temática	tecnológica, virada organizacional transformação na contabilidade.	tecnológica, inteligência artificial, viradas organizacionais; indústria 4.0; impactos nas atividades contábeis; transformação na contabilidade.	Simbólico (CARVALHO, 2011; CARVALHO; BORGES; REGO, 2010); Socialização Profissional (KRAMER <i>et al.</i> 2013; PONTES <i>et al.</i> , 2017); Virada Organizacional (SANTOS, 2019; XAVIER; CARRARO; RODRIGUES, 2020)
---	----------	--	--	--

Fonte: Elaboração própria (2020).

Para a coleta de dados, foram estabelecidos temas de análise e suas categorias, conforme os objetivos específicos da pesquisa. Os três objetivos específicos voltam-se para as viradas existentes na contabilidade e têm como temas os elementos e critérios de análise já mencionados, e algumas categorias que se desmembram a partir dos temas propostos. Para esses três objetivos, o aporte teórico para análise temática dos dados dar-se-á pela teoria do interacionismo simbólico e do fenômeno da socialização profissional que corroboram nessa noção relacional do campo educacional ou narrativo com a realidade empírica da sociedade e suas mudanças.

3.3 DOS DADOS AOS TEMAS E SUBTEMAS – DESENHANDO O CAMINHO DA ANÁLISE

Como se fala em interacionismo simbólico, todas as perguntas foram direcionadas ao sujeito respondente e todas utilizaram termos que induziam a visão do sujeito sobre o fato, exclusivamente a visão de cada respondente. Termos estes que remetem ao que foi dialogado no *Self*, quais sejam: “na sua concepção”, “você acredita”, “para você”, “no seu ponto de vista”. As perguntas obrigatoriamente foram direcionadas para que tivessem pronomes pessoais e/ou possessivos na segunda pessoa (você, vocês, seu, sua, seus, suas) para ser o recurso representativo do *Self* presente no interacionismo simbólico. Os símbolos da pesquisa foram divididos em alguns tópicos presentes em cada virada e o posicionamento dos respondentes, a partir da interação dos símbolos com o mundo, gerou os significados.

Dessa forma, pode-se presumir que a criteriosidade na construção dos questionários levou em conta o fato da pesquisa (formação profissional contábil) e a estrutura do interacionismo que é *Self* <--> **Símbolos + interação social = significados**, sendo que estes

estão bem representados na virada com seus elementos. Então, em cada questão, teve o *Self* com os símbolos interagindo com o mundo estudado pela pesquisa. A quantidade de respondentes para cada eixo está especificada no quadro 16 a seguir.

Quadro 16 – Classificação das fontes de dados da pesquisa

EIXO - FONTES DE DADOS	Critérios	Quantidade/Tipos
Discentes da UFS	O critério de seleção dos discentes se deu única e exclusivamente pelo período que se encontram na graduação e com isso foram selecionados os alunos que já passaram da metade do curso.	Foram selecionados 12 alunos, variando entre os períodos que foram permitidos nos critérios de seleção desta pesquisa.
Docentes da UFS	Devido à virada histórica ter acontecido em meados dos anos 2007, optou-se por escolher professores mais antigos que viveram essa virada.	Dentre os professores que foram filtrados pelos critérios, foram selecionados 5 professores para a execução da pesquisa.
Coordenação pedagógica da UFS	-	Coordenação pedagógica do Curso de Ciências Contábeis da UFS.

Fonte: Elaboração própria (2021).

Levando em conta o roteiro da pesquisa, foram símbolos ou eixos que foquem em debates relacionados a cada virada. Os símbolos encontrados na escolha metodológica não são obrigatoriamente os temas utilizados na análise temática. A partir do empirismo, os resultados podem trazer temas similares aos símbolos escolhidos no desenho metodológico, ou podem imergir temas novos que auxiliem a responder e solucionar os objetivos delineados nesta pesquisa. O quadro 17 demonstra os símbolos escolhidos para orientar a elaboração do roteiro de entrevistas:

Quadro 17 - Estruturação dos símbolos no roteiro da pesquisa

VIRADA	SÍMBOLOS
<i>Virada Linguística</i>	Relação teoria e prática
	Métodos de relação teoria e prática
	Demandas do mercado contábil
VIRADA	SÍMBOLOS
<i>Virada Histórica</i>	História da contabilidade: tradicional e nova contabilidade
	Legislação: Lei 6.404/76 e Lei 11.638/07
	Internacionalidade: IFRS, convergência e CPCs.
VIRADA	SÍMBOLOS
<i>Virada Organizacional</i>	Mudanças na sociedade e organizações
	Indústria 4.0 e Evolução tecnológica
	Inteligência artificial

Fonte: Elaboração própria (2021).

O roteiro foi composto de tópicos e questões semiestruturadas nas quais, em todos esses momentos, foi privilegiada a perspectiva dos entrevistados a partir dos fatos.

As entrevistas semiestruturadas iniciaram dia 28 de janeiro de 2021 e encerraram no dia 01 de março de 2021. As entrevistas ocorreram individualmente de forma virtual e foram utilizadas plataformas de videochamada como *Zoom*, *Meet* e *Skype*. As entrevistas foram gravadas com consentimento prévio dos entrevistados e duraram, em média, 50 minutos para os discentes, e 1 hora e 10 minutos para os docentes, com um total de tempo dispendido de 17 horas 44 minutos e 27 segundos em todas as entrevistas, sendo permitido ao pesquisador o uso do áudio, conforme Termo de Consentimento, assinado pelos participantes.

É relevante relatar alguns pontos de seleção do discente e docente. Os discentes selecionados estavam acima do quinto período, pois se levou em conta o fato da maior firmeza do discente à luz dos fatos contábeis aqui analisados. Devido à virada histórica ter acontecido em meados dos anos 2007, optou-se por escolher docentes mais antigos que viveram essa virada. E, objetivando zelar pela imagem dos sujeitos que foram entrevistados, a pessoa que detém o cargo da coordenação pedagógica do curso de ciências contábeis foi alocada na codificação dos docentes (DOx), para que não exista qualquer indício de identificação desse sujeito. O quadro 18 representa de forma clara os dados dos entrevistados desta pesquisa.

Quadro 18 – Lista com Dados dos Entrevistados

CODIGO	SUJEITO	DURAÇÃO	MEIO	RECURSO	PERÍODO	DATA
DO1	DOCENTE	1:24:40	ONLINE	ZOOM	-	10/02/2021
DO2	DOCENTE	1:24:54	ONLINE	MEET	-	02/02/2021
DO3	DOCENTE	1:01:26	ONLINE	MEET	-	01/03/2021
DO4	DOCENTE	1:00:05	ONLINE	MEET	-	29/01/2021
DO5	DOCENTE	1:26:48	ONLINE	MEET	-	08/02/2021
DO6	DOCENTE	1:02:42	ONLINE	MEET	-	30/01/2021
DI1	DISCENTE	45:30	ONLINE	MEET	9°	10/02/2021
DI2	DISCENTE	44:44	ONLINE	MEET	10°	24/02/2021
DI3	DISCENTE	1:04:49	ONLINE	MEET	7°	02/02/2021
DI4	DISCENTE	1:09:13	ONLINE	SKYPE	10°	01/02/2021
DI5	DISCENTE	37:05	ONLINE	MEET	9°	02/02/2021
DI6	DISCENTE	1:26:09	ONLINE	ZOOM	10°	11/02/2021
DI7	DISCENTE	50:07	ONLINE	MEET	8°	03/02/2021
DI8	DISCENTE	43:19	ONLINE	SKYPE	7°	24/02/2021
DI9	DISCENTE	41:56	ONLINE	MEET	10°	15/02/2021
DI10	DISCENTE	42:35	ONLINE	MEET	8°	26/02/2021
DI11	DISCENTE	46:17	ONLINE	ZOOM	7°	15/02/2021
DI12	DISCENTE	52:08	ONLINE	MEET	6°	28/01/2021
TOTAL	X	17:44:27	X	X	X	X

Fonte: Elaboração própria (2021).

Logo após a realização das entrevistas, elas foram atentamente ouvidas na gravação e, em seguida, integralmente transcritas. As transcrições completas constituíram uma unidade de coleta e seleção dos dados através do Excel.

Depois da transcrição dos dados no Excel, foram seguidas as seis fases pré-estabelecidas da análise temática. Inicialmente foram lidos os dados colhidos e transcritos na pesquisa (fase 1), depois foram demarcados assuntos ou tópicos recorrentes nas falas dos entrevistados (fase 2). Com esse nicho de em média 20 tópicos por virada, foram unidos alguns tópicos que estavam interligados e foi imergindo os temas e subtemas relevantes para responder ao objetivo traçado nesta pesquisa (fase 3 e 4). Para a virada linguística, foram definidos dois temas e três subtemas para cada tema; para a virada histórica foram definidos dois temas e três subtemas para cada tema; e para a virada organizacional, foram definidos três temas e três subtemas para cada tema (fase 5). Por fim, foi elaborado o relatório que também levou em consideração o objetivo geral da pesquisa, e se tencionou a tratar, de forma sintética e objetiva, os impactos de cada virada para a formação contábil e os impactos que conversam com as três viradas e culminam em um fato que tem impactado fortemente para a formação contábil (fase 6). Vale ressaltar que também foi desenhada uma sugestão curricular, a partir dos resultados e do subtema “elementos estruturantes para a formação”, que vise a contribuir para a formação contábil.

Quadro 19 – Refinamento das Fases na Análise temática

VIRADAS	CÓDIGOS INICIAIS (FASES 1 E 2)	SUBTEMAS (FASES 3, 4 e 5)	TEMAS (FASES 3, 4 e 5)
<i>Virada Linguística</i>	Aplicação Teoria e Prática – Internacionalidade - Métodos Articulação - Alinhamento Teoria e Prática - Deficiência de Prática - Deficiência de Teoria - Ensino Mecânico - Pouca Articulação Teoria e Prática - Deficiência Docente - Contador Contemporâneo - Atualização do Currículo - Disciplina Prática – Laboratório - Déficit Projetos de Extensão - Projetos de Extensão - Turno do Curso - Ausência do T.c. - Áreas com grande Demanda Mercado - Métodos de Articulação das Áreas - Áreas com pouca Articulação - Metodologias Ativas - Estágio – Prática - T.c. – Teoria – Relação Teoria e Prática – Interação entre Linguagem e Realidade - Elementos Estruturantes para a Formação – Métodos Didáticos - Competências Profissionais - Conhecimentos – O Saber – A Teoria - Habilidades – O Saber Fazer – A Prática - Demandas do Mercado.	*Interação Entre Linguagem e Realidade *Elementos Estruturantes para a Formação *Métodos Didáticos	RELAÇÃO TEORIA E PRÁTICA
		*Conhecimentos – O Saber – A Teoria *Habilidades – O Saber Fazer – A Prática	COMPETÊNCIAS PROFISSIONAIS

<i>Virada Histórica</i>	Convergência do Ensino/Aprendizagem - Como Ensinar História na Contabilidade? - A Internacionalidade Demandou uma nova Formação? - Elementos Estruturantes para a Formação - As Inovações da Internacionalidade - Como viveram a Internacionalidade? - A Harmonia Contábil causou Impactos? - Em que a Internacionalidade convergiu o Profissional Contábil? - Tecnologia – Internacionalidade - Mudanças Organizacionais - Contador Interpretativo - Deficiência na Formação - Pouca Articulação Histórica - Método Articulação Histórica - Ensino Desatualizado – Tributário - Trabalhista e Tributário - Aplicação da Internacionalidade - Pouca Aplicação aa Internacionalidade - Impactos da Internacionalidade - Adaptação à Internacionalidade - Pouca Adaptação à Internacionalidade - Interação Ensino-Internacionalidade - Pouca Interação Ensino-Internacionalidade - Disciplinas Internacionalidade - Pouca Adaptação à Internacionalidade.	*Como Ensinar História Na Contabilidade? *A Internacionalidade Demandou uma nova Formação? *Elementos Estruturantes para a Formação -	CONVERGÊNCIA DO ENSINO / APRENDIZAGEM
		*Como Viveram A Internacionalidade? *A Harmonia Contábil causou Impactos? * A História da Internacionalidade?	AS INOVAÇÕES DA INTERNACIONALIDADE
<i>Virada Organizacional</i>	Contador Mecânico - Laboratório - Deficiência na Prática - Contador Gerencial - Impactos da Interação na Escrituração - Impactos da Interação entre Demandas e Ensino - Ensino Mecânico – Impactos da Tecnologia na Contabilidade – Impactos da Tecnologia na Formação – Informatização da Contabilidade – Uso da Tecnologia na Formação – Formação Desatualizada para a Tecnologia - Áreas Contábeis em Ascensão - Áreas Contábeis em Queda - Adaptação Disciplinas – Adaptação Docente - Compreensão da Inteligência Artificial - Inteligência Artificial e Contabilidade - Impactos da Inteligência Artificial no Ensino - Impactos Tecnológicos na Formação - Transformação Educacional - Novo Perfil, Nova Formação - Elementos Estruturantes para a Formação - Contabilidade 4.0 - Perfil do Contador - Informatizar ou Escriturar - Morte da Contabilidade - Inteligência Artificial - Impactos na Didática - Transformação Contábil.	*Transformação Educacional *Novo Perfil, Nova Formação *Elementos Estruturantes para a Formação	IMPACTOS TECNOLÓGICOS NA FORMAÇÃO
		*Perfil do Contador *Informatizar ou Escriturar *Morte da Contabilidade	CONTABILIDADE E 4.0
		*Impactos na Didática *Transformação Contábil.	INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Fonte: Elaboração própria (2021).

Portanto, as análises foram norteadas pelos eixos temáticos encontrados junto à pesquisa. Os temas e seus respectivos subtemas serviram para guiar e responder aos objetivos específicos de cada virada e, por fim, no relatório final, os dados e sua análise auxiliaram a responder ao objetivo geral.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1 DOS TEMAS AS VIRADAS

A análise dos resultados segue a sequência posta na análise temática e em conformidade com os dados colhidos na pesquisa. Igualmente, é a sequência lógica e explicativa dos temas presente nas viradas e que para cada uma teve alguns temas a serem escolhidos, conforme já foi apresentado anteriormente.

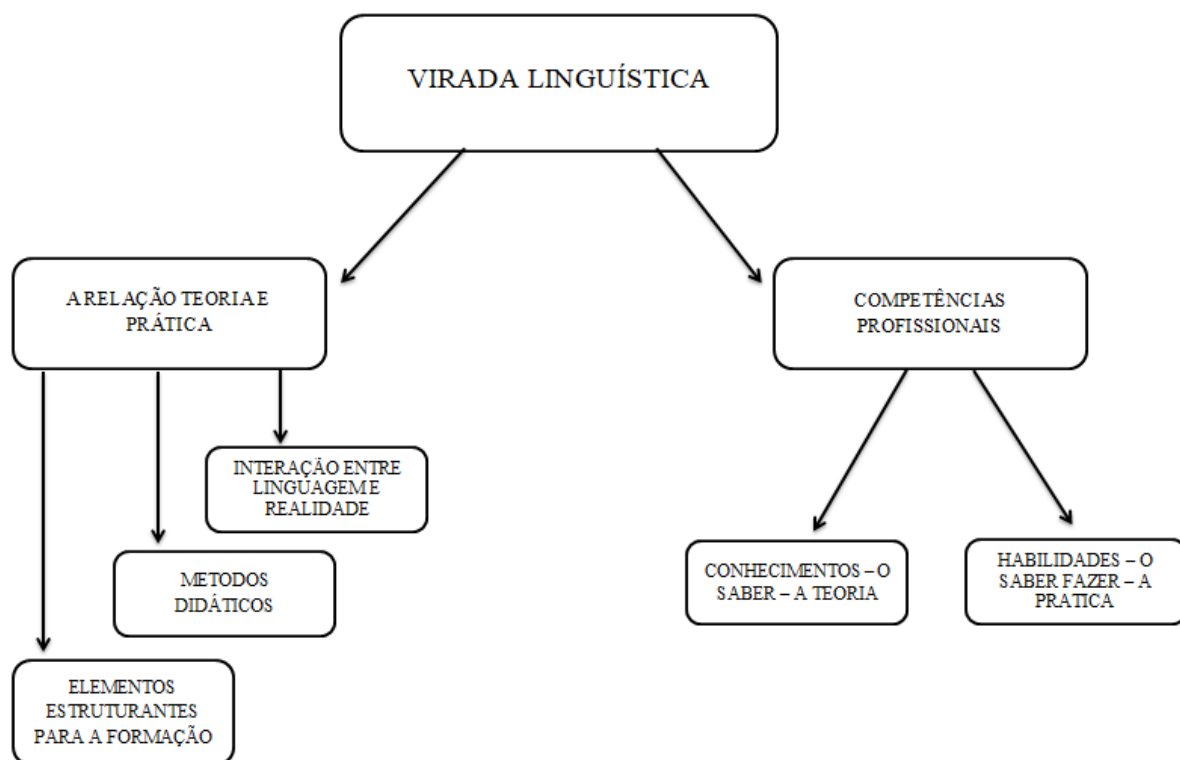
É relevante tratar que a análise também será feita em conformidade com o tipo de respondente. Para cada respondente, há uma realidade ou fato da formação do profissional contábil; para os professores, observa-se a interação das viradas e seu uso nas disciplinas; já a coordenadora intensifica um olhar mais geral sobre os impactos causados pelas viradas no curso e processo de formação; os documentos curriculares demonstraram os impactos e mudanças causados ou que necessitem de mudanças, devido às viradas contábeis; e os alunos dirão claramente sobre os impactos das viradas no processo da sua formação.

A apresentação dos temas será feita nas seções seguintes que farão uma apresentação individual dos temas para as viradas e na sequência das viradas para os impactos, e isso será feito em cada virada: linguística, histórica e organizacional. A sequência lógica dessa fase da análise dos resultados será com a apresentação dos temas e subtemas, análise dos temas e subtemas de cada virada, articulação com o objetivo específico para a virada e, por fim, um relatório de cada virada que esteja paralelo à problemática dessa pesquisa.

4.1.1 Virada Linguística

Para a virada linguística, foram apontados temas, de acordo com a teoria, que estavam alinhados com as fases e ideias que emergiram do campo. A definição dos temas delineou-se pelas fases da análise temática e teve dois temas encontrados, tendo dois subtemas para o primeiro tema e três subtemas para o segundo tema, conforme representado na figura 5.

Figura 5 – Temas e Subtemas da Virada Linguística



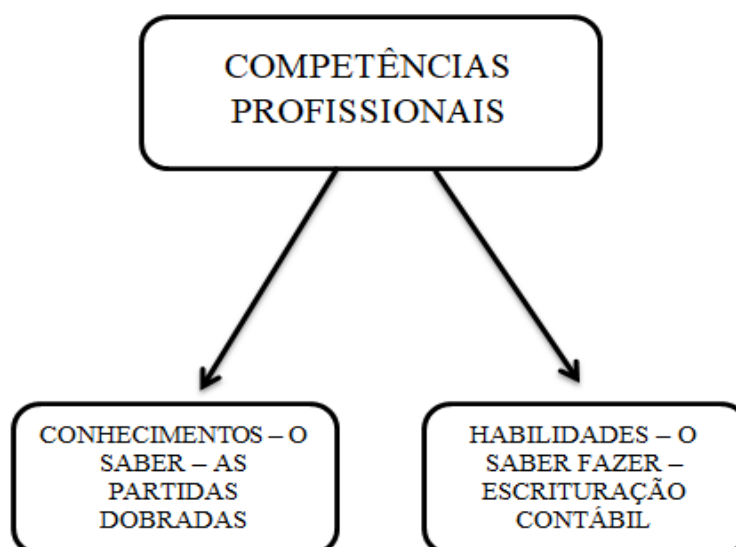
Fonte: Elaboração própria (2021).

Nesta seção, objetivou-se em identificar a partir da virada linguística, a relação entre a teoria ensinada (linguagem) da contabilidade e a prática da profissão no mercado (realidade);

4.2.1.1 Competências Profissionais

Ao tema das Competências Profissionais tracejado nessa pesquisa cabe apresentar que o campo imergiu desse tema, dois subtemas que foram apoiados na perspectiva de Perrenoud de Competências, e assim, os subtemas desse tema foram: conhecimentos e habilidades. Para os conhecimentos imergiu do campo o método das partidas dobradas e para as habilidades imergiu a escrituração contábil.

Figura 6 – Subtemas das competências profissionais



Fonte: Elaboração própria (2021).

A concepção dada às competências profissionais vem autores como Gramigna (2002) que refletiram sobre as competências como um termo usado para designar repertórios de comportamentos e capacitações que algumas pessoas ou organizações dominam melhor que outras, fazendo-as eficazes em uma determinada situação. E estas competências determinam bem as relações entre teoria e prática presentes nesse eixo temático.

Para esse eixo temático foram selecionados dois subtemas, levando em consideração a as competências profissionais. Para Leme (2015), as competências são um conjunto de Conhecimentos, Habilidades e Atitudes (CHA) que se relacionam com seu desempenho no trabalho e da sua formação para o trabalho. Para a referida pesquisa, foram selecionados dois dos tópicos do CHA: os conhecimentos que se relacionam com a teoria e as habilidades que se relacionam com a prática.

Assim sendo, os conhecimentos e habilidades refletem a teoria e prática na formação dos profissionais. De modo conceitual, o Conhecimento é “o saber que a pessoa acumulou ao longo de sua vida”, segundo Durand (1998); e a Habilidade “é a capacidade de aplicar e fazer uso produtivo do conhecimento”, afirma Gagné et al. (1988). E conforme os dados colhidos nessa pesquisa, os critérios de identificação ao campo de conhecimentos e habilidades foram às técnicas de partidas dobradas para representar os conhecimentos e a escrituração contábil para relacionar com as habilidades dos contadores.

Delineando para os conhecimentos vistos no empírico, foi mencionado pelos respondentes relacionavam a técnica das partidas dobradas a um conhecimento contábil

relevante para a formação contábil. Gramigna (2002) rotulou os conhecimentos como algo técnico e baseado em saberes escolares e nos conhecimentos trazidos no curso de graduação, assim como as partidas dobradas.

E levando em conta as mudanças da realidade contábil, a linguagem ou os seus conhecimentos deveriam acompanhar essas mudanças que impactaram no método das partidas dobradas, que passou a ser percebido como algo inconveniente na medida em que a contabilidade mudava (NEPONUCENO, 2015).

As partidas dobradas que é uma das técnicas são aplicadas em praticamente tudo, a gente vê isso principalmente em contabilidade pública que é a questão da contrapartida pra você ter uma receita vc tem uma despesa. DI12

As partidas dobradas são instrumentos técnicos, e não são as demonstrações contábeis. A gente começa com a técnica contábil, que depois faz com que o aluno elabore as demonstrações contábeis. DO2

A gente aprende a questão da nota fiscal, mas é bem arcaico, fazer lançamentos, e hoje eu não preciso fazer lançamento pq o sistema faz isso rapidamente. Debito é crédito é o que a gente faz no curso de contábeis, mas a gente não tá aprendendo a lógica do debito e do credito. DI2

Então, hoje em dia eu acho a contabilidade muito digital e o essencial, a alma da contabilidade que é a questão de Lucca Pacioli, debito e credito é extremamente mecânico na pratica. DI5

De certo modo, os sujeitos representaram um distanciamento das linguagens traçadas nas partidas dobradas com a realidade prática da contabilidade, ou seja, o conhecimento trazido nessa técnica ainda são limitados às realidades atuais e informatizadas da contabilidade. Os conhecimentos das partidas dobradas são relevantes para iniciar os instrumentos técnicos da contabilidade, mas o sistema contábil já executa esse procedimento de modo instantâneo e o aprendizado pautado na técnica das partidas dobradas pouco auxiliam na obtenção das habilidades escriturarias.

Neponuceno (2015) complementa que a pretensão de ruptura com o método das partidas dobradas significa o abandono desse método de linguagem contábil e que pode ser a extinção completa das partidas dobradas, que é destronada em favor de sistemas de informações, formatados em modelos de relatórios financeiros, e nada de contabilidade.

Já as habilidades são os moldes de como saber fazer os conhecimentos aprendidos na sua formação. De certa forma, esse saber fazer reflete consubstancialmente os modos de escrituração contábil. E que as habilidades, para Gramigna (2002) tem como foco principal o saber fazer, sendo baseado na experiência, ou seja, em ter colocado em prática o saber adquirido.

Uma das principais habilidades que estão paralelamente interligadas com os conhecimentos das partidas dobradas é a escrituração contábil, e que para os sujeitos da pesquisa esse aprendizado da escrituração é o ponto mais relevante para a formação em contabilidade. Conforme Davi (2017) é este interesse pelo aprendizado em escrituração e buscar sempre conhecimento do novo, com inovações que faz o diferencial de alunos, agregando prática com técnicas proporcionando maiores aprendizados.

Uma das minhas maiores dificuldades foi essa. No início eu pensei em desistir, porque quando eu comecei o estágio percebi que tudo o que aprendi no curso eu não estava conseguindo aplicar no escritório. Os conteúdos eram acadêmicos, e quando cheguei no escritório mandaram emitir uma guia do simples nacional e o curso me ensinou a entender o que era o simples. DI3

E a realidade dos escritórios que eu trabalhei são diferentes das partidas dobradas ensinadas, o meu primeiro trabalho era totalmente maçante e eu só lançava os dados e o outro o sistema já fazia eu só conferia. DI5

A parte de maior demanda é a fiscal. Eu acho que os alunos buscam muito a área fiscal porque vão pra escritório. DO1

A parte de prática contábil e as disciplinas de rotinas, mas o aluno tem uma demanda de desejo muito grande por essas disciplinas. E na maioria dos alunos de contábeis entram no curso na ideia de trabalhar com escritório, mas a contabilidade vai bem além dos escritórios. DO3

Diante disso, a escrituração contábil torna-se uma ferramenta indispensável para o “equilíbrio” econômico-financeiro de qualquer órgão/empresa, e consubstancialmente para a formação dos sujeitos acadêmicos. Obter essa habilidade de lançar e movimentar os sistemas de escrituração contábil é a ferramenta mais relevante para a formação dos sujeitos que participaram dessa pesquisa. De certo modo, o domínio dessa habilidade, advém de uma lacuna ou inquietação na relevância da técnica das partidas dobradas, que para muitos dos respondentes já não representa o que se entende como um dos saberes mais importantes da contabilidade.

A prioridade dada à relação entre saber (conhecimento) e saber fazer (habilidades) faz com que o processo de formação das competências do contador tenha uma lacuna, pois o conhecimento das partidas dobradas podem não ser o melhor método de linguagem contábil, para auxiliar na execução das habilidades de escrituração contábil presentes na realidade determinante as atividades dos contadores. Com isso, torna-se relevante tanto para área acadêmica quanto para o meio contabilista aprofundar os conhecimentos relacionados ao desenvolvimento de suas práticas cotidianas inseridas no ramo da contabilidade (DAVI, 2017).

Criando essa articulação entre os conhecimentos e habilidades, os sujeitos contábeis se constituem numa relação entre os métodos das partidas dobradas que auxiliariam no aprendizado para os moldes de escrituração contábil, mas os sujeitos desse estudo demonstraram um descompasso desse caminho do aprendizado para a prática contábil. Essa percepção limitada do ensino que tem falhas na repercussão dos discursos formativos em contabilidade para relacionar com as práticas da profissão contábil. Conforme Laffin (2015) vale ressaltar que as habilidades técnicas contábeis tem uma relevância e necessidade, e muitos dos discentes não devem limitar-se a uma solida formação tecnicista ao método das partidas dobradas.

4.2.1.1 A relação teoria e prática

Ao tema da “relação teoria e prática” tracejado nessa pesquisa cabe apresentar que o campo imergiu desse tema, três subtemas que foram: a interação entre linguagem e realidade; os métodos didáticos; e os elementos estruturantes para a formação.

Figura 7 – Subtemas Da Relação Teoria E Prática



Fonte: Elaboração própria (2021).

a) Interação entre linguagem e realidade

A interação entre linguagem e realidade para a contabilidade é algo cíclico e caminha em conformidade com os discursos dos discentes e docentes. Os meios de interagir entre os

discursos e as práticas da profissão contábil, por vezes, se destoam de uma linearidade do processo de formação contábil. A linguagem e a realidade caminham ciclicamente em um processo robusto da realidade contábil, mas muitos dos sujeitos ainda não repercutem o que os pautam na atual realidade.

A interação entre teoria e prática demanda dos discentes um fomento maior por uma conexão com a prática, de modo que possam estar conectados ao fato da contabilidade ser uma ciência aplicada à realidade das organizações. O que parece repercutir mais ainda essa articulação limitada e que o ensino da contabilidade dessas IES's causa uma carência do alunado nas práticas da profissão contábil, fazendo com que o discente não coloque em prática os conhecimentos predominantemente teóricos, ministrados no ambiente acadêmico (MOREIRA, 2013).

Há de se pensar que esse processo de alinhamento entre teoria e prática é algo de grande complexidade para o ensino contábil, todavia, em conformidade com as ideias de Barroso (2015) e Ourique (2010), a linguagem e a realidade caminham em círculos e uma etapa pode sobrepor a outra nesse processo educativo. Apoiar-se nas práticas da profissão é um mecanismo de grande relevância aos acadêmicos e permite que essas inter-relações entre os discursos aprendidos na universidade sejam replicados nos locais de trabalho.

Qualquer prática precisa de uma teoria. Não existe prática sem teoria. Então não é aplicada diretamente. Não existe ciência sem teoria. Mesmo que não se faça algo na prática, vai ter que ir atrás da teoria para resolver essa prática. Bom eu sou professor de disciplinas como atuarias, análises de balanços e geral 2. Eu utilizo bastante as teorias antes de ir pra prática. (DO3)

As teorias precisam sem dúvida nenhuma o norte prático, até porque a profissão contábil é prática. Contador sem prática não é nada, e sem teoria também. Como fazer nas minhas disciplinas? Nas disciplinas usamos muito o laboratório, utilizo em 80% das aulas das disciplinas, e tento simular práticas e rotinas contábeis que é a última disciplina da grade. E com os computadores simulamos como se fossemos empresas. E durante a disciplina acontece inúmeros fatos. Resumidamente, a prática é muito forte nas minhas disciplinas e mais além de importante é necessária. Então é assim que tentamos trazer a prática na UFS. (DO5)

A contabilidade tá muito voltada a questão de como fazer, e não por que fazer e quando vai pra uma empresa você tem que saber como fazer e por que fazer. E pra isso sempre vais e fazer presente as questões dos CRCs, da jurisprudência das NBCS. O nosso curso tem muita a questão do como fazer, da teoria, mas isso é uma falta de base remanescente do colegiado. Quando você chega para um curso desse em outros países, você já chega com uma base teórica mais reforçada. Nós precisamos dessa teoria hoje por causa de uma carência da educação sim. As teorias são aplicadas em certa forma, mas nem tudo pode podemos colocar em prática, pq a gente pega as empresas de

Sergipe e que a maioria das empresas são de âmbito familiar e não tem tanta teoria nessas empresas familiares ou princípios contábeis. E para nós irmos com estudos teóricos para esses empresários é muito difícil e o principal desafio de trazer esse arcabouço teórico que vem através do CRC-SE ou dos CPCs e leis e levar para o cliente que não tem base nenhuma essa teoria. (DO6)

Então, hoje em dia eu acho a contabilidade muito digital e o essencial, a alma da contabilidade que é a questão de lucca pacioli, débito e crédito é extremamente mecânico na prática. Então eu acho que ensinar isso é extremamente chato e maçante, não contribuindo pra capacidade pensante do contador. E a realidade dos escritórios que eu trabalhei são diferentes, o meu primeiro trabalho era totalmente maçante e eu só lançava os dados e o outro o sistema já fazia eu só conferia. Então eu vejo que a teoria ajuda para a contabilidade não ser só um prestador de contas à receita federal, mas sim de contribuir para o crescimento do seu cliente. Mas eu vejo que as leis contribuem nessa parte de prestar resultado ao fisco de forma coerente. (DI9)

Expandindo esses dados dos resultados da pesquisa, a formação de profissionais contábeis deve prepará-los a responder aos desafios que o mundo lhes coloca, sendo imprescindível e se torna imprevisível viver numa formação contábil que não dê essa devida articulação nas disciplinas (SANTOS *et al.*, 2014).

Contudo, há de se cuidar da articulação entre esses dois eixos e sua proporcionalidade. Alguns autores como Moreira (2013) entendem que esses paradoxos entre teoria e prática, no contexto da formação contábil, são um dos maiores dilemas do processo de ensino-aprendizagem e, consequentemente, do processo de construção de competências, pois os discentes recorrentemente sentem essa incapacidade formativa com o que se pratica no mercado. Todavia, ao que transparece uma balança pendendo com maior força para um eixo no processo de formação de sujeitos, a ideia de maior relevância dessa articulação é a conexão de teoria e prática, porém não as equiparações sobre quais métodos são mais relevantes.

Cabe assertivamente trazer um discurso do respondente DO1, que permite o diálogo e a ênfase dada aos métodos que partem de bases teóricas para realizar a articulação entre teoria e prática, o que vale ponderar é esse fato da contabilidade ser estritamente voltada às competências mercadológicas.

Existe em contabilidade sempre esse estigma e essa cobrança de alinhamento entre prática e teoria. Uns dizem que o curso não conseguem abarcar tudo em 4 anos. E se for pra fazer algo técnico sem o embasamento teórico, a tecnologia pode fazer a parte mecânica. Existe um arcabouço teórico por trás, que às vezes a gente sabe do que você tá falando, mas não o nome, como o seu exemplo das viradas contábeis. Existe algo na contabilidade chamado de teoria da agência e se você apresenta isso pro aluno de forma teórica e não dá um exemplo do que é um conflito de agência, que é muito

comum nas organizações. Será que um gestor vai preservar os interesses dos acionistas, ou metas de governanças bancárias. O ideal ou uma crítica que se faça é que seja apresentada só a teoria, se você apresentar só a teoria vai ficar ruim de o aluno materializar e isso talvez permeie a metodologia aplicada pelo docente faça com que seja mais fácil ou difícil você materializar. Na introdução de toda disciplina é comum que o docente apresente as metodologias aplicadas para atingir os objetivos das disciplinas, tipo é muito comum à gente aplicar casos de empresas, e esses casos facilitem o entendimento de uma teoria e consiga alinhar essa conexão. Numa exposição teórica você vai apresentar novos fatos teóricos que deem subsidio a pratica. Quando eu percebo que o conteúdo tá ficando cansado, eu digo pra eles: isso existe na prática [...] Aí essa fala dá esse choque e consegue reoxigenar e conseguir entender. (DO1)

A partir dos dados coletados, é relevante apoiar-se em Laffin (2015) ao relatar sobre o processo de formação que articule teoria e prática, conteúdo e método na apropriação conceitual dos fundamentos do conhecimento contábil, o que possibilitaria ampliar a compreensão do contexto social e das mudanças que surgem em cenários diversos. Além disso, exigiria posicionamentos não apenas diante da prática contábil, mas, sobretudo, das mudanças culturais que implicam desenvolver o conhecimento contábil.

Essa predominância desse conhecimento teórico, na percepção discente, parece, muitas vezes, fazer alusão especificamente à teoria em si, personalizando o conhecimento teórico em normas, como condição fundamental ao exercício da profissão; e aos princípios como observância obrigatória para todos os contabilistas, sem promover, em igual medida, uma consciência crítica do formando ou ainda, servindo de direção à emancipação do sujeito (MOREIRA, 2013).

E não é aconselhável formar um sujeito para uma profissão objetivando seguir as orientações exclusivas do mercado, nesse contexto, marcado por crises, mudanças e incertezas no mundo do trabalho, pois sem um aporte teórico não há uma flexibilidade e interpretação desses sujeitos às adaptações do mercado de trabalho no decorrer da vida profissional (LAFFIN, 2015; SILVA, 2015).

b) Métodos didáticos

Os métodos didáticos são meios de realizar essa articulação entre teoria e prática; e o campo demonstrou que alguns destes são bastante usuais para a formação contábil. De modo claro, a articulação e multiplicidade de métodos didáticos auxiliam numa formação mais vasta e adaptativa às constantes mudanças sociais.

Dentre inúmeros métodos que auxiliam na interação entre teoria e prática na contabilidade, vale ressaltar que grande parte dos docentes volta-se para aplicações ou casos em empresa, como modo de articular teoria e prática. Entender os casos em empresa como um método de articulação é bastante positivo para a formação, mas a exclusividade que o curso de contabilidade possa dar a esse método traz consigo limitações a essa individualidade.

Para mim o mais relevante são os casos, de preferência os que já existem. Você pega um caso atual ou até o que tenha um relatório e entrega o relatório para os alunos observar e depois dá pra comparar os relatórios dos profissionais com os elaborados pelos alunos. O caso prático é relevante, mas não tem na UFS, no meu curso só um professor uma vez apresentou um caso prático. (DI11)

Como o curso é noturno a extensão fica prejudicada. O que eu tento na prática é dar uma ideia do que se pratica na contabilidade. Eu dou a teoria, a prática e a ideia para ele aplicar na prática, eu gosto de casos também. Eu pego casos e vou analisando esses casos a partir da teoria contábil. Então a teoria se aproxima da prática por conta dessa associação com casos específicos e reais, como Cencosud, hipotecas e entre outros. (DO3)

Eu crio casos que não são cases. E eu dou casos das empresas e as pessoas vão analisar a situação da empresa de forma de exercício. Trabalho muito também na teoria com o Carroul que é um jogo que tem perguntas e respostas e os alunos que mais respondem certo ganham prêmios e vai treinando eles. (DO6)

Eu acho que a aplicação em empresas. Nós pegamos casos assim em auditoria, tributária, avançada e análise das demonstrações. Nessas disciplinas pegamos as empresas e fizemos artigos e análises dos índices de indicativos das demonstrações. (DI10)

Neste contexto, diversos pesquisadores incentivam a diversificação de metodologias no ensino da contabilidade, afinal, não existe uma receita para a melhor metodologia a ser utilizada, e limitar-se aos casos em empresas pode não suprir as possibilidades de articulação teórico-prático (MANUEL *et al.*, 2016), tornando necessária a multiplicidade de métodos que atendam às necessidades do ensino e de aprendizagem do alunos, que possam contribuir para o desenvolvimento de competências e habilidades para o exercício da profissão contábil e da cidadania (MAZZIONI, 2013; HOLTEN; BOLLINGTOFT; WILMS, 2015; GALLAGHER, 2015).

Os métodos didáticos se tornam múltiplos e permitem a esse sujeito novas concepções sobre as distintas faces da ciência contábil. E uma solução prévia e auxiliativa a essas indagações é a aplicação de métodos didáticos ou estratégias de ensino que corroborem nas multiplicidades formativas e no processo de identidade profissional.

Geralmente eu sempre faço uma aula teórica antes e nessa aula teórica eu estou usando pequenos links de sites de notícias. Antes de falar de contabilidade na pecuária no método de custos, eu mando uma matéria do G1 sobre custos na pecuária. Mando lerem as notícias, depois faço a aula teórica e depois desenvolver os exercícios. E talvez a ideia da prática não é de praticar a contabilidade em si, mas quando você introduz um processo. (DO5)

Analisando pelo lado que a contabilidade tem mudado muito e o contador de hoje em dia tem que ser um consultor. Os seminários são os métodos que mais ajudam nessa interação. Eles se aproximam mais dessa parte. Eu acredito que se fosse utilizado mais o Excel, pois ajudaria para fazermos a análise dos balanços e a criar novos métodos. (DI5)

Agora também está crescendo a onda das publicações de artigos científicos e leva o aluno para aplicar a teoria. Devido ao curso ser aplicado à noite era muito focado só no ensino do tripé. A pesquisa do tripé tem crescido um pouco com alguns alunos com trabalhos aprovados em congressos nos últimos dois anos. Já saímos da parte apenas teórica e estamos expandindo na prática e especificamente na extensão. (DI6)

O professor traz artigos, o professor traz relatórios e a gente faz atividades em cima disso, não é uma atividade curta que exige mais tempo e foco e isso promove muito mais desenvolvimento para depois dessa atividade, e você força sua mente a buscar o que você já absorveu da disciplina. (DI12)

Com isso, as articulações entre teoria e prática podem partir desde as bases mais teóricas ou mais práticas, permitindo que na formação acadêmica surtam bons resultados nesses vários métodos didáticos de articulação. O estudo de Marques e Biavatti (2019) traz algumas estratégias que podem auxiliar nessa deficiência de articulação entre teorias e práticas, tais como: exercícios, estudo de texto, seminário, discussão e debate, caso de estudo, grupos de verbalização e observação, aprendizagem baseada em problema, simpósio, aprendizagem experiencial/estágio, diálogos sucessivos e formulação de questões.

c) Elementos estruturantes para a formação

Para a pesquisa, é relevante mencionar que o subtema “elementos estruturantes para a formação” parte da iniciativa de relacionar a linguagem e a realidade dos tópicos referentes ao curso de contábeis. Os elementos estruturantes à formação, paralelos à virada linguística, se apoiaram em uma análise voltada às disciplinas, aos projetos de extensão, ao estágio supervisionado e ao TCC.

Inicialmente, trata-se dos projetos de extensão como uma das bases do tripé para a formação que tem alto grau de importância na interação entre teoria e prática. Muitos refletem que esses projetos visam utilizar de práticas que vão além das pautas disciplinares, e tentam colocar os sujeitos em consonância com a realidade atual da ciência contábil. Assim, conforme Backmann (2016), a interação ensino-pesquisa-extensão é o pilar que alicerça a formação humana/profissional, bem como a interação universidade e sociedade, no cumprimento da função social da universidade.

[...] eu quando aluno participei de empresa júnior, e isso me fez pensar o que é muito cobrado do contador atualmente, o contador consultivo. Essas atividades complementares auxiliam demais. A extensão propriamente dita é um dos tripés da universidade e permite com que consigamos avançar mais e ter a familiaridade com a comunidade. Recentemente aprovamos um projeto de educação financeira. (DO6)

A extensão contribui principalmente na área da contabilidade que a extensão é totalmente prática. Um dos trabalhos do professor é a extensão. A maior parte dos cursos de extensão contribuem para a articulação entre teoria e prática. (DO5)

É importante pro aluno ir pra extensão, pois ele vai pra um ambiente diferente da universidade, que vai pra um local com mais responsabilidade. E no projeto, ele é mais de um aluno, e torna-se um colaborador, e tem que começar a se portar como colaborador e pra construir a consciência profissional a extensão é muito importante. Pra isso os projetos são muito importantes, mas não sei dizer se os professores tem esse cuidado com os projetos de extensão e mostrar isso pros alunos. (DO4)

Esses projetos de extensão demonstram ser um elemento de alto grau estruturante para a formação contábil que carece de uma observação e atualização constante. Conforme Pereira *et al.* (2019), extensão é agir na comunidade, estar inserido, é levar o acadêmico lá onde está o problema, é interagir com a comunidade.

À essa relação entre linguagens e realidades dada a essa virada, cabe um parêntese de observação das distintas realidades dadas ao estágio supervisionado e ao TCC. Inicialmente, por se tratar de uma ciência social aplicada, os discentes demandam conteúdos e métodos mais interativos e imersos com a prática. O estágio é componente de responsabilidade da instituição de ensino, determinante da formação profissional na qual se realiza por atividades de aprendizagem social, profissional e cultural (UNB, 2010b).

Esse processo que o estágio do curso de contabilidade consegue alcançar é visto, conforme as entrevistas, como uma das prioridades de maior anseio na formação do discente. Desse modo, o aluno deseja inserir-se no ambiente do estágio tornando indispensável o seu

uso, pois, em cursos como ciências contábeis, o conteúdo é aplicado e o acadêmico participa e interage com o ambiente diário das organizações (WITTMANN; TREVISAN, 2002).

No meu ponto de vista o estagio é fundamental, para fazer o aluno vivenciar o que ele vai fazer depois de formado. O aluno aprende mais na empresa do que com a gente na sala de aula. Na sala a gente simula e no estágio eles estão vivendo. (DO5)

Eu acredito que os alunos de contabilidade por ter uma resposta de mercado muito grande, sua maioria procura a prática, mesmo que não seja obrigatório. Ele vai por si mesmo atrás do mercado. Entretanto eu acho que esse estagio não ser obrigatório, causa certo descaso por parte das empresas com esses alunos. (DI5)

O mercado exige a experiência da prática contábil e muitas vezes só conseguimos nos estágios, então eles são importantes. E no estágio vemos como é a pratica a partir das atitudes feitas diferentes nos escritórios e até a negligencia. (DI6)

Esse método de articular a teoria com as práticas da profissão contábil que o estágio proporciona faz com que exista um crescimento na construção formativa dos sujeitos contábeis. Com isso, necessita-se repensar o modelo de formação, visando processos mais críticos e que priorizem ações e conhecimento na articulação entre teoria e prática da contabilidade (LAFFIN; CASTRO, 2015). E nessa perspectiva, o estágio torna-se um momento imprescindível para formação do aluno, pois é um período de aprendizado e de construção da relação entre a teoria, que foi fundamentada nos primeiros anos de curso e que a prática irá desenvolver (DA SILVA, 2015).

Todavia, ao TCC cabe um posicionamento oposto a esse desejo exacerbado pelo estágio, pois devido a essa alta busca por componentes curriculares mais práticos, muitos dos discentes reduzem a busca pela elaboração de trabalhos científicos. Podem existir dois eixos clarificadores a esse fato: o acadêmico de contábeis naturalmente já anseia por conteúdos mais práticos do que teóricos, ou o sistema e os componentes de formação desses alunos são tão direcionados à prática que, indiretamente, direcionam os alunos também a essa predisposição.

O aluno que faz TCC já cria essas competências e habilidades, para poder entrar na pesquisa e vida acadêmica, pois muito aluno se identifica. E depois caso queira ir pra vida acadêmica vai sentir dificuldade e não desenvolveu essas habilidades na formação dele. (DO1)

O TCC é tão notória a falta que terá no novo curso, e isso é reflexo de alunos que saem do curso que não sabem até escrever, e eu vejo que os contadores

não tem muita noção de escrita e de construir um texto e isso é um defeito grave ter vários contadores que não sabem escrever. (DO2)

Imagine que um aluno vive o curso todo numa realidade pratica e no final fazer um TCC? Para que aja um TCC o curso tem que mudar sua estrutura. Então a ausência do TCC é consequência da estrutura do curso, não da pra cobrar um TCC de um aluno que não vê nada de metodologia e de trabalho científico. (DO4)

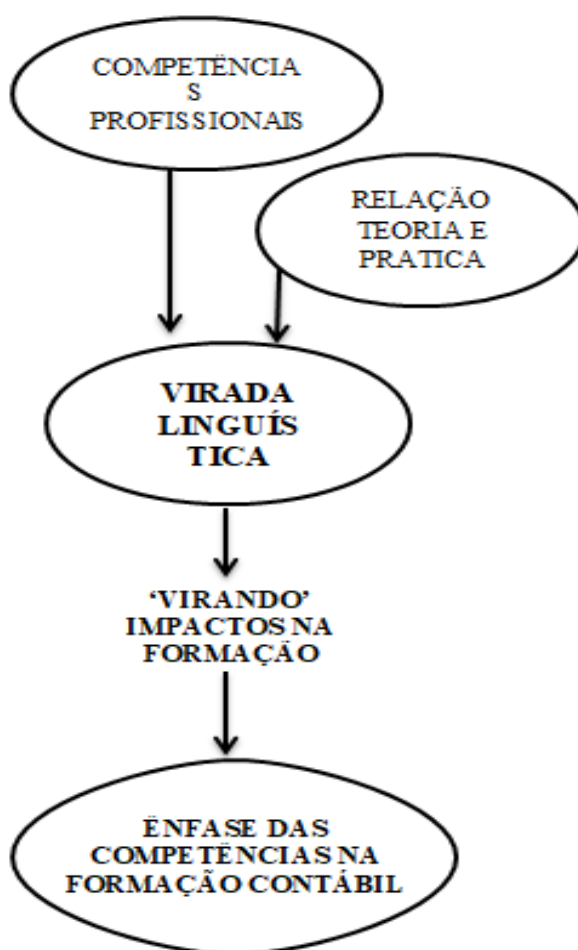
TCC eu acho importante porque eu vejo que tem tanta gente que sai do curso que não sabe de nada, termina as disciplinas e pega o diploma, e o TCC daria uma relevância e identidade pros alunos. (DI9)

Essa ausência ou pouca relevância no TCC demonstra que os alunos não dão o devido vigor aos estudos teóricos e ao ambiente da pesquisa na contabilidade. Para tanto, verificou-se que os resultados referentes ao TCC corroboram parcialmente os achados de Guedes e Guedes (2012) e de Cunha, Vogt e Biavitti (2015), os quais identificaram que o TCC contribui para o desenvolvimento das capacidades de buscar, selecionar e criticar artigos científicos, treinar as habilidades de elaboração de projetos de pesquisa, relacionar a teoria com a prática, e também para criar um posicionamento mais crítico aos fatos contábeis.

4.1.1.1 ‘Virando’ Impactos Na Formação - Virada Linguística

A virada linguística demonstra uma clara relação entre teoria e prática, no entanto, alguns discursos presentes nas falas dos sujeitos remeteram a um desalinhamento entre os assuntos a serem debatidos em aula com as habilidades necessárias para a profissão Contábil. Essa relação desalinhada gera impacto objetivo na formação Contábil, pois muitos desses sujeitos se formam para atender às demandas do próprio mercado que dá ênfase às competências que a realidade contábil demanda.

Figura 8 – Mapa do Impacto da virada linguística na formação contábil



Fonte: Elaboração própria (2021).

Acredita-se que um dos maiores impactos da virada linguística foi à ênfase das competências para a formação Contábil, ou seja, essa formação enviesada que tenta atender às demandas do mercado, do mesmo modo que gera impactos nessa tentativa incansável de estar paralelo ao mercado e, muitas vezes, não supre o arcabouço teórico e as habilidades críticas e reflexivas que todo profissional precisa ter. Essa formação acadêmica restrita às competências exigidas pelo mercado é problemática, mas não pode deixar de ser observada. As competências requeridas pelo mercado de trabalho são necessárias, pois são o *link* relacional e instigante dos alunos para se formarem e entenderem o que vão viver nos afazeres da sua profissão contábil.

Há de se considerar que essa relação da virada linguística com os conhecimentos e as habilidades, a partir da interação entre linguagem e realidade, refletiu na contabilidade uma relação entre as práticas da profissão contábil com os métodos e conteúdos didáticos postos no processo de formação. A indagação dos sujeitos por um processo formativo que articule

constantemente os conhecimentos com as habilidades é recorrente e, conforme Pires, Ott e Damasceno (2009), outro ponto que faz sentido com desarticulação teórico-prática se deve à diferença de foco existente entre o ensino ofertado pelas IES e as necessidades do mercado, pois os cursos de contábeis requerem um profissional com um amplo conjunto de competências.

No meu ponto de vista, precisa sim. Tem coisa que a gente sabe muito de teoria. E isso é uma crítica que eu faço é que aluno de contabilidade que conclua o curso e não teve nenhum contato com a contabilidade prática, não vai conseguir montar um escritório, e deixa um pouco a desejar o curso pois o mercado fora da sala de aula é totalmente diferente do que a gente vê na sala de aula. É uma deficiência. (DI1)

Rapaz eu acho que o curso deveria apresentar uma prática maior. Até por que a teoria que o curso apresenta é muito ruim e pequena. Você vai pro mercado e vê a prática que eles lhe dão, você vê que os conceitos são superficiais. Então a necessidade de ampliar a prática e a teoria são indescritíveis. (DI11)

Hoje em dia os professores estão começando a ter essa visão, a capacitar e treinar o aluno pro mercado, pois não é necessário apenas de ensinar o aluno de que não apenas se calcula, mas de fazer como fazer e saber por que fazer de forma embasada. Eu acredito que nessas áreas a ufs tem se preocupado em capacitar os alunos. (DI4)

A quem entenda que, academicamente, essa formação pautada nos discursos antigos de Lucca Pacioli não refletia nem sequer o que o mesmo entendia sobre as partidas dobradas, e a mesma ressignifica-se a uma linguagem tão mecanizada de ausência de consciência crítica do sujeito que a repasse. Antes de tudo, as partidas dobradas precisam ser difundidas pelo seu conceito e seus fatores delineadores para conceituar débitos e créditos, mas, assim como Laffin (2015), as partidas dobradas são tão técnicas que, ao tentar auxiliar na reprodução de uma lógica escriturária, limitam-se mais a uma realidade distante da linguagem.

O conhecimento das partidas dobradas é tratado como a base da ciência contábil para interligar com a habilidade de escrituração, mas esse caminho relacional é falho, conforme muitos discentes relataram nas entrevistas, e que ensinar débito e crédito já não é mais o foco da contabilidade que, pedagogicamente, se dissocia totalmente das práticas contábeis no mundo organizacional. E essa percepção pragmática e limitada do ensino, voltado às operações escriturárias, acaba por negar uma formação crítica e reflexiva, mas vale ressaltar que as habilidades técnicas contábeis têm uma relevância e necessidade, mas não devem

seguir atreladas ao dito pelos discentes, que é limitado a uma sólida formação tecnicista ao método das partidas dobradas (LAFFIN, 2015).

A questão de débitos e créditos e o motivo de debitar e creditar e o plano de contas que fica só limitado à técnica e não fala do motivo de debitar e creditar. (DI6)

[...] eu não tive muito a parte da teoria de entender como surgiram os lançamentos, como era o método das partidas dobradas, os princípios das partidas dobradas, mas eu só fui ter a matéria de teoria contábil depois, aí foi que eu entendi melhor por causa da relação com a teoria nessa disciplina. Teoricamente deveria se dar essa articulação logo de início e a disciplina de teoria contábil deveria ser inicial para o curso, pois eu primeiro tive a prática e depois a teoria. (DI5)

Nesse caminho das partidas dobradas para a escrituração cabe também um percurso histórico a ser falado, pois, conforme a evolução histórica da contabilidade e a evolução da tecnologia, muito dos processos de elaboração das demonstrações Contábeis perderam seu uso e deram espaço para novos moldes e habilidades necessárias para o contador obter na sua formação. Problematisa-se aí o fato de que, provavelmente, o método proposto por Lucca Paccioli não deva ser tão utilizado atualmente no curso de contabilidade, pois esses métodos não tem um alinhamento na relação entre teoria e prática, e os moldes de aprendizado devem pautar-se na melhor disposição de conhecimentos e habilidades para execução dos afazeres escriturários.

O ato de formar sujeitos contábeis carece constantemente de uma articulação com as competências exigidas pelo mercado a esses profissionais, aplicando-se de forma singela nas disciplinas que podem (e devem) articular com as vivências da profissão contábil. Entretanto, o que foi trazido nesta pesquisa foi o oposto, a teoria inexistente nos debates formativos e os ensinamentos são voltados a como executar determinada prática. O processo de ensino e articulação teórico-prática não é feito consubstancialmente pelos dois eixos, pois ou a disciplina é muito teórica e não cria *links* relacionais com as práticas da profissão, ou a disciplina é envolta a uma prática e limita-se a um ensino regado por técnicas e macetes de execução dos labores profissionais.

Para a teoria, cabe a percepção de que muitos dos respondentes enfatizaram uma influência da prática absurda e que o ensino pauta-se no fazer prático da contabilidade, tornando o curso como ponto crucial aos fatores estabelecidos pelo mercado. Paralelamente, devido à ênfase tecnicista excessiva e à ideologia do mercado, o curso quase que cegamente

conduz à excessiva linearidade e hierarquia do conhecimento especializado, dando ênfase ao fazer na área contábil (SILVA, 2015).

Bom, as teorias são aplicadas de uma forma na verdade muito prática. A gente vê realmente a execução da contabilidade em sala de aula. A gente não se limita as questões da história e das teorias da contabilidade. As disciplinas em si apresentam mesmo a aplicação prática da técnica contábil de acordo com cada setor, tributário contábil trabalhista. No estágio do escritório ficou clara a separação de cada disciplina. O curso é prática pura. (DI3)

Então eu não faço essa relação, porque todas as minhas disciplinas são práticas. Na verdade, as disciplinas do curso são voltadas a prática. Então falta a gente trazer pro aluno essa teoria, pra ele ao menos ter consciência que elas existem e que isso tem que orientar a conduta deles. Isso no curso de contabilidade falta, acho a prática do curso muito necessária porque nós estamos preparando profissionais pra trabalhar em empresas. (DO3)

Similarmente, os sujeitos demonstraram uma crítica ao curso ser estritamente teórico, mas o que vale dessa teoria tratada absurdamente na contabilidade é que o conhecimento é teorizado em excesso e as atitudes e habilidades dos estudantes não são trabalhadas em sala de aula (SILVA, 2015). A quem problematize que essa ênfase é dada pela estruturação pragmática das disciplinas, e reestruturar essas disciplinas que pouco se articulam com as práticas contábeis é o primeiro passo para uma nova estrutura curricular da formação contábil em detrimento às competências do mercado (MARIM; LIMA; NOVA, 2014).

O curso não tem tanta prática assim. É mais teórico. O que eu vejo que é prática é pegar um sistema básico como o sistema fortes, mas eu estou no oitavo período e não toquei nesse sistema ainda. Então eu acho que tem essa dificuldade de colocar a prática, talvez devido aos equipamentos não estarem prontos pra quantidade de alunos do DCC, não tem a devida estrutura. (DI5)

Rapaz eu acho que o curso deveria apresentar uma prática maior. Até por que a teoria que o curso apresenta é muito ruim e pequena. Você vai pro mercado e vê a prática que eles lhe dão, você vê que os conceitos são superficiais. Então a necessidade de ampliar a prática e a teoria são indescritíveis. (DI11)

Revela-se uma ênfase nas competências profissionais que precisam, em sua totalidade, serem bem articuladas, uma vez que não existe uma relação entre teoria e prática cujo enfoque seja somente de um desses pólos, e esta é uma das maiores deficiências no curso de ciências contábeis, pois os discursos se baseiam nos extremos dessa relação entre teoria e prática; e ou são instigados por um arcabouço teórico muito conceitual e pouco imerso na realidade, ou são

retroalimentadas por técnicas que instiguem os sujeitos a aprenderem como fazer, no lugar de permitir que estes aprendam o que é.

Fazendo um paralelo com as pesquisas de Laffin (2015), Silva (2015) e Nepomuceno (2020), o ensino da contabilidade sofre com essa fluidez na estrutura do curso, permitindo que as articulações entre teoria e prática variem conforme a identidade docente e do curso, de modo que focalizem mais na teoria ou mais na prática, sem execução fiel da articulação. O olhar contábil à ideologia do mercado, mais precisamente, foi pautado com maior anseio por partes dos sujeitos e a este cabe um adendo problemático, pois formar sujeitos para restringir-se à execução de habilidades colhidas pelas organizações é limitante às mesmas demandas dessas organizações e, no momento que essas organizações não necessitarem mais dessas demandas, a estes sujeitos caberão à recusa e desuso de suas habilidades já retrogradadas.

A partir da percepção dos sujeitos, a ausência de uma centralidade na articulação desnuda uma das maiores dificuldades do curso de contábeis, e esse apego pelos extremos (seja teoria ou prática) no processo de formação transparecem as falhas, seja por uma constante sensação de incapacidade para se inserir no mercado de trabalho, ou por uma limitação nos afazeres profissionais, devido às habilidades técnicas difundidas no curso.

Eu acho que é o professor explicar o assunto e passar atividade. Tem professore que já chegam fazendo os cálculos e não fala a teoria. Já tem outros professores que focam só na teoria e não mostra como utilizar, fica só na teoria. Eu acho que o básico seria isso. Mostrar a teoria e como seria aplicar ela. (DI9)

E acho que a nossa prática, apesar do curso ser muito pratico, ele ainda falha muito por que a nossa prática ainda é muito atrasada. Por que atrasada? Porque a gente ainda não tem uma estrutura pra trazer realmente a prática, aquilo que se faz numa empresa em contabilidade. E não conseguimos fazer isso, mas é difícil e tem tanta coisa nova acontecendo que a gente não consegue trazer pra graduação. E nessa tentativa de trazer a gente fica limitada a mesmice. É como se o curso não progredisse, não progride nem em teoria e nem em pratica. Estamos perdendo o bonde, a gente tá formando pessoas que não conseguem entrar em empresas e desempenhar o seu papel. Hoje quem sai da graduação, acho muito difícil que assuma uma empresa. Então a gente nem consegue fazer nem teoria e nem prática. Isso é uma realidade de todos os cursos de contabilidade. (DO3)

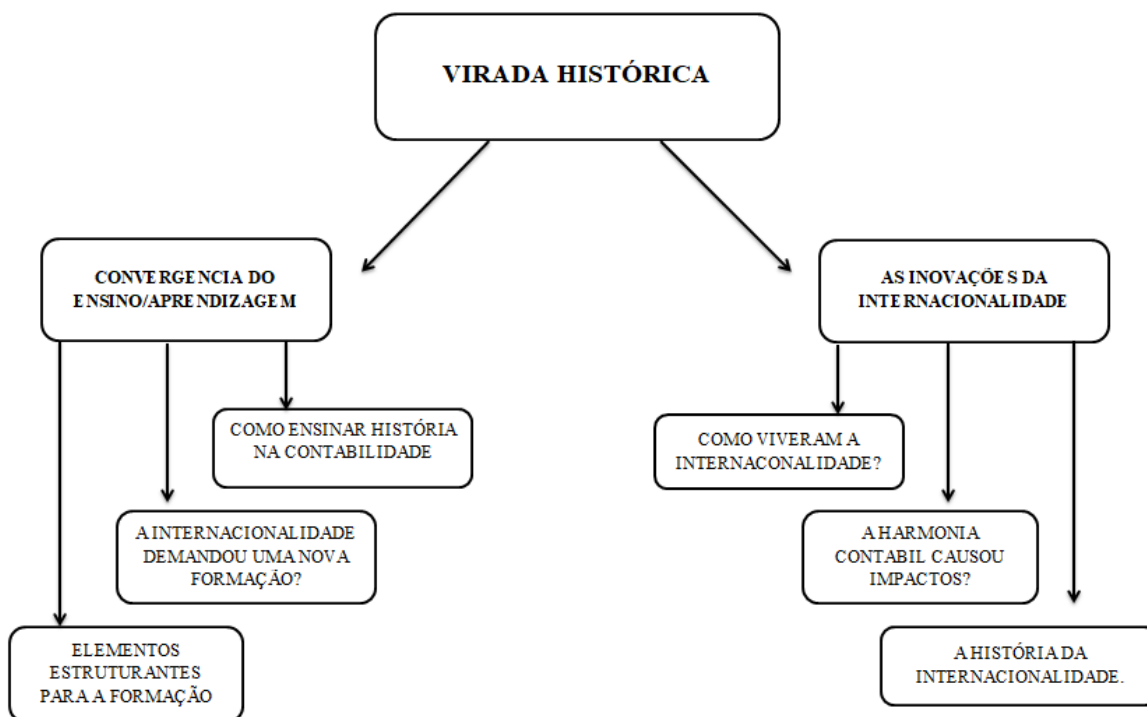
O impacto dessa virada, por vezes, forma um profissional totalmente voltado ao mercado e às demandas de uma sociedade mercantil, mas também se limita às habilidades técnicas sem o conhecimento prévio. Evidentemente o que problematiza e se torna impactante a essa virada é que o fazer é prioridade e o saber é pouco relevante. Todavia, nessa linha de saber fazer, o processo de formação das competências profissionais necessariamente divide-

se entre os dois: o saber (conhecimento) e o fazer ou saber fazer (habilidades). Caso esse processo de formação não dê a devida proporcionalidade nos modos de ensino das competências, fica limitado a esse fator integrante, pois o processo de saber fazer não consegue se articular, já que o saber (conhecimento) não é tão posto em pauta.

4.1.2 Virada Histórica

Para a virada histórica, foram encontrados dois temas que estavam de acordo com as fases e ideias que emergiram do campo. A definição dos temas delineou-se pelas fases da análise temática, objetivando demonstrar os temas e subtemas de forma segregada, com o enfoque de esclarecer o objetivo tracejado na virada histórica, que teve dois temas selecionados e três subtemas, para todos os temas, conforme representado na figura 9.

Figura 9 – Temas E Subtemas Da Virada Histórica



Fonte: Elaboração própria (2021).

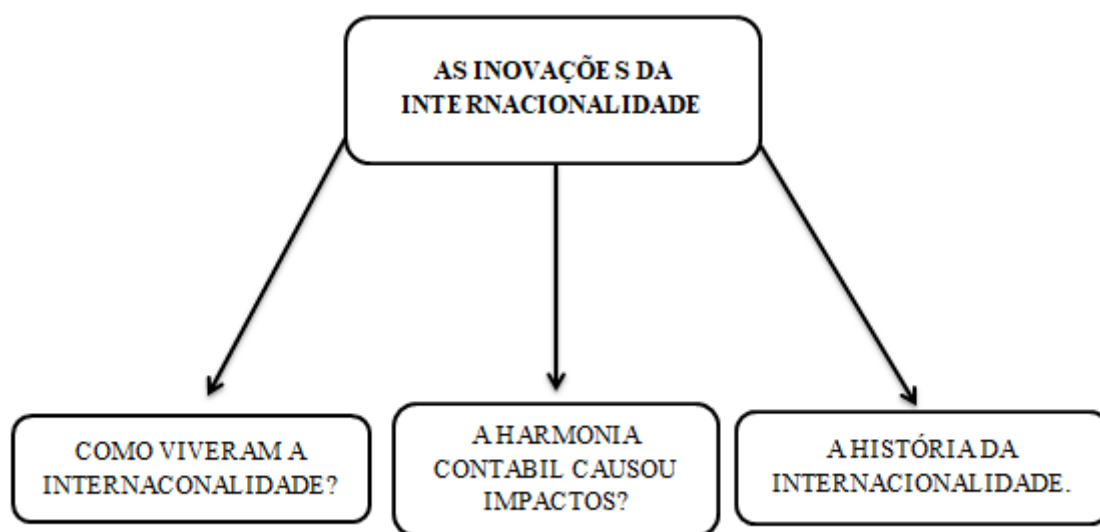
Com o objetivo de deixar claros os temas imergidos e a forma que se apresentaram os subtemas, intencionalmente, durante a coleta dos dados, delineou-se, na maioria das vezes,

para indagações que iam além das perguntas que foram utilizadas na aplicação da pesquisa e sintetizavam a ideia dos dois temas selecionados. Os temas que imergiram do campo sobre a virada histórica foram: as inovações da internacionalidade e a convergência do ensino/aprendizagem. Para o tema “as inovações da internacionalidade”, foram encontrados três subtemas que indagavam sobre: “o que é a história da internacionalidade?”; “como viveram a internacionalidade?” e “a harmonia contábil causou impactos?”. Para o tema “convergência do ensino/aprendizagem”, foram selecionados três subtemas que indagavam sobre: “como ensinar história na contabilidade?”; “a internacionalidade demandou uma nova formação?” e “elementos estruturantes para a formação”.

4.2.2.1 As inovações da internacionalidade

Ao tema “As inovações da internacionalidade” tracejado nessa pesquisa cabe apresentar que o campo imergiu desse tema, três subtemas que foram: “Como Viveram A Internacionalidade?”; “A Harmonia Contábil causou Impactos?”; “A Historia da Internacionalidade?”.

Figura 10 – Subtemas Das Inovações Da Internacionalidade



Fonte: Elaboração própria (2021).

a) O que é a história da internacionalidade?

Inicialmente tratando o tema das inovações advindas pela internacionalidade, é relevante mostrar como ocorreu todo esse processo, de forma histórica, para a contabilidade. Há de se pensar que o subtema que questiona sobre a história da internacionalidade incita a percepção dos respondentes sobre como foi esse processo e de que modo essa evolução histórica e legislativa da contabilidade fez com que houvesse atualizações cabíveis para o labor do profissional contábil.

O processo histórico da internacionalidade é marcado por uma sequência de fatos que se reproduzem no discurso dos respondentes, pois muitos até definem que a internacionalidade demarca uma nova contabilidade, um novo modo de executar as atividades contábeis. Existe um processo histórico da contabilidade que determina múltiplas funções e identidades a esses profissionais. Schimdt e Gass (2018) reafirmam que existe um processo histórico evolutivo da contabilidade, que vai desde uma contabilidade tradicional, que podia ser vista como uma série de decisões econômicas racionais, até a contabilidade contemporânea, mais voltada aos aspectos sociais da profissão contábil, corroborando esse caminho delineado pelo DO3 sobre a história da contabilidade:

A história da contabilidade se inicia nos homens das cavernas, a compreensão da produção de riqueza, dos papéis, do bem estar do acúmulo de riqueza, a produtividade, e depois um registro desses debates, os impérios persa, babilônico. A contabilidade também participou do momento evolutivo das guerras, e vou dialogando até chegar à idade média, ao regime feudal, o mercantilismo, o comércio marítimo, a revolução industrial, os conglomerados, depois a revolução tecnológica e até os dias de hoje. (DO3)

Claramente, a história da internacionalidade, os entrevistados perpassaram uma ideia detalhada sobre um momento de grande convergência e que a contabilidade “[...] é obrigatoriamente paralela às evoluções legislativas [...]” (SCHIMDT E GASS, 2018, p.67). De certo modo, a legislação define como parâmetro atual para a evolução histórica contábil. A internacionalidade cria uma nova identidade à profissão contábil, possibilitando uma mudança na postura dos profissionais contábeis envolvidos em elaborações, análise e publicações de demonstrações contábeis, pois a Lei nº. 11.638/07 destaca a primazia da essência sobre a forma, mudando a forma de pensar e fazer contabilidade (CUNHA *et al.*, 2015).

Acredito que pra início a lei que regulamenta a contabilidade em si, onde ela deixa de ser algo sem regulamentação, para ser algo regulamentado. Que exista um conselho e normas a serem seguidas. Outro ponto também é quando a contabilidade passou a ser internacional, passou a ser globalizada. (DI6)

Depois disso a contabilidade mudou totalmente, a essência sobressaindo aa forma. Você pode usar a técnica, mas vai ter que valorizar o aspecto teórico, a essência. O que a teoria ou a essência da contabilidade, o que é mais vigente no campo do pensamento sobre a particularidade da contabilidade e eu entro em dúvida. A internacionalidade parametrizou junto às normas internacionais e deu liberdade ao contador prevalecer sobre a essência da contabilidade. (DO3)

Com essa relação da legislação com a regulamentação histórica da contabilidade, demarca-se precisamente a importância histórica da internacionalidade para os profissionais contábeis. Assim, são os marcos legislativos que designam e refletem a história da contabilidade, sobretudo, a internacionalização que permitiu uma nova atividade ao profissional contábil, o qual precisou se adaptar rapidamente à Lei nº 11.638/07, que objetivou esse processo já mencionado de globalização e articulação dos fazeres contábeis na esfera mundial.

Na minha percepção o mercado de capitais mudou muito a contabilidade internacional e ele requereu um nível de atualização internacional para fazer a harmonização da contabilidade a nível mundial. A nível mundial a gente conhece o IASB. Se eu penso de auditoria e de história, eu tenho que ver marcos da primeira década de 2000 e qualquer professor fala das fraudes que ocorreram no ano 2000. E a nível Brasil, podemos dizer a lei 11638-2007 que fala sobre as normas internacionais no Brasil. Após isso no Brasil tem um componente tributário grande, depois das normas internacionais, então fizeram o regime transitório de tributário 11941 2009. (DO6)

Sem a internacionalização a gente não aprenderia contabilidade. O mundo mudou, a maneira como negócios são realizados mudaram. Um problema também da contabilidade é o foco de sua adaptabilidade das normas e não focar nesse processo de convergência. A contabilidade se atualiza diariamente e caso não se acompanhe, podem ser feitos lançamentos errados, pois não acompanhou a convergência da ciência. Não acompanhar as mudanças que fazem a diferença no relatório contábil. (DI3)

De certo modo, a história da internacionalidade é regada por um processo de mudança da forma para a essência, corroborando que a essência ou a base da contabilidade agora tomaram prevalência nessa internacionalidade, e não o enfoque nos modos segregados de executar as atividades contábeis. Essa convergência fez com que a contabilidade mudasse totalmente e esse processo histórico se reiterou a uma ciência contábil com maior complexidade aos modos de como exercer a profissão contábil.

b) Como viveram a internacionalidade?

Este subtema relata sobre esse período da convergência à internacionalização e como os professores viveram esse período de fortes mudanças às organizações. Por uma questão temporal, a maioria dos respondentes que relataram sobre esse subtema foram os docentes que, durante o período, demonstraram constantes fatos históricos que convergiram na internacionalidade.

A partir dos dados, os sujeitos relataram um período de constantes mudanças da internacionalização. A esse período foi carecida uma forte adaptação a esses novos moldes trazidos pela contabilidade. O que parecia ser recorrente nesse processo da internacionalidade é que as leis tomaram protagonismo nos labores profissionais dos contadores e refletiram em um novo viver, momento de adaptar-se às mudanças sequenciadas.

As leis 6404 vem sofrendo aperfeiçoamentos. E quando essa lei vem tendo algum aperfeiçoamento ela é regulada pelo CPC, que é a junção de vários órgãos como CFC, IBRACON e entre outros. Existe as leis tributárias sendo alteradas o tempo todo. E existe uma lei como a 11.638-2007 que provocou uma mudança nas normas brasileiras. Que foi feita para se adequar as normas internacionais de contabilidade ao IFRS, e fez as normas brasileiras de contabilidade. E cada usuário lendo essas leis sentiu as mudanças da lei 11638/7 perceberam os impactos da contabilidade. Os CPCs tem um pensamento teórico que sobressaem à técnica. Ela parametrizou junto às normas internacionais e deu liberdade ao contador prevalecer sobre a essência da contabilidade. (DO3)

Sem a internacionalização a gente não aprenderia contabilidade. O mundo mudou, a maneira como negócios são realizados mudaram. Um problema também da contabilidade é o foco de sua adaptabilidade das normas e não focar nesse processo de convergência. A contabilidade se atualiza diariamente e caso não se acompanhe, podem ser feitos lançamentos errados, pois não acompanhou a convergência da ciência. Não acompanhar as mudanças que fazem a diferença no relatório contábil. (DI3)

Os discursos aqui expostos refletem que o processo da internacionalização mudou bastante a contabilidade, e que os conhecimentos teóricos e legislativos iam se fazer valer acima das habilidades técnicas. Dessa forma, a internacionalização da contabilidade trouxe uma mudança na postura dos profissionais contábeis, pois a Lei n. 11.638/07 destaca a primazia da essência sobre a forma, e as normas são orientadas por princípios e não por regras formalizadas, mudando a forma de pensar e fazer contabilidade (CUNHA *et al.*, 2015).

Esse processo de internacionalização demandou uma nova estrutura da contabilidade, na qual muitas empresas precisariam se reestruturar para essa nova realidade. O que se faz valer é o relato constante de que, nesse processo vivido da internacionalidade, as empresas

pequenas não tiveram grandes impactos, e que o enfoque desses reflexos legislativos é das SAs.

O processo de internacionalização decorre da dinâmica dos mercados financeiros do mundo inteiro... O processo [] de unificação da linguagem contábil foi excelente. Do ponto de vista dos contadores e dos escritórios, pois eu creio que essas mudanças não impactaram aos contadores de pequenas empresas, mas as grandes empresas mudou tudo, exemplo disso é o Impermeant. Pro contador de pequenas empresas nem sabe o que aconteceu e o que essas mudanças. (DO3)

Aqui na nossa universidade nos não vivenciamos essas mudanças tao fortemente, pois a internacionalização ta muito atrelada as SAs e na nossa região não há muitas SAs. Então a internacionalização foi mais sentida nas SAs, que é onde mergulhamos nas normas das SAs, e lá consegue trazer tudo isso. (DO4)

Cabe relatar como os docentes viveram esse processo de internacionalização, sendo repetitiva a concepção de um processo complicado e demarcado por uma mudança abrupta, sem um prazo lento de absorção das possíveis mudanças, devido ao curto prazo de vigor dos pronunciamentos contábeis e da sua execução. A contabilidade, por ser uma ciência social aplicada, está constantemente atrelada às mudanças históricas e legislativas e, por vezes, requer um tempo de adaptação do docente para essa nova realidade demandada à profissão.

Foi um pouco complicado. Os professores tiveram que se reinventar e reformular o seu material e todos hoje trabalham em cima das mudanças. E a gente fala muito sobre as mudanças, mas foi tranquilo. No início logo quando eu estava afastada, chamamos uns professores para fazermos um curso de como aplicarmos na pratica. No início que não tinha muita bibliografia sobre, os autores trouxeram as explicações de como aplicar na pratica. Não tínhamos essa percepção. (DO1)

Foi um processo muito complicado pq a contabilidade mudou a sua forma. E a gente aprendeu de uma forma, e mudou pra outra forma. E tivemos um tempo que nos debruçar as novas leis. Antes tinha permanente no ativo, hoje não tem mais. É muita legislação, muito CPC, muita novidade, então é muito complicado pro aluno aprender. Não é um processo fácil. (DO6)

Para Bemfica *et al.* (2016), a adoção dos padrões internacionais equalizou diversos problemas já enfrentados na formação profissional os quais estão diretamente relacionados aos docentes que devem ter uma rápida adaptação e absorver um alto nível de conhecimento a esse fenômeno contábil.

Assim, essa adaptação requer aos profissionais brasileiros um forte grau de conhecimento sobre as normas internacionais. As exigências para o contador, diante desse

processo, vão além da capacitação para se adequar às novas regras contábeis, faz-se necessário uma mudança de postura, de modo a alcançar uma maior valorização profissional (LANGONI, 2010).

c) A harmonia contábil causou impactos?

Ao refletir sobre os impactos causados pela convergência da internacionalidade, foi feita uma analogia ao termo “harmonia” que contrapõe ao conceito da palavra “impacto”. Outro ponto relevante da harmonia contábil é que o empirismo reflete que esse termo já não tem a sua devida aplicação, pois essa harmonia, a níveis de globalização, não aconteceu do mesmo modo.

Conforme Ikuno *et al.* (2012), é importante lembrar que essa harmonização difere da padronização em si, que seria a adoção de um grupo de normas-padrão para todos os países (não permitindo a adaptação por parte dos países diante de suas características e necessidades). Recentemente, a palavra “convergência” passou a ser bastante utilizada com o intuito de definir a trajetória dos países na adoção das *International Accounting Reporting Standards* (IFRS), cujo objetivo seria a adoção integral dessas normas pelos países.

Um dos maiores impactos previstos desse momento de internacionalização foi a convergência a um padrão globalizado dos modos de fazer contabilidade. E alguns até entendem que esse processo de globalização veio no intuito de unificar os moldes de executar as demonstrações e expandir a contabilidade a níveis globais, permitindo que profissionais contábeis possam trabalhar em distintos países e que a elaboração da demonstração contábil seria a mesma.

Acredito que pra inicio a lei que regulamenta a contabilidade em si, onde ela deixa de ser algo sem regulamentação, para ser algo regulamentado. Que exista um conselho e normas a ser seguidas. Outro ponto também é quando a contabilidade passou a ser internacional, passou a ser globalizada. (DI7)

Uma coisa que percebi dessas leis 11638 e da 11941 como não estudei elas, mas sei um pouco delas, e até agora não teve nenhum professor que tratou dessas leis. Só da 6404, e tipo essas leis estão relacionadas com a internacionalização e ao mundo globalizado e também relacionado ao mercado financeiro. (DI12)

Cara, no meu ponto de vista ela mudou para dar uma conformidade, para dar um parâmetro global, uniforme e coeso entre todos os países e para não ficar para trás. (DI1)

A minha compreensão é que é essencial para a sobrevivência das empresas. Pois nós precisamos dessa articulação internacional, precisamos ter movimentações com o exterior e as empresas do Brasil precisam da linguagem do mercado. Para uma empresa permanecer no mercado ela precisa ter uma linguagem atualizada e em conformidade com o que se pratica de forma global. (DI3)

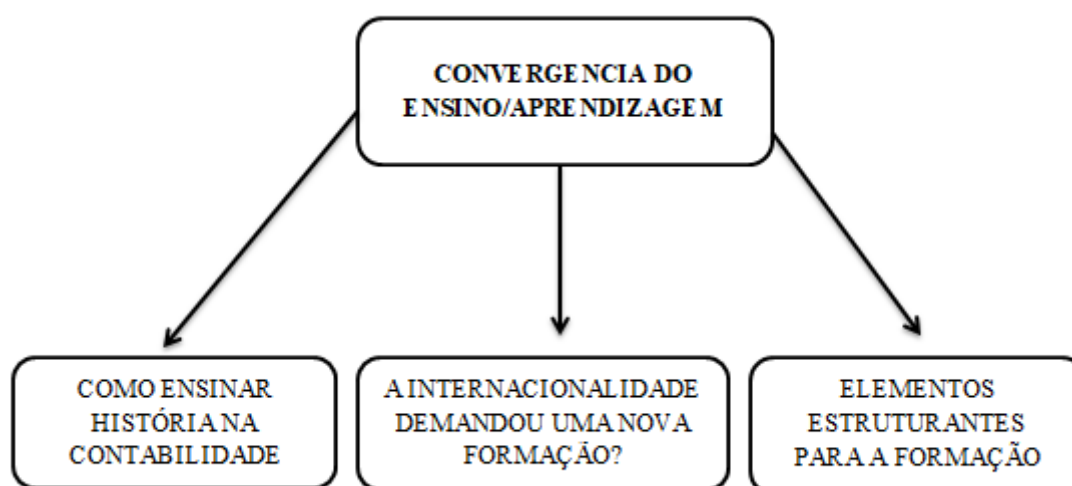
Assim, os impactos da Lei 11.638/07, alinhada com as IFRS, conseguiram ocasionar uma globalização nas demonstrações contábeis, facilitando, assim, a análise das mesmas e possibilitando semelhantes interpretações de resultado no mundo todo (KARLINSKI; BIANCHINI, 2014). A normalização contábil pode ser entendida como um esforço da classe para se ajustar às demonstrações contábeis e permitir as redes de trabalho contábil em nível global, unificando, assim, os discursos da linguagem contábil.

Reis *et al.* (2014) concluem que esse impacto, aqui trazido da internacionalidade e da mudança terminológica, distingue a convergência da padronização da contabilidade internacional, sendo que a padronização pode ser vista como um movimento global para uniformização, enquanto que a convergência é entendida como movimento através da similaridade entre as escolhas, entre as alternativas de tratamento contábil.

4.2.2.2 *Convergência do ensino/aprendizagem*

Ao tema da “*Convergência do ensino/aprendizagem*” tracejado nessa pesquisa cabe apresentar que o campo imergiu desse tema, três subtemas que foram: “como ensinar história na contabilidade?”; “a internacionalidade demandou uma nova formação?” e “elementos estruturantes para a formação”.

Figura 11 – Subtemas Da Convergência Do Ensino/Aprendizagem



Fonte: Elaboração própria (2021).

a) Como ensinar história na Contabilidade?

Inicialmente cabe retratar que os subtemas emergiram sequencialmente de dois fatos atrelados à contabilidade que foram dos usos relevantes de temas relacionados à internacionalidade ou de como ensinar história na contabilidade; e o outro sobre as mudanças causadas pela internacionalidade na formação. O subtema dos elementos estruturantes complementa os outros elementos anteriores e dá a devida percepção sobre os maiores pontos na educação contábil, que estão paralelos a essa internacionalidade.

Há de se mencionar que o ensino voltado à internacionalidade carece de múltiplos debates históricos para permitir uma maior amplitude na concepção histórica e no posicionamento crítico e reflexivo do profissional contábil. Devido às mudanças causadas pela internacionalidade terem convergido nos modos de elaborar as demonstrações contábeis e, por muitos, terem sido totalmente inseridas na contabilidade, pouco se fala do fato histórico da internacionalidade. Acredita-se que essa pouca menção desse fato histórico impacta na formação, pois não permite que os sujeitos que se formem não entenda somente que esse fato aconteceu, mas o que ele impactou na profissão contábil.

Realmente elas são importantes, pois dão a legalidade a todas as movimentações. E talvez seria necessário atualizar, pois a última foi de 2009 e muita coisa mudou da contabilidade e já tá na hora de ter uma revisão. E elas são bastante comentadas durante todo o curso. Na verdade o curso todo só se fala nelas. (DI1)

Eles demonstram as leis, mas eles não se aprofundam. Dizem alguns pontos da alteração das leis, mas não se aprofundam. E o que ensinam já está tudo embasado na lei, tipo que no início do curso alguns lançamentos já são diferentes do que é hoje devido às alterações legislativas. (DI5)

Eu ser bem honesta com você, eu só ouvi falar sobre a lei das SAs. As outras duas nunca ouvi falar. Os prof. de contábeis estão muito mais preocupados de elaborar demonstrações do que fundamentar essas demonstrações. Até os CPCs são poucos professores que falam dos CPCs. (DI6)

Mas diretamente estudar sobre essas leis e a evolução da contabilidade, eu não me recordo de ter visto isso. E a importância dela é, pois algo que ajudar na formação do aluno é relevante aprender sobre toda a evolução histórica. (DI7)

Uma coisa que percebi dessas leis 11638 e da 11941 como não estudei elas, mas sei um pouco delas, e até agora não teve nenhum professor que tratou dessas leis. Só da 6404, e tipo essas leis estão relacionadas com a internacionalização e ao mundo globalizado e também relacionado ao mercado financeiro. (DI12)

Elas são frequentemente comentadas, e esse comentário não pode se limitar a um comentário, deve se indagar a prática. Quando falar das leis, fazer links com as práticas, as necessidades das empresas. Professor Egon faz esse link interessante em contabilidade avançada, ele vai citar a 6404 e suas alterações. (DO3)

Seguindo nessa linearidade discursiva da virada histórica, percebe-se que a abordagem dada ao processo de internacionalidade é muito prático e já está inserido nas demonstrações contábeis, reduzindo a abordagem ao processo histórico evolutivo da internacionalização. Cassan (2019) também verificou com os dados da sua pesquisa que o profissional contábil não está sendo devidamente preparado em sua formação para as mudanças trazidas pela nova Lei 11.638/2-07, visto que o currículo ainda não dá espaço para abordar esses temas no processo de formação acadêmica e o diálogo acerca da convergência à internacionalidade é restrita às mudanças e não dão ênfase no processo histórico dessas mudanças.

Outro fator relevante a esse processo de relatar a história no ensino de contabilidade é o período de maturação daquela mutação contábil, para permitir que os sujeitos que absorvam esse novo conteúdo consigam replicar nas vivências contábeis. Esse período de maturação da validade dos decretos legais, e de aprendizado docente para replicar no processo de formação demanda um tempo. E é relevante compreender que, devido a isso, as inserções de debates sobre as mudanças contábeis são trazidos posteriormente, pois existe esse período de compreensão se a referida legislação será válida para convergir à realidade da profissão contábil.

A contabilidade também é atrasada dentro da sala de aula no tocante a s legislações. A gente também não consegue fazer mudanças na sala de aula junto às mudanças legislativas. Porque também leva um tempo pro professor compreender. O contador tem muitas dúvidas sobre o peso e aplicabilidade das novas leis e dar aula de leis que não terão tanta aplicabilidade. Teve um regime tributário chamado de inova simples que é voltada para startups e não funciona até hoje. A gente não acompanha muito por conta do tempo para perceber o que vai funcionar ou não, o tempo de maturação das leis. Porque se passarmos uma lei que não vai funcionar, não é benéfico pro aluno. As leis importantes são a 6404-76 e suas alterações são as prioridades para o curso. (DO5)

Com isso, após o período de maturação, é relevante trazer aos sujeitos formandos uma concepção clara sobre todo o processo histórico que foi da convergência à internacionalização. E a harmonização dos órgãos de ensino reflete numa formação contábil devida, pois, mediante a adoção de normas contábeis internacionais, torna-se necessário o desenvolvimento de um sistema de ensino capaz de corresponder rapidamente à demanda do mercado por profissionais conhecedores destas normas (JACAMOSSO, 2015).

b) A internacionalidade demandou uma nova formação?

A ideia traçada de uma nova formação reflete que o processo formativo no curso de contábeis teve que se adaptar a uma realidade de alto grau e impacto profissional. Claramente, o processo de formação teve que se adaptar a essa nova realidade, dada as elaborações das demonstrações contábeis.

Esses novos moldes da formação contábil voltaram-se às adaptações estruturares do currículo e até aos métodos didáticos de cada docente, permitindo, de forma indireta, que o discente absorvesse sobre os impactos frequentemente trazidos pela internacionalização. Esses impactos demandaram de forma diluída reformulações nos métodos e nos conteúdos a serem ensinados durante a formação contábil.

Outro ponto relevante se trata da forma diluída que os conteúdos acerca da internacionalidade foram dispostos na formação contábil. Há múltiplas opiniões sobre esse método de aplicação dos impactos tratados na IFRS. A existência dos impactos e inovações trazidas pela internacionalidade são refletidos nos discursos dos sujeitos das pesquisas, mas pouco se aprofunda historicamente desse fato e, nesse processo de demandar uma nova formação, careceu de maior profundidade nesse conhecimento histórico. Os docentes devem explorar criticamente, de forma lógica e analítica, os diversos aspectos da internacionalidade, incluindo a base teórica, histórica e o contexto social (BOYCE, 2004; TAMER, 2014).

A gente vê de forma prática. Quando o aluno fazer o exercício, vai lançar IR e CSLL e utilizar essas leis. Quando vão fazer os lançamentos contábeis e isso tem na lei. A gente não pega a lei e lê ela. A gente vai fazendo de forma prática. Sem perceber eles vão se adequando as práticas e os procedimentos que a lei quer dizer. Acompanhe as leis e as modificações de forma natural, se for perguntar pro aluno sobre a legislação na integra ele não vai saber, mas saberá do que importa pra ele. Eu não acho que pro contador saber integralmente da lei, somente pro contador societário, mas pros contadores financeiro que são a maioria não tem essa necessidade de entender na integra essas leis. (DO4)

Anteriormente fizemos ajustes singulares no dia a dia de aula. Era mesmo um diálogo de aula que mostrávamos as novas normas da internacionalização contábil e a gente terminava apresentando o plano de trabalho, o roteiro da disciplina. Essa parte nós conseguimos articular bem porque temos as preocupações com o exame de suficiência e ele sempre cobrava as atualizações legislativas, e não tivemos como fugir desses ajustes. (DO1)

Houve mas muito diluído. Começou em 2007 e é continuo as mudanças vem até hoje nas legislações. Como as leis mudam o tempo todo, e ninguém consegue aplicar pro aluno de forma imediata, até porque nós não conseguimos aprender com muita velocidade e tivemos que nos adaptar a lei para depois atualizarmos para repassar pros alunos. (DO2)

Houve sim esse ajuste. A gente incluiu novas disciplinas. A gente mudou toda a grade para adequar as mudanças da internacionalização. (DO4)

Quanto ao uso de métodos didáticos, é relevante inserir essa articulação entre a internacionalidade e a formação contábil. Vale ressaltar que muitos dos sujeitos repercutiram que o uso de palestras e eventos voltados a essa pauta permitem a inserção clara sobre o processo histórico da ciência contábil. Esse novo perfil formativo contábil depende de técnicas e métodos mistos para a intersecção dos conteúdos referentes à internacionalização, permitindo que esse sujeito compreenda sobre as habilidades técnicas atualizadas já com as inovações trazidas pela internacionalidade, e que seja feito o diálogo sobre a evolução histórica das normas internacionais da contabilidade e seus impactos.

Esses achados corroboram os estudos de Heliar (2013) e Jacamossi (2015), os quais afirmam que, além dos conteúdos atualizados e da harmonização à internacionalidade é relevante utilizar uma ampla gama de métodos de ensino, bem como se atentar ao desenvolvimento de melhorias e um estudo mais profundo das questões que permeiam uma formação contábil holística. Todavia, Jacamossi (2015) sugere alguns métodos didáticos que possibilitem a maior clareza sobre o processo de harmonização envolvendo os alunos na

educação contábil, como *roleplaying*, estudo de casos reais, trabalhos em grupo, visitas técnicas e simulações.

c) Elementos estruturantes para a formação

Para a pesquisa, é relevante mencionar que o subtema “elementos estruturantes para a formação” parte da iniciativa de relacionar as inovações trazidas da internacionalização para a formação contábil. Os elementos estruturantes à formação, paralelos à virada histórica, se apoiaram em uma análise voltada às disciplinas, desde os seus conteúdos trazidos até sugestões de novos debates acerca da contabilidade. Vale ressaltar que esses elementos estruturantes à formação refletem claramente a relação entre as normas internacionais de contabilidade e os impactos na formação, em segmentos de maior profusão.

Inicialmente cabe ressaltar uma disciplina que foi constantemente atrelada à internacionalidade que foi a disciplina de contabilidade avançada. E o processo de ensino dessa disciplina pode e deve permitir que o discente compreenda sobre as inovações trazidas pela internacionalidade. Diretamente, a contabilidade avançada tornou-se o elemento interligado às normas internacionais, sendo imprescindível que esta disciplina fomente os debates históricos e dê ao sujeito contábil uma construção crítica e reflexiva da profissão. Para Czesnat, Cunha e Domingues (2009), a disciplina contabilidade avançada deve ser ensinada em todas as universidades, em virtude de que o futuro contador deve saber elaborar e utilizar as demonstrações contábeis de empresas que estejam atreladas às normas internacionais, assim como as que são publicadas nas organizações associadas à internacionalidade e ao IFRS.

A disciplina com mais relação é contabilidade avançada, porque com contabilidade avançada você vai trabalhar com questões mais complexas da contabilidade e aplica-se a lei 11638/07 e o que decorre dela de normativos. Eu utilizei essa lei na disciplina de análise das demonstrações contábeis. E eu uso as normas internacionais para analisar a saúde econômica da empresa a partir das demonstrações contábeis e me ajudar, a saber, que essas coisas foram construídas para ser parecida com a internacional. (DO1)

Contudo, é relevante sempre desenvolver as habilidades e conhecimentos das disciplinas aqui postas com eficácia para que o acadêmico esteja, futuramente, preparado para atender às necessidades dos diversos usuários. E um mecanismo relevante para aplicar e desenvolver debates instigantes sobre a internacionalidade é nas disciplinas, ensinando sobre

os processos de globalização dos mercados econômicos e como isso influencia o processo de harmonização da contabilidade (ARMOND; AVELINO; NASCIMENTO, 2014).

Para além do que foi exposto nas disciplinas do currículo do Curso de Ciências Contábeis, foi relevante expor como elemento estruturante a relevância da disciplina de tópicos contemporâneos em contabilidade. Cerqueira (2020), em seu *ebook*, reflete claramente sobre a relevância da disciplina de tópicos e a apresenta de forma estruturada.

Primeiro a inserção da disciplina contabilidade internacional, e a atualização da disciplina de contabilidade avançada. E lá em Itabaiana tinha disciplinas que eram abertas, tipo tópicos contemporâneos de contabilidade, que você poderia colocar todas as mudanças e novidades de contabilidade. Nessa turma de Itabaiana tinha muitos assuntos voltados a essa disciplina, e coimo ela é uma disciplina de ajustes ai o professor pode fazer uma ementa voltada a essas realidades, já que a ementa é aberta. Então o professor faz a ementa conforme as necessidades do curso. Também seria necessária a disciplina de sistemas de informações contábeis. (DO5)

Teoria da contabilidade, contabilidade avançada e tópicos contemporâneos em contabilidade. Essa disciplina de tópicos é necessária nesse sentido que consegue debater assuntos contemporâneos para a contabilidade. (DO6)

Assim, concebe-se, em paralelo à pesquisa de Cerqueira (2020), que os estudos contemporâneos em contabilidade permitem alocar os sujeitos formandos aos conhecimentos históricos e atuais que mais convergiram na ciência contábil, ou seja, um recurso para inserir os sujeitos formandos em contabilidade nos debates contemporâneos sobre a sua ciência.

Aos eixos disciplinares foram encontrados quatro tópicos que estavam em comum diálogo histórico da internacionalidade e das vivências na educação contábil: IFRS, NBC, CPC e Lei 11638/2007. Vale ressaltar que os sujeitos respondentes da pesquisa perceberam a relevância de replicar esses debates históricos e legislativos para a contabilidade, mas o que é imprescindível é que tópicos como as questões históricas do IFRS e da Lei 11.638/07 não têm uma abordagem tão aprofundada no processo formativo.

NBCS E CPCs são aplicadas nas disciplinas mais finais. Eu só uso o CPCs na contabilidade geral dois, pois as minhas disciplinas são introdutórias e o aluno não entende tanto já que eles tem uma linguagem pesado. O CPCs precisa ser lido, precisa ter uma prática da contabilidade previa, e pros meus alunos que são do início do curso é complicado fazer isso. Em matéria de custos eu uso o CPCs voltado pra custos e ai a gente fica nos conteúdos e questões voltados a isso. Quando temos uma dúvida vamos ao CPC e lemos os conteúdos dessa dúvida da pratica e aplicamos conforme o CPC. As NBC são mais utilizadas em auditoria e em perícia. E assim a gente vai linkando os CPCs as NBCs e as práticas das organizações com essas normas. (DO2)

Infelizmente eu não uso. Eu uso as NBC quando trabalho com ética, pq tem umas NBCS específicas pra ética. E os CPC eu não uso, pq a linguagem é muito complexa e o nosso aluno não está preparado. O CPCs é importante pra introduzir as disciplinas mais pesadas do curso. E como eu disse o CPCs traz uma boa relação com a teoria, mas como o nosso curso não tem teoria, e aí fica difícil pra trazer o CPCs, pois o aluno não gosta e não vê sentido em trazer o CPC e aí eu não consigo utilizar. (DO4)

[...] tem matérias que usam mais especificamente, tipo as NBCS. Então nessas matérias a gente pega a NBC, e a professora procura fazer essa interação. Os CPCs os professores mandam leitura para casa e é algo que eles dizem que temos que estar decorados. Já o IFRS e a lei 11638 são falados, mas ninguém se aprofunda, só lembram-se deles. (DI3)

A gente percebe que é o IFRS e os impactos da lei 11.638/2007 são pouco falados no curso, e além de ser pouco falado é só usado na questão das responsabilidade sociais, compliance e tal. A gente vê o CPC e as NBCs, acredito que não vê como deveria, mas vemos. Tipo os professores apresenta a disciplina, e mostra os casos e isso aqui é CPC x, isso é NBC y. Mas não como deveria, não lemos juntos ou um trecho, ou debater o CPC e NBC na aula, mas é falado tipo CPCs 00 ou 01. (DI12)

Relacionado a esses tópicos, Armond, Avelino e Nascimento (2014) comprovam em seu estudo que, devido ao novo contexto no Brasil, estudar e aprender a essência do IFRS tornou-se fundamental para todos os alunos de Ciências Contábeis, pois estes futuros profissionais devem chegar ao mercado de trabalho preparado para enfrentar essa nova realidade. Já Alves *et al.* (2017) conseguiram afirmar a lacuna desproporcional entre o ensino da contabilidade sobre os CPCs, visando harmonizá-los aos padrões internacionais e contemplar um número maior de CPCs nas ementas e/ou conteúdos programáticos das IES.

Com a finalidade de concluir esse eixo temático da virada histórica, é relevante lembrar que o objetivo específico trilhado nessa virada foi o de analisar o processo de convergência do ensino/aprendizagem no processo de formação acadêmico-profissional frente às inovações trazidas pela internacionalidade.

De forma direta, o processo de adaptação às normas internacionais foi regado por uma convergência absurda dos modos de elaboração das demonstrações contábeis e que a essência sobressaía à forma, ou seja, a contabilidade teria um maior regimento nos conhecimentos acerca dos labores profissionais do que as habilidades técnicas desse processo.

Quanto ao ensino/aprendizagem da IFRS, esse processo é muito mais diluído nos procedimentos e elaborações das demonstrações contábeis, no entanto, ainda é sensível aos diálogos sobre como esse processo histórico trouxe inovações para a ciência contábil. Consequentemente, a educação contábil subsidia para a internacionalidade o suprimento das necessidades de elaboração das demonstrações contábeis, mas ainda há carência histórica

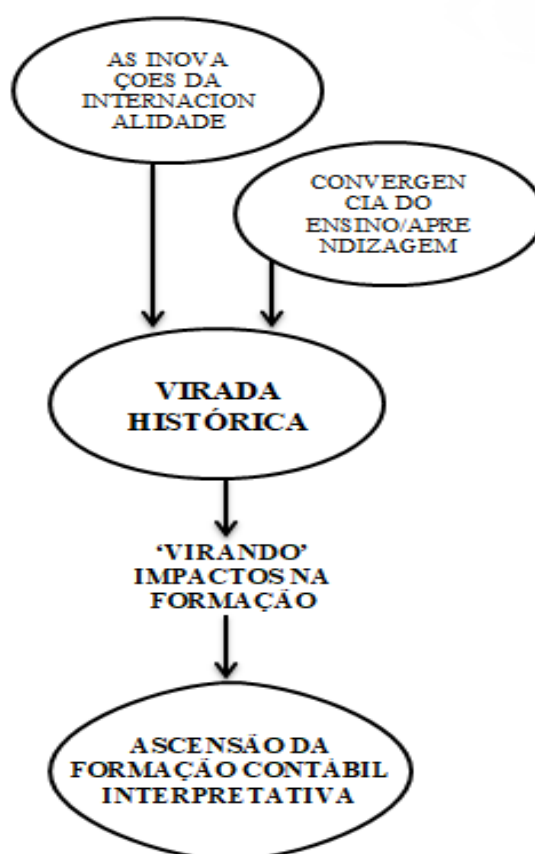
desses assuntos contemporâneos à contabilidade, permitindo que esses sujeitos sejam formados com maior flexibilidade das mudanças sociais e legislativas da ciência contábil.

Desse modo, para que tal processo de internacionalização contábil seja feita no ambiente acadêmico, faz-se necessário o alinhamento do processo de convergência, também denominado de internacionalização das normas contábeis à educação, e que privilegie o uso de metodologias para transmissão do conhecimento e mecanismos de avaliação, que deem abordagem constante aos temas históricos e conversores da internacionalidade (OLIVEIRA *et al.*, 2011; ALVES *et al.*, 2017).

4.1.2.1 ‘Virando’ Impactos Na Formação - Virada Histórica

A virada histórica obtém como pacto nesse processo de formação a conversão do profissional contábil mais técnico para um profissional contábil interpretativo. A implementação da internacionalidade faz com que os profissionais contábeis tenham que observar as constantes mudanças históricas que marcam a vivência da contabilidade. Especificamente sobre a internacionalidade, por sua vez, o seu impacto volta-se totalmente a uma necessidade de uma nova formação, mais pautada na interpretação dos dados a partir dos regulamentos legais, comitê de pronunciamentos e normas que regulamentam os modos de execução Contábil.

Figura 12 – Mapa do Impacto da virada histórica na formação contábil



Fonte: Elaboração própria (2021).

Os reflexos de um cenário pautado em uma internacionalização das normas contábeis se difundiram numa nova educação, voltada para a observância desses aspectos na execução dos afazeres contábeis. Foi um impacto relevante e conturbador para a formação dos sujeitos que se formaram nesse período, depois da internacionalidade, os quais tiveram que acompanhar essas mudanças e se reestruturar fortemente com o passar do tempo.

Vale ressaltar que essas constantes mudanças trazidas pela internacionalização mudaram o perfil do profissional contábil e, conseqüentemente, exigiram uma mudança na formação desse sujeito. Críticos do ensino da contabilidade já afirmam com veemência que a educação contábil tem sido incapaz de responder às mudanças do ambiente, tanto educacional como dos negócios, e não segue apoiada em um pensamento crítico ao sujeito que venha a se formar (JACAMOSSI, 2015).

É uma tendência que muda tudo. A internacionalização só gerou parâmetros internacionais e o Brasil teve que se adaptar porque se não adaptar o nosso serviço vai ficar pra trás em comparação a outros lugares. Então essa internacionalização vai ter novas pessoas e se não seguir acompanhando vai

perder pra outros profissionais. As leis tem que acompanhar essa profissionalização. (DI11)

Sem a internacionalização a gente não aprenderia contabilidade. O mundo mudou, a maneira como negócios são realizados mudaram. Um problema também da contabilidade é o foco de sua adaptabilidade das normas e não focar nesse processo de convergência. A contabilidade se atualiza diariamente e caso não se acompanhe, podem ser feitos lançamentos errados, pois não acompanhou a convergência da ciência. Não acompanhar as mudanças que fazem a diferença no relatório contábil. (DI2)

Com a adoção das *International Financial Reporting Standards* (IFRS) no Brasil, os contadores passaram a ser exigidos com relação à avaliação da melhor forma de contabilização de um evento patrimonial, requerendo a utilização em maior escala de juízo de valor para com transações de natureza subjetiva e tomadas de decisão (PAULO; CARVALHO; GIRÃO, 2014; OLIVEIRA; CRUZ; BUFONI, 2020). Naturalmente, com isso, passou a ser exigida uma formação mais voltada a essas habilidades subjetivas da profissão.

Outro ponto a se destacar é que a internacionalização é um dos primeiros marcos históricos que denota uma convergência na contabilidade, em que a educação precisou caminhar lado a lado a essa mudança.

Esse novo profissional que nasceu pós-internacionalidade foi formado e adaptado a uma realidade mais subjetiva, mais auxiliar e ativa nos papéis do contador que, por sua vez, deve ter uma boa formação, com todos os subsídios necessários para atuar em conformidade com as demandas e legalidades pré-existentes na ciência Contábil. Jacamossi (2015), em sua dissertação, problematiza que muitos docentes não estão cientes dessa necessidade de se articular, por intermédio de métodos didáticos que possibilitem a maior clareza sobre o processo de harmonização, e ainda sugere alguns métodos de ensino que envolvam os alunos na educação contábil, como *roleplaying*, estudo de casos reais, trabalhos em grupo, visitas técnicas e simulações.

Ainda são conflitantes essas percepções, mas o fato é que os sujeitos que participaram desta pesquisa não demonstraram forte correlação histórica com a internacionalidade cujo papel caberia aos docentes de, além de apresentar de forma prática as mudanças advindas pela internacionalidade, fazer um entrelaço com os pontos-chave desse marco histórico para a contabilidade. Sugere-se que os docentes e as instituições de ensino foquem, com maior ênfase, nas alterações introduzidas pelas normas internacionais de contabilidade, bem como remetam os alunos à aplicação dos aspectos teóricos em casos práticos do cotidiano empresarial (NOLLI; MAZZIONI; MAGRO, 2018).

Eu vejo um corpo docente parado para se atualizar, e se eles estão parados para toda a formação. A gente tá aprendendo uma coisa que minha mãe que fez contabilidade em 2007 o que ela aprendeu é o que eu estou aprendendo. (DI3)

O ensino é um pouco atrasado. Até porque existem a resistência às mudanças e porque é muito difícil entender as mudanças enquanto as mudanças estão acontecendo. Fazer a mudança dentro da sala de aula no mesmo modo que isso acontece na sala de aula. E isso acontece por resistência à mudança que gera custos e dúvidas. E muito pelos professores e sua resistência. (DO5)

Honestamente eu teria que pesquisa sobre a internacionalização para te responder, pois nenhum professor nunca falou sobre a internacionalização. É por que infelizmente eu teria que saber o que é para te responder já que nunca tive contato ao termo. (DI6)

O mundo já vem se globalizando há muito tempo e as leis tentam acompanhar, porque se não entra capital no país. E novamente eu acho muito fraca a universidade com esse material da internacionalização, que só uns dois professores falaram superficialmente sobre a internacionalização. Então eu posso falar muito sobre isso. (DI10)

Assim, há quem entenda que o processo de adaptação docente é fraco e não consiga suprir todas as necessidades desse processo, entretanto, de forma bem generalista, e falando dos fatos presentes na contabilidade, essa adaptação consegue inserir o sujeito nos trâmites atuais da contabilidade, pautada no cenário internacional. Contudo, devido à ênfase no ‘como fazer’ da contabilidade, o ensino sobre a história e o arcabouço teórico fica com pouca relevância, e a contabilidade torna-se um local de reprodução de habilidades e mudanças do mercado.

Estudos como o de Espejo *et al.* (2010b), Bemfica *et al.* (2016), Fonteles, Oliveira e Almeida (2011) e Oliveira, Cruz e Bufoni (2020) indicam que ainda há dificuldades no processo de capacitação do corpo docente e preparo de discentes no que se refere às normas contábeis, embora sejam notadas melhoras significativas em comparação há anos recentes e, dessa forma, entende-se que a adoção de novas perspectivas à formação dos futuros profissionais contábeis poderá agregar em tal sentido.

Esse processo histórico de conversão contábil às IFRS fez com que muitos contadores necessitassem desse aprendizado mais histórico e mais reflexivo sobre os momentos importantes da contabilidade e o que estes mudaram na ciência. Uma pauta que ficou transparente na virada histórica foi à necessidade de leitura e compreensão das mutações contábeis por parte dos sujeitos. A ausência de debates mais históricos e subjetivos fica bem evidente no curso de contabilidade, pois muitos desses sujeitos não buscam se

informar para entender dessas demandas históricas da contabilidade, pautadas em atender às exigências do mercado.

Essa ausência da subjetividade e de um contador interpretativo revela uma forte lacuna no processo de internacionalização, pois mesmo que este processo tenha nascido para que o profissional contábil venha aprender a interpretar as novidades do mundo e se adequar à realidade da ciência, pouco se faz presente nesse processo de adaptação, parecendo que a interpretação só veio a existir de forma forçada e que estes sujeitos, agora que já se adaptaram e memorizaram as novas práticas da contabilidade, ignoraram a relevância dada, no sentido do profissional contábil ser um sujeito interpretativo, crítico e reflexivo.

De maneira geral, a falta de conhecimento e aplicação das IFRS no cotidiano pode ser explicada pelos alunos terem conhecimento sucinto sobre o tema das IFRS no curso de Ciências Contábeis pela abordagem em poucas disciplinas do curso (NOLLI; MAZZIONI; MAGRO, 2018). Os discentes demonstraram claramente que o ensino da internacionalidade é feito de forma diluída e sucinta, já que estes aprendem a fazer, mas não se aprofundam no que é de fato a internacionalidade e como foi esse processo.

Eu percebo que ela é pouco falada na minha formação, não se da tanta importância em leis como um todo. O que se traz mais pra sala de aula é o texto ou a parte prática da situação, mas não traz o fundamento. De onde que eu estou me fundamentando e as fontes é algo que carece no curso. E tipo dizer qual é a lei que estão tratando, eu vejo isso só em tributário, que traz lei, alínea inciso, mas em outras matérias não vejo. (DI12)

Eles demonstram as leis, mas eles não se aprofundam. Dizem alguns pontos da alteração das leis, mas não se aprofundam. E o que ensinam já está tudo embasado na lei, tipo que no início do curso alguns lançamentos já são diferentes do que é hoje devido às alterações legislativas. (DI4)

A relação é feita dessas leis na prática, na execução de exercícios. Quando eu vou aplicar as demonstrações eu lembro as leis para os alunos. Peço para eles ferem a lei e o artigo e com o que a lei fala é o que nós vamos fazer agora na aula, calculando e fazendo a demonstração dentro da sala de aula. Essa é a parte de fazer a articulação entre teoria e prática, com a teoria dada pela lei e com tudo o que é debatido na prática e aplicado nas demonstrações contábeis. (DO2)

A gente vê de forma prática. A gente não pega a lei e lê ela. A gente vai fazendo de forma prática. Sem perceber eles vão se adequando as práticas e os procedimentos que a lei quer dizer. Acompanhe as leis e as modificações de forma natural, se for perguntar pro aluno sobre a legislação na íntegra ele não vai saber, mas saberá do que importa pra ele. (DO5)

Com esse ensino sutil sobre a IFRS, o maior impacto dessa virada tem suas lacunas, pois a subjetividade do contador não foi enfatizada e, mesmo que com esse marco histórico da

contabilidade mude da essência sobre a forma da ciência, os métodos de ensino não permitem auxiliar nessa formação de um profissional crítico, pois a abordagem das normas internacionais não está direcionada para o julgamento e tomada de decisão e sim para a simples memorização e, portanto, os profissionais não são preparados para exercer o julgamento nas decisões contábeis como se exige atualmente (MAIA, 2012). E aqui cabe a crítica de Murcia *et al.* (2015), ao declarar que muitos dos cursos de contabilidade no Brasil necessitam de revisões nos seus programas, a fim de terem adicionadas disciplinas e temáticas que fujam do escopo puramente tecnicista no âmbito do curso, podendo agregar também temáticas no tocante ao estímulo à criticidade dos discentes da seara (OLIVEIRA; CRUZ; BUFONI, 2020).

Assim, nesse processo de formar um profissional com os impactos da internacionalidade transparece que esse fato histórico sobrepõe a essência sobre a forma, ou seja, a ciência e as subjetividades interpretativas são necessárias para a formação contábil; e o maior impacto dado pela inclusão da IFRS no processo de formação contábil é essa ênfase de um profissional mais interpretativo e consultivo às organizações.

Os dados da pesquisa demonstram que cada vez mais se exige um profissional interpretativo, crítico e adaptativo às constantes mudanças sociais, buscando conhecimentos abrangentes e interdisciplinares, tornando a profissão cada vez mais envolvida não apenas com a área econômica das empresas, mas também com as diversas áreas da sociedade (NOLLI; MAZZIONI; MAGRO, 2018). Os sujeitos demonstraram que essa evolução histórica da internacionalidade desnudou um profissional que por muitos foi esquecido, dando ênfase a um sujeito mais participativo e excluindo a antiga imagem de um profissional tão pautado em sistemas fiscais e que tendem, cada vez mais, formar-se para auxiliar na tomada de decisão das organizações.

A internacionalização é uma tendência que muda toda a contabilidade. Essa evolução é positiva e tem mudado a cada dia mais o perfil do contador, para um mais auxiliativo das organizações. Pois este terá que interpretar as interferências vindas da IFRS e agora não será mais um profissional para gerar declarações e pagar tributos das empresas. (DI8)

E a nível Brasil, podemos dizer a lei 11638-2007 que fala sobre as normas internacionais no Brasil. Após isso no Brasil tem um componente tributário grande, depois das normas internacionais, então fizeram o regime transitório de tributário 11941-2009. Então a gente vê esses avanços legais e uma resposta dos empresários que tentam criar novas práticas para terem novas alterações futuras legais. E o que a gente tem que entender que sempre vai ter alterações legais e normativas e ele vai ter que se atualizar e adaptar a

isso, de modo interpretativo e consultivo as alterações advindas da IFRS. (DO6)

Eu acho que o povo do departamento ainda tá na primeira parte, a mais técnica. Antigamente pq a galera tinha essa concepção de contabilidade ser só registro e acho que existe esse corte da técnica e depois da internacionalização começou a se pensar a contabilidade como uma ciência, como um local de análises das leis para aplicar nas organizações, obrigando os profissionais e os cursos a se atualizarem a um profissional mais analítico. (DI9)

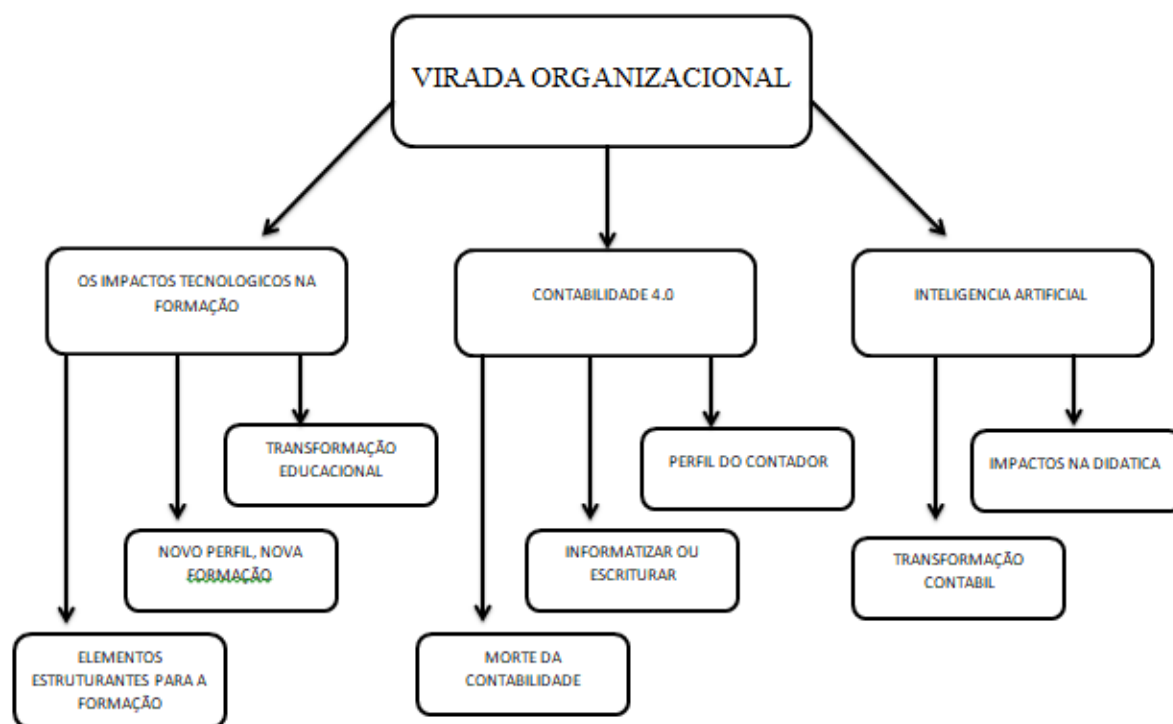
Pode-se inferir que, apesar de se passarem mais de 10 anos da adoção completa às IFRS, a formação contábil ainda necessita de adaptações para envolver mais os fatos históricos advindos da internacionalidade e ensinar os discentes a tomarem decisões subjetivas que envolvem as práticas contábeis em IFRS (NOLLI; MAZZIONI; MAGRO, 2018). A universidade deve estar em sintonia com o tempo, porém, de forma crítica, e mesmo que muitos discentes demonstrem compreender a respeito da internacionalidade, essa compressão aparenta-se de forma sutil e superficial, devido ao método de memorização das novas práticas resultantes da internacionalidade e pouca abordagem interpretativa sobre esse tema.

E para concluir esse eixo da virada histórica, fica a análise feita por Oliveira, Cruz e Bufoni (2020) que acreditam que o discente em contabilidade no Brasil não é devidamente preparado para lidar com o subjetivismo contábil advindo das IFRS, e que essa deficiência está ligada ao viés tecnicista de muitas instituições de ensino e à herança normativa que ainda permearia certos âmbitos da área contábil.

4.1.3 Virada Organizacional

Para a virada Organizacional, foram definidos alguns temas que estavam de acordo com as principais ideias que emergiram do campo. A definição dos temas seguiu as fases da análise temática e aqui se objetivou demonstrar os temas e seus subtemas de forma separada, e depois a sua relação para esclarecer o objetivo específico tracejado nessa virada. Os temas e subtemas definidos para a virada organizacional estão representados na figura 13.

Figura 13 – Temas E Subtemas Da Virada Organizacional

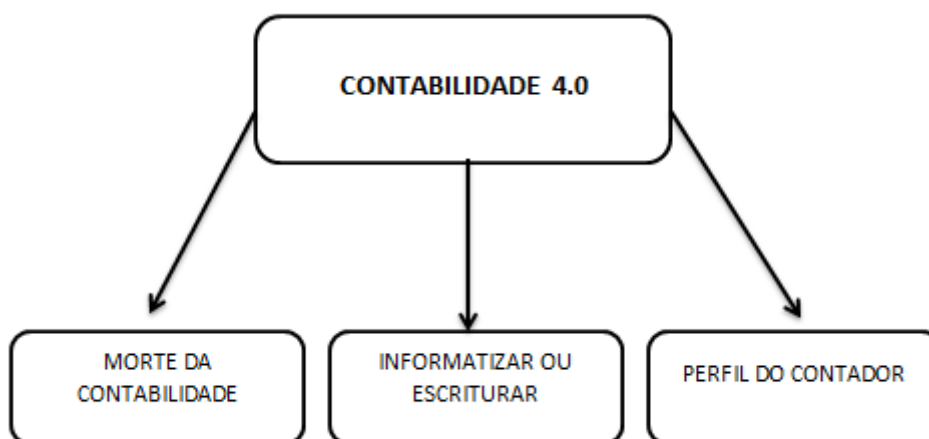


Fonte: Elaboração própria (2021).

4.2.3.1 Contabilidade 4.0

O termo contabilidade 4.0 é recorrentemente utilizado em pesquisas que versem sobre a nova contabilidade, diretamente relacionadas com a quarta revolução industrial (FRANCO, *et al.*, 2021). E esse tema foi selecionado em razão da recorrente sequência de respostas direcionadas ao conceito da contabilidade 4.0, pois autores como Franco *et al.* (2021), Xavier, Carraro e Rodrigues (2020) e Santos (2019) entendem que esse processo de otimização e robotização das operações vai mudar as atividades de escrituração para a informatização de sistemas, culminando numa mudança abrupta do perfil do profissional contábil; e, para autores como Coelho e Coelho (2018), na “morte” da contabilidade.

Figura 14 – Subtemas Da Contabilidade 4.0



Fonte: Elaboração própria (2021).

Quando se fala em contabilidade 4.0, é relevante tratar de um processo de otimização dos dados contábeis no seu processo de escrituração, pois a contabilidade caminha para um processo automático e sistêmico de lançamentos dos dados contábeis e, devido à padronização advinda da indústria 4.0, o processo de escrituração será sistemático, e o profissional agora não direcionará suas atividades a uma atividade técnica. Em 2005, Iudícibus, Martins e Carvalho (2005) já previam essa realidade e iniciaram o debate ao afirmar que a contabilidade inicia o seu processo científico, saindo da escrituração para a informatização.

Se a gente pensar que as organizações e os sistemas de informação vivem a realidade da indústria 4.0 e a contabilidade é o sistema de informação que se alimenta das organizações, a gente tem que acompanhar. Se não acompanharmos essas mudanças não fazemos contabilidade. A contabilidade hoje é dependente da indústria 4.0. Hoje em dia estamos deixando de trabalhar com papel, as notas fiscais eram emitidas que uma via ficava na contabilidade, hoje é notas fiscais eletrônicas. A indústria 4.0 virou um instrumento de trabalho do contador, virou uma parte da contabilidade. Parece que temos uma simbiose, a contabilidade hoje não existe sem tecnologia. (DO4)

A dinâmica da contabilidade mudou devido à indústria 4.0, os sistemas de informações contábeis vieram nesse cenário 4.0 para deixar aclarada a conexão da contabilidade com a tecnologia e que procedimentos laborais antigos, como a escrituração, serão feitos por sistemas de informação, cabendo ao contador saber alimentar esses sistemas com os dados contábeis.

Essa lógica vista nos discursos corrobora a necessidade do profissional contábil perceber essa nova realidade. As demandas dos profissionais contábeis terão que acompanhar

as mudanças organizacionais; e o impacto tecnológico, ao sobrepor as atividades rotineiras e mecânicas da contabilidade, faz com que esses profissionais necessitem delinear uma nova realidade.

Que eu não preciso saber essas atividades mecânicas e que ótimo que o sistema dá o balanço pronto, eu não quero perder tempo fazer demonstração, eu só quero analisar. (DI16)

Praticamente o contador só tem que lançar os dados no sistema e o sistema faz tudo por si só e a cada dia vem novos sistemas melhores para a contabilidade. (DI9)

Mudou muito. Antes a contabilidade era feita a mão, as demonstrações eram feitas a mão e hoje em dia está tudo digitalizado. Economizou tempo, pois o que se fazia em duas horas, hoje é feito em meia hora, o que se fazia em meia hora hoje é feito em segundos. Reduziu tempo e custo, mesmo o custo da tecnologia sendo alto, com base no tempo se torna um custo bom para as empresas. (DI4)

Muitas das exigências fiscais que são feitas pelos contadores estarão sendo disponibilizadas por programas prontos. Então o contador terá pouco trabalho, pé vai fazer só leves ajustes. Logo o trabalho vai diminuir. Ou então o contador vai ter novos trabalhos, mais bem elaborados. (DO2)

Os trechos em destaque aclaram que os papéis e as atividades mais rotineiras da contabilidade serão feitas por sistemas, reduzindo o tempo do profissional ao deliberar determinada atividade, o que deixa evidente a necessidade de mudança no perfil dos profissionais contábeis, tradicionalmente ligados aos aspectos técnicos de escrituração e contabilização, para um perfil mais dinâmico, ligado aos aspectos gerenciais do negócio (SOUZA, 2014).

Esse perfil do profissional contábil também é um subtema da contabilidade 4.0, pois, em conformidade com os dados, muitos direcionam um novo perfil ao profissional contábil. A este profissional não terão mais as atividades rotineiras e mecânicas da contabilidade, que foram supridas pelos advindos da indústria 4.0, cabendo ao contador direcionar a outro segmento para atender a sociedade. Esse perfil contábil, apoiado no mundo tecnológico, para Xavier, Carraro e Rodrigues (2020), precisa ser capaz de participar da tomada de decisões, auxiliando os gestores no controle de suas empresas, pois é essa área que detém os dados financeiros da organização. Ou seja, carece de um profissional alicerçado em bases mais interpretativas à gestão da organização.

A evolução tecnológica pede que o contador tenha mais habilidade não só de operar os relatórios, mas habilidades de gestão, como o contador precisará saber gerir o negócio. Precisa ter o conhecimento de como fazer o negócio gira já que o software vai cuidar da parte mecânica, as guias os impostos, os relatórios serão automáticos. Então vai sobrar tempo para o contador gerar mais análises. (DO1)

A evolução tecnológica veio como um aliado na questão mesmo de facilitar. Até porque ela está erradicando os profissionais mecânicos. Ela vem pra facilitar a vida do contador. Devido à tecnologia fazer a parte mecânica, sobrava tempo para fazer a parte gerencial e de análise, que é o foco da ciência contábil. (DI9)

Atividades mecânicas vão cair. Processo mecânicos tende a perder sua preponderância. Do ponto de vista teórico-prático, talvez processos simplificativos tributária façam com que as grandes expectativas das pessoas diminuam e quem vai substituir é a contabilidade gerencial e controladoria. (DO6)

Com base nisso, nota-se que as atividades mecânicas da contabilidade estão em queda, e as organizações agora solicitam um perfil mais gerencial desse profissional. Esse novo perfil encontrado nesta pesquisa reflete que o contador agora terá mais demandas relacionadas ao por que fazer as atividades e diminuirá as demandas do como fazer. Em síntese, o contador não é apenas um técnico, pois, além de suas habilitações específicas da área, ele deve incluir em seus estudos, formais ou pessoais, conhecimentos e habilitações humanistas e gerenciais (MADRUGA, COLOSSI, BIAZUS, 2016).

E devido a esse forte impacto causado pela tecnologia, muitos profissionais terão dificuldades nesse processo de adaptação a esse novo perfil que os dados corroboraram. Santos (2019) já havia problematizado que um dos impactos da tecnologia para a contabilidade é o receio à perda de empregos, que, resumidamente, se dão pela combinação de inteligência artificial, robótica e outras tecnologias digitais com potencial para substituir a mente humana em algumas situações.

Muitos me disseram que o contador vai ser substituído por máquina. E eu acredito que a evolução tecnológica veio pra somar. Que eu não preciso saber essas atividades mecânicas e que ótimo que o sistema dá o balanço pronto, eu não quero perder tempo fazer demonstração, eu só quero analisar. Então pro contador que souber evoluir junto e ser mais consultivo. Mas pro contador mecânico e manual é o fim dele. Então eu acredito que a evolução só tem a somar pra gente. (DI3)

E tirar da mente a ideia que a tecnologia vai substituir o contador. Ela vai substituir o cara mecânico que faz contabilização o dia todo não consegue abarcar manter esse trabalho. Mas se quiser mudar, ele vai ter que aprender

um pouco dessas tecnologias e aproveitar o que essas ferramentas podem contribuir. (DO6)

Por que se o profissional contábil não se adequar a essa nova roupagem da contabilidade voltada à consultoria, ele ficará desempregado. Nem pq a tecnologia vai tomar o espaço, mas nem o empresário vai querer esse contador mecânico. Pois o operacional já será feito pela tecnologia. E não é que a tecnologia vai atrapalhar, mas ninguém vai querer um contador operacional. (DI4)

O conceito de morte da contabilidade se resume à extinção do modelo de atividades técnicas e de escrituração que o contador tinha, antes da evolução tecnológica. Essa ideia trazida da “morte” da contabilidade pode ser confirmada com a pesquisa empírica de Frey e Osborne (2017) que afirmam que a chance de os empregos em Contabilidade serem extintos pela informatização é de 94%. Essa suposição já não transcende apenas o cenário de alguns pesquisadores, mas de acordo com Souza (2019), previsões como essa são constantemente ecoadas por matérias em jornais e revistas, reacendendo a discussão sobre o papel do contador na sociedade moderna.

Inclusive existe o mito da morte da contabilidade. Pois o contador que se atualiza e busca ir além de entrega de dados a receita federal, o contador que busca entregar qualidade aos seus clientes não vai morrer. (DO5)

Tem muitos dizendo que a contabilidade vai morrer no futuro. Apesar de haver a sistematização, essas mudanças tecnológicas não vão tirar o emprego dos contadores e perceber que as tecnologia não vai tirar o emprego deles, mas eles tem que acompanhar essas mudanças. (DI8)

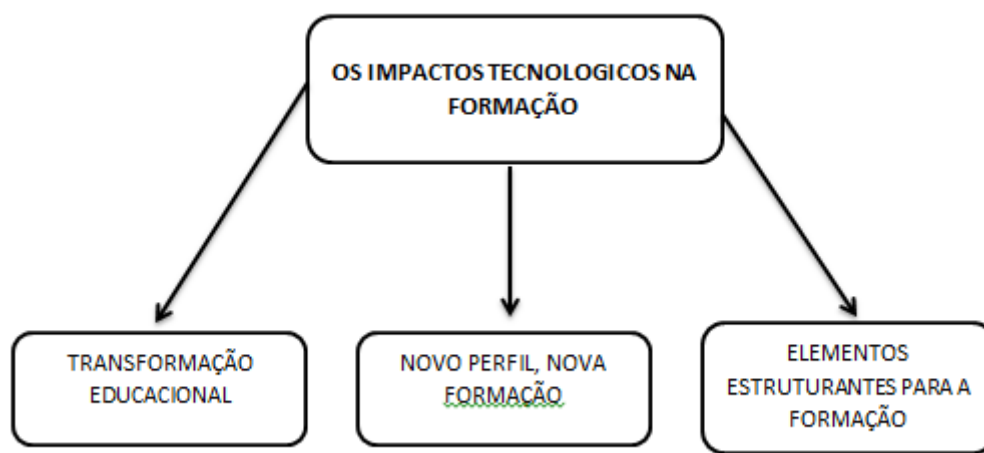
Muitos disseram que com tecnologia a contabilidade ia acabar, mas o acontece é o contrário, pq agora mesmo com um sistema que facilite a vida, mas tem que ter um profissional que alimente o sistema, os relatórios. (DI12)

Essa conversão do contador mecânico para o contador gerencial representa que esse profissional antigo não terá mais espaço no mercado de trabalho. Uma vez que os próprios sistemas tecnológicos executam as atividades técnicas da empresa, nenhum gestor vai necessitar desse contador operacional. Souza (2019) deixa claro que esse profissional contábil, voltado às antigas técnicas, está com os dias contados, pois não há mais carência dessa demanda mecânica de escrituração da contabilidade. A contabilidade 4.0 impacta diretamente nesse cenário, desregulando o sistema de atividades à profissão contábil, devido às implementações advindas da robotização e automação, ou seja, a contabilidade 4.0 impacta na “morte” de contadores técnicos e mecânicos, e abre o espaço ao profissional gerencial e auxiliador na tomada de decisão da organização.

4.2.3.2 Os impactos tecnológicos na formação

Ao tema “Os impactos tecnológicos na formação” tracejado nessa pesquisa cabe apresentar que o campo imergiu desse tema, três subtemas que foram: Transformação Educacional; Novo Perfil, Nova Formação; e Elementos Estruturantes para a Formação

Figura 15 – Subtemas Dos Impactos Tecnológicos Na Formação



Fonte: Elaboração própria (2021).

a) Transformação educacional

O subtema que conclui a inter-relação da indústria 4.0 com a contabilidade é o da transformação docente. Muitos dos outros impactos ressurgiram numa nova formação docente e no auxílio necessário aos docentes de novos métodos didáticos imergidos no mundo tecnológico.

Braga e Peters (2019) notaram em seu estudo que os docentes de uma IES possuíam um nível de conhecimento intermediário sobre informática. E que, provavelmente, muitos outros professores se refletem nessa sociedade, pois ainda é um fato recente para o mundo organizacional.

Primeiro tem que mexer na mão de obra. Os professores tem que saber mexer nos sistemas tecnológicos. Muitos professores não querem se adaptar aos impactos a tecnologia, e os que se adaptam só em longo prazo vão querer se adaptar a essas mudanças. (DO2)

Professores tiveram que se adaptar e entender da tecnologia, agora com a pandemia tivemos que aprender a mexer com as plataformas de aula. A gente teve que estudar muito na tecnologia e a como se portar nesse ambiente online. O professor sabe da contabilidade, mas não sabe como lidar com sós sistemas e a contabilidade é feita nos sistemas Praticas teve que se adaptar grandiosamente. (DO3)

Os impactos para os professores é de trazer novas formas do saber, de ensinar novas metodologias, de se pensar novas formas de desenvolver o saber contábil, de pensar e refletir quais as demandas a contabilidade 4.0 vai começar a exigir. Agora tá começando a exigir, e as consequências é que temos que pensar nesse formador do saber e questionar o que a contabilidade 4.0 e que profissional vai começar a exigir. Do professor que terá que se preparar para esse mundo, e ele vai ter se adequar a essa nova realidade. O que fazemos quando o professor não auxilia, é a extensões para cobrir essa lacuna que falta na disciplina dele. (DO1)

Dessa forma, a reflexão sobre as novas competências do profissional de contabilidade para o mercado deve se iniciar na sua formação, durante o curso. Pensar na qualidade da formação dos professores também é imprescindível, em todos os níveis. A qualidade da universidade está na qualidade de seus profissionais e de sua estrutura. Não adianta pensar em um profissional preparado para a Contabilidade, se o próprio formador não está preparado e tampouco a instituição na qual ele ensina. O docente do curso de Ciências Contábeis precisa não somente de habilidades técnicas da profissão, mas de conhecimentos teóricos e didáticos (ANDERE; ARAÚJO, 2008).

Outro ponto emergente no subtema das transformações docentes é sobre o uso de métodos didáticos apoiados em bases tecnológicas, para estar equiparado a um grau de evolução social e de reflexo dos modos contábeis de laborar. Estudos realizados na área Contábil seguem linhas diversificadas sobre o uso das tecnologias na educação superior, dentre os quais se destacam os estudos de Andrade (2002); Cornachione Junior (2004); Eyerkauffer, Fietz e Domingues (2006); Brun, Dall`asta e Dotto (2010) e de Lames (2011), que centraram suas análises no uso dos recursos tecnológicos no processo de ensino-aprendizagem. Estas pesquisas concluíram pela presença e aceitação das tecnologias pelos docentes, especialmente, o estudo de Lames (2011), que concluiu pela predominância do uso ainda conservador das tecnologias, fato que não permite um aproveitamento maior do potencial interativo da tecnologia utilizada na aula.

Eu acho que os cursos devem interagir mais com o campo digital. A gente tá com a cabeça no século 21, mas com o quadro de giz que é do século 16. A parte teórica que é mais simples é mais fácil de fazer. No mínimo melhorar os sistemas de informação, como dar as aulas no Power point ou nos slides.

Essa formação tem que chegar à sala de aula, pois estamos no século 16 na sala de aula, e o mundo tá no século 21 ou até além. (DO2)

A contabilidade antiga era feita por meio do papel e caneta nas provas. Hoje por causa da aula virtual, fez com que os professores se desprenderam do quadro e das atividades monótonas e começou a usar de meios tecnológicos para melhorar o ensino. Como é a distancia, eles deixaram de lado as atividades rotineiras. (DI6)

Diante dessa perspectiva, Peleias, Silva, Segreti e Chiroto (2007) propõem que a formação profissional deve comportar situações nas quais o discente possa praticar situações (oficinal, real ou simulada) que lhe ajudem a compreender a realidade. E que este reflexo social, abarcado na tecnologia, não deve ser limitado às atividades sistemáticas e técnicas da profissão, pois como já foi dito, os profissionais contábeis tendem a ser vistos com uma nova identidade, que devido às novas tecnologias, tende a ser mais analítico funcionalmente.

b) Novo perfil, nova formação.

Sobre o subtema do novo perfil, nova formação, é relevante fazer um paralelo desse subtema com o subtema da contabilidade 4.0 sobre o novo perfil a esse profissional afogado no mundo tecnológico. A tendência é que, devido à necessidade desse novo perfil do profissional contábil mais alicerçado nas tecnologias, cabe a este desempenhar uma função mais analítica, cabendo aos educadores preparar um profissional contábil que tenha condições de orientar as empresas para saber analisar, conhecer a razão do por que ocorrem os fatos, indicar caminhos para o uso racional da riqueza às células sociais (CAMACHO, 2019).

Os dados corroboram essa ideia de uma formação mais analítica e que deve reduzir as percepções tecnicistas e limitações aos métodos das partidas dobradas. Em síntese, o contador não é apenas um técnico, pois, além de suas habilitações específicas da área, as sua formação deve ter incluído os conhecimentos e as habilitações analíticas e gerenciais (MADRUGA; COLOSSI; BIAZUS, 2016).

Então quando chega a sala de aula temos que passar um saber que atenda ao mercado, meio tecnicista. E de certa forma o mercado que chama e articula essa formação. Queremos que o contador vá para o mercado, mas tenha uma visão além da tecnicista. Tem se discutido muito, mas não se muda muito. (DO1)

A gente se bate um pouco e existe um choque pq a gente aprende com os olhos no passado na academia, mas o mercado tá caminhando pra frente. Então a gente já tá com um deságio nessa questão, a gente precisa aprender mais sobre software, sistemas, quais os melhores, como opera e até para o trabalho ser fluido e eficiente é necessário esse conhecimento. (DI5)

Totalmente, pq o curso vai precisar se adaptar. O curso vai precisar ter uma disciplina que inclua assuntos sobre a proteção de dados e a informática. E a gente vai precisar abrir mão de disciplinas que só forçam o aluno a debitar e creditar. Então a gente diminui algumas disciplinas de lançamentos, e aumenta as disciplinas que exijam o contador mais interpretativo e gerencial. E usem um pouco menos da parte de execução ´que é o que essa revolução esta trazendo. (DO5)

Uma das demandas que tem diminuído, e que exige menos do contador é a parte das rotinas. Que hoje em dia é que a tecnologia trabalha em cima dessa parte rotineira. Hoje em dia o contador vai pro lado gerencial e é a área que tende a crescer. (DI12)

O que há de se entender é que os dois subtemas estão interligados e que o próprio sistema de educação deve estar atualizado para fomentar essa necessidade de atualização a uma realidade que impactou diretamente nas atividades e no perfil demandado do contador para a sociedade. Pois, de acordo com Santos (2019), trazer para o centro das discussões os impactos do avanço da tecnologia na maneira como os profissionais atuam nos dias de hoje, pode ser um importante passo para que a abordagem do ensino em Contabilidade seja revista, assim como, debater sobre os benefícios trazidos pelas novas ferramentas de tecnologia tende a desencadear o interesse por parte do profissional contábil em buscar conhecimento. Os impactos da tecnologia e do cenário 4.0 refletem-se claramente na fala de DO1:

A principal consequência é o perfil que vai mudar todo. É como se tudo o que ele viu antes, vai precisar de um novo profissional e tudo o que foi visto antes vai precisar de um novo profissional. E teremos um novo perfil, e consequentemente uma nova formação, e preparar esse novo professor que terá uma nova formação para se adaptar ao novo perfil. (DO1)

Dessa forma, a demanda social por um novo contador participativo, analítico, provedor de informações úteis para a tomada de decisão recai diretamente sobre as instituições responsáveis pela formação (SOUZA, 2014). Excluindo a hipótese de negar a importância das mudanças trazidas pelos rápidos avanços tecnológicos e não adequar o formato do ensino às exigências do mercado, pois pode acarretar em uma reduzibilidade de busca pelos serviços e o profissional ficará para trás e, provavelmente, terá que mudar de profissão (BREDA, 2019).

c) Elementos estruturantes

Para a pesquisa é relevante mencionar que o subtema “elementos estruturantes para a formação” parte da iniciativa de relacionar os impactos desse cenário tecnológico ao ambiente de formação acadêmica. Os elementos estruturantes recorrentemente paralelos à virada organizacional se apoiaram em uma análise voltada às disciplinas e à estrutura física do curso. Vale ressaltar que esses elementos estruturantes à formação refletem claramente a relação entre a evolução contábil tecnológica e os impactos na formação, em segmentos de maior profusão. Foram encontrados no empirismo três elementos estruturantes que sofreram impactos da virada organizacional: os laboratórios, a disciplina de sistemas de informação e alguns assuntos (disciplinas) que podem ter maior notoriedade com a evolução tecnológica.

O curso de ciências contábeis é muito interligado à tecnologia e aos sistemas de informação, e o mecanismo que auxilia nessa articulação teoria e prática na formação são os laboratórios. De acordo com a Resolução CNE/CES nº 10/2004, que dá as diretrizes curriculares ao curso de ciências contábeis, um dos conteúdos indispensáveis para o eixo da Formação Teórico-Prática é o Laboratório de Informática que detenha softwares atualizados para Contabilidade.

Temos a resolução da contabilidade 010/2004 que diz que devemos ter um laboratório de contabilidade com todo o aparato necessário para o aluno vivenciar essa parte tecnológica. Nós temos um laboratório sim, mas ele é bem razoável, mas consegue atender a esse propósito. (DO4)

Laboratórios com computadores mais avançados para receber os sistemas contábeis. Os laboratórios são equipados com uma tecnologia e quando tenta atualizar às vezes essa atualizada já está atrasada. (DO2)

Também tem na estrutura física que os laboratórios que precisam ser melhorados para trazer um pouco do uso dos sistemas para utilizarmos mais os sistemas. (DI5)

Eu acredito que a universidade no curso de contábeis deveria ter um laboratório mais avançado que trate dos programas em si e que tenhamos um laboratório legal. Ela tem que desenvolver um laboratório, sair do sistema mecânico e entrar no sistema da informatização. (DI7)

Os entrevistados entendem que a existência de um laboratório representa um elemento estruturante para a formação contábil e que está diretamente atrelado aos recursos tecnológicos. Outro elemento estruturante colhido do empirismo dos respondentes é a necessidade de uma disciplina que articule conhecimentos voltados aos sistemas de informação e esse novo mundo tecnológico. É imprescindível à formação contábil, conforme a Resolução CNE/CES 10/2004, desenvolver, analisar e implantar sistemas de informação

contábil e de controle gerencial, revelando capacidade crítico analítica para avaliar as implicações organizacionais com a tecnologia da informação.

Acho que também podemos ter uma nova disciplina voltada à tecnologia, mesmo não sendo programadores, temos que entender mais da tecnologia, e entender o que está por trás do software que utilizamos. (DO1)

E matérias que lidam com tecnologia, eu vejo que parte dos meus colegas não sabem lidar com a tecnologia, e não sabem usar um sistema um padrão e se beneficiar dele. (DI8)

Seria necessário termos uma disciplina de apresentação de sistemas contábeis, mesmo tendo vários sistemas possíveis é relevante essa disciplina (DI11)

Programação. Inserir programação no currículo do curso. Então o curso deve se atentar a isso e familiarizar o aluno aos sistema de programação. (DI3)

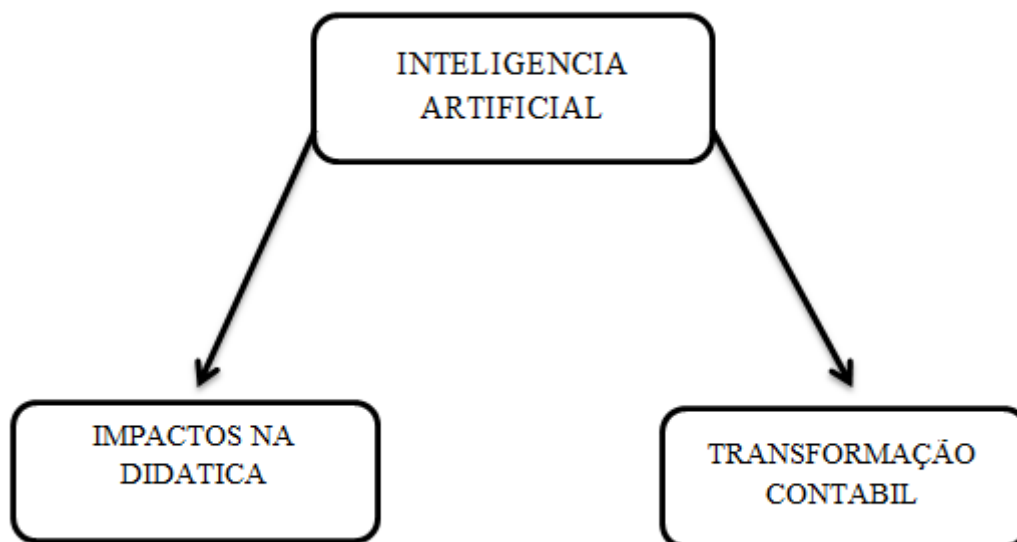
Disciplina voltada para esses debates tecnológicos e laboratoriais dos sistemas de informação contábil faz com que essa articulação entre teoria e prática seja feita e com que se mitiguem alguns dos lapsos do ensino do curso, permitindo com que os alunos se preparem para a realidade profissional que os espera. Com relação à formação do contador, especificamente em relação aos Sistemas de Informação, Gomes e Gianoto Junior (2007) acreditam que é necessário ao profissional contábil saber projetar, avaliar e compreender os sistemas tecnológicos.

Outra contribuição dada por esses elementos estruturantes é que as disciplinas mais subjetivas tendem a ascender como controladoria, planejamento tributário, análise de demonstrações contábeis, contabilidade tributária, auditoria, entre outras. Já as disciplinas que podem reduzir a sua necessidade de debate são os estudos voltados às atividades metódicas e limitadas.

4.2.3.3 *Inteligência artificial*

O último tema dessa virada trata sobre a inteligência artificial, alocando paralelamente os subtemas da sua relação na didática e na transformação da profissão contábil.

Figura 17 – Subtemas Da Inteligência Artificial



Fonte: Elaboração própria (2021).

Os dados caminham a dois subtemas totalmente distintos, mas que impactam na formação contábil a partir da inteligência artificial. Inicialmente foi tratada dessa transformação contábil funcional já detalhada no novo perfil do contador, mas para a inteligência artificial o impacto é estritamente voltado a um auxílio na definição de padrões para auxiliar na programação de dados e movimentações recorrentes na organização. A inteligência artificial é vista hoje como uma peça-chave para as estratégias de negócios, ajudando a projetar cenários futuros que suportam as decisões organizacionais. Com a inteligência artificial é possível dar significado a um volume de dados cada vez maior, obtido com velocidade acelerada, e por meio de ferramentas continuamente mais tecnológicas é um dos desafios inerentes à indústria 4.0 (SANTOS, 2019).

A IA serve como um cérebro complementar pros contadores, pq muitos dos contadores tem muitas empresas e muitas movimentações são parecidas e a IA dá um suporte nos mostrando uma jurisprudência de como aplicamos as movimentações e resolução das ações contábeis. (DI9)

Na inteligência artificial você define os parâmetros e a contabilidade traz os resultados. A IA ajuda na contabilidade no sentido de rapidez das informações e a quantidade de informações disponíveis de forma rápida. (DO3)

Acho que a parte mecânica da contabilidade, onde sistemas e até inteligência artificial vão fazer facilmente através de padrões. Por que a prática em si é um pouco mecânica e isso pode ser facilmente escrito por um código e ele identifica o padrão e faz isso facilmente. (DI8)

De acordo com Sá (2011), com a inteligência artificial as funções de escrituração serão automatizadas, e o contador precisará dar informações relevantes, personalizadas, fazer consultoria, oferecer atendimento, praticidade, simplicidade e rapidez ao cliente. Esses auxílios da inteligência artificial na otimização do tempo para o contador lançar os dados e definir programações também existem nos modos de ensino. É que o que se espera do apoio dado por sistemas como a inteligência artificial é o auxílio nos sistemas de confirmação contábil e nos algoritmos e padrões necessários para alimentar os sistemas contábeis.

A ‘virada’ da contabilidade para a inteligência artificial está na otimização de tempo e atividades, objetivando utilizar dessa tecnologia para criar padronizações nos sistemas e não desperdiçar tempo em atividades mecânicas. A quem dialogue que, para o ensino, essas ferramentas disruptivas complementam a formação contábil, e que o uso desse recurso em disciplinas do eixo de formação teórico-prático auxilia a esse discente compreender os ditames a serem executados fora da universidade.

Totalmente. Até por isso que eu digo que as práticas do computador deveria ser desde o início do curso, para que o aluno esteja integrado desde o início do curso com só sistema de informação. Para também que não seja uma surpresa pro aluno quando sair do curso, e acabar se prejudicando. Se ele vir isso já no curso como utilizar os sistemas gerenciais. (DO5)

Na disciplina de rotinas e práticas temos o contato com um sistema arcaico do laboratório. E pode sofrer bastante, pois muitos dos discentes vão se sentir sem encaixe no mercado contábil. Eu hoje em dia tenho a contabilidade digital, contabilidade na nuvem, mas isso não é o que eu estou aprendendo no curso. Então o que eu estou fazendo? Essa desadaptação fará com que a UFS perca muitos estudantes de contábeis, pq o que a gente tá aprendendo não está acompanhando o mundo. A gente não tem nada de tecnologia e a gente vai acabar sem saber o que estuda ou se estuda uma contabilidade de vinte anos atrás. (DI3)

Com isso, muitos docentes limitam-se ao pouco uso dos sistemas tecnológicos de informação que complementam a pouca relação entre a inteligência artificial e os métodos didáticos. É bastante relevante o uso de novas tecnologias para o docente, pois permite a

redução de tempo com a execução de atividades contábeis que poderiam ser resolvidas em um sistema contábil e seria mais claro para os discentes. Segundo Souza (2014), o uso de Inteligência Artificial no ensino de habilidades técnicas, tal como o cliço básico de Contabilidade, pode trazer vantagens aos professores, que passarão a contar com materiais interativos e personalizados, os quais serão utilizados por um número maior de estudantes e com a economia de tempo de preparo, monitoria e correção de atividades, fornecendo informações sobre a situação e as necessidades específicas dos alunos, possibilitando ações de ajustes e correções no decorrer do curso.

Eu por exemplo precisava ter um sistema de informação para dar a minha aula de análise das demonstrações. E a IA seria uma peça importante para fazer essa demonstração em aula, e eu ainda tenho que ficar em aula fazendo no quadro de forma mecânica. (DO3)

Hoje em dia podemos até auxiliar na docência propondo novos meios apoiados pela IA para auxiliar no aprendizado e fortalecer essa troca de informações e proporciona uma inovação no conhecimento e no ensino. (DI7)

E também tem a questão de usar a inteligência artificial com as metodologias, que auxiliam os professores, e é importante desenvolvermos grupo de estudo sobre essas novas tecnologias e como ela pode contribuir no nosso dia a dia. Também é legal trazer pessoas que falem dessa tecnologia em eventos. (DO1)

Assim, os docentes da área de Contabilidade precisam se debruçar na inteligência artificial para que possam utilizar, como protagonistas, a favor das pesquisas e da docência, fomentando o desenvolvimento do raciocínio crítico em estudantes (SOUZA, 2014). Os impactos na formação, os sistemas de informação correlatos aos recursos práticos do curso e o uso de metodologias através da IA, que sejam mais elucidativas, permitem a economia de tempo na exibição de cada conteúdo e resolução de atividades.

Com a finalidade de concluir esse eixo temático da virada organizacional, é relevante relembrar que o objetivo específico escolhido para essa virada foi de pontuar, a partir da virada organizacional, os impactos das transformações tecnológicas nas atividades rotineiras dos profissionais contábeis e, conseqüentemente, no processo de formação acadêmico-profissional.

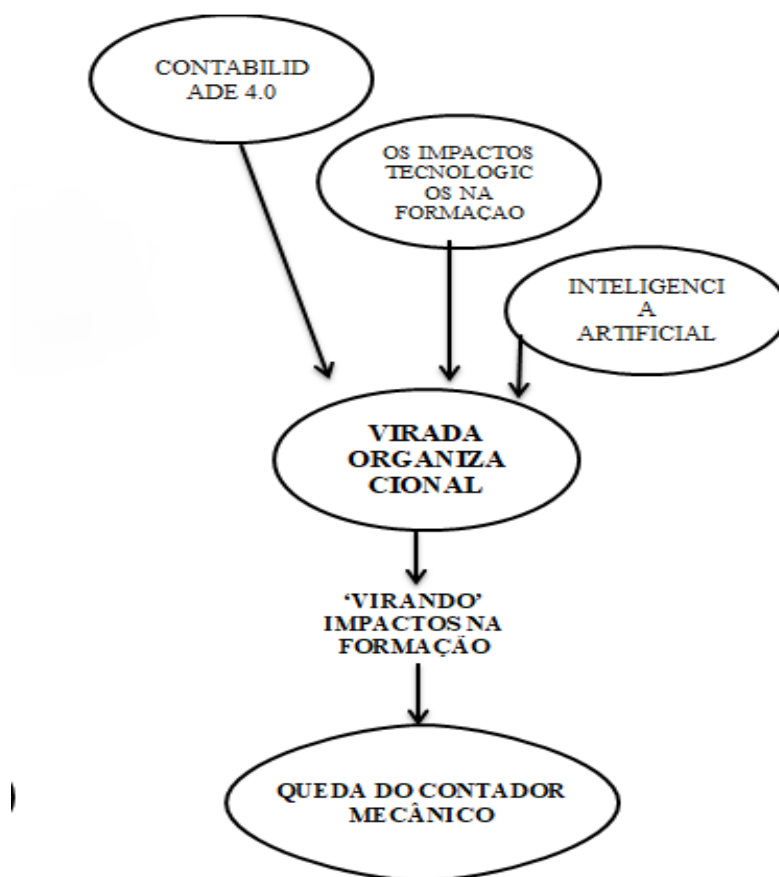
De forma sucinta, os impactos das transformações tecnológicas foram à informatização das atividades rotineiras dos contadores e a substituição do profissional contábil técnico pela máquina tecnológica, uma vez que os processos como o de escrituração

perderam sua alta demanda. Outro impacto é que, nessa esfera da contabilidade 4.0, o profissional contábil terá outra identidade, pois agora não existirá essa alta predominância pela escrituração e lançamentos contábeis. O contador agora terá que se aportar a conhecimentos mais analíticos para analisar os resultados colhidos nos sistemas contábeis. Consequentemente, esses impactos trazem um novo fomento formativo a esses sujeitos, que agora dependem dessa formação que os incentive à capacidade crítico-reflexiva, à usabilidade de sistemas de informação contábeis cotidianamente e à ascensão de conteúdos analíticos e gerenciais.

4.1.3.1 ‘Virando’ Impactos Na Formação - Virada Organizacional

A virada organizacional tem como impacto a desvalorização do contador mecânico e, por consequência, a nova profissionalização de um sujeito mais interpretativo. O advento do mundo tecnológico permeia mudanças nas profissões, devido à automação e sistematização dos fazeres mecânicos, sendo substituídos por sistemas de informação que gerem dados de forma mais automática. Especificamente sobre a evolução tecnológica, a mesma impacta numa substituição desses profissionais mais técnicos e que unicamente lancem dados contábeis, pois esse processo tende a ser cada vez mais executado por *softwares*.

Figura 17 – Mapa do Impacto da virada organizacional na formação contábil



Fonte: Elaboração própria (2021).

Há de se mencionar que muitos dos respondentes fizeram esse paralelo da queda do profissional mecânico da contabilidade, devido a uma crescente ascensão de um profissional mais gerencial e subjetivo. Outrossim, o empirismo demonstrava que o maior impacto trazido pela tecnologia era a substituição desses profissionais por máquinas que possam executar as mesmas atividades de modo sistemático.

Ela inicialmente era muito manual e agora não, estamos vivendo a era da tecnologia com sistemas e programas. Facilitou a vida do contador, mesmo que muitos enxerguem a tecnologia como o perigo da contabilidade. Eu me vejo ela veio para ajudar na dinâmica contábil e para reduzir erros nos lançamentos. (DI7)

Eu acho que o que pode ser reduzir é a visão da contabilidade. Ela deixa dessa visão provinciana de lado, essa visão de só tomar conta do patrimônio da empresa e agora vai passar a ser um sistema de informação contábil para a empresa gerar mais riqueza. A contabilidade vai deixar essa ideia de apenas fazer registros e vai passar para uma coisa de maximizar resultados. Mas eu não vejo nenhuma disciplina que deixaria de ser dado. Todo mundo sabe do mundo tecnológico e não dá pra perder tempo ensinando Word, Power point e Excel. (DO3)

Com a tecnologia e os advindos da indústria 4.0, esses afazeres foram substituídos e a ênfase agora é de um profissional mais interpretativo e subjetivo da contabilidade. Santos (2019) já retratava que essa convergência existiria e que os profissionais contábeis teriam que dotar-se de habilidades mais consultivas e analíticas para demonstrar sua relevância social.

Outros fatores que se relacionam com a virada linguística são a mudança e a queda do uso dos métodos das partidas dobradas. Muitos dos sujeitos da pesquisa demonstraram que junto à queda desse profissional mecânico, existe a queda dos métodos das partidas dobradas; e muitos estudiosos já relatavam que a contabilidade passaria por uma mudança e isso refletiria nos métodos didáticos.

Laffin (2015) e Nepomuceno (2015), a respeito das partidas dobradas, entendem que esse método já é tido como algo em desuso, devido à constante evolução tecnológica, e que na atualidade essas práticas já foram substituídas por sistemas de informação; e, consubstancialmente, os métodos didáticos deveriam acompanhar essas mudanças. Essa dicotomia do débito e crédito nas partidas dobradas foi repercutida como um dos impactos advindos da virada organizacional, e muitos relatam uma queda ou substituição desse método para novas técnicas de replicação das práticas contábeis.

A evolução histórica vem da tecnologia, a contabilidade era uma antes da tecnologia e era voltada as técnicas e a informação era limitada. A segunda parte da contabilidade vem do boom da tecnologia. E quando começou a ter a tecnologia das informações e as pessoas começaram a entender o que era contabilidade e que não era limitada a debito e credito. Eu separo a contabilidade em dois momentos antes tecnologia e depois da tecnologia. A parte de depois que vem um boom da contabilidade, de informações e tecnologia. (DO2)

[...] eu acho que s evoluções me relação a historia. A gente ainda trabalha com debito e credito. A importância das contas contábeis e começamos a mensurar a contabilidade, isso não existia no debito e credito. É isso que as viradas trouxeram pro contador, ele deixou de ser um fazedor de lançamentos, registro e números. E passou a ser um leitor e compreendedor do que aqueles números querem dizer. (DO4)

A parte de débito e crédito, mas não vai conseguir mudar tanto num curso prazo, porque as empresas vão demorar a aderir aos sistemas. E essa parte mecânica de débito e crédito da contabilidade vai cair muito. E vai crescer a parte de análise, o contador tentar entender o que está conhecendo na empresa e buscar soluções. (DI7)

A parte técnica e mecânica tem que se adaptar. Eu acho que comercial vai ter que se adaptar, e mostrar mais a teoria e não se limitar ao débito e crédito. E eu acho que uma que vai crescer é a questão da análise, podendo ter até duas

disciplinas. E eu também acho que a parte gerencial, pois ensina a saber como solucionar. Contabilidade gerencial e custos também entra. E são disciplinas mais importantes. Eu acho que com a nova grade, os novos professores vão focar mais na ciência, do que na prática contábil mecânica. (DI8)

Essa análise das partidas dobradas se fixou numa sequência lógica das outras viradas e complementa a percepção de que esse método por muitos tende a ser algo limitado e antigo, tendo em vista o novo cenário da contabilidade 4.0. As críticas são de que o processo de escrituração contábil pelas partidas dobradas já está ultrapassado, e que a informática pode possibilitar uma nova maneira de registrar os “eventos”, a partir de base de dados ou de informações (*data logical/infological*), sem se utilizar o secular paradigma das partidas dobradas (NEPOMUCENO, 2015).

O cenário dessa educação contábil pautada nas tecnologias e o entendimento de que métodos antigos carecem de atualização dá brecha a refletir que essa queda do contador mecânico pode e deve ser aplicada pelos docentes, e que estes estejam imersos no mundo 4.0, para cada vez mais reduzir a contabilidade voltada aos livros fiscais e aos impostos. Aos docentes, cabe a percepção dos dados colhidos cujo processo de adaptação ainda caminha a passos sutis e que talvez não seja possível acompanhar esse declínio das demandas tão tecnicistas da contabilidade. Segundo Santos (2019), o processo da educação precisará se reinventar em sua totalidade e mostrar uma contabilidade mais auxiliativa nas tomadas de decisão, cabendo ao professor reinventar seus métodos didáticos para suprir essa nova demanda contábil.

Os impactos para os professores é de trazer novas formas do saber, de ensinar novas metodologias, de se pensar novas formas de desenvolver o saber contábil, de pensar e refletir quais as demandas a contabilidade 4.0 vai começar a exigir. Agora tá começando a exigir, e as consequências é que temos que pensar nesse formador do saber e questionar o que a contabilidade 4.0 e que profissional vai começar a exigir. (DO1)

Os professores tem que saber mexer nos sistemas tecnológicos. Muitos professores não querem se adaptar aos impactos a tecnologia, e os que se adaptam só em longo prazo vão querer se adaptar a essas mudanças. (DO2)

A principal consequência é o perfil que vai mudar todo. É como se tudo o que ele viu antes, vai precisar de um novo profissional e tudo o que foi visto antes vai precisar de um novo profissional. E teremos um novo perfil, e consequentemente uma nova formação, e preparar esse novo professor que terá uma nova formação para se adaptar ao novo perfil. (DO1)

Com isso, sugere-se uma inclusão equilibrada entre os conteúdos voltados à contabilidade e aqueles voltados a questões tecnológicas, levando em conta a prioridade desses assuntos e cabendo aos docentes trazerem pautas que promovam debates que abordem as novas tecnologias para gerar um maior envolvimento de todos, conforme sugerido pelos próprios docentes (SANTOS, 2019).

Levando em conta, explicitamente, o assunto a ser tratado de uma queda dos profissionais mais mecânicos da contabilidade, os discentes e docentes em imparcialidade fizeram um paralelo a uma balança em que no momento que o contador mais mecânico e voltado à declaração de impostos declinaria, o profissional mais gerencial e analítico ascenderia. E essa relação feita, similar a uma balança, é apresentada na abordagem dos respondentes.

A contabilidade gerencial vai crescer cada dia mais com essas tecnologias. Essa contabilidade fiscal e comercial vai cair muito porque a própria tecnologia faz isso. (DO1)

Uma das demandas que tem diminuído, e que exige menos do contador é a parte das rotinas. Que hoje em dia é que a tecnologia trabalha em cima dessa parte rotineira. Hoje em dia o contador vai pro lado gerencial e é a área que tende a crescer. A área de controladoria, de perícia é uma área que cresce bastante, pois tem vários analistas fiscais. (DI12)

A que vai cair vai ser a questão de escrituração, ter a necessidade de ter notas fiscais e arquivos comprobatórios das movimentações físicas das empresas. Essa questão física vai cair. E a análise mais profunda e geral da contabilidade vai crescer. (DI8)

A parte mais braçal vai deixar de existir. O que precisamos é de um profissional menos braçal e mais tecnológico mesmo. A comunicação é feita via sistemas, e todas as obrigações acessórias com o governo federal são feitas de modo online, nós mandamos as informações e se não mandar tudo trava. Então o contador tem que estar conectado tecnologicamente. (DO4)

Esses dados corroboram a ideia de Xavier e Rodrigues (2019) para os quais o contador é visto de maneira errada, como um profissional introspectivo e resistente às mudanças, contudo, devido à dinamicidade, a Contabilidade exige que o contador tenha um perfil estudioso para se atualizar e se adaptar às frequentes alterações da evolução da sociedade, incluindo-se aí o avanço tecnológico na geração de informações que auxiliam nas atividades gerenciais. Esse declínio das atividades mecânicas é retratado por muitos dos respondentes, e como já foi dito, é falada de uma morte da contabilidade, dando a entender que a profissão poderá ser extinta com os advindos da indústria 4.0. Alguns estudiosos ignoram a morte da

contabilidade através desses fatores, mas muitos pesquisadores e, mais precisamente, Frey e Osborne (2013) demonstraram que algumas áreas da profissão contábil têm riscos consideráveis de extinção, devido à automatização, como as que envolvem profissionais contábeis e auditores em geral (94%), analistas de orçamento (94%), profissionais da área de custos (57%) e preparadores de impostos (99%) (SILVA; GASPARETTO, 2018).

Teve uma reportagem no G1 anos atrás que a contabilidade ia morrer, aí surgiu essa preocupação dos alunos que começaram a perguntar aos professores e eles responderam que os alunos ia continuar com o seu papel na contabilidade, mas a tecnologia ia diminuir a demanda de atividades contábeis, mas o contador continua tendo a sua função. A tecnologia tá crescendo, mas ela não vai tomar o nosso trabalho, ela vai fazer o trabalho mecânico e nós agora iremos analisar e tentar enxergar erros, fazer correções. (DI4)

As evoluções contábeis acompanham as evoluções humanas e as revoluções industriais trouxeram demandas que fizeram os contadores evoluir. E para evoluir os contadores tiveram que inovar e se adaptar as revoluções industriais. Com o tempo as evoluções fizeram com que os contadores tivessem que analisar as demonstrações. Essa parte analítica surgiu também com as viradas. E os contadores começaram a perceber que as empresas precisavam muito deles. (DO4)

Dessa forma, a contabilidade não tende a morrer, mas esses profissionais terão uma nova identidade e terão que se inovar, pois as práticas do profissional mecânico já estão em processo de extinção organizacional, de acordo com Silva e Gasparetto (2018).

A educação contábil naturalmente se inclinará a uma parametrização desses modos mais gerenciais de ensino, e menos tecnicistas, mas o que os discursos demonstram é que muitos dos discentes ainda se sentem impactados com essa convergência e que o ensino ainda não se reestruturou a essa nova realidade da contabilidade. Xavier, Carraro e Rodrigues (2020) concluíram que os acadêmicos atribuem muita importância à tecnologia, todavia, possuem pouco conhecimento sobre o tema; e que as IES ainda estão desatualizadas a essa imersão e reajuste.

Assim, o curso ainda não demonstra uma linearidade entre os métodos didáticos e a realidade atual posta pela indústria 4.0, e há de ser falar que esse impacto repercute na formação explicitamente, pois o processo de adaptação a esse impacto ainda é incipiente e os sujeitos que estão na universidade dependem desse reajuste educacional para conseguir suprir essas novas demandas na profissão contábil.

É uma evolução só tecnológica. Então coisas que se faziam manuais, hoje tem a tecnologia ao seu favor. O contador deixa de ser um exclusivo preenchedor de impostos para um consultor. E aí termina que a universidade tem que ter essa preocupação de preparar o aluno para um novo mercado. E se voltar demais para ser um executor somente do que a tecnologia dá é complicado. É o que dizem sobre a morte da contabilidade, a contabilidade não vai morrer, mas o perfil que tem hoje de profissional que vai morrer. A tecnologia de certa forma, acham que não vai ter espaço e talvez não tenha pra todos. E aí fica a importância da teoria, de tornar o contador um analista um consultor e um gestor e não ser um profissional que responde somente ao fisco. Essa evolução é positiva e tem mudado a cada dia mais o perfil do contador. (DO1)

Tem no sentido eu nós não somos ensinados a serem contadores junto à tecnologia. A gente ainda é ensinado o contador mecânico, que debita e credita e faz dre. Então o departamento não acompanhou essa tecnologia. É lógico que devemos aprender a fazer demonstrações, mas o foco total deveria ser a análise das demonstrações, e o que acontece é que os cursos e fixa no manual. O departamento não acompanha essa evolução porque tá muito manual. (DI9)

O profissional contábil ainda tá muito na visão tecnicista. Algumas regiões estamos muito tecnicista, tipo o nordeste. E acho que a visão do contador que a empresa dá a ele é errada, limitada. E o mercado ainda quer um profissional tecnicista, porque não quer pagar a mais, porque o próprio conselho ainda passa uma imagem limitada do contador, muito voltada à técnica. Então quando chega a sala de aula temos que passar um saber que atenda ao mercado, meio tecnicista. DO1

Nesse contexto, Silva e Gasparetto (2018) chamam a atenção da importância da formação e capacitação profissional para as mudanças previstas no mercado de trabalho da quarta revolução industrial.

Cabe aqui outro adendo a esta pesquisa, o fato de que esse processo de queda do profissional mecânico também é a demonstração de uma contabilidade fluida que endossou métodos didáticos retrógrados cujas práticas podem ser dispensadas devido à usabilidade dos sistemas de informação contábil que executa essas atividades mecânicas. Essa fluidez da contabilidade faz com que os impactos da virada organizacional transformem a contabilidade, pois esses impactos atacam a maior demanda do profissional contábil técnico e, paralelamente, faz com que uma base fixada no processo de formação perca sua relevância e, a partir disso, os programas de contabilidade busquem estar relacionados com as práticas da tecnologia para a contabilidade e objetivamente destituam o protagonismo social do contador do Fisco.

4.2. 'IMPACTO DAS VIRADAS: DA MECÂNICA PARA A INTERPRETAÇÃO

Este capítulo está em consonância com a sexta fase da Análise Temática e dedicado ao momento de fechamento da análise, provendo um relato conciso, coerente e lógico dos achados que surgiram dentro e através de temas, e subtemas que se relacionam teórico-empiricamente. A apresentação dos dados e contextos das entrevistas consistiu em alguns achados do campo, agrupados nos temas escolhidos para cada virada, a partir dos objetivos específicos que foram respondidos em cada eixo temático. Para a elaboração do relatório final, decidiu-se por escolher uma análise pautada no objetivo geral da pesquisa, por meio da qual foram encontradas algumas constatações em cada virada contábil, que resultaram numa análise geral e sintética, agrupando uma resposta geral sobre o impacto das viradas contábeis.

Inicialmente, são postas as constatações diagnosticadas nos temas de cada virada:

A **virada linguística** demonstrou que o reflexo da relação entre teoria e prática para a formação do contador apresenta entraves nesse processo, começando pela relação dos métodos e conteúdos a serem aprendidos que refletissem melhor a realidade do mercado. Um exemplo disso foi o método das partidas dobradas, que apresentou falhas de articulação com as práticas vividas em escritórios contábeis. Os elementos encontrados nos temas da virada linguística também repercutiram numa linearidade entre linguagens e realidade, mas as ênfases mais teóricas ainda não se inter-relacionam com as necessidades práticas que os discentes buscam. Conclui-se que os impactos da virada linguística se voltaram para a **ênfase das competências na formação contábil**.

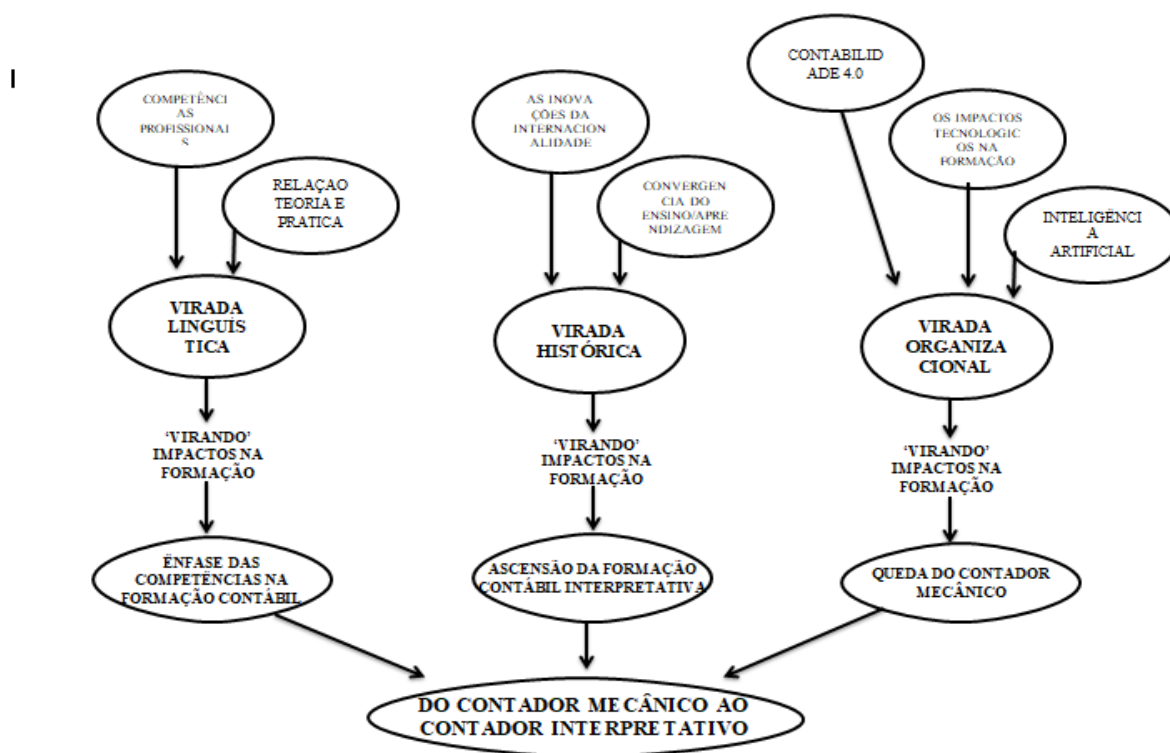
A **virada histórica** apresentou todo o processo de convergência à internacionalidade que, para os respondentes, pós-internacionalidade na contabilidade teria um maior regimento nos conhecimentos acerca dos labores profissionais do que as habilidades técnicas desse processo. E esse desenho para perpassar no processo de formação, atualiza-se fortemente na realidade da contabilidade vivida pós-internacionalidade, mas ainda são sensíveis os diálogos sobre como o processo histórico trouxe inovações para a ciência contábil, permitindo que esses sujeitos sejam formados com maior flexibilidade das mutações sociais e legislativas da ciência contábil. Conclui-se que os impactos da virada histórica foi à **ascensão da formação contábil interpretativa**.

A **virada organizacional** constatou as mudanças trazidas pela evolução tecnológica nos fazeres contábeis e destacou que alguns processos mecânicos da contabilidade perderão lugar e o contador terá um processo de convergência identitária para um profissional mais gerencial e consultivo. Devido a essa possível substituição da máquina por profissionais contábeis, relatada pelos respondentes, uma das maiores mudanças traçadas nessa virada foi à necessidade de uma nova formação que incentive a capacidade analítica, a usabilidade de

sistemas de informação contábeis cotidianamente nas aulas e a avanço de conteúdos analíticos e gerenciais. Conclui-se que os impactos da virada organizacional estão relacionados à **desvalorização do contador mecânico**.

Claramente foi encontrado em cada virada um impacto que auxilie a cumprir o objetivo geral traçado desta pesquisa, demonstrando que as três viradas convergem em dois eixos: 1) propensão do contador mais técnico e mecânico para o contador mais interpretativo e gerencial; e 2) considerar a proporcionalidade dada entre teoria e prática na formação contábil.

Figura18 – Mapa Dos Impactos Das Viradas



Fonte: Elaboração própria (2021).

Os desejos de tornar esta seção muito mais clara e fiel à realidade das viradas contábeis e a todas essas mudanças e, levando em conta minha identidade contábil enquanto profissional e acadêmico, compreendi como necessária essa finalização do estudo a partir dos dados empíricos e teóricos, entretanto, tratando-o de maneira muito mais íntima.

Com a intenção de concluir a pesquisa, os achados corroboram a ideia muito sequenciada das viradas contábeis e, nesse momento, é lembrado o objetivo geral da pesquisa que foi o de avaliar os impactos das três viradas para a profissão contábil no

processo de formação dos sujeitos presentes no curso de Ciências Contábeis. Na segunda sequência dos impactos relacionados para cada virada, é relevante perceber desde a virada linguística o impacto da ênfase nas competências, seguindo para virada histórica com essa conversão para o profissional interpretativo e finalizando na virada organizacional, que firma a queda desse profissional contábil mais mecanizado. Objetivamente os impactos selecionados para cada virada estão relacionados e respondem inicialmente a uma conversão do profissional contábil, excluindo a veia tecnicista para a formação de um profissional pautado são aspectos analíticos e gerenciais. Essa conversão deve ser sempre tratada e lembrada como consequência para a formação contábil, pois esse processo de convergir o perfil contábil faz com que essa formação também venha a convergir.

Portanto, o maior impacto dessa virada contábil é a mudança do profissional mais técnico, mais pautado nas habilidades fiscais, para um profissional construtivo, que auxilie na tomada de decisões.

Essa relação do profissional contábil mecânico tendo que ser um profissional, mas subjetivo, já é tratada por inúmeros autores, os quais foram utilizados nesta pesquisa. Todavia, nota-se que esse tema precisa ser repercutido cada vez mais, pois as indagações seguem as mesmas e os discentes continuam falando dessa ausência de atualizações e articulações com a atual necessidade e identidade do profissional contábil para as organizações. Essa morosidade para atualizar a educação contábil faz com que muitos desses sujeitos possam concluir o curso com uma realidade na qual não se vive na atualidade e sem estar no campo empírico para saber que a profissão mudou de identidade.

A demonstração de uma educação paralela na qual a ascensão do contador gerencial acontece do mesmo modo que o declínio do contador mecânico é fixado. Assim, reafirma-se a sua grande importância no processo formativo, no entanto, o que se visualizava constantemente é uma limitação a essa profissão, pois as organizações veem o contador como um funcionário indireto do governo, apenas para cálculos e preenchimentos de guias e formulários para atender ao fisco, ou seja, a função do contador era restrita ao registro dos lançamentos contábeis, de forma que fossem cumpridas apenas as exigências do fisco (SILVA *et al.*, 2015; MATIAS, 2017).

Cabello *et al.* (2001) reafirmam a ideia trazida nas viradas contábeis, discorrendo que a expectativa do mercado contábil não mais se restringe a um guarda-livros ou a um registrador de lançamentos, atrás de uma mesa cheia de papéis, mas exige-se que o Contador consiga garantir espaço profissional, com dinamismo, ao analisar e ponderar, apresentando e ouvindo sugestões sobre possibilidades de novos investimentos; e ao influenciar na tomada de

decisão, evidenciando uma visão macro e microeconômica. Cabe uma adaptação formativa desse sujeito, levando em conta as múltiplas realidades trazidas para a profissão contábil, cujos aparatos tecnológicos agora serão a base da formação e labor contábil.

Com essa crescente na contabilidade mais analítica, os contadores devem ter novas atribuições e, segundo Gomes e Alves (2012), essa identidade traçada pelas viradas é de um profissional tecnicamente inteligente, com capacidade criativa, sendo proativo, tendo boa capacidade de comunicação, compreendendo a sistemática política e econômico-financeira. Com a redutibilidade das ações escriturarias e mecanizadas, a figura do contador torna-se a de um anjo-da-guarda de uma empresa, tornando-se seu profundo conhecedor, podendo, dessa forma, atuar em sua continuidade e crescimento (SILVA *et al.*, 2015).

Outro ponto dado que foi repetido na pesquisa é das múltiplas realidades regionais e suas demandas em menores regiões, que foi relatado também nos discursos dos entrevistados, valendo ressaltar que essa adaptação do profissional contábil também se faz valer em menores regiões com empresas de menor porte, pois Silva *et al.* (2015) apuraram que essas demandas limitadas aos aspectos fiscais e tributários são um dos fatores que evidenciam um alto índice de mortalidade das empresas.

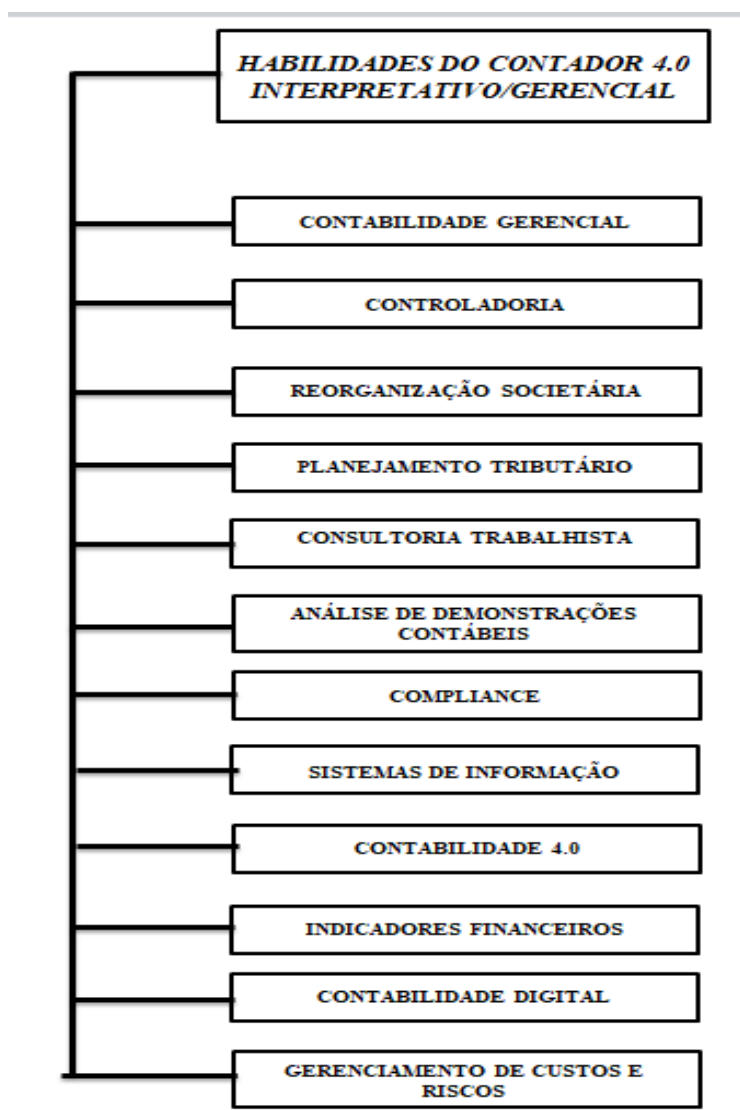
Então qual a incumbência da universidade? O ensino da contabilidade agora deverá ser similar a uma formação que idealize um profissional contábil que vai além dos conhecimentos específicos de contabilidade, possua habilidades mais amplas que lhe possibilite a interação de conhecimento e auxilie na modelagem econômica, na análise de riscos e na tomada de decisão (LIMA, 2019). A educação contábil não é apenas uma técnica, pois, além de suas habilitações específicas da área, ele deve incluir em seus estudos, formais ou pessoais, conhecimentos e habilitações humanistas e gerenciais (MADRUGA; COLOSSI; BIAZUS, 2016).

Assim como nesta pesquisa, Leite, Axiole e Melo (2015) verificaram que o ensino da contabilidade, na maioria das vezes, enfatizou os aspectos técnicos da profissão contábil, como o aprendizado da escrituração em observância às regras fiscais para o recolhimento de tributos, assim, a impressão do aluno e da sociedade que exerce a profissão restringe-se apenas às operações rotineiras. O que corrobora em boa parte da história da contabilidade que essa formação transparecia esse perfil de profissional que o mercado demandava, vinculado com a escrituração contábil e voltado para atendimento de exigências das legislações societário fiscal, especialmente no que se refere à legislação do Imposto de Renda, cabendo a este profissionalizar-se para “como fazer” e não “como pensar” contabilidade (LIMA, 2019). Esse contador mecânico era ensinado para atender somente às exigências fiscais, até podendo

desmembrar para atividades básicas da contabilidade, como o fornecimento de informações e resultados (SOUZA, 2015).

Com base nisso, a formação de um profissional contábil deve estar diretamente associada ao processo da sociedade e às transformações do mercado. O que se entende sobre esse profissional gerencial é que a sua identidade deve atentar-se às modificações da organização e ter uma capacidade muito mais reflexiva e auxiliativa, do que estritamente declaratória. A partir dos apontamentos dados pelos entrevistados sobre a contabilidade gerencial, é relevante trazer algumas contribuições dos tipos de características que tendem a ser exigidas a esse novo profissional que tende a crescer socialmente:

Figura 19 – Habilidades Do Contador 4.0, Interpretativo E Gerencial



Fonte: Elaboração própria (2021).

Sendo esse sujeito habilitado a auxiliar na gestão organizacional e na reorganização das finanças empresárias, cabe ao ensino preparar um arcabouço intelectual que condicione a orientação dessas habilidades e que, dessa forma, instrua os sujeitos à percepção mais crítica e individualizada para cada situação organizacional. A palavra central desta pesquisa foi a atualização e é por meio dela que autores como Souza (2014) reafirma essa atualização formativa, pois vivemos em uma sociedade que demanda um novo profissional contábil, na vanguarda da tecnologia, com novas funções e habilidades, uma vez que o contador do futuro deverá ser um eterno aprendiz. Com isso, necessita-se repensar a construção de sujeitos contábeis, visando que os processos mais críticos e formativos ampliem e, também, priorizem ações e conhecimento na articulação entre teoria e prática da contabilidade (LAFFIN; CASTRO, 2015).

Qual tipo de profissional deve ser formado? Deve se formar um profissional crítico reflexivo que esteja atento às partes mais analíticas subjetivas, que consiga utilizar com firmeza sistemas de informação tecnológica e que se atente sempre para os fatos históricos da contabilidade? No entanto, o que o estudo mostra é que as viradas impactaram fortemente nesses fatos, mas ainda é um processo lento e não dá para reafirmar que essa nova contabilidade, mais subjetiva, adicionará todas as demandas existentes para contabilidade. De acordo com Moreira (2013), faz-se necessário que os cursos de Ciências Contábeis produzam uma formação sólida e crítica com a devida articulação dos saberes, para que os sujeitos possam obter o enriquecimento de suas experiências e, a partir delas, construir conhecimentos com visão crítica, pautados pela compreensão de uma realidade concreta, desvinculada de uma visão fragmentada do mercado, aproximando-os, portanto, dos reais saberes inerentes a sua profissão.

Proporcionalmente, trata-se de uma profissão que tende a acompanhar as mudanças organizacionais e essas demandas organizacionais, mais precisamente as mudanças tecnológicas, fizeram com que atividades rotineiras dos profissionais contábeis entrassem em desuso e que naturalmente o processo de formação deve refletir essa realidade, pois essas demandas que tiveram declínio em virtude da tecnologia devem ter a mesma proporção das disciplinas. Assim, para Souza (2014), com a inserção da tecnologia baseada na inteligência artificial, as instituições de ensino superior precisaram adaptar o seu currículo a uma realidade diferente daquela que existia há décadas, pois essa demanda deverá se ater à formação de um profissional focado no negócio da empresa, participando da gestão e provendo de informações úteis para a tomada de decisão.

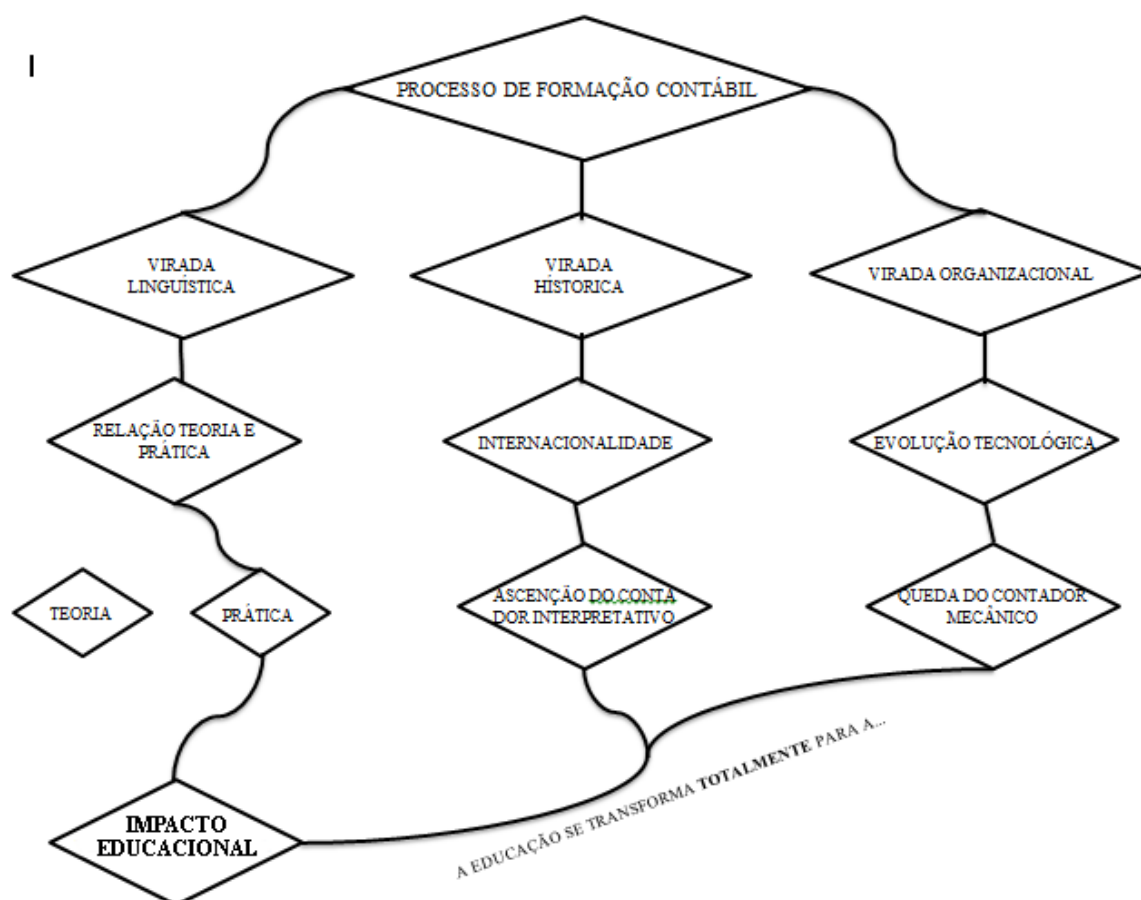
As contribuições para a formação contábil, tratadas nesta pesquisa, conseguiram mostrar que muitas das lacunas das pesquisas estão em ordem sequenciada, a partir dos fatos das viradas. De modo sintetizado, o que vem problematizando as viradas da contabilidade é que, a partir do momento que o ensino é estritamente voltado a um processo de retroalimentação discursiva de habilidades Contábeis, este ensino fica totalmente sujeito a constantes atualizações organizacionais, pois focando em aprender como fazer e não de entender a realidade faz com que as mudanças impactem severamente na educação Contábil.

A escolha dos critérios dos temas e elementos para cada virada não foi premeditadamente voltada a acolher este resultado que a pesquisa forneceu, mas com o fato da contabilidade estar caminhando conforme as mudanças organizacionais e do mundo foi abstraída uma nova ideia de contabilidade, podendo-se ressaltar que um dos impactos mais fortes colhidos nesta pesquisa foi o da proporcionalidade na articulação entre teoria e prática.

Ao entender que as viradas contábeis estão sequenciadas e ordenadas conforme os fatos, este estudo conseguiu demonstrar que, inicialmente, na virada linguística uma das maiores indagações do sujeito respondente foi sobre uma articulação entre teoria e prática e, paralelamente, uma proporcionalidade ou relação entre conhecimentos e habilidades. Muitos dos sujeitos que participaram da pesquisa demonstraram uma lacuna nessa proporcionalidade entre a articulação das teorias e práticas da formação contábil. Esse ponto desproporcional reflete grande parte dos docentes com um ensino pautado nos códigos de memorização e adaptação à execução de habilidades e demandas que o mercado exige para os profissionais contábeis, mas a formação não tende a privilegiar um arcabouço teórico tão prefixado que dê subsídio a esses sujeitos para criarem capacidades crítica-reflexivas.

Articular teoria e prática dando um enfoque bem maior às práticas da profissão e tornando o ensino no local voltado a uma educação técnica dá espaço para que essa educação possa ser moldada, pois a técnica, diferente da teoria, é algo com a robustez e uma solidez bem menor e as mudanças ou viradas podem impactar. Imagina-se que, ao ensinar como executar uma técnica contábil, você forma um sujeito habilidoso para essa determinada atividade, mas esta habilidade pode entrar em desuso ou ser substituída, de acordo com as mudanças organizacionais, e esse sujeito formado para tal habilidade tem fortes problemas de adaptação a essa nova realidade, pois o seu processo de ensinar foi muito mais mecanizado e voltado a uma habilidade específica. A figura a seguir demonstra o caminho que os impactos dessas viradas se propuseram para gerar essa concepção crítica da formação contábil.

Figura 20 – Mapa Dos Impactos Para A Transformação Da Formação Contábil



Fonte: Elaboração própria (2021).

Assim, naturalmente, a proporcionalidade entre teoria e prática não estava linear, e segundo os sujeitos, a proporção das práticas era bem acima da do arcabouço teórico, resultando em muitas das problematizações existentes na contabilidade. Todavia, para Laffin (2015), essa concepção pragmática da formação, associada aos conteúdos e às práticas com o predomínio da racionalidade técnica, voltada às habilidades do mercado contábil e, com o objetivo de responder às exigências sazonais de uma formação para o mercado, impõe restrições a uma formação crítica e sistêmica da realidade profissional e da sua participação social.

Essa desproporcionalidade nas relações entre teoria e prática consegue demonstrar que a contabilidade e o ensino contábil serão impactados totalitariamente por todas as mudanças, as viradas que possam vir a ter. Assim sendo, as viradas contábeis é, então, o problema desta pesquisa? A contabilidade agora não deve enxergar essas viradas? Muito pelo contrário, os dados mostram que a contabilidade deve sim estar atenta a todas as mudanças organizacionais e esse processo de atenção é constante, afinal, trata-se de uma ciência social

aplicada, mas o que o empirismo demonstra é que, de acordo com a inversão dos métodos de ensinar as práticas organizacionais, naturalmente, caso essas didáticas sejam extinguidas, o profissional contábil perde boa parte do seu conteúdo concebido no processo de formação, pois essa informação se pautou em uma composição disciplinar e assujeitamento mais tecnicista.

Caminhando agora para as duas viradas seguintes, elas demonstram dois marcos da realidade contábil que tiveram altíssimos impactos e uma necessidade muito conturbada de convergência. A virada histórica está em segundo nessa ordem das viradas, pois ela é um fato grandioso para contabilidade que já aconteceu em meados de 10 anos, ou seja, o curso já passou por um processo de adaptação e já consegue suprir grande parte dessas demandas que os contadores exigiam.

Uma consequência dessa virada histórica se dá nesse processo de internacionalização, combinando na concretude da profissão contábil como uma ciência voltada à interpretação de legislações e normas contábeis. O apanhado da Lei 11.638/2007 fez com que os sujeitos contábeis começassem a perceber que, naturalmente, essas demandas iam corroborar na nova formação e que, provavelmente, isso seria corriqueiro, devido ao fato de que outro evento pudesse cambiar todo cenário da contabilidade.

De acordo com os mesmos entrevistados, o sujeito não conseguiria ter uma profundidade de compreensão sobre o que foi a internacionalidade, mas conseguiria utilizar essa lei em lançamentos contábeis. Da Silva (2015) finaliza que a educação de profissionais deve promover nos sujeitos o desenvolvimento das competências necessárias que contribuam para o desenvolvimento de uma sociedade efetivamente democrática. Espera-se que sejam sujeitos que atendam ao mercado, como também à sociedade.

Nessa concepção, Laffin (2015) instiga que o ensino de Ciências Contábeis, ao dar ênfase aos modos do fazer, reproduz a organização de um ensino que limita a formação do contador ao fazer específico, contrariando inclusive as exigências de um profissional capaz de atuar em cenários que exigem mudanças.

Esse impacto da virada linguística consegue complementar a percepção de que a contabilidade está novamente mudando e permite reafirmar a ideia dessa ausência de proporcionalidade entre os conteúdos teóricos e práticos do curso, fazendo com que todos esses empecilhos encontrados nas outras viradas tivessem como breve consequência essa pouca articulação entre teoria e prática, nos métodos didáticos, e apenas sistemas de interação extraclasse. Para Laffin (2015), isso resulta apenas na lógica desse sujeito contábil ser um produto de uma educação voltada exclusivamente ao mercado e localizam no contador a

responsabilidade por possuí-las e, assim, supostamente, poder acessar ao mercado, mas sem nenhuma garantia ou capacidade de permanência ou adaptação, pois a sua formação foi pautada no ensino de algumas habilidades técnicas.

Corroborando o fato encontrado na virada linguística, as mudanças trazidas e advindas dessa informatização de sistemas fez com que muitos contadores necessitassem se adaptar a essa demanda. Com isso, deixo uma reflexão de Souza (2019), perfazendo, à luz da inteligência artificial, que é necessário que haja mudanças profundas na forma (pedagogia) e no conteúdo tecnicista (currículo) dos cursos de formação em contabilidade, com o propósito de fomentar o desenvolvimento das habilidades de raciocínio crítico, demandadas na sociedade moderna.

Assim, a esse profissional contábil, arreigado de discurso de uma sociedade mais pautada no mercado, a educação incita esse despejo acadêmico nas práticas, com poucas estruturas teóricas que deem solidez ao curso, obrigando a formação contábil acompanhar cotidianamente as mudanças, sejam elas organizacionais ou históricas.

Essa proporção de uma educação pautada em discursos mercantis faz com que esses sujeitos formados sejam entendidos como sujeitos mecanizados, a partir do momento que a mecânica que lhes foi ensinada possa ser substituída por tecnologia ou perder a demanda sócio-organizacional. O fato dos ensinamentos da internacionalidade serem diluídos às práticas só corrobora a ideia de que a adaptabilidade às mudanças vem, mas vem para suprir um novo ensinamento de como praticar a contabilidade e não no sentido de percepção das mudanças organizacionais, para que esses novos profissionais consigam criar critérios críticos e analíticos das múltiplas realidades que podem ocorrer nas organizações. E não é aconselhável formar um sujeito para uma profissão objetivando seguir as orientações do mercado nesse contexto, marcado por crises, mudanças e incertezas no mundo do trabalho (DA SILVA, 2015), devido à falta de flexibilidade desses sujeitos às adaptações aos postos de trabalho no decorrer da vida profissional (LAFFIN, 2015).

Essa crítica feita à realidade trazida nos cursos de contabilidade não tem a intenção de excluir a articulação com as práticas nos métodos de ensino da contabilidade, mas de trazer uma articulação com a realidade contábil, de modo que a estrutura teórica e científica sejam passadas e que o ensino não siga remetendo a moldes antigos das partidas dobradas que, de nada, se assemelham a uma contabilidade digital, cujos sistemas executam essas habilidades técnicas, cabendo ao contador a incumbência de analisar o patrimônio e suas modificações.

A virada linguística responde diretamente às mudanças mundiais trazidas nas outras viradas, no que se refere à formação contábil, ou seja, quando se busca entender quais são os

impactos das viradas na formação contábil, os dados corroboraram ao dizer que inicialmente o maior impacto dessa transformação das viradas fez com que as habilidades mecânicas da contabilidade perdessem, cada vez mais, devido à evolução tecnológica, e esse profissional se tornará um sujeito crítico-reflexivo, capaz de interpretar legislações e normatizações contábeis, como no caso da internacionalidade, com o intuito primordial de auxiliar as organizações nesse processo de tomada de decisão e gerenciamento empresarial.

Como a formação do profissional Contábil está nesse processo de ajustes das mudanças organizacionais e legislativas? A formação Contábil tende a estar em um processo de adaptação tão constante, devido ao seu próprio método didático, voltando-se constantemente a ensinar novas práticas, dadas pelo mercado, a partir de cada mudança. Existe um processo de adaptação a essas viradas contábeis atuais? Francamente, pode até existir, mas enquanto esse processo adaptativo focar numa educação de maquinários (NICOLINNI, 2001), adaptações serão constantes, no entanto, o ensino continuará focando em um atendimento às habilidades demandadas instantaneamente no período, com a intenção de tornar-se passível de pertencimento ao mercado contábil.

Autores como Resende (2018) delimitam cuidados a se tomar com a formação profissional numa visão extremamente mercadológica, devido à falta de adaptabilidade do sujeito que se forma, tendo em vista que o mundo do trabalho sempre é passível de modificação, então, o processo de formação pode levar tanto à reprodução de formas predominantes quanto à produção de rupturas com tais formas (SOUZA, 2011).

Tratar esse processo de articulação Contábil com um olhar tão limitado às habilidades técnicas da profissão permite claramente que esse sujeito a ser formado sofra impactos disruptivos, pois ensinar uma técnica sem um conhecimento prévio faz com que a relevância da profissão se torne fluida e, obrigatoriamente, acompanhe essas mudanças. Contudo, caso o ensino contábil articule bem as teorias com as práticas da profissão, há uma boa possibilidade de uma formação que entenda das práticas Contábeis, mas que consiga, a partir do arcabouço teórico, criar uma identidade profissional mais sólida e que não seja tão dependente dos anseios das organizações.

Portanto, a partir dos dados colhidos e dos impactos das viradas, é possível concluir que a contabilidade ainda vem sofrendo com uma formação técnica limitada. E que essa formação limitada às práticas não fomenta a adaptação às constantes mudanças no atual cenário da ciência contábil por meio das demandas imediatas que pressupõe uma ciência com novos usos da tecnologia, estruturas gerenciais mais planas, maior ênfase ao trabalho em equipe e pela gestão de riscos (DA SILVA, 2015).

Complementa-se a percepção traçada no objetivo geral quando se diz que os impactos das viradas na formação contábil podem se dividir a partir de dois eixos das viradas. Reportando-se à virada linguística, o seu impacto é de uma formação com ênfase nas habilidades e que o seu ensino se paute em práticas contábeis, sem grande acesso à robustez teórica na formação contábil; e que, para as duas viradas subsequentes (histórica e organizacional), o impacto se traceja no perfil contábil que muda de um profissional habilitado à declaração de impostos e às atividades mecânicas para um contador enviesado na controladoria, que torne a identidade consultiva e analítica como prioridade nessa nova formação contábil.

A partir da percepção dos respondentes, nota-se que as novas habilidades desse contador 4.0 interpretativo/gerencial estão delineadas a um novo caminho no qual o profissional contábil deve agora ser um **controller**, que consiga, além de fazer, **analisar as demonstrações contábeis**, no intuito de **gerenciar os custos e riscos** da organização; e, caso os **indicadores financeiros** demonstrem erros na gestão, o profissional contábil tenderá a apresentar mecanismos de **reorganização societária, planejamento tributário e consultoria trabalhista**; além disso, o contador também deve ser um adepto às **tecnologias** e adentrar no **mundo 4.0**, com a utilização de **sistemas de informação** e da **contabilidade digital**, visando sempre os melhores caminhos organizacionais, no que se refere à **contabilidade gerencial** e ao **compliance** para direcionar as escolhas na tomada de decisão.

Para essa nova profissão, é necessário que a formação possibilite a construção de sujeitos críticos e que exerçam o desenvolvimento intelectual e a adaptabilidade às mudanças, para que sejam os pontos-chave na inserção social e profissional (DEGENHART; VOGT; BIAVATTI, 2014).

Ademais, deve-se levar em conta que essa construção crítica dos alunos de contabilidade deve articular bem o saber com o saber fazer, para que esses acadêmicos possam futuramente responder às demandas contábeis que poderão surgir nas futuras viradas quando a contabilidade vir a sofrer impactos.

Esse processo de formação contábil agora carece de uma adaptação na sua estrutura e conteúdo, pois os métodos didáticos de articulação entre o arcabouço científico e as vivências da contabilidade demonstraram que a proporcionalidade é falha e o ensino reitera-se num saber fazer sem premeditadamente expor o saber. Consequência dessa lacuna é que naturalmente o curso se coloca por inteiro nas mudanças organizacionais e sociais e é obrigado a mudar sua estrutura como um todo para atender às novas habilidades, e continuamente, ensinar a como executar essas habilidades (assim como foi na

internacionalidade), ignorando a necessidade de um ensino pautado na consciência histórica e sociológica dos fatos. O resultado dessa formação desenhada para as técnicas contábeis é que reafirma o discurso de que os sujeitos tenham que graduar-se para atender exclusivamente às demandas do mercado e, caso essa habilidade não seja mais requerida pelo mercado, sucede a morte da contabilidade, tão falada nesta pesquisa.

4.4 SUGESTÃO DE CURRÍCULO OU DE CONTRIBUIÇÕES ACADÊMICAS

Esta seção foi elaborada na intenção de ser uma parte complementar à pesquisa, pois em todo o seu trajeto é debatido sobre impactos das viradas na formação contábil. Com todos os dados colhidos e percepção dos acadêmicos e professores, cabe trazer uma constituição mais curricular, no que condiz à formação contábil. Os Subtemas dos elementos estruturantes para formação foram selecionados em cada virada na intenção de que, no final, fosse feita essa articulação contributiva para a formação no curso de ciências contábeis. E, de certo modo, cada virada deu ênfase em alguns conteúdos, conhecimentos e métodos didáticos que são estruturantes e relevantes para a formação.

A cada virada foram delineados alguns elementos estruturantes para a sua formação que pontuaram necessidades de atualizações na estrutura do curso de ciências contábeis. Inicialmente, a virada linguística apresentou três pontos centrais que mais carecem de reformulações: projetos de extensão, TCC e estágio supervisionado.

Cabe como contribuição aos projetos de extensão a articulação com métodos ou conteúdos aprendidos em aula. Por vezes, muitos dos discentes entrevistados repercutiram que os projetos de extensão têm a intenção exclusivamente de complementar conteúdos que não são abordados em aula, mas essa tipificação de projetos de extensão pode tentar inter-relacionar os fatos empíricos fora da universidade com os conteúdos trazidos nas disciplinas e que não são supridos. Assim, na seleção de projetos de extensão, o ideal é tentar trazer abordagens múltiplas, relacionadas com os conteúdos disciplinares e outras que complementem a formação contábil com novos aprendizados. Outro ponto a se tratar nos projetos de extensão é a seleção de projetos mais atuais, reiterados nessa sociedade tecnológica, e que pouco sejam executados os projetos mais antigos ou desvinculados da área de finanças.

Outra contribuição trazida junto à virada linguística é a do TCC e do Estágio supervisionado. Inicialmente, o TCC é a elaboração de um trabalho final que serve como mecanismo de identificação científica do aluno. A contribuição acerca deste elemento é que

os projetos da universidade devem contemplar uma aplicação fidedigna de projetos voltados à pesquisa contábil, e o TCC é um destes. Elaborar um trabalho desse nível permite aos discentes a autonomia acadêmica para a infiltração das capacidades críticas dos sujeitos nesse viver social. Essa sugestão curricular entende que é indispensável, para o curso de ciências contábeis, a validade do TCC no processo de formação.

Nesse sentido, a instituição deverá, no seu próximo projeto político pedagógico, sugerir o TCC como requisito obrigatório para a formação contábil. Essa sugestão do TCC pode se delinear em trabalhos como artigos ou monografias, mas levando em conta a inserção do discente em contabilidade na pesquisa, talvez seja necessário, inicialmente, aportar-se à estrutura de artigos científicos que tem um menor tamanho e incentiva a construção da consciência crítica e científica.

Outro ponto que se assemelha à contribuição do TCC é a inserção de projetos de pesquisa que fazem com que os acadêmicos tenham novas habilidades e conhecimentos acerca de outro cenário que é pouco habitado por discentes da contabilidade. E essa inserção na pesquisa possibilita a crescente articulação e criação de identidade de cada aluno nos seus projetos e locais de trabalho para a carreira profissional.

O estágio supervisionado é o último elemento da virada linguística no qual é possível ver a relação entre os conhecimentos e as práticas vividas na profissão contábil. Uma contribuição para o estágio é a execução deste apoiado em temas novos e que já foram colocados em pauta nas seções anteriores. Além dessa execução da contabilidade para os demonstrativos e escrituração, é relevante que o estágio se expanda e permita o uso das práticas gerenciais e de sistemas de informação tecnológica. Levando em conta uma sociedade que constantemente se atualiza e reitera novas habilidades e demandas ao contador, é relevante que o estágio tenha uma estrutura na sua matriz curricular fixada, mas que permita um pequeno espaço para apresentar novas práticas contábeis emergentes, na intenção de manter o discente mais conectado e atualizado às práticas contábeis.

Para a virada histórica, os três pontos centrais foram sobre as disciplinas de contabilidade avançada e tópicos contemporâneos em contabilidade, bem como sobre o uso de normativas contábeis, como IFRS, NBC, CPC e Lei 11.638/2007. A disciplina de contabilidade avançada foi abordada por muitos discentes e docentes, por ser a maior base estrutural no que se refere aos impactos da internacionalidade, e umas das sugestões a essa disciplina é que ela comece a interseccionar os conteúdos da internacionalidade de forma explanativa e histórica para dar essa contribuição na formação dos sujeitos contábeis.

Outro ponto proposto nas falas dos sujeitos é em relação à ampliação da disciplina de contabilidade avançada, fazendo com que ela fosse subdividida em duas disciplinas para que esses múltiplos conhecimentos e conteúdos sejam abordados de forma mais detalhada. Sugere-se que essa disciplina faça uma maior explanação de conhecimentos históricos e expositivos sobre a internacionalidade e os seus impactos para a contabilidade avançada.

Outro ponto que fica como sugestão foi levantado nas análises, que dispõe sobre a inclusão da disciplina de tópicos contemporâneos em contabilidade, pois nesta disciplina poderiam ser contemplados todos esses debates de um novo perfil profissional e de como todo esse processo de internacionalização, demandas organizacional e a tecnologia mudaram a contabilidade e hoje fazem parte da formação desse sujeito e também desse processo de compreensão da sua identidade enquanto profissional. Essa nova disciplina teria como objetivo oferecer aos discentes a oportunidade necessária para identificar assuntos relevantes à contabilidade contemporânea, possibilitando análises críticas e reflexivas sobre esses temas no campo das Teorias normativa e positiva da contabilidade; dos impactos das normas internacionais nas práticas contábeis; da contabilidade 4.0; da contabilidade Forense; das habilidades e competências do contador. Com a Explanação da necessidade de um contador mais contemporâneo, é preciso dizer que o próprio curso ainda não está preparado para essa realidade. Estudos como os de Cerqueira (2020) asseveram essa necessidade da disciplina de tópicos contemporâneos em contabilidade para a formação contábil a fim de assegurar a percepção analítica e crítica dos profissionais contábeis.

O último impacto da internacionalidade é a utilização de conteúdos voltados ao IFRS, NBC, CPC e à Lei nº 11.638/2007, que, por se tratarem de regulamentos legislativos, os alunos de contábeis não demonstraram fortes fatores de usabilidade desses conteúdos. Cada um destes teve uma proporcionalidade distinta, mas sabe-se que o curso de contábeis deve articular bem esses impactos contábeis com as construções teóricas e empíricas da contabilidade. O ensino deve atentar-se às práticas profissionais e, caso esta não seja feita de forma tão positiva, os discentes podem olhar os fatores estressores e propagadores dessa problemática articuladora. A educação contábil precisa se atualizar em sua estrutura em busca da internacionalidade, mas o que se promulga é uma contabilidade mecânica e tecnicista que exclui esses sujeitos sociais de demonstrar suas capacidades críticas. Impactos como IFRS, NBC, CPC e Lei nº 11.638/2007 clarificam essa abordagem anterior de que a educação contábil, por vezes, se atenta ao ensinar como fazer determinada prática e retira totalmente as percepções crítico-reflexivas da contabilidade.

Assim, uma das sugestões está no ordenamento de CPCS e NBCS a serem utilizados em cada disciplina, ou seja, seria interessante que na ementa de cada disciplina houvesse um diálogo entre docentes para delinear essa organização dos pronunciamentos e normas, evitando repetições. E que outros tópicos, como a IFRS e a Lei 11.638/2007, fossem mais explanados historicamente, fazendo uma abordagem conceitual e temporal para que o acadêmico de ciências contábeis consiga compreender sobre esses fatos que tanto corroboram na ciência contábil.

No tocante aos impactos da virada organizacional, os três pontos centrais foram os impactos da usabilidade da estrutura física dos laboratórios de práticas contábeis; a inserção de uma disciplina voltada aos sistemas de informação e tecnologia; e os possíveis reajustes disciplinares, devido ao mundo 4.0.

A questão dos laboratórios foi um dos pontos muito mencionado pelos professores e alunos, os quais reclamaram que estes não estão atualizados e os programas não são tão usuais às práticas contábeis. Cabe aqui trazer uma sugestão que vai um pouco além das demandas e possibilidades do colegiado, no entanto, foi muito inserida nas indagações dos respondentes. A possível sugestão é a reestruturação do laboratório contábil para que se consiga dar acesso a uma boa quantidade de alunos e que estes consigam vivenciar as realidades contábeis nesse local. As simulações de práticas contábeis auxiliam no aprendizado discente e fazem com que os acadêmicos insiram os conhecimentos teóricos nas habilidades práticas da profissão. Um dos docentes disse que um dos impactos é a necessidade das práticas serem feitas nos laboratórios de todas as disciplinas para que o aluno esteja integrado desde o início do curso com os sistemas de informação, e que esse mundo da informatização não seja uma surpresa para o aluno, quando concluir a graduação, que é uma realidade corriqueiramente vista pelos egressos.

Todavia, também consta-se como impacto ao currículo de ciências contábeis a necessidade de inserir ou retirar novos debates ou novas disciplinas no processo de adaptação às tecnologias, e os discentes e docentes demonstraram assiduamente que a disciplina que deve ser inserida no curso de Contábeis é uma disciplina voltada ao laboratório e à utilização de *softwares* de informação gerencial e contábil, visando preparar o aluno para essa realidade que poderá vir a vivenciar na sua vida profissional. A inserção de disciplinas voltada para esses debates tecnológicos e laboratoriais do sistema de informação contábil faz com que essa articulação entre teoria e prática seja feita e com que se mitiguem alguns dos lapsos do ensino do curso, permitindo com que os alunos se preparem para a realidade profissional que os esperam.

A inserção dessa disciplina de sistemas de informação vai reduzir esse *gap* da relação com o mercado e possibilitar uma afeição às práticas tecnológicas que os profissionais contábeis se aportam diariamente. Essa disciplina poderá ter como diálogos esses fomentos às novas tecnologias e aos novos sistemas contábeis, fazendo uma relação com as habilidades requeridas na atual conjuntura contábil; além de ter a parte de execução das práticas em sistemas de informação, retornando novamente esse diálogo com a boa estrutura física dos laboratórios.

Reitera-se o diálogo aos reajustes disciplinares, no que condiz à inserção de abordagens mais voltadas às práticas gerenciais e aos sistemas de informação. Muitos dos respondentes demonstraram que a grade curricular necessita de constantes atualizações devido a todas as mudanças no cenário organizacional. Há de se falar de uma ascensão de áreas voltadas à controladoria, contabilidade gerencial, planejamento tributário, análise de demonstrações contábeis e outras áreas da contabilidade com viés mais interpretativo e analítico. Consubstancialmente, as áreas voltadas às mecânicas tendem a cair e estas disciplinas podem perder protagonismo de execução, tais como registros de débito e crédito e a escrituração contábil.

De acordo com os entrevistados, as disciplinas em ascensão serão das áreas que darão ênfase ao **por que fazer**, e às disciplinas que estarão em queda são das áreas que dão atenção **ao como fazer**. O como fazer já não é mais prioridade nas atividades dos profissionais, segundo os entrevistados, cabendo aos profissionais agora uma percepção mais analítica e um modo mais auxiliativo nas tomadas de decisões dos seus gestores.

O quadro 20 a seguir traz uma síntese dos recortes discursivos dos entrevistados, para corroborar nas contribuições curriculares que possam ser indexadas aos elementos estruturantes advindos das viradas contábeis.

Quadro 20 – Contribuições Curriculares Advindas Das Viradas.

VIRADAS	ELEMENTOS ESTRUTURANTES	RECORTES DISCURSIVOS DOS ENTREVISTADOS	CONTRIBUIÇÕES CURRICULARES
VIRADA LINGÜÍSTICA	PROJETOS DE EXTENSÃO	A extensão contribui principalmente na área da contabilidade que a extensão é totalmente prática. Um dos trabalhos do professor é a extensão. A maior parte dos cursos de extensão contribui para a articulação entre teoria e prática. (DO5)	Elaboração de projetos de extensão com temáticas atuais e que estes temas mesclam entre projetos articulados com as disciplinas e projetos complementares aos conteúdos da universidade.
		Imagine que um aluno vive o curso todo numa realidade prática e no final fazer um TCC? Para que aja	A inserção do TCC no curso de ciências contábeis para incentivar a construção de

	TCC	um TCC, o curso tem que mudar sua estrutura. Então a ausência do TCC é consequência da estrutura do curso, não da pra cobrar um TCC de um aluno que não vê nada de metodologia e de trabalho científico. (DO4)	consciência crítica e científica.
	ESTÁGIO	O mercado exige a experiência da prática contábil e muitas vezes só conseguimos nos estágios, então eles são importantes. E no estágio vemos como é a prática a partir das atitudes feitas diferentes nos escritórios e até a negligencia. (DI6)	A implementação de novos temas para serem vivenciados na prática simulada do estágio supervisionado.
VIRADA HISTÓRICA	CONTABILIDADE AVANÇADA	A disciplina com mais relação é contabilidade avançada, porque com contabilidade avançada você vai trabalhar com questões mais complexas da contabilidade e aplica-se a Lei 11638/07 e o que decorre dela de normativos. Eu utilizei essa lei na disciplina de análise das demonstrações contábeis. E eu uso as normas internacionais para analisar a saúde econômica da empresa a partir das demonstrações contábeis e me ajudar, a saber, que essas coisas foram construídas para ser parecida com a internacional. (DI2)	Maior abordagem sobre fatores históricos, assim como foi à internacionalidade, para dar à introdução conceitual as inovações advindas sobre as normatizações internacionais.
	TÓPICOS CONTEMPORÂNEOS EM CONTABILIDADE	E lá em Itabaiana tinha disciplinas que eram abertas, tipo tópicos contemporâneos de contabilidade, que você poderia colocar todas as mudanças e novidades de contabilidade. Nessa turma de Itabaiana tinha muitos assuntos voltados a essa disciplina, e coimo ela é uma disciplina de ajustes aí o professor pode fazer uma ementa voltada a essas realidades, já que a ementa é aberta. Então o professor faz a ementa conforme as necessidades do curso. Também seria necessária a disciplina de sistemas de informações contábeis. (DO5)	Inclusão dessa disciplina que sua estrutura foque no estudo e discussão de assuntos relevantes e emergentes em ciências contábeis, visando à atualização, reciclagem e inter-relação de tópicos fundamentais da área.
	IFRS, NBC, CPC E LEI 11638/2007	A gente percebe que é o IFRS e os impactos da Lei 11.638/2007 são pouco falados no curso, e além de ser pouco falado é só usado na questão das responsabilidades sociais, compliance e tal. A gente vê o CPC e as NBCs, acredito que não vê como deveria, mas vemos. Tipo os professores apresenta a disciplina, e mostra os casos e isso aqui é CPC x, isso é NBC y. Mas não como deveria, não lemos juntos	Uma abordagem mais conceitual e histórica sobre esses tópicos selecionados fazendo com que o discente consiga conhecer, identificar e classificar cada normatização contábil, além de possibilitar essa aprendizagem histórica que possibilite uma maior consciência crítica e analítica.

		ou um trecho, ou debater o CPC e NBC na aula, mas é falado tipo CPCs 00 ou 01. (DI12)	
VIRADA ORGANIZACIONAL	LABORATÓRIOS	Eu acredito que a universidade no curso de contábeis deveria ter um laboratório mais avançado que trate dos programas em si e que tenhamos um laboratório legal. Ela tem que desenvolver um laboratório, sair do sistema mecânico e entrar no sistema da informatização. (DI7)	A expansão dos laboratórios contábeis e uma melhor infraestrutura, além de uma boa articulação e usabilidade desses laboratórios em várias disciplinas.
	SISTEMAS DE INFORMAÇÃO	Acho que também podemos ter uma nova disciplina voltada à tecnologia, mesmo não sendo programadores, temos que entender mais da tecnologia, e entender o que está por trás do software que utilizamos. (DO1)	A inclusão dessa disciplina que dê abordagem às temáticas emergentes do mundo tecnológico que tanto tem sofrido com alterações nas suas demandas operacionais e nos métodos de elaboração de demonstrativos contábeis.
	REFORMULAÇÕES DISCIPLINARES	Uma das demandas que tem diminuído, e que exige menos do contador é a parte das rotinas fiscais. Que hoje em dia é que tecnologia trabalha em cima dessa parte rotineira. Hoje em dia o contador vai pro lado gerencial e é a área que tende a crescer. A área de controladoria, de perícia é uma área que cresce bastante, pois tem vários analistas fiscais. (DI12)	As disciplinas em ascensão serão das áreas que darão ênfase ao por que fazer , e as disciplinas que estarão em queda são das áreas que dão atenção ao como fazer .

Fonte: Elaboração própria (2021).

Algumas outras propostas dadas nas viradas estão por intermédio dos métodos didáticos utilizados nas aulas. É proposto pelos respondentes que os professores utilizem métodos distintos ou estratégias didáticas para além dos exercícios práticos ou casos em empresas. Algumas sugestões de estratégias didáticas podem ser: seminário, debate, caso de estudo, aprendizagem baseada em problema, simpósio, aprendizagem experiencial/estágio, formulação de questões e pesquisa-ação.

Não é de exclusividade utilizar todas essas estratégias aqui propostas, mas de trazer novas percepções e novos métodos que possam beneficiar na formação Contábil.

Para além desses métodos, é relevante haver uma distribuição da ementa disciplinar ou uma mínima porcentagem de articulação prática dos conteúdos trazidos. Essa articulação pode ser aplicada em momentos em sala de aula. O que se deve ponderar é como os sujeitos terão essa sensação de imersão na prática com uma boa estrutura teórica, pois essa foi uma das maiores inquietações do alunado nesta pesquisa.

O ponto-chave desse ensino mecânico que está paralelo ao tema das deficiências teóricas permite definir uma identidade acadêmica do sujeito analisado, sendo uma identidade de um sujeito limitado às técnicas como as partidas dobradas. A ênfase de disciplinas voltadas à construção teórico-científica e analítica desse profissional Contábil faz com que os alunos consigam obter uma formação crítico-reflexiva e com maior flexibilidade às adaptações organizacionais.

Assim, ficam essas sugestões contributivas para os pontos mais voltados ao currículo do curso de ciências contábeis, que podem ser revistos e remodelados para atender às boas práticas na formação contábil. Há quem fale que as possibilidades de um novo currículo se elucidam numa abordagem mais crítica e interpretativa para formar um profissional de contabilidade multidisciplinar, diante da variedade de atribuições no campo em que atua, podendo englobar várias funções, que vão além das obrigações fiscais e determinações legais. Como principais oportunidades de melhoria na formação contábil, identifica-se a necessidade de complementar suas grades com disciplinas de formação tecnológica, gerencial e internacional, além de carga horária adicional para prática profissional.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste momento são apresentadas as considerações finais deste trabalho, as suas limitações e possíveis sugestões para novas pesquisas.

Esta dissertação teve como objetivo geral avaliar os impactos das três viradas para a profissão contábil no processo de formação dos sujeitos presentes no curso de ciências contábeis da UFS, baseado na corrente interacionista.

O estudo conseguiu mostrar que a formação contábil necessitará de uma reformulação na identidade do tipo de sujeito que deve ser formado, e quais os conteúdos replicados devem estar consoante com as vivências da contabilidade rotineiramente. Um dos impactos de alta proporção das três viradas abordadas é a mudança de perfil do contador mecânico e tecnicista para o profissional que tenha conhecimentos gerenciais, tecnológicos e internacionais.

Mais precisamente, os temas retrataram uma contabilidade muito voltada às técnicas e ao ensino pautado no aprender como fazer, em sua exclusividade. Consequência dessa identificação de ensino, é que o curso se torna obrigado a acompanhar os pormenores do mercado e que qualquer alteração impacta ferrenhamente no curso, pois este criou sua identidade em preceitos da prática contábil.

A primeira virada foi a linguística com a intenção de identificar a partir da virada linguística, a relação entre a teoria ensinada (linguagem) da contabilidade e a prática da profissão no mercado (realidade); Os temas encontrados nessa virada foram: a **relação teoria e prática e as competências profissionais**. Ao tema da relação teoria e prática foram selecionados três subtemas: interação entre linguagem e realidade, elementos estruturantes para a formação e métodos didáticos.

Em síntese, este tema conseguiu demonstrar uma interação entre teorias e práticas na formação contábil, contudo, métodos como o das partidas dobradas ainda não se inter-relacionam com as necessidades práticas aspiradas pelos discentes. À luz das competências profissionais, os subtemas foram a sequência de conhecimentos para habilidades que sofrem de uma boa articulação e o maior ponto a ser questionado é a falta de proporcionalidade ou sequencialidade na articulação entre conhecimentos e habilidades, havendo disciplinas com enfoque exclusivo no teórico sem articular, na maioria dos casos, disciplinas com um olhar voltado às práticas sem o preciso arcabouço teórico prévio.

Como resultado desta virada, é relevante tratar que essa articulação entre linguagem e realidade ainda perpassa por dificuldades, devido ao pouco ordenamento de transmitir uma teoria para aplicar na prática, sendo que os dados enfatizaram uma veemência às práticas contábeis, dando um percalço da pedagogia das habilidades de ensinar para atender exclusivamente às necessidades mercadológicas.

Já a virada histórica, cujo foco foi de analisar o processo de convergência do ensino/aprendizagem no processo de formação acadêmico-profissional frente às inovações trazidas pela internacionalidade, os temas encontrados foram: **convergência do ensino/aprendizagem e inovações da internacionalidade**.

Os subtemas do tema das inovações da internacionalidade foram: Como viveram a internacionalidade? A harmonia contábil causou impactos? A história da internacionalidade. De forma sintetizada, os entrevistados demonstraram que as inovações trazidas pela internacionalidade geraram convergência absurda dos modos de elaboração das demonstrações contábeis e que a essência sobressaía à forma, ou seja, a contabilidade teria um maior regimento nos conhecimentos legislativos e normativos acerca dos labores profissionais do que as habilidades técnicas desse processo.

Os subtemas da convergência do ensino/aprendizagem foram: Como ensinar história na contabilidade? A internacionalidade demandou uma nova formação? Elementos estruturantes para a formação. Acerca desse tema, os resultados desenharam que esse processo da convergência do ensino/aprendizagem foi diluído nos procedimentos e

elaborações das demonstrações contábeis, mas ainda são sensíveis aos diálogos sobre como esse processo histórico trouxe inovações para a ciência contábil. Consequentemente, a educação contábil subsidia para a internacionalidade o suprimento das necessidades de elaboração das demonstrações contábeis, mas ainda há carência histórica desses assuntos contemporâneos à contabilidade, que permitiria uma formação mais adaptativa com maior flexibilidade das mutações sociais e legislativas da ciência contábil.

A virada organizacional objetivou descrever os impactos das transformações tecnológicas nas atividades rotineiras dos profissionais contábeis e, consequentemente, no processo de formação acadêmico-profissional, sendo identificados os seguintes temas: **Impactos tecnológicos na formação; Contabilidade 4.0; Inteligência artificial.** Os subtemas da contabilidade 4.0 foram: perfil do contador; informatizar ou escriturar e morte da contabilidade. Essa virada é trilhada a concepção de que a contabilidade 4.0 é uma realidade já trilhada aos aspectos contábeis e que essa transformação contábil, para o cenário tecnológico, já demonstra que algumas demandas contábeis tendem a cair em desuso e que o perfil profissional tende a mudar para um aspecto mais consultivo.

Os subtemas dos impactos tecnológicos na formação foram: transformação educacional; novo perfil, nova formação; elementos estruturantes para a formação. Quando se tratou desses impactos do mundo 4.0 na formação contábil, foi visto que a educação terá que caminhar nesse cenário tecnológico e que os ensinamentos de habilidades mecânicas tenderão a cair devido à substituição destas por sistemas de informação tecnológica. Consequentemente, esses impactos trazem um novo fomento formativo a esses sujeitos, que agora dependem dessa formação que incentive a capacidade crítico-reflexiva, a usabilidade de sistemas de informação contábeis cotidianamente e a ascensão de conteúdos analíticos e gerenciais.

Os subtemas da inteligência artificial foram os impactos na didática e na transformação contábil. Para este, a inteligência artificial mostrou-se como um possível substituto de práticas contábeis escriturárias cujos impactos na formação foram nos sistemas de informação correlatos aos recursos práticos do curso; e que o uso de metodologias através da IA sejam mais elucidativas e permitam a economia de tempo na exibição de cada conteúdo e resolução de atividades.

Como resposta ao problema de pesquisa, infere-se que os impactos das viradas se voltaram para a ênfase das competências na formação contábil (virada linguística); à ascensão da formação contábil interpretativa (virada organizacional) e à queda do contador mecânico (virada organizacional). ~~Portanto~~ Constatou-se que o maior impacto dessa virada contábil é a

mudança do profissional mais técnico, mais pautado nas habilidades fiscais, para um profissional construtivo e que deve auxiliar na tomada de decisões.

A cada virada, os impactos demonstraram essas inferências que, conseqüentemente, podem impactar na formação contábil cuja mudança de perfil culmina numa mudança estrutural dessa formação. Outro ponto visto na virada linguística é que essa relação entre habilidade e conhecimentos se torna mais expressivo devido à ênfase nas habilidades mercadológicas no processo formativo e, com isso, a formação caminha para atender às mudanças organizacionais. Caso futuras mudanças organizacionais es estruturais venham a acontecer (como na internacionalidade e indústria 4.0), a formação terá que mudar totalmente, pois a realidade organizacional é outra.

As contribuições da pesquisa deram ênfase a uma educação contábil mais analítica e crítica cujos processos de formação devem e podem ser mais articulados com as práticas, evitando essas desproporcionalidades, seja nos conteúdos práticos ou teóricos. Outra contribuição se apresenta na virada histórica que ainda lança em pauta possíveis adaptações formativas a um fato que ocorreu em meados de 2007 e carece de novas abordagens para tornar o acadêmico mais afeiçoado com esses assuntos. Como assunto emergente, fica a ascensão atual da indústria 4.0 que trouxe à tona as lacunas de uma formação contábil pautada em tentar atender exclusivamente às necessidades do mercado, e que agora essa formação deverá observar aspectos gerencias e subjetivos para ajustar-se a um novo perfil profissiográfico da contabilidade.

Transparecer que a educação contábil procede de forma complexa às adaptações advindas das viradas é um fato que carece de múltiplos olhares e contribuições ao curso de ciências contábeis. Atentar-se às possibilidades de declínio profissional e de suas demandas resulta numa nova estruturação acadêmica, mas também faz com que as instituições observem as lacunas presentes fora da universidade e desnudem as internas.

Isso tudo gerou uma análise muito mais simbólica sobre como a educação contábil ainda tem a se aflorar mais e elucidar as múltiplas identidades e percepções paralelas a sua profissionalização. No decorrer deste estudo, houve algumas limitações, como a pouca inserção visual e física às estruturas físicas do curso.

Outro desafio, se não o maior, foi aplicar e analisar esta pesquisa no cenário de pandemia e, por isso, a mesma foi feita de modo virtual. Todavia, acredito que, caso a mesma fosse presencial, novas contribuições e achados poderiam surgir, pois a interação com os entrevistados poderia ser melhor.

Este estudo não se encerra aqui e deixo como sugestões para novas pesquisas a amplitude de se criar um olhar mais curricular e documental sobre as matrizes e documentos que regem os componentes educacionais do curso de contabilidade. Sugere-se também que as futuras pesquisas sobre a educação contábil sejam baseadas em perspectivas mais críticas e possa delinear historicamente esse caminho contábil, pautado em um mercantilismo profissional.

Assim, encerro aqui este relatório com a sensação de ter trazido contribuições à formação de contadores. Deixo, por fim, essa inferência trilhada como sujeito contributivo a esta pesquisa que os novos desenhos à formação contábil me permitem, como pesquisador, ter um novo olhar sobre a educação contábil e que sejam mais instigadas pesquisas que abordem uma contabilidade interpretativista, simbólica e crítica.

REFERÊNCIAS

ABBOTT, A. **The System of the professions an essay on the Division of Expert Labor**. Chicago, Illinois: University of Chicago, 1988.

ABRÃO, J. A. de M.; ROMANINI, A. V. Cuspe: a metáfora que vem de dentro e o processo de significação nas redes sociais, **Rumores**, v. 11, n. 21, p. 232-250, jul., 2017.

ALBRECHT, W.S.; SACK, R. J. Accounting Education: Changing the Course through a Perilous Future. **Accounting Education Series**, n.16, American Accounting Association, Saratosa, 2000.

ALMEIDA, F. S.; FAVARIN, A. M. Sistemas de Informações Gerenciais: o ambiente empresarial e o perfil do profissional de contabilidade. In: Congresso USP de Contabilidade e Controladoria, 7. , 2007, São Paulo, **Anais [...]**, São Paulo: USP, 2007.

ALVES, A. C. *et al.* Auditoria interna em uma empresa atacadista: um estudo de caso na percepção dos auditores e auditados quanto às práticas de auditoria interna. **RAGC**, v. 5, n. 18, 2017.

ANDERE, M. A.; ARAUJO, A. M. P. de. Aspectos da formação do professor de ensino superior de ciências contábeis: uma análise dos programas de pós-graduação. **Revista Contabilidade & Finanças**, [S. l.], v. 19, n. 48, p. 91-102, 2008.

ANDRADE, C. S. **O Ensino de Contabilidade Introdutória nas Universidades Públicas do Brasil**. 2002. 150 f. Dissertação (Mestrado em Controladoria e Contabilidade) - Universidade de São Paulo – USP, 2002.

ANGELIN, P. E. Profissionalismo e Profissão: Teorias Sociológicas e o Processo de Profissionalização no Brasil. **Revista Espaço de Diálogo e Desconexão (RED)**, v. 3, n. 1, 2010.

ARAÚJO, G. D. *et al.* Currículos e vínculos teoria-prática: reflexões no processo ensino-aprendizagem em um curso de graduação em Administração. **Revista DESENVOLVE: revista de gestão do Unilasalle**, Canoas, v. 3, n.2, 2014.

ARMOND, M. C.; AVELINO, B; C.; NASCIMENTO, E. M. A percepção de estudantes de cursos de Ciências Contábeis em relação ao ensino da disciplina contabilidade internacional à adoção das normas internacionais no Brasil. In: XI Congresso USP Iniciação Científica, São Paulo, SP, Brasil. **Anais [...]**, São Paulo/SP: 21 a 23 de julho de 2014.

BACHMANN, A. M. R. **Extensão universitária e inovação social: estudo em uma universidade de Santa Catarina**. 2016. Dissertação (Mestrado em Administração) - Fundação Universidade Regional de Blumenau, 2016.

BARBOSA, M. L. Renascimento do Profissionalismo: Teoria, Profecia e Política, de Elliot Freidson. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 14, n. 39, pp. 186-190, 1999.

BARCELOS, A. M. F. Crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas: Reflexões de uma década de pesquisa no Brasil. In: ALVAREZ, M. L. O.; SILVA, K. A. **Linguística Aplicada: Múltiplos Olhares – Estudos em homenagem ao Professor Dr. José Carlos Paes de Almeida Filho**. Campinas, SP: Pontes, p. 27-70, 2007.

BARROS, A. Uma narrativa sobre os cursos superiores em Administração da FACE/UFMG: dos primeiros anos à sua unificação em 1968. **Cad. EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 07-25, Mar.2014.

BARROS, A.; CARRIERI, A. P. O cotidiano e a história: construindo novos olhares na Administração. **Revista de Administração de Empresas**, v. 55, n. 2, p. 151-161, 2015.

BARROS, L. E. V.; CAPPELLE, N. C. A.; GUERRA, P. Symbolic Interactionism and Career Outsider: A Theoretical Perspective for Career Study. **REAd. Rev. eletrôn. adm.**, Porto Alegre, v. 25, n. 1, p. 26-48, abr. 2019.

BARROSO, A. V. L. T. A Virada Linguística e o Contextualismo Linguístico: contribuições teóricas para se pensar a história intelectual. **Revista de Teoria da História - Journal of Theory of History**, v. 14, n. 2, p. 170-182, 29 dez. 2015.

BEMFICA, M. F. C.; ARAÚJO, R. H. M.; SANTOS NETO, E. M.; BEMFICA, E. A. Convergências às Normas Internacionais e o Ensino da Contabilidade: uma análise sob a ótica dos coordenadores dos cursos de Ciências Contábeis de Pernambuco. **Revista de Auditoria Governança e Contabilidade**, v.4, n.12, p.44-59, 2016.

BISSARO, M. N.; NUNES, M. A. da C. Egressos do ensino superior das instituições de ensino privadas de São Mateus, ES: competências necessárias para o mercado de trabalho. **Educação por Escrito**, v. 6, n. 1, abr., 2015, 134-153, 2015.

BISSARO, M. N.; NUNES, M. A. C.; BISSARO. Egressos do ensino superior das instituições de ensino privadas de São Mateus, ES: competências para o mercado de trabalho. **Revista por escrito PUCRS**, v. 6, p. 134-153, 2015.

BLUMER, Herbert. **Symbolic Interactionism**. New Jersey: Ed. Prentice-Hall, 1969.

BOSCOV, C. P.; CARVALHO, L. N. G. Mudanças organizacionais observadas durante o processo de implementação das normas contábeis internacionais. **RCC, Revista Contemporânea de Contabilidade**, UFSC, Florianópolis, v. 13, n. 33, p. 26, 2017.

BOURDONCLE, R. La professionnalisation des enseignants: analyses sociologiques anglaises et américaines. **Révue Française de Pédagogie**. n. 94, 73-91, 1991.

BOYATZIS, R. E. **Transforming qualitative information**. Cleveland, OH: SAGE, 1998.

BOYCE, G. Critical accounting education: teaching and learning outside the circle. **Critical Perspectives on Accounting**, v. 15, n. 4–5, p. 565-586, 2004.

BRAGA, P. D. C.; PETERS, M. R. S. Uso da Tecnologia da Informação e Comunicação: estudo de caso no curso de Ciências Contábeis. **Revista Conhecimento Online**, Novo Hamburgo, v. 1, p. 16-37, 2019.

BRANDALISE, L. T. *et al.* O papel social da universidade no preparo profissional: uma pesquisa junto aos egressos de administração da Unioeste – Cascavel. **Revista Gestão Universitária na América Latina - GUAL**, v. 6, p. 176-196, 2013.

BRASIL. Conselho Federal de Contabilidade - CFC. **Mensagem a um futuro contabilista/** 6. ed. Brasília: CFC, 2002.

BRASIL. Conselho Federal de Contabilidade – CFC. **Resolução nº 774 de 16 de dezembro de 1994**. CFC, 1994. Disponível em: <http://www.portaldecontabilidade.com.br/legislacao/resolucao774.htm>. Acesso em: 15 mai. 2020.

BRASIL. Conselho Federal de Contabilidade. **Legislação da profissão contábil**. 3. ed., Brasília: CFC, 2008. Disponível em: <http://portalcfc.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2012/11/legislacao.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2020.

BRASIL. Conselho Federal de Contabilidade. **Resolução CFC n. 560 de 28 de outubro de 1983**. Dispõe sobre as prerrogativas profissionais de que trata o artigo 25 do Decreto-Lei 9.295, de 27 de maio de 1946. Rio de Janeiro, 1983. Disponível em: https://cfc.org.br/wp-content/uploads/2015/12/legis_profcontabil.pdf. Acesso em: 12 mai. 2020.

BRASIL. Conselho Federal de Contabilidade. **Resolução CFC nº 1.486 de 15 de maio de 2015**. Disponível em: www1.cfc.org.br/sisweb/SRE/docs/RES_1486.doc. Acesso em: 12 jan. 2020.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. **Resolução CNE/CES 10, de 16 de dezembro de 2004**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Ciências Contábeis, bacharelado, e dá outras providências. Disponível em: portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces10_04.pdf. Acesso em: 10 nov. 2019.

BRAUN, A. L. *et al.* Sistema Público de Escrituração Digital (Sped): como as principais universidades da grande Florianópolis estão preparando os acadêmicos para a Era Digital da Contabilidade? **Revista Científica E-Locução**, v. 5, p. 135-154, 2016.

BRAUN, V.; CLARK, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.

BRAZ, H. M. F. S.; BARRETO, L. M. S.; MESQUITA, I. M. História da Educação Contábil: abordagem sobre a escola de comércio conselheiro Orlando - Aracaju/Sergipe (1923-1944). In: 9º Encontro Internacional de Formação de Professores e 10º Fórum Permanente de Inovação Educacional, 2016, Aracaju. **Anais online** [...]. 9º Enfope, Aracaju-SE, 2016. v. 9. p. 1-10.

BREDA, Z. I. **Uma reflexão sobre os impactos da tecnologia na Contabilidade**. Conselho Federal de Contabilidade – CFC, *online*, 2019. Disponível em: <https://cfc.org.br/destaque/uma-reflexao-sobre-os-impactos-da-tecnologia-na-contabilidade/>. Acesso em: 25 jun. 2020.

BRUN, A. L.; DALL`ASTA, D.; DOTTO, M. L. G. Ferramenta Computacional de Apoio ao Ensino de Análise de Balanços. In: Convenção Estadual dos Contabilistas, 15, 2010, Cascavel-PR. **Anais** [...] eletrônicos. Cascavel: CRCPR, 2010.

BUENO, T.; ALVES, M.; VASQUES, F. F. Interacionismo Simbólico como ferramenta teórica e metodológica para o estudo no ciberespaço. **Razón y Palabra**, v. 21, n. 96, 456-475, 2017.

BURRELL, G.; MORGAN, G. **Sociological paradigms and organizational analysis**. London: Heinemann Educational Books, 1979.

CABELLO, G. M. K. *et al.* The 3120 +1G→A Splicing Mutation in CFTR Is common in Brazilian cystic fibrosis patients. **Hum. biol.**, Detroit, v.73, n. 3, p. 403-409, 2001.

CALAZANS, D. L. M. S. *et al.* Integrando a Extensão universitária ao Ensino e à Pesquisa em Administração: sistematização de experiência junto a indígenas à luz dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável. **Administração: Ensino e Pesquisa (RAEP)**, v. 20, p. 1-29, 2019.

CAMACHO, D. P. G. **A importância da formação contábil: um estudo com executivos de finanças**. 2019. 106 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis e Atuariais) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Contábeis e Atuariais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

CAPPELLE, M. C. A.; BORGES, C. L. P.; MIRANDA, A. R. A. Um Exemplo do Uso da História Oral como Técnica Complementar de Pesquisa em Administração. *In*: IV Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD, 2010, Florianópolis. **Anais [...]** do VI Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD.

CAPPELLE, M. C. A.; BORGES, C. L. P.; MIRANDA, A. R. A. **Um Exemplo do Uso da História Oral como Técnica Complementar de Pesquisa em Administração**. *In*: VI Encontro de Estudos Organizacionais da Anpad - EnEO, Florianópolis, 23 a 25 de maio de 2010. **Anais [...]**. Florianópolis-SC, 2010.

CARDOSO, J. L.; SOUZA, M. A.; ALMEIDA, L. B. Perfil do contador na atualidade: um estudo exploratório. **BASE - Revista de Administração e Contabilidade da UNISINOS**, v. 3, n. 3, p. 275-284, 2006.

CARNEIRO, J. D. *et al.* **Matriz curricular para cursos de ciências contábeis**. Brasília: Fundação Brasileira de Contabilidade, 2017.

CARRIERI, A. P. *et al.* Pesquisa Histórica em Administração: A (Re)Construção Identitária da Galeria do Ouvidor em Belo Horizonte (MG). **Revista de Ciências da Administração**, v. 18, n. 46, p. 9-22, 2016.

CARVALHO JUNIOR, R. L. E. **Estereótipo do profissional de contabilidade sob a ótica dos estudantes de cursos preparatórios para ingresso no ensino superior**. 2015. 159 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2015.

CARVALHO, V. D.; BORGES, L. O.; REGO, D. P. Interacionismo simbólico: origens, pressupostos e contribuições aos estudos em Psicologia Social. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 30, n. 1, p. 146-161, 2010.

CARVALHO, V. D. de. Interacionismo Simbólico: Origens, Pressupostos e Contribuições aos Estudos Organizacionais. **Administração: Ensino e Pesquisa**, v. 12, n. 4, p. 583-607, 31 dez., 2011.

CARVALHO, V. G.; LIMA, H. L. M.; MONTEIRO, R. A. Adoção do CPC PME – contabilidade para pequenas e médias empresas em escritórios de contabilidade de currais novos/RN. **RIC - Revista de Informação Contábil**. v. 12, n. 2, p. 1-15, Abr-Jun. 2018. ISSN 1982-3967.

CASAGRANDE, C. A. Interacionismo simbólico, formação do “self” e educação: uma aproximação ao pensamento de G. H. Mead. **Educação e Filosofia**, v. 30, n. 59, p. 375-403, nov., 2016.

CASSAN, C. C. A. **As principais mudanças na contabilidade do Brasil após a lei 11.638/2007 e o ensino do contador ante essas mudanças**. 2019. 77 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis e Atuariais) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Contábeis e Atuariais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

CHAER, G.; DINIZ, R. R. P.; RIBEIRO, E. A. A técnica do questionário na pesquisa educacional. **Revista Evidência**, v.7, n. 7, p. 251-266. Araxá- MG, 2011.

CLARKE, V. E.; BRAUN, V. Ensinando análise temática: superando desafios e desenvolvendo estratégias para a aprendizagem eficaz. **O psicólogo**, 26 (2). 120-123, 2013.

COELHO, D. W. C.; COELHO, D. J. C. Futuro da Profissão do Contador diante da Evolução Tecnológica e dos Riscos de Automação: Percepção dos Discentes do Curso de Ciências Contábeis da UFPE. In: XII Congresso UFPE de Ciências Contábeis, 2018, Recife. **Anais [...]** do Congresso UFPE de Ciências Contábeis, 2018.

COLIATH, G. C. A Contabilidade como Ciência Social e sua Contribuição para o Capitalismo. **Revista Eniac Pesquisa**, v. 3, p. 275-284, 2014.

CORNACHIONE JUNIOR, E. B. **Tecnologia da educação e cursos de ciências contábeis: modelos colaborativos virtuais**. Tese (Livre-Docência) Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2004.

CORREIA, S. L. A. **Representações sobre docência universitária de professores formadores de profissionais da contabilidade**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, Departamento de Educação. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

COSENZA, J. P.; LAURENCEL, L. da C. Análise epistemológica da valoração como constructo para decisões estratégicas: óticas contábil e econômica. **Enfoque: Reflexão Contábil**, v. 30, n. 3, p. 60-78, 2 dez. 2011. doi: 10.4025/enfoque.v30i3.13117.

COSENZA, J. P. Perspectivas para a profissão contábil num mundo globalizado – um estudo a partir da experiência brasileira. **Revista Brasileira de Contabilidade**, v. 30, n. 130, Julho-Agosto, 2001, p. 43-63.

COUTO, F. F.; HONORATO, B. E. F.; SILVA, E. R. Organizações Outras: Diálogos entre a Teoria da Prática e a Abordagem Decolonial de Dussel. **Rev. adm. contemp.**, Curitiba, v. 23, n. 2, p. 249-267, Mar. 2019.

CUNHA, F. de M.; NASCIMENTO, F. L. do; NASCIMENTO, R. S.; TIOSSI, F. M.. A Internacionalização da Contabilidade no Brasil. **Revista Organizações e Sociedade – Multidisciplinar**, Iturama (MG), v. 4, n. 1, p. 19-35, jan./jun., 2015.

CUNHA, L. C.; VOGT, M.; BIAVATTI, V. T. Contribuições do Trabalho de Conclusão de Curso e do Estágio Curricular para a aprendizagem: percepção dos alunos dos cursos de Ciências Contábeis. **Contabilidade Vista & Revista**, v. 26, n. 1, p. 57-78, 2015.

CZESNAT, A. O.; CUNHA, J. V. A.; DOMINGUES, M. J. C. S. Análise comparativa entre os currículos dos Cursos de Ciências Contábeis das universidades do Estado de Santa Catarina listadas pelo MEC e o currículo mundial proposto pela ONU/Unctad/Isar. **Gestão & Regionalidade**, v. 25, n. 75, art. 64, p. 22-30, 2009.

DA SILVA, E. B. **Análise comparativa das instituições privadas de ensino**: estudo sobre as matrizes curriculares dos cursos de ciências contábeis do estado de São Paulo com maior aprovação no exame de suficiência do Conselho Federal de Contabilidade. 2019. 96 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis e Atuariais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

DA SILVA, E. B. **Profissional frente às Demandas do Mundo do Trabalho**: limites e possibilidades da pedagogia das Competências. 2015. 91 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2015.

DA SILVA, S. C. Currículos dos cursos de Contabilidade: discussão em uma perspectiva educacional moderna e pós-moderna. **Enfoque: Reflexão Contábil**, v. 34, n. 2, may-ago., 2015, pp. 15-36.

DANTAS, M. V. A. *et al.* Impacto da Implantação do eSocial nas Rotinas de Escrituração Contábil dos Escritórios de Contabilidade em Aracaju. *In: Congresso de Gestão, Negócios e Tecnologia da Informação – 2º CONGENTI*, Aracajú, 2018, Anais [...], Aracajú, 2018.

DE MELO, M. M. R.; VALLE, I. R. Socialização e Socialização Profissional: Interface entre forjar e negociar outro ser. **Roteiro**, v. 38, n. 1, p. 79-102, abr. 2013.

DEGENHART, L.; VOGT, M.; BIAVATI, V. T. A Efetivação do Perfil do Egresso das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Ciências Contábeis na Percepção dos Acadêmicos. *In: V Congresso UFSC de Controladoria e Finanças e Iniciação Científica em Contabilidade*, Santa Catarina, 2014. **Anais [...]**, Santa Catarina, 2014.

DENZIN, N. K. The research act. *In: MANIS, J. G.; MELTZER, B. N. Symbolic interaction: a reader in social psychology*. 2. ed. Boston: Allyn and Bacon, 1972.

DIEHL, F. L. de O. **Sentidos de liberdade em Hobbes**. 2015. Tese (Doutorado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

DINIZ, M. T. M.; VASCONCELOS, F. P.; MAIA-VASCONCELOS, S. M.; ROCHA, G. C. Utilização de Entrevistas Semiestruturadas na Gestão Integrada de Zonas Costeiras: o Discurso do Sujeito Coletivo como Técnica Auxiliar. **Revista Scientia Plena**, v. 7, n. 1, 2011, 8p.

DUARTE, A. M. P.; SAUR-AMARAL, I. A.; AZEVEDO, G. M. C. Processo de Convergência e Adoção das IFRS: Estudo de Caso do Brasil. **Sociedade, Contabilidade e Gestão**, v. 15, n. 2, p. 40-62, 2020.

DUBAR, C. A construção de si pela atividade de trabalho: a socialização profissional. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v. 42, n. 146, p. 351-367, Aug. 2012.

DUBAR, C. **A Socialização. Construção das Identidades Sociais e Profissionais**. Porto: Porto Editora, 1997.

DUBAR, C. **A socialização. Construção das identidades sociais e profissionais**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DUPAS, G.; OLIVEIRA, I. de; COSTA, T.N.A. A importância do interacionismo simbólico na prática de enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v.31, n.2, p. 219- 26, 1997.

DURAND, T. Forms of incompetence. *In*: Fourth International Conference on Competence-Based Management, 1998, Oslo. **Proceedings [...]**, Oslo: Norwegian School of Management, 1998.

ENNES, M. Os fatores de risco real nas atividades de montanhismo. **Cadernos UniFOA**, n.21, p.37-52, 2013.

ESPEJO, M. *et al.* Evidências empíricas do ensino no curso de ciências contábeis: uma análise das respostas às alterações provenientes da Lei 11.638/07. **Revista de Contabilidade do Mestrado em Ciências Contábeis da UERJ**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p.22-39, 2010b.

EYERKAUFER, M. L.; FIETZ, E. E.; DOMINGUES, M. J. Tecnologia da Informação no Ensino da Contabilidade: estudo realizado em duas instituições do estado de Santa Catarina. *In*: Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia, 3.; 2006, Resende-RJ. **Anais [...]** eletrônicos. Resende-RJ: AEDB, 2006.

FARIA, A. C.; QUEIROZ, M. R. B. Demanda de profissionais habilitados em contabilidade internacional no mercado de trabalho da cidade de São Paulo. **Revista Universo Contábil**, Blumenau, v. 5, n. 1, p. 55-71, jan./mar. 2009.

FARIA, C.T.A.; SILVA, D. M. Adoção do CPC PME: contabilidade para pequenas e médias empresas. **Revista de Contabilidade da UFBA**, v. 8, n.3, p.75-91, set-dez. 2014.

FEITOSA, E. B. **A importância da formação profissional complementar de discentes do ensino superior como subsídio à inserção no mercado de trabalho**. 2018. 84 f. Dissertação (Mestrado em Administração de Empresas) - Universidade de Fortaleza, Programa de Mestrado Profissional em Administração, Fortaleza, 2018.

FERRAZ, A. P. C. M.; BELHOT, R.V. Taxonomia de Bloom: revisão teórica e apresentação das adequações do instrumento para definição de objetivos instrucionais. **Gestão & Produção**, São Carlos, 17(2), pp. 421-431, 2010.

FERREIRA, L. B. G. R. **Formação na área contábil**: docência, inovação e seus recursos. 2019. 128 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Novas Tecnologias) – Centro Universitário Internacional Uninter. Curitiba, 2019.

FISCHER, T.; WAIANDT, C.; SILVA, M. R. Estudos organizacionais e estudos curriculares: uma agenda de convergência entre o passado e o futuro de campos paralelos. **Organ. Soc.**, Salvador, v. 15, n. 47, p. 175-193, Dec. 2008.

FLECK, F. O. **A identidade como narrativa**: histórias de contadores de histórias em Santa Catarina. 2018. 213 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Educação, Programa Pós-Graduação em Ciência da Informação, Florianópolis, 2018.

FLEURY, M. T.; FLEURY, A. Construindo o Conceito de Competência. **Revista de Administração Contemporânea** v. on-line, v.5. Curitiba, 2001.

FOUCAULT, M. **Histoire de la folie à l'âge classique**. 2ème éd. Paris: Gallimard, 1972.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1977.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

FREIDSON, E. Para uma análise comparativa das profissões: a institucionalização do discurso e do conhecimento formais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, n.31, ano 11, p.141-154, jun. 1996.

FREITAS SILVA, G. R. *et al.* Entrevista como técnica de pesquisa qualitativa. **Online Brazilian Journal of Nursing**, v. 5, n. 2, pp. 246-257, 2006.

FONTELES, I. V.; OLIVEIRA, M. C.; ALMEIDA, S. R. Medidas adotadas pelas IFES brasileiras visando à qualificação docente e a adequação de conteúdos com as novas práticas contábeis. In: Congresso USP de Iniciação Científica, 8., 2011. **Anais [...]** Congresso USP de Iniciação Científica, 2011.

FRANCO, G.; FARIA, R. O. P.; MACIEL, A. L. M.; DUARTE, S. Contabilidade 4.0: análise dos avanços dos sistemas de tecnológica da informação no ambiente contábil. **Cafi**, v. 4 n. 1, p. 55 – 73, 2020.

FREY, C. B.; OSBORNE, M. A. The future of employment: how susceptible are jobs to computerisation? **Technological Forecasting and Social Change**, 114, 254–280. Elsevier, 2017.

FREZATTI, F.; AGUIAR, A. B.; WANDERLEY, C. A.; MALAGUEÑO, R. A pesquisa em contabilidade gerencial no Brasil: Desenvolvimento, dificuldades e oportunidades. **Revista Universo Contábil**, v. 11, n. 1, p.47-68, 2015.

GAGNÉ, R. M.; BRIGGS, L. J.; WAGER, W. W. **Principles of instructional design**. Orlando, Flórida: Holt, Rinehart and Winston, 1988.

GALLAGHER, S. A. The role of problem-based learning in developing creative expertise. **Asia Pacific Education Review**, 16 (2), 225-235, 2015.

GATTI, B.; ANDRÉ, M. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em Educação no Brasil. In: **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática**, [S.l.], 2010.

GERON, C. M. S. **Evolução das práticas contábeis no Brasil nos últimos 30 anos: da Lei 6.404/76 à Lei 11.638/07**. 2008. Dissertação (Mestrado em Controladoria e Contabilidade) – Departamento de Contabilidade e Atuária da Universidade de São Paulo, São Paulo. 2008.

GIANOTO JÚNIOR, N. **Percepção do corpo discente de graduação em Ciências Contábeis sobre a importância das competências em Tecnologia da Informação: Um estudo em duas instituições de ensino superior públicas do Rio de Janeiro**. 2007. 136 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GODOI, C. K. *et al.* (org.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Saraiva, 2006.

GOMES, C. C. M.; ALVES, M. E. O papel dos contadores frente aos desafios da era digital: com enfoque na implantação da NF-E em Tangará da Serra - MT. **Revista UNEMAT de Contabilidade**, v. 1, p. 1, 2012.

GOMES, E. O. **A constituição do sujeito-administrador**. 2012. 102 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2012.

GRAMIGNA, Maria Rita. **Gestão por Competência: Metodologia de Implantação**, 2002.

GUEDES, H. T. V.; GUEDES, J. C. Avaliação, pelos Estudantes, da Atividade “Trabalho de Conclusão de Curso” como Integralização do Eixo Curricular de Iniciação à Pesquisa Científica em um Curso de Medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 36, n. 2, p. 162-171, 2012.

GUNEY, A. The Process of Long-Term Training in Accounting (for Turkey). **Procedia Social and Behavioral Sciences**, v. 46, p. 2738-2741, 2012.

HATSCHBACH OURIQUE, M. L.; LUDWIG, C. Educação e formação na virada linguística. **Revista Iberoamericana de Educación**, 53(4), 1-10, 2010.

HOQUE, Z. *et al.* **The routledge companion to qualitative accounting research methods**. New York: Routledge, 2017.

HUGHES, E. C. Métiers modestes et professions prétentieuses: l'étude comparative des métiers. In: **Le regard sociologique**. Textes choisis et traduits par Jean Michel Chapoulie. Paris: L'ehess, 1996. p. 123-136.

HUGHES, E. C. **The sociological eye**. New Brunswick: Transaction Publishers, 1992.

IFAC. International Federation of Accountants. **An Overview of the International Accounting Education Standards Board**, 2015. Disponível em: <http://www.ifac.org/system/files/uploads/IAESB/IAESB-Fact-Sheet-20152.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2020.

IFAC. International Federation of Accountants. **Handbook of International Education Pronouncements**. 2014, Edition. Disponível em: <https://www.iaesb.org/publications/2014-handbook-international-education-pronouncements-2>. Acesso em: 15 mar. 2020.

IKUNO, L. M.; NIYAMA, J. K.; BOTELHO, D. R.; SANTANA, C. M. Contabilidade internacional: uma análise da produção científica nos principais periódicos internacionais da área - 2000 a 2009. **Revista de Contabilidade e Organizações**, [S. l.], v. 6, n. 15, p. 142-163, 2012.

ITELVINO, L. S. A Ética de Paulo Freire na Formação do aluno de Administração de Empresas. In: IV Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia, 2007, Resende - Rio de Janeiro. **Anais [...]**, Resende - RJ, 2007.

IUDÍCIBUS, S. de; MARTINS, E.; CARVALHO, L. N. Contabilidade: aspectos relevantes da epopéia de sua evolução. **Revista Contabilidade & Finanças**, [S. l.], v. 16, n. 38, p. 7-19, 2005.

JACOMOSSI, F. A.; BIAVATTI, V. T. Normas internacionais de educação contábil propostas pelo *International Accounting Education Standards Board*. **Revista Evidenciação Contábil & Finanças**, João Pessoa, v.5, n.3, p.57-78, set./dez. 2017. ISSN 2318-1001.

JOHNSON, B. G.; PHILLIPS, F.; CHASE, L. G. An intelligent tutoring system for the accounting cycle: Enhancing textbook homework with artificial intelligence. **Journal of Accounting Education**, 27(1), 30-39, 2009.

KARLINSKI, L. F.; BIANCHINI, E.C. O Perfil do Profissional Contábil e sua Adaptação à Padronização às Normas Internacionais de Contabilidade em Tangará da Serra-MT. **Revista UNEMAT de Contabilidade**, v. 3, n. 5, 2014.

KRAMER, M. *et al.* Impact of residency programs on professional socialization of newly licensed registered nurses. **Western journal of nursing research**, v. 35, n. 4, p. 459-496, 2013.

KROEFF, M. S. *et al.* Sociologia das profissões e o profissional da informação. **Comunicação & Informação**, n. 3, v. 20, p. 18-33, 2017.

KRUGER, S. D. *et al.* O perfil desejado dos egressos dos cursos de ciências contábeis das Universidades de Santa Catarina. **Revista Catarinense da Ciência Contábil**, v. 12, n. 34, p. 40-52, 2013.

LAFFIN, M. De contador a professor: a trajetória da docência no ensino superior de contabilidade. 2002. 203 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

LAFFIN, M. Graduação em Ciências Contábeis - a ênfase nas competências: contribuições ao debate. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, v. 23, n. 78, p. 1-30, 2015.

LAFFIN, M.; CASTRO, C. C. T. Professional practice perspectives of the UFSC accounting sciences students. **Revista de Gestão, Finanças e Contabilidade**, v. 5, p. 58-76, 2015.

LAIGNIER, P.; FORTES, R. *Introdução à História da Comunicação*. Rio de Janeiro: E-papers, 2009.

LAMES, L. C. J. **Docência no ensino superior**: o uso das mídias digitais como estratégia pedagógica. 2011. Dissertação de mestrado, FECAP, São Paulo, 2011.

LANGONI, C. A. F. Uma Visão da Contabilidade no Brasil. **Informativo do CRC – ES**, junho, 2010.

LEAL, E. A.; SOARES, M. A.; SOUSA, E. G. Perspectivas dos formandos do curso de ciências contábeis e as exigências do mercado de trabalho. **Revista Contemporânea de Contabilidade**, v. 5, n. 10, p. 147-159, 2008.

LEITE, I. F.; *et al.* Compreensão de Docentes dos Cursos de Graduação em Ciências Contábeis acerca da Estrutura Conceitual Básica. **HOLOS**, Ano 34, v 1, 2018. ISSN: 18071600.

LEITE, M. T.; GONCALVES, L. H. T. A enfermagem construindo significados a partir de sua interação social com idosos hospitalizados. **Revista Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 108-115, jan./mar., 2009.

LEME, R. **Avaliação de desempenho com foco em competência**: a base para remuneração por competências. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2015.

LIMA, A. N. **Análise do processo de julgamentos contábeis por discentes concluintes do curso de Ciências Contábeis**. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis e Atuariais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2019.

LIMA FILHO, R. N.; BRUNI, A. L. **Aprendizado autorregulado em contabilidade**: diagnóstico, dimensões e explicações. In: XXXVI Enanpad, Rio de Janeiro. **Anais [...]**, Rio de Janeiro, 2012.

LIMA, T. B.; SILVA, A. B. O Ambiente Estrutural e Institucional do Ensino de Administração na Região Nordeste do Brasil. **Administração: Ensino e Pesquisa**, v. 18, n. 2, p. 231-269, 2017.

LINDEN, L. L. Sociologia das profissões: análise do desenvolvimento da profissão de arquivista no Brasil. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 22, p. 227, 2017.

LOPES, A. B.; MARTINS, E. **Teoria da contabilidade**: uma nova abordagem. São Paulo: Atlas, 2005.

LOPES, C. H. A. de F.; JORGE, M. S. B. Interacionismo simbólico e a possibilidade para o cuidar interativo em enfermagem. *Rev. Esc. Enferm. USP*, v. 39, n. 1, p.103-108, mar., 2005.

MADRUGA, S. R.; COLOSSI, N.; BIAZUS, C. A. Funções e competências gerenciais do contador. **Revista de Administração da Universidade Federal de Santa Maria**, v. 9, n. 2, p. 182-191, 2016.

MAIA, K. I. C. **O ensino de julgamento e tomada de decisão nos cursos de graduação em ciências contábeis no Brasil**. 2012. 133 f. (Mestrado em Administração) Mestrado Profissional Executivo em Gestão Empresarial – Escola Brasileira de Administração Pública e Empresas – EBAPE – FGV, Rio de Janeiro, 2012.

MAIA-VASCONCELOS, S. **Clínica do discurso**: a arte da escuta. Fortaleza: Premium, 2005.

MANUEL, K. B.; SILVA, A. C. R.; CRUZ, T. S.; CAVALCANTI, I. T. N. Metodologias de Ensino em Contabilidade: Percepção de Discentes Brasileiros e Angolanos. **Revista de Administração e Contabilidade da Faculdade Anísio Teixeira**, v. 10, n. 3, 2-18, 2018.

MARIN, T. I. S.; DE LIMA, S. J.; CASA NOVA, S. P. C. Formação do Contador – o que o Mercado quer, é o que ele tem? Um Estudo sobre o Perfil Profissional dos Alunos de Ciências Contábeis da FEA-USP. **Contabilidade Vista & Revista**, 25(2), 59-83, 2015.

MARION, J. C. **Contabilidade Empresarial**. 17. ed. São Paulo: Atlas, 2015.

MARQUES, L.; BIAVATTI, B. T. Estratégias aplicadas no ensino da Contabilidade: evidências dos planos de ensino de uma universidade pública. **Revista Gestão Universitária na América Latina - GUAL**, v. 12, n. 2, 24-47, 2019.

MARTINS, G. A.; THEÓPHILO, C. R. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MARTINS, J. D. M. **Contribuição da metodologia Problem-Based Learning (PBL) para o desenvolvimento das habilidades e competências requeridas ao profissional contábil**. 2017. 115 f. Tese (Doutorado em Ciências Contábeis) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN, 2017.

MATIAS, E. P. **Profissão Contábil**: Perspectivas dos Discentes da Faculdade de Ciências Contábeis da UNIRV. 2017. Monografia apresentada no Curso de Ciências Contábeis, Universidade de Rio Verde, Rio Verde, 2017, p. 55.

MAZZIONI, S. As estratégias utilizadas no processo de ensino-aprendizagem: Concepções de alunos e professores de ciências contábeis. **Revista Eletrônica de Administração e Turismo-ReAT**, v. 2, n. 1, p. 93-109, 2013.

MEIRELLES, W; BIANCHI, M; NEUMANN, M. Desempenho Acadêmico dos Discentes de Ciências Contábeis nas Modalidades de Ensino a Distância e Presencial em uma Instituição de

Ensino Superior do Rio Grande do Sul. In: XLIII Encontro da ANPAD - EnANPAD 2019, Universidade Mackenzie. **Anais** [...], São Paulo, 2019.

MELO, W. V. de; BIANCHI, C S. Discutindo estratégias para a construção de questionários como ferramenta de pesquisa. **Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia**, v. 8, n. 3, 2015.

MENDONÇA, J. R. C. Interacionismo Simbólico: uma sugestão metodológica para a pesquisa em Administração. **Revista Read**. Ed. 26, v. 8, n. 2, mar-abr. 2002.

MIGUEL, L. A. P.; POPADIUK, S. A semiótica do compartilhamento de conhecimento tácito: um estudo sob a perspectiva do interacionismo simbólico. **Cad. EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v.17, n. 3, p. 460-473, Sept. 2019.

MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 9-29.

MINTEGUI, E. M. **Archivists: An Analysis Under The Bias Of Sociology Of The Professions**. 2014. 78 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.

MOHAMED, E. K. A.; LASHINE, S. F. Accounting knowledge and skills and challenges of a global business environment. **Managerial Finance**, v. 29, n. 72, p. 3-16, 2003.

MONFREDINI, I. Tensões ao redor da formação de sujeitos na universidade. Edição Especial Temática: Universidades: desafios e perspectivas na contemporaneidade. **Sinop**, v. 7, n. 1 (18. ed.), p. 37-58, jan./maio 2016.

MORAIS, M. M. de; CAMPOS, G. M. Nível de aderência do mercado profissional contábil da região metropolitana de Vitória-ES aos padrões propostos pelo ISAR/UNCTAD. **Revista de Informação Contábil (UFPE)**, v. 9, p. 1-21, 2015.

MOREIRA, D. O. **Pedagogia das Competências e Escolas Estaduais de Educação Profissional do Ceará: educando para o mercado**. 2017. 124 f. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) - Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Fortaleza, 2017.

MOREIRA, J. A. P. **Entre a Teoria, a Prática e a Tecnologia: relação entre o saber teórico e o saber prático no contexto da formação contábil**. 2013. 189 f. Dissertação (Mestrado em Gestão em Organizações Aprendentes), Universidade Federal da Paraíba - UFPB, João Pessoa, 2013.

MORGAN e SMIRCICH, L. The case for qualitative research. **Academy of Management Review**. v. 5, n. 4, 1980. p. 491-500.

MOURA, J. E.; SCHMIDT, C. M. Gestão de egressos no ensino superior: construção teórica e o caso do curso de graduação em secretariado executivo da Unioeste-PR. **Revista Expectativa**, v. 15, n. 15, 2016.

MURCIA, F. C. S. *et al.* Accounting undergraduate curriculum: a comparison between Brazil, the USA and the UK. **International Journal of Auditing Technology**, v. 2, n. 3, p. 269-287, 2015.

NEPOMUCENO, V. **A contabilidade como instrumento de entronização do capitalismo contemporâneo**. 2020. 180 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020.

NEPOMUCENO, V. As partidas dobradas nos EUA: discussões e tendências. **Revista Teuken Bidikay**, v. 6, p. 41-62, 2015.

NICOLINI, A. M. **A Graduação em Administração no Brasil: Uma Análise das Políticas Públicas**. 2000. 109 f. Dissertação (Mestrado em Administração Pública) - Escola Brasileira de Administração Pública, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2000.

NOLLI, J. G.; MAZZIONI, S.; BAÚ DAL MAGRO, C. Percepção de Estudantes e Egressos de Ciências Contábeis sobre a Adesão das Empresas Brasileiras às IFRS. **Revista Ambiente Contábil** - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, v. 10, n. 2, p. 228-247, 15 jun. 2018. ISSN 2176-9036.

OLIVEIRA, J. C. P. *et al.* O questionário, o formulário e a entrevista como instrumentos de coleta de dados: vantagens e desvantagens do seu uso na pesquisa de campo em ciências humanas. In: III Congresso Nacional de Educação – CONEDU. Natal, 2016. **Anais [...]**, Natal –RN, 2016.

OLIVEIRA, M. A. D. **Desafios do profissional contábil: uma análise sob a ótica da participação dos clientes na prestação de serviços de contabilidade**. 2019. Monografia apresentada no curso de ciências contábeis, Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, 2019, p. 44.

OLIVEIRA, M. R. de. **O status social do contador no Brasil**. 2015. 101 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2014.

OLIVEIRA, P. W. S. de. Construção de identidades profissionais: da formação profissional à vivência da inserção no mercado de trabalho. **Revista LABOR**, n.6, v.1, 2011.

OLIVEIRA, T.C; CRUZ, C. F.; BUFONI, A. L. A percepção de docentes acerca da contribuição da filosofia para a formação do contador no Brasil sob a vigência das Financial Reporting Standards (IFRS). **Revista Contemporânea de Contabilidade**, Florianópolis, v. 16, n. 41, p. 44-62, dez. 2019.

OLIVEIRA NETO, J. D.; CHACAROLLI, O. A honestidade acadêmica de professores e alunos de contabilidade. In: Congresso USP de Controladoria e Contabilidade, 10, 2010. São Paulo, **Anais [...]**, São Paulo: USP, 2012.

OLIVEIRA, L. M. de; PEREZ JR., J. H.; SILVA, C. A. S. **Controladoria Estratégica**. Atlas, 2011.

ORO, I. M. *et al.* Egressos em Ciências Contábeis: análise do desenvolvimento profissional sob o enfoque da Teoria do Capital Humano. **Revista Universo Contábil**, v. 6, n. 4, p. 35-49, 2010.

OTT, E. *et al.* Relevância dos conhecimentos, habilidades e métodos instrucionais na perspectiva dos estudantes e profissionais da área contábil: estudo comparativo internacional. **Revista Contabilidade & Finanças (Online)**, v. 22, p. 1-1, 2011.

OURIQUE, M. L.; LUDWIG, C. Educação e formação na virada linguística. **Revista Iberoamericana de Educación**, 53(4), 1-10, 2010.

PARASURAMAN, A. **Marketing research**. 2. ed. Addison Wesley Publishing Company, 1991.

PATTUSSI, J. S. Atuação Profissional do Estudante e do Bacharel Formado em Ciências Contábeis pelo Centro Universitário Univates. 2015. Monografia do Curso de Ciências Contábeis, do Centro Universitário Univates, Lajeado, maio de 2015, p. 83.

PAULA, L. P. D. *et al.* Inovações em processos de tecnologia: um estudo de caso em uma empresa de contabilidade da cidade do Natal/RN. **Holos**, Natal, v. 6, p. 196-209, 2015.

PAULO, E.; CARVALHO, L. N. G.; GIRÃO, L. F. A. P. Algumas Questões Sobre a Normatização Contábil baseada em Princípios, Regras e Objetivos. **Revista Evidenciação Contábil & Finanças**, v. 2, n. 2, p. 24-39, mai./ago., 2014.

PELEIAS, I. R., PETRUCCI, V. B. C. As estratégias de ensino aplicáveis às Ciências Contábeis: uma proposta de reavaliação. *In: Congresso Brasileiro de Contabilidade*, 17, Santos, 2004. **Anais [...]**, Brasília: CFC, 2004.

PELEIAS, I. R.; SILVA, G. P. da; SEGRETI, J. B.; CHIROTTO, A. R. Evolução do ensino da contabilidade no Brasil: uma análise histórica. **Revista Contabilidade & Finanças**, [S. l.], v. 18, n. spe, p. 19-32, 2007.

PEREIRA, J. C. *et al.* A curricularização da extensão universitária no curso de ciências contábeis de uma instituição de ensino superior comunitária. **Contexto**, v. 19, p. 1-12, 2019.

PEREIRA, R. C. M. *et al.* Pesquisa Qualitativa em Contabilidade: Um Panorama de sua Evolução no Congresso ANPCONT à luz da Literatura Internacional. **Revista Contemporânea de Contabilidade**, v. 16, n. 41, p. 204-224, 2019.

PERRENOUD, P. **Construir**: as competências desde a escola. Porto Alegre: Artmed, 1999.

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar**: convite à viagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

PHILLIPS, B.S. **Pesquisa Social**. Rio de Janeiro: Agir, 1974.

PINTO, M. D. F. **Desvelando a construção das diferenças de gênero nas experiências de contadores/as e auditores independentes em Sergipe**. 2017. 215 f. Tese (Doutorado em

Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão-SE, 2017, p. 216.

PIRES, C. B.; OTT, E.; DAMACENA, C. “Guarda-Livros” ou “Parceiros de Negócios”? Uma Análise do Perfil Profissional Requerido pelo Mercado de Trabalho para Contadores na Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA). **Contabilidade Vista e Revista**, Belo Horizonte, v. 20, n. 3, pp. 157-187, jul./set. 2009.

PIRES, C. B.; OTT, E.; DAMACENA, C. A formação do Contador e a demanda do mercado de trabalho na Região Metropolitana de Porto Alegre (RS). **BASE - Revista de Administração e Contabilidade da UNISINOS**, 7(4), 315-327, 2010.

POCOCK, J. G. A. **Linguagens do Ideário Político**. São Paulo: Edusp, 2003.

PONTES, E. S. *et al.* Socialização Profissional: Aspectos da Formação Acadêmica em Secretariado Executivo. **Gestão.Org - Revista Eletrônica de Gestão Organizacional**, v. 16, n. 1, p. 87-100, 2018.

QUEVEDO, B. R.; PATINO, R. D. Contador de Formação Subsistema na Colômbia e México. **REV. FAC. CIENC. ECON.**, v. XXIII (1), 87-102, Jun. 2015.

REIS, A. de O.; SEDIYAMA, G. A. S.; MOREIRA, V. de S.; MOREIRA, C. C. Perfil do Profissional Contábil: Habilidades, Competências e Imagem Simbólica. **Revista Contemporânea de Contabilidade**, [S. l.], v. 12, n. 25, p. 95-116, 2015.

RESENDE, H. (org). **Michel Foucault: a arte neoliberal de governar e a educação**. São Paulo: Intermeios; Brasília: Capes/Cnpq, 2018.

RODRIGUES, M. L. **Sociologia das Profissões**. Oeiras: Celta, 2002.

ROJAS, W. R.; GARCES, G. R. Humanidades e formação de contabilidade: uma relação necessária para digitalizar uma reorientação da profissão contábil. sq. **Contab. / Bogotá, Colômbia**, 16 (40): 261-276 / janeiro-abril, 2015.

SÁ, A. L. de. A nova realidade contábil e a concepção científica do neopatrimonialismo como ação intelectual além da inteligência artificial. **Revista Brasileira de Contabilidade**, [S.l.], n. 133, p. 46-55, ago., 2011.

SÁ, A. L. de. **Teoria da contabilidade**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

SANTOS, D. F. *et al.* Perfil do profissional contábil: estudo comparativo entre as exigências do mercado de trabalho e a formação oferecida pelas instituições de ensino superior de Curitiba. **Revista Contemporânea em Contabilidade**, v. 8, n. 16, p. 137-152, 2011.

SACOMANO, J. B.; SÁTYRO, W. C.; GONÇALVES, R. F.; BONILLA, S. H. SILVA, M. T. **Indústria 4.0: Conceitos e Fundamentos**. São Paulo: Editora Blucher, 2018.

SAKURAI, R.; ZUCHI, J. D. As Revoluções Industriais até a Indústria 4.0. **Revista Interface Tecnológica**, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 480-491, 2018.

SANTIAGO JUNIOR, F. H. F. A virada e a imagem: história teórica do pictorial/iconic/visual turn e suas implicações para as humanidades. **An. mus. paul.**, São Paulo, v. 27, e08, 2019.

SANTOS, A. C. D.; STAROSKY FILHO, L.; KLANN, R. C. Efeitos do processo de convergência às normas internacionais de contabilidade no value relevance das demonstrações contábeis de organizações brasileiras. **Revista Contemporânea de Contabilidade**, v. 11, n. 22, p. 95-118, 2014.

SANTOS, B. P. *et al.* Indústria 4.0: Desafios e Oportunidades. **Revista Produção e Desenvolvimento**, v.4, n.1, p.111-124, 2018.

SANTOS, D. G. *et al.* Formação acadêmica em ciências contábeis e sua relação com o mercado de trabalho: a percepção dos alunos de Ciências Contábeis de uma Instituição Federal de ensino Superior. In: **XI CONGRESSO CIENTÍFICO USP DE CONTABILIDADE**, Anais do XIV Congresso USP de Controladoria e Contabilidade; São Paulo, 2014.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D. de; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, [S. l.], v. 1, n. 1, 2009.

SANTOS, K. C. S.; SANTOS, L.; SILVA, A. C. R. O profissional contábil e o mercado de trabalho em Salvador. **Revista de Iniciação Científica**, v. 2, n. 1, p.162-178, 2015.

SANTOS, T. M. O. **As percepções sobre a necessidade de mudança no ensino da profissão contábil frente aos avanços tecnológicos**: um estudo de caso em uma instituição de ensino privada da cidade de São Paulo. 2019. 87 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis e Atuariais) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Contábeis e Atuariais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

SCHMIDT, P.; GASS, J. DE M. Estudo Comparativo entre a História da Contabilidade Tradicional e a sua nova História. **Ciência & Trópico**, v. 42, n. 2, 22 ago. 2018.

SEBOLD, M. *et al.* Evolução da contabilidade brasileira: do governo eletrônico ao sistema público de escrituração digital. **Enfoque: Reflexão Contábil**, v. 31, n. 2, p. 23-32, 2 ago. 2012.

SILVA, E. H.; SILVA NETO, I.; CERQUEIRA, C. A. X. **Evolução e teoria da contabilidade**: análise da concepção acadêmica à luz da ciência contábil. Faculdade de Pimenta Bueno – FAP, Rondônia, 2015.

SILVA, B. A. C. *et al.* Profissão Contábil: Estudo das Características e sua Evolução no Brasil. [s.l.], 2011.

SILVA, B. N.; SANTANA, C. L. **Formação Acadêmica em Ciências Contábeis e sua Relação com o Mercado de Trabalho**: a percepção dos alunos de Ciências Contábeis de uma Instituição do Ensino Superior. 2016. Monografia Apresentada no Curso de Ciências Contábeis do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal Fluminense, Volta Redonda, 2016, p. 24.

SILVA, E. B. D. **Análise Comparativa das Instituições Privadas de Ensino:** Estudo sobre as Matrizes Curriculares dos Cursos de Ciências Contábeis do Estado de São Paulo com maior aprovação no Exame de Suficiência do Conselho Federal de Contabilidade. 2019. 96 f. Mestrado em Ciências Contábeis e Atuariais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019, p. 96.

SILVA, E. F. **Educação Profissional frente às demandas do Mundo do Trabalho:** limites e possibilidades da Pedagogia das Competências. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Sul de Santa Catarina, p. 91.

SILVA, F. F.; AZEVEDO, Y. G. P.; ARAUJO, A. O. O ensino contábil na perspectiva da aprendizagem baseada em problemas. **Revista Contemporânea de Contabilidade**, v. 15, p. 188-210, 2018.

SILVA, F. G. **A Educação Empreendedora e a Inserção Ocupacional dos Egressos com Perfil Agroindustrial do Centro Paula Souza.** 2019. 108 f. Exame de qualificação (Mestrado em Administração) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Jaboticabal, 2019, p. 109.

SILVA, G. J. V. *et al.* Contribuições do Centro Acadêmico para a formação profissional dos estudantes do Bacharelado e Licenciatura em Química da UFV. *In: SIA - Simpósio de Integração Acadêmica*, 2015, Viçosa. **Anais [...]**, UFV, Viçosa, 2015.

SILVA, M. R. **Contribuição à melhoria da atuação profissional do contador da cidade de São Paulo:** pesquisa face às exigências do mercado de trabalho. 2003. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis) - Curso de Pós-Graduação em Ciências Contábeis, Centro Universitário Álvares Penteado, São Paulo, 2003.

SILVA, N.; ZANELLI, J. C. Cultura organizacional. *In: ZANELLI, J. C.; ANDRADE, J. E. B.; BASTOS, A. V. B. Psicologia, organização e trabalho no Brasil.* Porto Alegre: Artmed, 2004, p. 407-442.

SILVA, T. T. Currículo e identidade social: territórios contestados. *In: Identidades terminais: as transformações na política da pedagogia e na pedagogia da política.* Petrópolis: Vozes, 1996.

SILVA, T. T. **Documentos de Identidade:** uma introdução às teorias do currículo. 3. ed. 4. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

SILVA, T. T. (org.). **O sujeito da educação:** estudos foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 1995.

SILVA; M. R. S. OLAVE; M. E. L. A Indústria 4.0: Potencial tecnológico, desafios e possibilidades. **Tópicos em Administração**, V. 10, Editora Poisson, 2018.

SILVA; M. R. S. OLAVE; M. E. L. Contribuições das Tecnologias Digitais Associadas à Indústria 4.0 para a Formação Profissional. **Rev. Gestão e Desenvolvimento**, Novo Hamburgo, v.17, n. 2, mai./ago. 2020.

SILVERMAN, David. *Interpreting qualitative data: methods for analysing talk, text and interaction*. London: SAGE, 1995.

SOUSA SANTOS, B. de. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez. 2008.

SOUZA, E. S.; GASPARETTO, V. Características e impactos da indústria 4.0: percepção de estudantes de ciências contábeis. XXV Congresso Brasileiro de Custos, Vitória, 2018, **Anais [...]**, Vitória, 2018, ISSN 2358-856X.

SOUZA, F. J. V. de *et al.* Perfil dos artigos sobre controladoria publicados em periódicos nacionais de contabilidade. **Revista Catarinense da Ciência Contábil – CRCSC**, Florianópolis, v. 12, Edição Especial, n. 37, p. 35-50, dez., 2013.

SOUZA, E. M. de; COSTA, A. M. da. Usos e significados do conhecimento histórico em estudos organizacionais: uma (re)leitura do taylorismo sob a perspectiva do poder disciplinar. **Cad. EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 01-15, Mar. 2013.

SOUZA, M. C. **Framework para sistema de tutor adaptativo ao raciocínio crítico em contabilidade - STARCC**. 2019. 170f. Tese (Doutorado) - Departamento de Contabilidade e Atuaria. USP, São Paulo, 2019.

SOUZA, M. C. **O uso da inteligência artificial no ensino da contabilidade**. 2014. 123f. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Departamento de Contabilidade e Atuaria. USP, São Paulo, 2014.

SOUZA, S. P. **Poder, saber e subjetividade: constituição e formação do sujeito ADM**. 2011. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória –ES, 2011, p. 190.

SUSSKIND, R.; SUSSKIND, D. **The Future of the Professions: How Technology will Transform the Work of Human Experts**. Oxford University Press, UK, 2015.

TAMER, C. M. V. S. **A atualização dos profissionais contábeis do Amazonas quanto à convergência das normas internacionais de contabilidade: o papel da educação continuada nesse processo**. 2014. 130 f. Dissertação (Mestrado em Contabilidade e Controladoria) Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2014.

VAISMORADI, M. *et al.* Theme development in qualitative content analysis and thematic analysis. **Journal of Nursing Education and Practice**, v. 6, n. 5, p. 398-405, 2016.

VASCONCELOS, A. F. **Professores em Ciências Contábeis: um estudo sobre as competências para o exercício da docência nos cursos presenciais no Nordeste Brasileiro**. 2009. 153 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis) – Programa Multiinstitucional e Inter-Regional de Pós-Graduação em Ciências Contábeis, Universidade de Brasília/UFPB/UFPE/UFRN, João Pessoa, 2009.

VASCONCELOS, T. de. O processo de convergência do CPC PME/IFRS SME sob a ótica do interacionismo simbólico. **REMIPE- Revista de Micro e Pequenas Empresas e Empreendedorismo da Fatec**, Osasco, v. 3, n. 1, jan.-jun. 2017.

VASCONCELOS, Y. L. *et al.* **Pesquisa Qualitativa na Contabilidade Gerencial: uma análise sistemáticometodológica.** In: X SEMEAD – Seminários em Administração, 2017, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo, 2017.

VIANA, L. P. *et al.* Atuação do egresso do curso de ciências contábeis da UNEMAT – Campus de Tangará da Serra no mercado de trabalho. **Revista UNEMAT de Contabilidade**, Santa Catarina, v. 2, p. 154-171, 2013.

WIGGERS, N.; LUNKES, R. J.; SOUZA, P. *Controller: estudo sobre a relação entre funções, salário e formação acadêmica.* **Enfoque: Reflexão Contábil**, v. 34, n. 2, p. 1 - 14, ago. 2015.

WITTMAN, M. L.; TREVISAN, M. Estágios extracurriculares e a formação de administradores. In: XVI Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração, 2002. **Anais [...]**, Rio de Janeiro: ANPAD, 2002.

XAVIER, L. M.; RODRIGUES, A. T. L. **Indústria 4.0 e avanços tecnológicos da área contábil: perfil, percepções e expectativas dos profissionais.** 2019. 16 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Ciências Contábeis). Departamento de Ciências Contábeis e Atuariais - Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). 2019.

XAVIER FILHO, J. L. J. Ciências Contábeis: Uma Ciência Social Aplicada?. **Interfaces de Saberes - FAFICA (Online)**, v. 8, p. 4, 2008.

XAVIER, L. M.; CARRARO, W. B. W. H.; RODRIGUES, A. T. L. Indústria 4.0 e Avanços Tecnológicos da Área Contábil: Perfil, Percepções e Expectativas dos Profissionais. **Contexto**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Controladoria e Contabilidade da UFRGS, v. 20, n. 45, p. 34-50, 2020.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Revisão de literatura sobre as mudanças na contabilidade

Quadro 21 – Revisão de literatura sobre as mudanças na contabilidade

AUTOR	TÍTULO	OBJETIVOS	CONCEITOS	POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES
Santos (2019)	As percepções sobre a necessidade de mudança no	Verificar a percepção de discentes, docentes e gestores acadêmicos do curso	Ensino, Contabilidade, Mudanças, Tecnologia;	Os resultados sugeriram a necessidade de inclusão de aspectos voltados à obtenção de conhecimento em tecnologia no

	ensino da profissão contábil frente aos avanços tecnológicos: Um estudo de caso em uma instituição de ensino privada da cidade de São Paulo	de graduação em ciências contábeis de uma instituição de ensino privada da cidade de São Paulo, acerca da necessidade de mudanças no ensino da contabilidade mediante o avanço exponencial da tecnologia.	inteligência artificial; Indústria 4.0; Formação contábil.	curso de graduação em ciências contábeis segundo alunos, docentes e gestores acadêmicos, pois eles percebem a importância e acreditam ser fundamental que temas como “Big Data e Análise de dados”, “Automações e Robotizações” e “Inteligência Artificial” sejam inseridos na grade curricular.
Souza (2014)	O uso de inteligência artificial no ensino de contabilidade	Avaliar em que medida a tecnologia da educação, baseada em Inteligência Artificial, pode auxiliar na aquisição de habilidades técnicas necessárias ao estudante de Ciências Contábeis	Contabilidade, Ensino por computador, Inteligência Artificial, Avaliação da aprendizagem, tecnologia aplicada à educação, formação contábil.	Como resultado, foi visto que os acadêmicos não se agradaram pelo sistema proposto. Os estudantes elencaram a dificuldade com o idioma e com os termos técnicos, o não alinhamento do sistema com a disciplina presencial e a falta de tempo para realização de tarefas extraclasse como fatores impeditivos ou desmotivadores de acesso e uso do sistema ALEKS. Entende-se que a inserção de tecnologia baseada em inteligência artificial no ambiente educacional é positiva.
Souza (2019)	Framework para sistema tutor adaptativo ao raciocínio crítico em contabilidade - STARCC	Identificar em que medida os sistemas tutores adaptativos auxiliam o estudante de Contabilidade no desenvolvimento das habilidades de raciocínio crítico, propondo um framework para desenvolvimento de Sistemas Tutores Adaptativos ao Raciocínio Crítico em Contabilidade (STARCC)	Contabilidade, Raciocínio Crítico, Sistemas Tutores Inteligentes Adaptativos, Modelos de Predição, Inteligência Artificial. EAD; Formação contábil. Inteligência artificial, Tecnologia.	Entre os resultados, foi possível diagnosticar que, para desenvolver o raciocínio crítico, o sistema teve um retorno positivo, pois as análises demonstram que o modelo classifica os estudantes de 86,20% em relação ao processo realizado por um professor e, assim, o framework STARCC mostrou-se útil para elaboração de sistemas de apoio ao processo de ensino e aprendizagem no curso de História da Contabilidade.
Xavier, Carraro e Rodrigues (2020)	Indústria 4.0 e Avanços Tecnológicos da Área Contábil: Perfil, Percepções e Expectativas dos Profissionais	Analisar o perfil do profissional de Contabilidade frente aos avanços tecnológicos, visando explorar a forma como ele se comporta em relação às novas tendências.	Contabilidade, Tecnologia, Avanços Tecnológicos, Indústria 4.0; Formação profissional, Inteligência artificial.	A principal contribuição desta pesquisa foi confirmar que os profissionais estão interessados em se adequar aos avanços tecnológicos, mostrando alguma inquietação com relação às consequências que estes poderão gerar à área da Contabilidade. Avanços tecnológicos têm impactado a Contabilidade, e a indústria 4.0 trará demandas inovadoras e modelos de negócios que impulsionarão mudanças estruturais nessa área. Como consequência, tanto as

				organizações quanto os profissionais contábeis precisarão se adequar ao uso dessas novas tecnologias.
Jacamossi, (2015)	Normas internacionais de educação contábil propostas pelo <i>International Accounting Education standards Board</i>	Investigar, sob a ótica dos profissionais, pesquisadores e professores de contabilidade, como as Normas Internacionais de Educação propostas pelo IAESB podem influenciar o ambiente nacional de educação contábil.	<i>International Accounting Education Standards Board</i> ; Normas Internacionais de Educação Contábil; Internacionalização do ensino contábil; IAESB; IES. Universidade contemporânea.	São evidenciados os achados de estudos relacionados com a pesquisa em questão, com destaque para os resultados correlatos no sentido de demonstrar-se a possibilidade da utilização de um modelo para o ensino de contabilidade em nível global, o que não restringe que as diferentes jurisdições realizem adaptações ao framework do IAESB, para contemplar suas diferenças locais e regionais, desde que respeitados os princípios propostos pelas IES, que devem ser vistas como <i>guidelines</i> e não como imposições.
Tamer (2014)	A atualização dos profissionais contábeis do Amazonas quanto à convergência das normas internacionais de contabilidade: o papel da educação continuada nesse processo	Analisar se há, dentre os contadores do Estado do Amazonas, a busca pela educação continuada, bem como conhecer seu reflexo no nível de atualização desses profissionais quanto à convergência das normas contábeis internacionais.	Convergência das Normas contábeis; Profissionais contábeis; Educação Continuada; Teoria do Capital Humano; Normas Internacionais de Educação Contábil; Formação do Contador; as Habilidades e Competências.	. Os resultados mostraram que há uma busca relevante pela educação continuada entre os respondentes, no entanto, a média geral de atualização dos profissionais correspondeu a um nível entre fraco e regular. Já referente à convergência das normas contábeis internacionais, possuíam nível de atualização regular a bom. E, por fim, a maioria dos contadores que responderam ter buscado pouco ou nada a educação continuada sobre a internacionalidade, demonstraram possuir nível de atualização péssimo a fraco.
Cassan (2019)	As principais mudanças na Contabilidade do Brasil após a Lei 11.638/2007 e o ensino do Contador ante essas mudanças	Comparar a contabilidade antes e depois da mencionada lei, como também, trazer uma análise do ensino do profissional contábil nos dias atuais após 10 anos das novas práticas contábeis.	Padronização. Profissão contábil. Demonstrativos financeiros. Lei 11.638/2007. Normas Internacionais de Educação Contábil. Formação do Contador.	Com os dados encontrados, foi possível verificar que o contador não está sendo preparado com base nas normas e padrões internacionais. As grades curriculares não sofreram mudanças disciplinares e de conteúdos formativos, possivelmente, resultando nesse descompasso à luz da evolução contábil. Foram propostas mudanças como forma de melhoria na formação deste profissional, para trazer um maior conforto para realização das funções deste profissional que requer domínio em diferentes modelos organizacionais, sendo-lhe exigido um amplo e variado leque de conhecimento impactado

				pelas novas regras.
Oliveira, Cruz e Bufoni (2019)	A percepção de docentes acerca da contribuição da filosofia para a formação do contador no Brasil sob a vigência das <i>Financial Reporting Standards</i> (IFRS)	Investigar a relevância da Filosofia para a formação do contador no Brasil sob a vigência das IFRS.	IFRS; Convergência; internacionalização, Filosofia; Educação Contábil; Interdisciplinaridade.	O atual momento da educação contábil no Brasil foi analisado pelos entrevistados, os quais, em sua maioria, concluíram que não há um devido preparo do discente para lidar com questões que exigem julgamento por parte do profissional, devido à convergência ao IFRS. Tal fato seria corroborado pelos altos índices de reprovação no exame de suficiência, que tem exigido cada vez mais análise crítica por parte daqueles que o realizam.
Moreira (2013)	Entre a teoria, a prática e a tecnologia: relação entre o saber teórico e o saber prático no contexto da formação contábil.	Analisar a relação existente entre o saber teórico e o saber prático na formação em Contabilidade a partir dos fundamentos político-pedagógicos do ensino superior no Estado da Paraíba.	Saber teórico. Saber prático. Tecnologia. Formação contábil. Razão instrumental. Razão comunicativa. Competências, habilidades, currículo contábil, demandas sociais. Formação teórico-prática.	É diagnosticado que os cursos possuem formato eminentemente teórico; a sua capacidade de inserção no mercado é razoável, na percepção dos discentes, e não estão plenamente preparados para realizar todas as atividades que são executadas por meio de sistemas tecnológicos. Mas o que Camacho afirma no final é algo bastante relevante, que a prática e a teoria não existem dissociadas e ambas carecem uma da outra para o processo formativo. O discurso final traz um pensamento interessante, que a contabilidade como contabilidade deve apoiar-se no interesse público e na dignidade do ser humano, no sentido de apoiar a convivência social.
Laffin e Castro 2015	Perspectivas da prática profissional de estudantes de ciências contábeis da UFSC	Apresentar os níveis de importância e conhecimentos que os alunos do curso de graduação da UFSC em Ciências Contábeis identificam para o exercício da prática profissional	Contabilidade; estudantes; Competências. Prática profissional contábil. Características da formação Contador. Diretrizes curriculares.	Com os dados, foi possível visualizar que os alunos ainda sentem fraquezas na sua capacidade prática da ciência contábil, devido a uma possível falta de articulação entre teoria e prática no campo profissional e acadêmico de formação. Esses dados nos permitem refletir e repensar o modelo de organização de treinamento que visa aumentar processos formativos mais críticos que vai priorizar ações e conhecimento na articulação entre teoria e prática da contabilidade.
Marin, Lima e Nova (2014)	Formação do contador – o que o mercado quer, é o que ele tem? Um estudo sobre o perfil profissional dos alunos de	Identificar, a partir da opinião de gestores do setor contábil, as competências em relação aos estudantes de graduação em Ciências Contábeis da FEA-USP, e	Perfil Profissional; Mercado de Trabalho; Educação em Contabilidade; Alunos de Graduação. Competências,	Os resultados apontam que, em geral, os alunos se destacam pelo conhecimento teórico e postura proativa. No entanto, apresentam deficiências em conhecimentos práticos, lideranças e estrangeirismos. Esses pontos de melhoria merecem ser considerados pela FEA-USP e por

	ciências contábeis da FEA-USP	compará-las com consultores de Recursos Humanos, propiciando refletir sobre melhorias futuras para a formação profissional da área.	Habilidades e Atitudes. Geração Y.	instituições de ensino que atuem na formação de profissionais na área de Contabilidade. Complementando mais uma vez o que se fala desse escopo teórico-prático para a contabilidade.
Morais e Campos (2016)	Nível de aderência do mercado profissional contábil da região metropolitana de Vitória/ES aos padrões propostos pelo ISAR/UNCTA	Avaliar o nível de aderência do profissional contábil brasileiro aos padrões propostos pelo modelo de currículo do ISAR (UNCTAD) para o mercado de trabalho.	Currículo Mundial. Demanda do Mercado. Universalidade e. Profissional Contábil. Formação profissional. ISAR. UNCTAD.	Evidenciou-se, também, que os conhecimentos elencados nos currículos contábeis não refletem totalmente nas competências e habilidades requeridas pelo mercado para os contadores. Conclui-se que as Instituições de Ensino Superior brasileiras e o CFC precisam observar as exigências do mercado para o profissional contábil e, consequentemente, atualizar os currículos e as diretrizes do exame de suficiência, com o intuito de proporcionar uma melhoria na qualidade da preparação dos futuros contadores.

Fonte: Elaboração do autor (2020).

APÊNDICE B – Para além da bibliografia

Quadro 22 – Revisão temática dos eventos estaduais do Conselho da classe contábil

EVENTO	ESTADO	ANO	ORGÃO	TEMA
18º Encontro dos Contabilistas dos Municípios de Sergipe	Sergipe	2020	CRC-SE	‘A evolução da tecnologia na contabilidade’.
17º Encontro dos Contabilistas dos Municípios de Sergipe	Sergipe	2018	CRC-SE	A contabilidade sobre um novo olhar

16º Encontro dos Contabilistas dos Municípios de Sergipe	Sergipe	2015	CRC-SE	Desafios da contabilidade: Tecnologia e gestão?
15º Encontro dos Contabilistas dos Municípios de Sergipe	Sergipe	2014	CRC-SE	A modernização da Profissão Contábil
14º Encontro dos Contabilistas dos Municípios de Sergipe	Sergipe	2013	CRC-SE	2013 Ano da Contabilidade no Brasil.
13º Encontro dos Contabilistas dos Municípios de Sergipe	Sergipe	2012	CRC-SE	A contabilidade e as Normas Tributárias na Atualidade"
XIV Convenção de Contabilidade do Estado da Bahia	Bahia	2019	CRC-BA	Contabilidade 4.0: esse é o futuro da profissão!
XIII Convenção de Contabilidade do Estado da Bahia	Bahia	2017	CRC-BA	“Contabilidade: Gestão, Transparência e Desenvolvimento Social”
XII Convenção de Contabilidade do Estado da Bahia	Bahia	2015	CRC-BA	“Debatendo as Organizações de Contabilidade Frente às Novas Tendências, sob os Aspectos de Gestão, Riscos Éticos e Penais”
XI Convenção de Contabilidade do Estado da Bahia	Bahia	2013	CRC-BA	Contabilidade: Ciência a Serviço da Sustentabilidade
X Convenção de Contabilidade do Estado da Bahia	Bahia	2011	CRC-BA	"Transformar desafios em oportunidades"
IV Convenção Alagoana de Contabilidade	Alagoas	2018	CRC-AL	A Contabilidade como Instrumento de Controle Social.
III Convenção Alagoana de Contabilidade	Alagoas	2015	CRC-AL	Profissional contábil, mercado e oportunidades
II Convenção Alagoana De Contabilidade	Alagoas	2013	CRC-AL	2013 ano da contabilidade
I Convenção Alagoana de Contabilidade	Alagoas	2011	CRC-AL	Convergência contábil: uma nova realidade
X Convenção dos Contabilistas de Pernambuco	Pernambuco	2017	CRC-PE	‘A Contabilidade na realidade social e econômica do país’
IX Convenção dos Contabilistas de Pernambuco	Pernambuco	2014	CRC-PE	“Convergência Contábil: Inovações, Oportunidade e Desafios”
VII Convenção Paraibana de Contabilidade	Paraíba	2019	CRC-PB	Contabilidade Contemporânea: Vencendo os Desafios na Era da Inteligência Artificial
VI Convenção Paraibana de Contabilidade	Paraíba	2017	CRC-PB	A Contabilidade como forma de controle dos Recursos Patrimônios Públicos e Privados
V Convenção Paraibana de Contabilidade	Paraíba	2015	CRC-PB	Ética e tecnologia
IV Convenção Paraibana de Contabilidade	Paraíba	2013	CRC-PB	Desenvolvimento Econômico e à Transparência Pública
XV Encontro Norte-Rio-Grandense de Ciências Contábeis (ENCC)	Rio Grande do Norte	2019	CRC-RN	“Contabilidade: transformando pessoas, empreendendo sucesso”
XV Encontro Norte-Rio-Grandense de Ciências Contábeis (ENCC)	Rio Grande do Norte	2018	CRC-RN	Contabilidade: convergência digital, gestão e transparência
XV Encontro Norte-Rio-Grandense De Ciências Contábeis (ENCC)	Rio Grande do Norte	2016	CRC-RN	“Contabilidade: Empreendedorismo, Gestão e Transparência”.
XV Encontro Norte-Rio-Grandense de Ciências Contábeis (ENCC)	Rio Grande do Norte	2015	CRC-RN	Contabilidade: convergência, liderança e tecnologia
XV Encontro Norte-Rio-	Rio Grande	2014	CRC-RN	Contabilidade: transparência pública e

Grandense de Ciências Contábeis (ENCC)	do Norte			geração de riqueza
XV Encontro Norte-Rio-Grandense de Ciências Contábeis (ENCC)	Rio Grande do Norte	2013	CRC-RN	2013 ano da contabilidade
XV Encontro Norte-Rio-Grandense de Ciências Contábeis (ENCC)	Rio Grande do Norte	2012	CRC-RN	Educação contábil para o desenvolvimento sustentável
XV Encontro Norte-Rio-Grandense de Ciências Contábeis (ENCC)	Rio Grande do Norte	2011	CRC-RN	Profissão contábil: perspectivas e desafios.
XIII-Encontro-Alagoano-de-Contabilidade	Alagoas	2016	CRC-AL	Ciência, inovação e qualidade
15ª Convenção de Contabilidade do Estado do Ceará	Ceará	2017	CRC-CE	Conhecimento, inovação e a contabilidade do futuro
15ª Convenção de Contabilidade do Estado do Ceará	Ceará	2014	CRC-CE	Aumentando o foco da performance contábil: gestão e controle
15ª Convenção de Contabilidade do Estado do Ceará	Ceará	2012	CRC-CE	O conhecimento contábil sob a nova ótica da tecnologia
III Convenção de Contabilidade do Piauí	Piauí	2017	CRC-PI	“Os desafios da Profissão Contábil na Atual Conjuntura Econômica: Contabilidade: Novos Cenários, Grandes Desafios.”
II Convenção de Contabilidade do Piauí	Piauí	2014	CRC-PI	“CONTABILIDADE E TECNOLOGIA: Sustentáculos das Organizações”.
I Convenção de Contabilidade do Piauí	Piauí	2012	CRC-PI	“A Contabilidade na Velocidade da Tecnologia da Informação: A postura do profissional da contabilidade diante das mudanças”
1ª Convenção de Contabilidade de Roraima	Roraima	2019	CRC-RR	"Contabilidade é um bom negócio?"
IV Convenção de Contabilidade do Amazonas	Amazonas	2018	CRC-AM	Contabilidade: instrumento de transparência social e ambiental
III Convenção de Contabilidade do Amazonas	Amazonas	2016	CRC-AM	O papel da contabilidade como instrumento no combate à corrupção e à sonegação
VIII Convenção de Contabilidade do Estado do Pará	Pará	2019	CRC-PA	Contabilidade: conectando pessoas, saberes e resultados
VII Convenção de Contabilidade do Estado do Pará	Pará	2017	CRC-PA	Contabilidade passada a limpo
VI Convenção de Contabilidade do Estado do Pará	Pará	2015	CRC-PA	O profissional da contabilidade diante dos desafios e oportunidades das novas práticas
V Convenção de Contabilidade do Estado do Pará	Pará	2014	CRC-PA	“A importância da Contabilidade nas tomadas de decisões”
5ª Convenção de Contabilidade do Estado de Rondônia	Rondônia	2019	CRC-RO	“Pensando o negócio contábil fora da caixa”
4ª Convenção de Contabilidade do Estado de Rondônia	Rondônia	2016	CRC-RO	Contabilidade: instrumento de gestão
III Convenção de Contabilidade do Tocantins	Tocantins	2019	CRC-TO	"Os Reflexos da Era Digital e a Internacionalização da Contabilidade"
II Convenção de Contabilidade do Tocantins	Tocantins	2016	CRC-TO	“Contabilidade Ambiental e do Terceiro Setor como Ferramentas de Sustentabilidade e Controle Social”.
22ª Edição do Encontro de Contabilidade do Tocantins	Tocantins	2019	CRC-TO	Contabilidade conhecimento que transforma
21ª Edição do Encontro de	Tocantins	2017	CRC-TO	-

Contabilidade do Tocantins				
20ª Edição do Encontro de Contabilidade do Tocantins	Tocantins	2016	CRC-TO	Contabilidade como ferramenta de integração e controle
19ª Edição do Encontro de Contabilidade do Tocantins	Tocantins	2015	CRC-TO	“Desafios da Contabilidade no Mundo Contemporâneo: Tecnologia, Gestão e Risco”
18ª Edição do Encontro de Contabilidade do Tocantins	Tocantins	2013	CRC-TO	Contabilidade: ciência a serviço do desenvolvimento humano e social
10ª Convenção Mato-Grossense de Contabilidade	Mato Grosso	2015	CRC-MT	Profissional contábil: atualizar para evoluir com enfoque nas mudanças de legislações e aplicativos
9ª Convenção Mato-Grossense de Contabilidade	Mato Grosso	2013	CRC-MT	2013 Ano da Contabilidade no Brasil.
XIII Convenção de Contabilidade de Goiás	Goiás	2019	CRC-GO	Profissão contábil x tecnologia: qual o futuro dessa relação?
XII Convenção de Contabilidade de Goiás	Goiás	2017	CRC-GO	Contabilidade: Ética e Transparência a serviço da Sociedade
XI Convenção de Contabilidade de Goiás	Goiás	2015	CRC-GO	O escritório contábil do ponto de vista tecnológico e do empreendedorismo
X Convenção de Contabilidade de Goiás	Goiás	2013	CRC-GO	Contabilidade na era tecnológica
XII Convenção de Contabilidade de Minas Gerais	Minas Gerais	2019	CRC-MG	A contabilidade diante da inovação disruptiva no mundo dos negócios: gestão, conhecimento, tecnologia, ética e responsabilidade social.
XI Convenção de Contabilidade de Minas Gerais	Minas Gerais	2017	CRC-MG	“Empreendedorismo contábil: inovação & gestão”
X Convenção de Contabilidade de Minas Gerais	Minas Gerais	2015	CRC-MG	“Contabilidade: Informação, Conhecimento e Habilidade”
IX Convenção de Contabilidade de Minas Gerais	Minas Gerais	2013	CRC-MG	2013 Ano da Contabilidade no Brasil.
XII Convenção de Contabilidade do DF	Distrito Federal	2019	CRC-DF	A era digital chegou. E então profissional contábil?
XI Convenção de Contabilidade do DF	Distrito Federal	2017	CRC-DF	Desafios, Oportunidades e Responsabilidade Social”
X Convenção de Contabilidade do DF	Distrito Federal	2015	CRC-DF	“Com a Contabilidade o Brasil se faz Transparente”
IX Convenção de Contabilidade do DF	Distrito Federal	2013	CRC-DF	A contabilidade e o compromisso com a qualidade das informações contábeis
23ª Convenção dos Profissionais da Contabilidade do Estado do Espírito Santo	Espírito Santo	2017	CRC-ES	Tendências e desafios para os profissionais contábeis e implicações econômicas e políticas para o profissional contábil
22ª Convenção dos Profissionais da Contabilidade do Estado do Espírito Santo	Espírito Santo	2015	CRC-ES	O papel da contabilidade no processo de sustentabilidade
26ª Convenção dos Profissionais da Contabilidade do Estado de São Paulo	São Paulo	2019	CRC-SP	Contabilidade 4.0 O maior evento disruptivo do setor contábil
25ª Convenção dos Profissionais da Contabilidade do Estado de São Paulo	São Paulo	2017	CRC-SP	“Escrevendo a história e o futuro da Contabilidade”
24ª Convenção dos Profissionais da Contabilidade do Estado de São Paulo	São Paulo	2015	CRC-SP	“Contabilidade: ciência a favor da transparência”
23ª Convenção dos Profissionais da Contabilidade do Estado de São Paulo	São Paulo	2013	CRC-SP	"Contabilidade: Ciência Estratégica a Serviço da Sociedade"
22ª Convenção dos Profissionais da Contabilidade do Estado de São Paulo	São Paulo	2011	CRC-SP	“Contabilidade global: evolução profissional”

58º Convenção de Contabilidade do Estado do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	2018	CRC-RJ	Pluralidade da Profissão Contábil com União e Cooperação
57º Convenção de Contabilidade do Estado do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	2015	CRC-RJ	“A Contabilidade como Instrumento da Democracia”
56º Convenção de Contabilidade do Estado do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	2013	CRC-RJ	“A contribuição da contabilidade para o exercício da cidadania”
55º Convenção de Contabilidade do Estado do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	2011	CRC-RJ	"A Contabilidade Brasileira no Novo Contexto Mundial"
17ª Convenção dos Profissionais da Contabilidade do Estado do Paraná	Paraná	2017	CRC-PR	"O profissional da contabilidade e o novo Brasil: ética, mercado e informação".
16ª Convenção dos Profissionais da Contabilidade do Estado do Paraná	Paraná	2013	CRC-PR	A contabilidade a serviço do sucesso empresarial
XXX Convenção da Contabilidade de Santa Catarina	Santa Catarina	2017	CRC-SC	Contabilidade, ameaças, desafios e oportunidades.
XXIX Convenção da Contabilidade de Santa Catarina	Santa Catarina	2015	CRC-SC	Contabilidade: inovando construindo o futuro
XXVIII Convenção da Contabilidade de Santa Catarina	Santa Catarina	2013	CRC-SC	O perfil inovador do profissional da contabilidade: conhecimentos, habilidades e atitudes.
XXVII Convenção da Contabilidade de Santa Catarina	Santa Catarina	2011	CRC-SC	Contabilidade gestão empresarial sustentável
XVII Convenção de Contabilidade do Rio Grande do Sul	Rio Grande do Sul	2019	CRC-RS	“Disrupção Contábil: técnica, digital e cultural” – “Experimente a Transformação”.
XVI Convenção de Contabilidade do Rio Grande do Sul	Rio Grande do Sul	2017	CRC-RS	“Compartilhando experiências, unindo competências”.
XV Convenção de Contabilidade do Rio Grande do Sul	Rio Grande do Sul	2015	CRC-RS	Contabilidade: o poder da informação em suas mãos.
XIV Convenção de Contabilidade do Rio Grande do Sul	Rio Grande do Sul	2013	CRC-RS	"Contabilidade, Instrumento para o Desenvolvimento Sustentável".

Fonte: Elaboração do autor (2020).

APÊNDICE C – Roteiro das Entrevistas da Pesquisa

Quadro 23 – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS DA PESQUISA

ROTEIRO DA ENTREVISTA-QUESTIONÁRIO DOS DISCENTES		
VIRADA	SÍMBOLOS	PERGUNTAS
<i>Virada Linguística</i>	Relação teoria e prática	Teorias apresentadas durante o curso precisam ter aplicação nas práticas da profissão contábil? Como as teorias apresentadas durante o curso são aplicadas nas práticas da profissão contábil?
		No contexto de teoria e prática, quais disciplinas têm muita importância prática e como se dá o processo de articulação da teoria e prática?
	Métodos de relação teoria e prática	Para você quais são os métodos ou técnicas de aula mais relevantes para ter uma boa relação do saber teórico com as práticas da profissão?
		De que forma o uso de métodos como ações de extensão, casos de ensino, aplicação nas empresas auxiliam no processo de interação da teoria com a prática? Quais métodos são mais utilizados no curso de ciências contábeis?
		Os projetos de extensão dão muita evidência nessa relação teoria e prática. De que forma os projetos de extensão do curso de ciências contábeis contribuíram para a articulação teoria e prática no processo de formação contábil?
	Demandas do mercado contábil e estágio supervisionado	Na sua concepção, quais áreas da contabilidade têm maiores demandas na prática? Como a sua instituição busca criar essa articulação e atualização com as maiores demandas contábeis?
		Quais áreas você observa que tem maior necessidade de interação com a prática? E quais áreas o curso de ciências contábeis dá maior prioridade na articulação com a prática?
		Para você, quais das disciplinas devem estar mais atreladas com a prática? , Como essa articulação é feita pelo curso?
		De que forma o estágio supervisionado realizado pelo sua IES traz uma boa interação com a realidade vivida para a profissão contábil?
VIRADA	SÍMBOLOS	PERGUNTAS
<i>Virada Histórica</i>	História da contabilidade: tradicional e nova contabilidade	Alguns autores dizem a contabilidade passou por um momento de evolução histórica. Como você enxerga esse processo evolutivo contábil?
		Como é feita a interação do ensino com a evolução histórica da contabilidade? Quais momentos ou conteúdos estão mais voltados esses debates históricos?
	Legislação: Lei 6.404/76 e Lei 11.638/07	Você considera que a ciência contábil está historicamente paralela às mudanças legislativas? Para você, quais legislações marcaram consideravelmente a contabilidade e

		quais legislações são mais utilizadas no curso de ciências contábeis?
		De que forma as legislações como as leis 6.404/1976, lei nº 11.638/2007 e lei nº 11.941/2009 são utilizadas no processo de formação contábil? E, para você, qual o grau de importância do uso e acompanhamento dessas legislações para o processo de formação contábil?
	Internacionalidade: IFRS, convergência e CPCs.	Na sua percepção, de que forma a internacionalização mudou a educação contábil?
		Qual a sua compreensão sobre o processo de internacionalidade presente na ciência contábil?
		O que você entende sobre cada um desses tópicos abaixo e como é feita a interação com estes tópicos no seu processo de formação? a) Normas e práticas internacionais (IFRS) b) CPCs Comitê De Pronunciamentos Contábeis c) Impactos da Lei 11.638/2007 d) NBC - Normas Brasileiras de Contabilidade (Profissionais e técnicas)
		Quais disciplinas tem maior relação com a internacionalização? E de que forma vocês enxergam essa relação da contabilidade com a internacionalização?
		Qual a sua percepção a cerca da Lei 11.638/2007? E como se dá o seu uso na sua formação contábil?
		Na sua concepção, como está a adaptação ao processo de formação contábil decorrente dos impactos trazidos na internacionalização (IFRS, CPC, NBC, IASB, lei nº 11.638/2007)?
VIRADA	SÍMBOLOS	PERGUNTAS
<i>Virada Organizacional</i>	Mudanças na sociedade e organizações	Como você observa a interação das demandas e práticas dadas pelas organizações com os saberes dispostos na formação profissional contábil?
		De que forma a evolução tecnológica impactou nas demandas dos profissionais contábeis?
	Indústria 4.0 e Evolução tecnológica	Qual o impacto da tecnologia na formação e na prática da contabilidade?
		Por que a tecnologia tem causado uma necessidade de mudança na formação e na prática da contabilidade?
		Devido à tecnologia, quais demandas não terão mais a mesma aplicabilidade na ciência contábil? E quais começaram a imergir a partir da nova realidade tecnológica?
		Na sua concepção, quais disciplinas terão maiores necessidades de adaptações devido à tecnologia?
		Devido às mudanças causadas pela tecnologia, quais adaptações são necessárias no processo de formação contábil?
	Inteligência artificial	Qual é a sua concepção sobre inteligência artificial? Como a contabilidade e a inteligência artificial estão relacionadas?
		Para você, de que forma a formação contábil sofrerá

		transformações com a inteligência artificial? Qual a sua percepção sobre essas transformações?
--	--	--

ROTEIRO DA ENTREVISTA DOS DOCENTES		
VIRADA	SÍMBOLOS	PERGUNTAS
<i>Virada Linguística</i>	Relação teoria e prática	Teorias apresentadas durante o curso precisam ter aplicação nas práticas da profissão contábil? Como as teorias apresentadas nas suas disciplinas são aplicadas nas práticas da profissão contábil?
		No contexto de teoria e prática, como se dá o processo de articulação da teoria e prática tanto na estrutura curricular da disciplina como no formato da aula?
	Métodos de relação teoria e prática	Como a didática utilizada por você, desenvolve uma boa relação entre os saberes teóricos e prático?
		De que forma o uso de métodos como ações de extensão, casos de ensino, aplicação nas empresas auxiliam no processo de interação da teoria com a prática? Quais métodos você utiliza no curso de ciências contábeis?
		Os projetos de extensão dão muita evidencia nessa relação teoria e prática. De que forma os projetos de extensão do curso de ciências contábeis contribuíram para a articulação teoria e prática no processo de formação contábil?
	Demandas do mercado contábil	Na sua concepção, quais áreas da contabilidade têm maiores demandas na prática? Como você busca criar essa articulação didática com as maiores demandas contábeis?
		Quais áreas você observa que tem maior necessidade de interação com a prática? E quais áreas vocês dão maior prioridade na articulação com a prática?
		Para você, quais das disciplinas devem estar mais atreladas com a prática e se você ministra alguma dessas, como faz essa articulação?
		De que forma o estágio supervisionado realizado pelo sua IES traz uma boa interação com a realidade vivida para a profissão contábil?
VIRADA	SÍMBOLOS	PERGUNTAS
<i>Virada Histórica</i>	História da contabilidade: tradicional e nova contabilidade	Alguns autores dizem que a contabilidade passou por um momento de evolução histórica. Como você enxerga esse processo evolutivo contábil?
		Como é feita a interação do ensino com a evolução histórica da contabilidade? Quais momentos ou conteúdos estão mais voltados esses debates históricos?
	Legislação: Lei 6.404/76 e Lei 11.638/07	Você considera que a ciência contábil está historicamente paralela às mudanças legislativas? Para você, quais legislações marcaram consideravelmente a contabilidade e quais legislações são mais utilizadas no curso de ciências contábeis?
		Nas suas disciplinas, você faz a interação com as leis 6.404/1976, lei nº 11.638/2007 e lei nº 11.941/2009?

		Como é feita essa interação?
	Internacionalidade: IFRS, convergência e CPCs.	De que forma a internacionalização mudou a ciência contábil? E como você viveu esse processo de convergência?
		Houve um processo de adaptação do curso às inovações trazidas pela internacionalização? Como foi esse processo de convergência da educação contábil e quais maiores impactos ao curso de ciências contábeis?
		Das mudanças decorrentes da internacionalização, você promove em suas aulas a interação com os CPCs e as NBCS? De que forma essa interação é aplicada?
		Quais disciplinas tiveram um maior impacto com a internacionalização? Você chegou a lecionar alguma nesse período de convergência? Se sim, quais mudanças você precisou utilizar para adaptação a internacionalidade?
		Na sua concepção, como está a adaptação ao processo de formação contábil decorrente dos impactos trazidos na internacionalização (IFRS, CPC, NBC, IASB, lei nº 11.638/2007)?
VIRADA	SÍMBOLOS	PERGUNTAS
<i>Virada Organizacional</i>	Mudanças na sociedade e organizações	Como você observa a interação das demandas e práticas dadas pelas organizações com os saberes dispostos na formação profissional contábil?
		De que forma a evolução tecnológica impactou nas demandas dos profissionais contábeis?
	Indústria 4.0 e Evolução tecnológica	Qual sua concepção sobre Indústria 4.0? Como a contabilidade e a indústria 4.0. estão relacionadas?
		Devido à tecnologia, quais demandas não terão mais a mesma aplicabilidade na ciência contábil? E quais começaram a imergir a partir da nova realidade tecnológica?
		Quais foram os impactos trazidos pela indústria 4.0 para a contabilidade? Como e quais as possíveis consequências da indústria 4.0 para o processo de formação contábil?
		No curso de ciências contábeis, quais as possíveis adaptações ou inovações no processo de formação devido aos impactos causados pela indústria 4.0?
		Na sua concepção, quais disciplinas terão maiores necessidades de adaptações devido à tecnologia? E como está adaptação poderia ser feita?
	Inteligência artificial	No seu processo de docência, você já dialogou sobre os impactos da inteligência artificial para a contabilidade?
		Para você, de que forma a formação contábil sofrerá transformações com a inteligência artificial? E como pode ser feito um ajuste na docência devido a essa transformação?

ROTEIRO DA ENTREVISTA DA COORDENADORA		
VIRADA	SÍMBOLOS	PERGUNTAS
<i>Virada Linguística</i>	Relação teoria e prática	Teorias apresentadas durante o curso precisam ter

		aplicação nas práticas da profissão contábil? Como as teorias apresentadas durante o curso são aplicadas nas práticas da profissão contábil?
		No contexto de teoria e prática, como se dá o processo de articulação da teoria e prática tanto na estrutura curricular curso de ciências contábeis como em todo o processo de formação contábil?
	Métodos de relação teoria e prática	Como as técnicas didáticas e os projetos do curso, utilizados no processo de formação, desenvolvem uma boa relação entre os saberes teórico e prático?
		De que forma o uso de métodos como ações de extensão, casos de ensino, aplicação nas empresas auxiliam no processo de interação da teoria com a prática? Quais métodos você utiliza no curso de ciências contábeis?
		Os projetos de extensão dão muita evidência nessa relação teoria e prática. De que forma os projetos de extensão do curso de ciências contábeis contribuíram para a articulação teoria e prática no processo de formação contábil?
	Demandas do mercado contábil	Na sua concepção, quais áreas da contabilidade têm maiores demandas na prática? Como o curso busca criar essa articulação com as maiores demandas contábeis?
		Quais áreas você observa que tem maior necessidade de interação com a prática? E quais áreas vocês dão maior prioridade na articulação com a prática?
		Para você, quais das disciplinas devem estar mais atreladas com a prática? De que forma o curso de ciências contábeis busca realizar essa articulação?
		De que forma o estágio supervisionado realizado pelo sua IES traz uma boa interação com a realidade vivida para a profissão contábil?
VIRADA	SÍMBOLOS	PERGUNTAS
<i>Virada Histórica</i>	História da contabilidade: tradicional e nova contabilidade	Alguns autores dizem a contabilidade passou por um momento de evolução histórica. Como você enxerga esse processo evolutivo contábil?
		Como é feita a interação do ensino com a evolução histórica da contabilidade? Quais momentos ou conteúdos estão mais voltados esses debates históricos?
	Legislação: Lei 6.404/76 e Lei 11.638/07	Você considera que a ciência contábil está historicamente paralela as mudanças legislativas? Para você quais legislações marcaram consideravelmente a contabilidade e quais legislações são mais utilizadas no curso de ciências contábeis?
		Legislações como 6.404/1976 lei nº 11.638/2007 e lei nº 11.941/2009 são utilizadas no curso de ciências contábeis? Em quais disciplinas comumente elas são mais utilizadas?
	Internacionalidade: IFRS, convergência e CPCs.	De que forma a internacionalização mudou a ciência contábil? E como você viveu esse processo de convergência?

		Houve um processo de adaptação do curso às inovações trazidas pela internacionalização? Como foi esse processo de convergência da educação contábil e quais maiores impactos ao curso de ciências contábeis?
		Das mudanças decorrentes da internacionalização, você promove em suas aulas a interação com os CPCS e as NBCS? De que forma essa interação é aplicada?
		Quais disciplinas tiveram um maior impacto com a internacionalização? Quais mudanças na conteúdo formativo foram necessárias no processo de adaptação à internacionalidade?
		Na sua concepção, como está a adaptação ao processo de formação contábil decorrente dos impactos trazidos na internacionalização (IFRS, CPC, NBC, IASB, lei nº 11.638/2007)?
VIRADA	SÍMBOLOS	PERGUNTAS
<i>Virada Organizacional</i>	Mudanças na sociedade e organizações	Como você observa a interação das demandas e práticas dadas pelas organizações com os saberes dispostos na formação profissional contábil?
		De que forma a evolução tecnológica impactou nas demandas dos profissionais contábeis?
	Indústria 4.0 e Evolução tecnológica	Qual sua concepção sobre Indústria 4.0? Como a contabilidade e a indústria 4.0. estão relacionadas?
		Devido à tecnologia, quais demandas não terão mais a mesma aplicabilidade na ciência contábil? E quais começaram a imergir a partir da nova realidade tecnológica?
		Quais foram os impactos trazidos pela indústria 4.0 para a contabilidade? Como e quais as possíveis consequências da indústria 4.0 para o processo de formação contábil?
		No curso de ciências contábeis, quais as possíveis adaptações ou inovações no processo de formação devido aos impactos causados pela indústria 4.0?
		No papel de coordenadora, como será feita uma adaptação a essa nova realidade de demandas para a ciência contábil?
	Inteligência artificial	Você acredita que já é uma necessidade abordar temas como inteligência artificial, impactos tecnológicos, contador 4.0, indústria 4.0 no curso de ciências contábeis? Como poderia ser feito esse dialogo?
		Para você, de que forma a formação contábil sofrerá transformações com a inteligência artificial? E como pode ser feito um ajuste no curso devido a essa transformação?